

**Universidade Federal da Bahia  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Antropologia e Etnologia  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia**

**MARÍLIA DA SILVA LIMA**

**“FOCO, FORÇA, FÉ”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O  
FISICULTURISMO FEMININO EM SALVADOR-BA**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

Salvador

2017

**MARÍLIA DA SILVA LIMA**

**“FOCO, FORÇA, FÉ”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O  
FISICULTURISMO FEMININO EM SALVADOR-BA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Dra. Núbia Bento Rodrigues

Salvador

2017

da Silva Lima, Marília  
"Foco, Força, Fé": uma etnografia sobre o  
fisiculturismo feminino em Salvador-Ba / Marília da Silva  
Lima.

-- Salvador, 2017.  
220 f.

Orientadora: Núbia Bento Rodrigues.  
Dissertação (Mestrado - Antropologia) --  
Universidade Federal da Bahia, Faculdade de  
Filosofia e Ciências Humanas, 2017.

1. Antropologia do corpo. 2. Gênero. 3. Esporte.  
4. Fisiculturismo. 5. Sacrifício. I. Bento  
Rodrigues, Núbia. II. Título.

**MARÍLIA DA SILVA LIMA**

**“FOCO, FORÇA, FÉ”: UMA ETNOGRAFIA SOBRE O  
FISICULTURISMO FEMININO EM SALVADOR-BA**

**Banca Examinadora**

---

Luiz Fernando Rojo Mattos (PPGA/UFF)  
(Examinador externo)

---

Cecília Anne McCallum (PPGA/UFBA)  
(Examinador interno)

---

Núbia Bento Rodrigues (PPGA/UFBA)  
(Orientadora)

Salvador

2017

*Para minha mãe e minha vó*

## AGRADECIMENTOS

Não. Sabemos que não é fácil e talvez nunca o seja. E sim, deve ser um tanto frustrante iniciar a leitura de uma seção de ‘agradecimentos’ com palavras tão assim-assim. Tentei até, mas não consegui fazê-lo de outro modo. Particularmente diante do delicado momento político que atravessamos em nosso país, com desmontes sistemáticos na educação pública, vista como ônus e não como prioridade, dentre outros reveses igualmente perigosos.

Acontece que, embora esteja muito feliz, finalizar uma pesquisa ‘acadêmica’ me pareça agora algo como um eco dissonante sobre um futuro que já foi muito mais possível, em algum momento. A insegurança, a solidão, a ansiedade e o tédio não se resumiram ao processo de escrita em si, pois se condensavam também em torno de um pensamento relutante e meio triste: “o que eu vou fazer depois?”. A questão me surgia na angústia de um caminho que parecia, apesar de difícil, promissor. Bem, talvez não tão ‘promissor’ assim, sobretudo, se esse caminho for encarado erroneamente como algo inequívoco, e não como de fato é e tem sido— uma falácia.

A verdade, porém, é que ainda me sobrou uma certeza meio boba de que, na dúvida, devemos mesmo é persistir com a mais pura e inconstante teimosia e ver no que dá. Foi com esse espírito que cheguei ao fim desse trabalho.

De tal modo, apresento aqui apenas uma e só mais uma dissertação, mas, a despeito disso, significou uma longa jornada para mim. E, na medida em que assumo todos os erros e equívocos contidos, preciso dividir e agradecer (um tanto longamente) qualquer mérito desse trabalho com algumas pessoas fundamentais para o início e, principalmente, o fim desse processo:

a generosidade dos meus interlocutores que me receberam e permitiram a realização dessa etnografia. Todo meu carinho e imenso respeito aos fisiculturistas que participam de campeonatos, em especial às mulheres fisiculturistas. Desejo muita sorte, reconhecimento, resiliência e vitórias no caminho de vocês;

aos meus maravilhosos pais, Lázaro e Maria do Carmo, por me ensinarem tudo o que sabem e por incentivar e proporcionar todas as condições possíveis e impossíveis

desde sempre para que eu pudesse aprender coisas novas e trilhar meus próprios caminhos;

a minha vó, Aurelina, mulher incrível, corajosa e inspiradora, que além de tudo me acolheu em sua casa durante a maior parte da escrita da dissertação com silêncio, amor, comidas gostosas e novela das seis;

a minha irmã, Maiara, que talvez não saiba, mas me ensina muito a cada dia sobre os caminhos, às vezes, tortuosos, mas afortunados da cumplicidade;

a minha tia, Patrícia, pela compreensão e apoio; e à Maria Eduarda e Sarah, minhas primas amadas, que, no alto dos seus oito e seis anos de idade, iluminam tanto os meus dias e me (re) lembram que tatear o mundo não é mesmo uma tarefa das mais fáceis, mas que não se deve perder a leveza, bom humor, autoironia e a capacidade de se deixar surpreender;

a Carina Gazar, pelo companheirismo, torcida e carinho— jamais poderei superar a falta de suas fantásticas gargalhadas no meu dia-a-dia, durante as aulas do mestrado;

a Deise Queiroz, minha maravilhosa amiga, dividimos muitas agruras, sonhos e esperanças e, em meio a incertezas, sabemos o que se significa para nossa trajetória chegar ao fim de mais uma etapa. É um alento ter seu afeto, paciência, parceria e sagacidade comigo;

a Hugo Prudente, pois não foram poucos os momentos em que compartilhamos ideias, histórias e só ele via sentido em alguns pensamentos descontraídos que brotavam do nada e, sinceramente, nem eu mesma via como poderiam chegar a algum lugar. Sua amizade foi decisiva em muitos momentos durante a dissertação, antes da dissertação e para muito além dela;

a Lorena Volpini, sempre muito presente, amorosa e competente. Compartilhei com ela cada passo dessa pesquisa, todos os anseios, do campo à escrita. Sempre com muita generosidade e paciência, Lorena me acolheu nessas e em inúmeras outras ocasiões – inclusive nos momentos do ‘drama’, chamando-me de volta para lugares melhores e muito mais legais que não ali;

a Lúcia Helena, e a força adorável e intensa que sua presença passou a representar em minha vida desde que nos (re) encontramos no curso de mestrado. Nada acontece por acaso e, se acontecer, certamente deve tá tudo escrito na linha de sua mão... E, sim, dedico toda a minha bem-aventurada-odarice-cósmica-na-vida ao afeto de Lúcia;

a Lucas Carwile, eu sou grata pelos incontáveis insights, pelas dicas de bibliografia, por me instigar a buscar sempre mais e ter responsabilidade sobre aquilo que produzimos. E, claro, não saberia como começar a agradecer pela sua disposição e generosidade em emprestar por tempo indeterminado o notebook quando precisei, pois, sem ele, não haveria texto algum;

a Laís Almeida, Maiana Marques e Mônica Diniz, minhas amigas de sempre e para sempre;

a Nicolas Soares, meu amigo querido. Compartilhamos tantas coisas há tanto tempo – principalmente, a peleja das “expectativas *versus* realidade”– que sua importância, presença e apoio vão muito além desse momento ou de qualquer outro que eu consiga me lembrar. Só tenho a agradecer por todos esses anos de lealdade, paciência e amor;

a Núbia Bento Rodrigues, minha orientadora, que viu algum potencial em mim (e teve fé no que viu!) desde a graduação. Além de ter tido muita, muita paciência mesmo durante todo esse tempo com as tempestades gigantescas que fiz naqueles, agora, pequenos copos d’água. Sempre atenta e dedicada nas leituras e revisões do texto, com generosidade, incentivou e discutiu comigo muitos argumentos, me apoiou durante os percalços no campo; dando-me liberdade e confiança para que eu desenvolvesse a pesquisa, que resultou nesse trabalho. Sua importância ao longo desses anos é inestimável e eu me sinto imensamente grata;

a Priscila Boliveira, minha melhor amiga, que embora não esteja mais por aqui, se fez presente em cada linha escrita, confirmando aquilo que W. Faulkner tão bem resumiu– de que, às vezes, *a memória acredita antes que o conhecimento recorde. Acredita mais tempo do que recorda, mais do que o conhecimento possa imaginar.* Obrigada, Pitty;

a Vinicius Lins, e toda sua generosidade. Uma pessoa formidável. Sem exageros, essa etnografia não existiria se não fosse por Vinicius;

a Sr. Davi e Dilzaná da biblioteca e a Tati e Déo da xerox, sempre solícitos e pacientes, super obrigada;

aos professores Cecília McCallum e Luís Fernando Rojo Mattos, que generosamente aceitaram o convite para compor a banca de qualificação e de defesa. Suas considerações acerca do exame de qualificação foram fundamentais para a análise do objeto proposto e as conclusões desse trabalho;



aos professores Jocélio Telles e Cíntia Beatriz Müller, que acolheram e incentivaram os novos rumos da dissertação durante as disciplinas de metodologia;

ao professor Radamés de M. Ricardo pelos comentários e a boa receptividade que dedicou a essa etnografia, na ocasião em que parte da pesquisa foi apresentada durante a REA/ABANNE, em julho de 2015.

Estou em débito ainda com Anderson Gonçalves, Aura Hurtado, Breno Carvalho, Bianca Portugal, Carolina Santana, Débora Ferraz, Girlane Nunes, Indira Quiroga, Ivan Dutra Belo, Liane Heckert, Mayana Soares, Rachel Cajazeiras, Rogério Ferrari, Vera Rocha e Roca Alencar.

Por fim, agradeço a CAPES pelos vinte meses de bolsa concedida durante o mestrado, que possibilitou a realização dessa pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação aborda o fisiculturismo a partir dos processos de padronização do corpo de mulheres para competições. Trata-se de uma etnografia que versa sobre relações prático-discursivas e aspectos referentes à constituição da corporalidade e da mimesis-horizontes relevantes para a análise das articulações e inter-relações dos conceitos nativos em torno de categorias relacionadas ao gênero, saúde, beleza, esporte, sacrifício e agência. A observação participante abrangeu campeonatos amadores de fisiculturismo promovidos por uma federação internacional, com filiais em várias capitais brasileiras, dentre as quais, Salvador-Ba, local onde o trabalho de campo foi realizado. O eixo argumentativo do trabalho é desenvolvido principalmente em duas linhas complementares. A primeira, sobre a dessemelhança nos critérios de avaliação: enquanto os homens fisiculturistas devem apresentar corpos musculosos “grandes”, que transmitam sinais de “força” e “poder”, as mulheres fisiculturistas devem manter-se “belas”, o que significa dizer, evitar músculos salientes e marcados que, nesse contexto, denotem masculinidade. Da mulher fisiculturista se espera que se mantenha “feminina”. A segunda, sobre a flexibilidade das regras na escolha do “físico perfeito”: os limites são porosos e constantemente (re)formulados nos regulamentos e/ou durante os julgamentos nas competições. Por fim, conclui-se que se, por um lado, o fisiculturismo pode representar resistências às normas “tradicionais” de gênero, sobretudo em função das características e dos modos particulares de ‘produção’ do corpo-atleta, por outro, as competições tendem a impor expectativas baseadas em discursos biológicos e (hetero) normativos sobre as diferenças sexuais binárias.

**palavras chaves:** antropologia do corpo, esporte, gênero, fisiculturismo, sacrifício

## ABSTRACT

This dissertation investigates bodybuilding from the perspective of standardization processes of female body for competitions. It is an ethnography of practical-discursive relations and features related to the constitution of corporality and mimesis, both relevant prospects for the analysis of native concepts of gender, health, beauty, sport, sacrifice, agency and their interconnections. For this research, I conducted participant observation in amateur bodybuilding championships promoted by an international bodybuilding federation with associated branches in different Brazilian capitals. The subject matter of this work follows two complementary arguments. The first one explores gendered discrepancies in evaluation criteria in bodybuilding championships: whereas male bodybuilders must present “big” muscles bodies – conveying the idea of “strength” and “power” – female bodybuilders must keep themselves “beautiful”, that is, they must avoid prominent and sharply defined muscles, considered as traits of masculinity, in this context. The woman bodybuilder is expected to maintain herself “feminine”. The second argument is about the flexibility of rules for “perfect body” choice: here, boundaries are porous and constantly (re)defined both in regulations and/or along competitions judging processes. Finally, I conclude that even though bodybuilding can epitomize “traditional” gender rules, particularly due to the characteristics and meticulous ways of “production” of athlete body, competitions tend to impose expectations grounded on biologic and hetero-normative discourse and categories on binary sexual distinctions.

**Keywords:** Anthropology of the body, anthropology of sport, gender, bodybuilding, sacrifice

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	14
<b>1. Sandow e “Sandwina”</b>	28
<b>2. A beleza como maldição</b>	50
<b>3. Categorizando corpos, adequando linhas</b>	97
<b>4. Atletas verdadeiros</b>	127
<b>5. O show</b>	173
<b>Conclusão</b>	204
<b>Bibliografia</b>	209

*“não será belo senão aquilo que sugere a existência de uma ordem ideal, supraterebre, harmoniosa, lógica, mas que ao mesmo tempo possui- como tara de um pecado original- a gota do veneno, a ponta de incoerência, o grão de areia que perturba o sistema” (Michel de Leiris)*

*“seu corpo se tornou um caleidoscópio que, a cada passo, lhe apresenta figuras cambiantes da verdade” (Walter Benjamin)*

*“eis que resta a solidão absoluta de uma paixão sem martírio” (Jacques Derrida)*

## INTRODUÇÃO

Esta etnografia analisa os processos de adequação dos corpos de mulheres para as categorias femininas no fisiculturismo competitivo.

Os primeiros passos que culminaram no presente trabalho deram-se no final do ano de 2013, quando muitas manchetes de revistas de entretenimento popular alardeavam sobre o ‘novo’ padrão de beleza do momento. Era tendência entre celebridades se submeter a rotinas intensas de treinamentos e dietas, reduzir sobremaneira os percentuais de gordura corporal, a fim de alcançar um corpo cada vez mais musculoso e a tão sonhada “barriga negativa”.

O que me chamava mais atenção nessas matérias, principalmente na divulgação de seus conteúdos na web, porém, foram os comentários acerca dos corpos ali expostos; protegidos pelo relativo anonimato garantido pela internet, os leitores desses sites não economizavam agressões e ofensas direcionados às mulheres que adotavam esse padrão. Para fins ilustrativos, destaco alguns desses comentários<sup>1</sup>:

- *“A mulher musculosa fica bem estranho. Rosto de mulher, corpo de homem. Kd a sensualidade feminina?”*
- *“Que horror de mulher! Totalmente masculinizada. Uma aberração”*
- *“Ela parece uma rã. Coxa grossa musculosa e tudo sequinho em cima”*
- *“Era sexy girl e depois de tanta bomba virou macho”*
- *“Quem é o macho da espécie?”*

Os conteúdos das mensagens expunham, através de concepções estéticas sobre um corpo “feminino” ideal, noções que se relacionavam diretamente às conceituações sobre uma “feminilidade” aceitável. Para essas pessoas, o reprovado “excesso” de volume muscular justificava os ataques, ao achincalhar e colocar em suspeição aquelas

---

<sup>1</sup> Esses e outros comentários podem ser vistos aqui:

<http://revistaglamour.globo.com/Na-Real/noticia/2014/05/elas-sao-musculosas-e-muito-sexy-sim.html>

<http://revistaquem.globo.com/QUEM-Saude/noticia/2013/10/veja-dicas-de-bella-falconi-definir-o-corpo-e-conheca-o-treino-da-musa-fitness.html>

<http://ego.globo.com/beleza/noticia/2013/12/bella-falconi-da-20-dicas-para-nao-perder-linha-nas-festas-de-fim-de-ano.html>

<http://entretenimento.r7.com/mulher/moda-e-beleza/fotos/exagerou-veja-como-era-o-corpo-de-gracyanne-barbosa-antes-da-malhacao-02042014#!/foto/1>

mulheres por supostamente ferirem sua condição enquanto tais. Estava claro ali que as mulheres que ultrapassavam os limites normativos de um corpo feminino musculoso eram tidas ‘não-naturais’, seja pela desumanização, seja por associações à masculinidade.

Não me interessava, no entanto, uma análise que examinasse o conteúdo e as circunstâncias dos discursos a partir propriamente dos comentários dos portais, mas a compreensão do ponto de vista das mulheres musculosas, alvo, portanto, das hostilidades. Assim, um problema de ordem prática surgiu: onde encontrá-las?

A princípio, talvez como local mais óbvio, pensei em fazer uma etnografia nas academias de ginástica. Com óbvio, quero dizer que as academias de ginástica atualmente podem ser consideradas como instituições pedagógicas do corpo (MALYSSE, 2002), responsáveis por disseminar práticas e normas corporais hegemônicas, cujo pilar é a musculação— atividades laborais que incidem sobre a musculatura corporal, através de exercícios realizados com sobrepesos de cargas variáveis e em quantidades e intensidades específicas. Mas outras escolhas pairavam no meu horizonte: como se daria a inserção no campo? Qual o perfil da academia escolhida, bairros populares ou de classe média alta?

Foi quando, em maio de 2014, após algumas tentativas infrutíferas de selecionar academias, sem estratégias de campo definida, vi anúncios em *outdoors* sobre um campeonato de fisiculturismo que aconteceria naquele mês, em Salvador. Era a seleção estadual da NABBA (*National Amateur Body-Builders' Association*) e, movida mais pela curiosidade do que por alguma intenção etnográfica propriamente, comprei o meu ingresso e fui assistir ao campeonato.

A seletiva ocorreu em um teatro de Salvador, localizado em um bairro de classe média alta da cidade. Cheguei ao local com, pelo menos, uma hora e meia de antecedência, e uma enorme fila de pessoas já se formava pelo quarteirão, à espera da abertura dos portões de entrada. Nunca tinha visto até então um campeonato de fisiculturismo e, confesso, fiquei surpresa com a quantidade de pessoas que aguardava para assisti-lo, além disso, outras particularidades me chamaram a atenção. Dentre elas, uma em específico: bastante luminosa e determinante para minha trajetória etnográfica a partir dali.

Estava na plateia e, durante a apresentação dos competidores, a participação do público era notória. Além dos gritos, aplausos e vaias, a audiência costumava participar com muitas observações, bradadas em alto e bom som: “*tem que sentar para rasgar o*

*músculo*”, “*senta na perna, senta na perna para lascar*”, “*com essa barriga aí, até minha vó. Parece tábuca de passar roupa*”, “*crece mano, cresce*”, “*sai daí seu miado de mãe gorda*”, “*trava o abdômen*” foram alguns dos comentários que ouvi, e registrei, nas apresentações. As “orientações” irrompiam, sobretudo, durante as apresentações das modalidades masculinas. Nenhuma dessas observações, porém, chamou-me tanto atenção e mobilizou tanto minha curiosidade quanto a referência a um desenho japonês que fez bastante sucesso na televisão, principalmente, entre os anos 90 e nos primeiros anos de 2000: *Dragon Ball Z*.

Por diversos momentos, na exibição das poses dos homens, alguns garotos sentados em poltronas logo atrás da minha gritavam quase em uníssono: “*Bora gigante, vamos, agora é hora do KameHameHa*”. A alusão me pareceu tão insólita, especialmente, porque enquanto as competidoras mulheres eram recebidas com assovios, gritos de “*gostosaaaa*” e coisas assim, os homens eram estimulados com exclamações que variavam desde “*mamute*”, “*monstro*”, “*cavalo*” até essa menção a um desenho cujo personagem principal é um extraterrestre criado por humanos.

Das primeiras vezes que ouvi, fiquei na dúvida sobre a referência ser direcionada justamente ao desenho ou mesmo se o público andou se inteirando das peripécias do capitão Cook, em ilhas havaianas, ou se era um epíteto cujo significado se daria por outras vias, que em nada tinham a ver com as associações que eu havia feito naquele momento. Mas, depois de um tempo, não tive dúvidas: na apresentação das últimas poses dos competidores masculinos o *Kamehameha*– derradeiro golpe no qual os principais heróis do desenho se metamorfoseiam, transformando-se em meio humano e meio animal, ao disparar um ‘fluxo intenso de energia’ na esperança de ganhar a batalha– era invocado.

Não tenho pretensões de embarcar numa análise simbólica acerca dessas referências, mas reconheço que elas me sugeriram alguns pontos *bons para pensar*. Primeiro, serviu como um indicador da faixa etária da maioria das pessoas presentes no campeonato. Num breve exame acerca do perfil da audiência naquele dia, o público compunha-se majoritariamente por homens, que aparentavam ter entre quinze e trinta anos e que não escondiam seu entusiasmo pela musculação, através das camisetas que ostentavam frases deveras sugestivas como “*mamãe passou Whey em mim*”, “*se for para desistir, desista de ser fraco*”, “*animal*”, “*só os fortes sobrevivem*”, “*Monster*”, “*quem gosta de homem pequeno é branca de neve*” e a já clássica “*no pain no gain*”, em recortes mínimos, que deixavam entrever seus proeminentes volumes musculares.



Segundo, naquele contexto, era aceitável a correlação de características não humanas ou mesmo desumanizadoras dirigidas aos homens musculosos— muito diferente, portanto, das atribuições pejorativas quando da associação entre músculos e mulheres, vistas como aberrações, presentes nos comentários da web, por exemplo.

Minha questão naquele momento, em resumo, era o porquê da referência a animais e a um desenho de ficção<sup>2</sup>, cujos personagens apresentam características híbridas e teratológicas, ter uma conotação positiva durante a exibição das performances musculares masculinas, dessemelhante não só nas concessões dos comentários da internet, mas na recepção das modalidades femininas que concorriam no mesmo campeonato. Qual o regime de alteridade do corpo fisiculturista? Como o feminino demarca sua diferença? A partir daí, os campeonatos de fisiculturismo me pareceram o melhor e, possivelmente, o mais profícuo caminho para trabalhar essas e outras questões etnograficamente.

Meu interesse inicial, segundo o prisma abordado por José G. Cantor Magnani (2002) sobre etnografias produzidas no contexto urbano, era exercitar o olhar etnográfico fundamentalmente constituído por uma categoria metodológica de apreensão denominada pelo autor como de *perto e de dentro*. Nesse sentido, ter definido um recorte de pesquisa demarcaria, por conseguinte, não apenas os propósitos ou a literatura mobilizada, mas o método pelo qual se permite captar os aspectos e os arranjos da dinâmica nativa. O método etnográfico no ângulo *de perto e de dentro*, possibilita compreender “os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais” (MAGNANI, 2002, p.17). – as dinâmicas dos próprios interlocutores organizariam o fio condutor etnográfico. Eu sabia que, ao abrir mão de uma abordagem de *longe e de fora*, que prioriza aspectos macro e gerais em detrimento da multiplicidade de relações e interações, fazia-se imperativo situar o lugar por meio do qual seria possível estabelecer as relações imanentes ao objeto de pesquisa.

---

<sup>2</sup> Núbia Rodrigues (2010) argumentou que os atuais heróis presentes em filmes de ficção científica, tais como *X-Men* e *Spider Man*, são reflexos de um processo sociopolítico no qual o discurso e a prática biotecnológica assimilam e domesticam o ser outrora monstruoso. A autora sustenta que as noções sobre o monstro são historicamente construídas na dinâmica do “devir das formas da natureza” e sua incorporação social. Nesse sentido, o significado morfológico, taxonômico e psicológico da monstruosidade, como aquilo que escapa às concepções de normalidade e excede as fronteiras do abjeto, estaria sujeito de ser culturalmente naturalizado. Ao assumir características morais valorizadas socialmente, com “imagens baseadas na admiração e não no medo”, a anomalia assume contornos positivos e, ao invés de aberrações, são quistos enquanto humanos, com poderes extra-humanos.

A propósito de suas pesquisas sobre a democracia representativa em Ilhéus, Márcio Goldman (2003) refletiu sobre os deslocamentos e as possibilidades analíticas intrínsecas às perspectivas do “ponto de vista nativo” que

(...) não deve jamais ser pensado como atributo de um nativo genérico qualquer, negro, de classe popular, ilheense, baiano, brasileiro ou uma mistura judiciosa de tudo isso. Trata-se sempre de pessoas muito concretas, cada uma dotada de suas particularidades e, sobretudo, agência e criatividade (GOLDMAN, 2003, p. 456).

O autor argumentou que existe uma mudança de posicionamento analítico e metodológico nas categorias quando o objeto deixa de ser localizado na “Política em Ilhéus”, por exemplo, e se atribui um lugar pelo qual a política em Ilhéus é percebida doravante a posição do pesquisador e dos interlocutores— como ele próprio deixa claro, ao assumir que seu objeto “se transformou”, ao longo de sua pesquisa de campo, em “A política em Ilhéus a partir das relações mantidas pelo movimento negro com os políticos” (GOLDMAN, 2003, p. 465). Haja vista que, como lembrou Peirano (2016), a “etnografia não é método. Não é uma prática que, definida antes da pesquisa, vai guiar o que acontecerá no momento que se convencionou chamar de trabalho de campo. A etnografia antropológica é essencialmente uma posição teórica” (p. 237).

Desse modo, no estudo que me propus a realizar, o recorte a partir do qual a abordagem analítica e metodológica se constituiria definiu-se através das circunstâncias de minha própria inserção em campo. No início de junho de 2014, por meio de um amigo em comum, conheci um fisiculturista e, através dele, consegui trabalhar como voluntária nas competições de fisiculturismo promovidas pela federação a qual era filiado, a IFBB (*International Federation of Bodybuilding and Fitness*). Foi aí que meu objeto de pesquisa se afinou ainda mais, uma vez que, parafraseando Goldman, foi se orientando, principalmente, pelo fisiculturismo *a partir das relações mantidas por uma federação de fisiculturismo com (o corpo de) mulheres fisiculturistas*.

Em comparação com as competições internacionais realizadas pela Europa ou EUA, os campeonatos de fisiculturismo ocorridos na Bahia carecem de patrocinadores e de mão de obra humana necessária para a organização dos eventos, a despeito do momento da plena ascensão da modalidade no estado e no país. Essa é uma especificidade que contribuiu para a minha participação e conseqüente inserção no cenário de pesquisa. Meu trabalho de campo esteve condicionado não apenas ao calendário de competições da federação, mas a rotina de treinamento de fisiculturistas

que envolvem suas respectivas participações nas competições. Minha pesquisa de campo consistiu de dois momentos inter-relacionados: a observação participante nos campeonatos e a realização de entrevistas com os interlocutores.

O trabalho de campo ocorreu entre junho de 2014 a junho de 2015, quando acompanhei todas as competições realizadas pela federação durante esse período. Logo, a observação participante sucedeu quatro campeonatos: dois campeonatos abertos, *Iron Man* (2014) e seletivas internas para o campeonato internacional *Arnold Classic* (2015), e dois campeonatos oficiais na etapa estadual também nos anos de 2014 e 2015. As entrevistas foram realizadas durante esse período, entre um campeonato e outro, ou seja, tive a felicidade de entrevistar meus interlocutores sempre em período de preparação ou após alguma competição. No total realizei entrevistas gravadas com cinco competidoras e três treinadores, em locais propostos pelos entrevistados, onde eles pudessem se sentir mais à vontade e cujos horários não atrapalhassem suas rotinas diárias. Os encontros se deram em *shopping centers*, em suas residências ou locais de trabalho.

O formato das entrevistas, por sua vez, não consistiu no modelo “pergunta-resposta”, no qual o mote principal é a seleção prévia de temas e tópicos elaborados e ordenados em forma de perguntas fechadas (BAUER; JOVCHELOVITCH, 2002). Ao contrário, a perspectiva adotada foi a da “entrevista-narrativa” que tem como principal característica tentar “uma versão menos imposta sobre o entendimento do interlocutor em questão” (p.95, 2002). Apesar de questões fixas e precedentes, implicadas na pesquisa, eu não tinha um roteiro prévio, tampouco as perguntas seguiam uma mesma ordem de progressão.

Ainda assim, independentemente de serem com *competidor(a)s* ou *técnicos*, eu começava com a mesma pergunta: “*Como você se tornou fisiculturista?*”. É uma pergunta que considero central— além de bastante segura para mim, que não dominava de antemão, mas tentava entender as especificidades da práxis—, pois concernia a entrada no esporte e demandava do interlocutor a exposição de suas trajetórias até o momento em que decidiram competir; além de me permitir o aprofundamento de questões acerca das ações e dos significados subjacentes a escolha de levar *a sério* o fisiculturismo.

Hoje vejo que foi uma boa estratégia, porque, ao orientar as entrevistas dos meus interlocutores através de suas próprias histórias, relacionando-as a observação participante nos campeonatos, registrada sistematicamente nos diários de campo, pude

estruturar as questões que conduziram a análise dos dados e, conseqüentemente, a escrita etnográfica.

Advirto que esta etnografia jamais terá a intenção de adotar ou refletir um ponto de vista generalizante e definitivo sobre o fisiculturismo, senão a de situar sujeitos específicos em suas trajetórias individuais, de tal forma que a

reflexão nativa [seja] incorporada como parte dos dados a serem explicados, não podendo ela mesma ser tomada como seu enquadramento, de modo que há sempre uma descontinuidade entre a compreensão nativa e os conceitos que organizam a própria etnografia (Strathern, 2014, p. 136).

O discurso nativo e o discurso do antropólogo estabelecem uma relação necessária, qualificada por Viveiros de Castro (2002) enquanto uma *relação de sentido*, de práticas de sentido— condição fundamental do conhecimento antropológico. Seguindo uma linha conceitual semelhante, continua Strathern (2014), a relação social decorrente “entre o “nós” como antropólogos e os “eus” que estudamos” é definida através da natureza da atividade produtiva de ambas as partes. Ou seja, o antropólogo e o nativo podem até compartilhar da mesma cultura, mas a relação que estabelecem com ela é de natureza distinta: “o antropólogo usa necessariamente sua cultura, o nativo é suficiente usado por ela” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p.114).

O trabalho de campo refletiu inúmeras vicissitudes epistemológicas que podem decorrer dessa relação e é justo que eu relate algumas circunstâncias que possam exemplificar tal afirmação.

Havia muita desconfiança sobre meus propósitos por parte dos fisiculturistas, durante as interações nos campeonatos e nas minhas tentativas de contato para a realização das entrevistas. No decorrer de um ano, tentei inutilmente marcar várias entrevistas e, mesmo que alguns já soubessem dos meus objetivos de pesquisa, por causa dos encontros e conversas informais nos campeonatos, recusavam-se a cedê-las. Além de ser um grupo que não costuma ser muito visitado por pesquisadores, e sobre o qual pesam alguns estigmas do senso comum, atribuo suas desconfianças e recusas a alguns fatores.

O primeiro, como acabei constatando, derivava de alguns incidentes que envolviam entrevistas dadas pelos atletas a veículos de comunicação, cujos conteúdos finais foram considerados deturpados e pouco lisonjeiros. Uma das interlocutoras entrevistadas mencionou, por exemplo, uma entrevista que concedeu para uma revista

de grande circulação nacional, contando sobre sua rotina de treinamento e dietas e que, na edição final, suprimiu a importância de todas as outras particularidades para enfatizar e condenar apenas o uso dos anabolizantes. O uso de anabolizantes, como veremos, é um ponto sensível na prática fisiculturista. Durante os campeonatos notei também como o presidente da federação, assim como alguns atletas e pessoas que trabalhavam na organização, era cuidadoso em escolher uma pessoa específica para falar com equipes de televisão ou de jornais, quando eventualmente compareciam. Havia, sem dúvidas, o imperativo de se controlar que tipo de informação deveria circular fora do circuito das competições.

Quando me apresentei como voluntária, desde o meu primeiro campeonato, e no início de cada entrevista, afirmei meu compromisso de preservar suas identidades, mantendo-os no anonimato, quando da divulgação de informações. Também esclareci que essa pesquisa não tem a intenção de prejudicar, de modo algum, tanto a imagem do fisiculturismo, quanto daqueles que o praticam. A escolha, portanto, de resguardar os nomes dos interlocutores nessa etnografia não é um mero estratagema mecânico ou teria algum caráter implícito de descaracterizar o empreendimento etnográfico ou os meus interlocutores, senão uma tentativa de zelar, na medida do possível, e salvaguardar seus interesses perante possíveis apropriações de informações aqui contidas. Devo isso a generosidade e o cuidado com que fui recebida durante todo o período de trabalho de campo.

Ter acesso aos bastidores dos eventos, estar presente em algumas das reuniões feitas pelos jurados antes do início das competições ou em conversas informais entre os competidores, organizadores e técnicos, dentre outros momentos, foi incrível e com possibilidades únicas de produzir dados de campo. Mas era um relacionamento que também refletia o estranhamento entre as duas partes. Isso me leva ao segundo fator de desconfiança: o corpo. Descreverei um episódio revelador sobre esse ponto.

Era a segunda vez que trabalhava na organização de um campeonato pela IFBB. Minha função, como das outras vezes, era de distribuir as fichas com a numeração e identificação dos candidatos que iriam se apresentar, e organizar a entrega dos troféus para a premiação dos vencedores; e estar de prontidão para o que ocorresse, seja para entregar os resultados ao mestre de cerimônia, seja para buscar água, lanches ou procurar os competidores que sumiam momentos antes de suas apresentações. Nesse campeonato, o *Iron Man*, já estava relativamente familiarizada com muitos dos concorrentes, que competiram no campeonato anterior, algum meses antes, assim como

alguns dos membros da diretoria da federação. A suspeita e, até mesmo, certa hostilidade que senti quando participei do campeonato Baiano foram substituídos por um amistoso “lembro de você, você tá fazendo pesquisa sobre a gente, né?”. Eu não tinha nome, a todo o momento era apresentada a alguém ou cumprimentada por alguns através do epíteto “a-menina-que-faz-pesquisa”. O que para mim foi ótimo, pois resolveu um problema, na verdade, uma ansiedade, de ordem prática. Estou muito longe da estética corporal e racial a qual muitos deles comungam e a cada novo cumprimento ou conversas nos bastidores do campeonato, me interpelavam com uma mesma questão: o que eu estava fazendo ali? Como um total corpo estranho estava, como diria Caetano Veloso, “só eu, velho, sou feio e ninguém”.

Explico. A federação não tem funcionários, portanto, as pessoas que estão envolvidas não só nos eventos, mas nas demais atividades da IFBB não têm nenhum vínculo empregatício que não seja a sua própria ligação com o fisiculturismo ou, mais precisamente, com o mundo da musculação. Os jurados são formados, sobretudo, por ex-atletas e técnicos; os organizadores, por sua vez, são atletas e/ou donos de lojas de suplementos e academias e mesmo os voluntários nos eventos eram frequentadores assíduos de academias, que gostariam de se aproximar do universo das competições para, quem sabe, concorrer no futuro. Todos estavam ali com um propósito ‘evidente’. Menos eu.

Entrementes, no dia da pesagem, realizada um dia antes daquele mesmo campeonato, um diálogo entre mim e um técnico, que na ocasião havia orientado três competidoras para o campeonato, foi bastante esclarecedor não só quanto à natureza da interação, “nós” e “eles”, mas da própria práxis. Enquanto entregava para os competidores as fichas com suas respectivas numerações, o treinador se apresentou e, se dirigindo a mim, comentou ser a segunda vez que me via por ali, em campeonatos. Expliquei-lhe que fazia uma pesquisa sobre o fisiculturismo, ao que ele me respondeu: “Quando você acompanha o esporte, você acaba amando, você vai ver. (...) veja você, em seis meses você também poderia subir no palco”, ao ver minha expressão de espanto, prosseguiu “(...) por que não? Todo mundo pode. Sua musculatura é legal [avalia ao apertar meu braço], seu rosto é bom (...) depois de seis meses ou um ano de muito trabalho você poderia até ser uma *wellness* (...). Tem a questão da saúde também, você sabia que pessoas gordas vivem menos?”.

Como bem resumiu Geertz, “se há uma coisa que obceca a antropologia é a diferença que a diferença faz” (2001, p. 175)... Ora, jamais saberemos se foram irônicas

ou não as palavras do técnico, mas certamente o significado desse episódio não pode ser deslocado da natureza mesma com que se estabelecem as relações específicas naquele contexto; e a forma como os modelos nativos modulam e conceituam a interação estabelecida, dado que “precisamos ter alguma ideia da atividade produtiva que está por trás do que as pessoas dizem e, portanto, da própria relação entre elas e o que foi dito” (STRATHERN, 2014, p. 142).

Quero mencionar ainda uma ferramenta que se tornou fundamental durante a pesquisa. Se todas as minhas questões iniciais foram incitadas, sobretudo, por aquilo que li em alguns portais da web, o ciberespaço continuou a me servir como veículo, dessa vez, de interação e de observação. Refiro-me, especificamente, ao *facebook*, rede social que permite o compartilhamento de informações, fotos e mensagens. Através da plataforma, marcava as entrevistas e acompanhava a repercussão dos campeonatos, assim como indicações de como ocorriam as preparações – a partir de relatos sobre a alimentação, as rotinas de treinos, etc. Inicialmente, todas as pessoas que conhecia nos campeonatos, eram “adicionadas” na minha rede de contatos, processo que permite a interação dos usuários no *facebook*, e, mediante a aprovação de minha solicitação, selecionava aquelas que poderiam (e estariam dispostos em) ser interlocutores em potenciais.

Em detrimento de uma pluralidade que me permitiria uma amplitude maior de pontos de vista, a diversidade dos meus interlocutores, no entanto, foi restrita. Infelizmente, não conheci todos os competidores e competidoras que se apresentaram em todas as categorias dos campeonatos, assim como o conhecimento de suas respectivas histórias e trajetórias na modalidade. O acesso que tive aos fisiculturistas se deu, durante o evento, através de conversas informais com os competidores nos bastidores e, principalmente, através das entrevistas e interação com os organizadores do campeonato– que se transformaram em interlocutores-chave. Os organizadores se constituíam por um mesmo grupo, que esteve à frente em todos os campeonatos em que acompanhei, formado por fisiculturistas amadores e profissionais, professores de academia e técnicos. Muitos deles, além de dedicarem-se à organização/produção, também competiam ou eram patrocinadores dos eventos– através de suas lojas de suplementos alimentares e instrumentos para musculação. O que não quer dizer, porém, que tenham interesses unívocos, senão uma heterogeneidade de conveniências e hierarquias que muitas vezes revelavam posicionamentos conflituosos entre si.

## **ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO**

São exíguos os estudos sobre o fisiculturismo competitivo, mais comum em áreas relacionadas à Psicologia do Esporte, Educação Física e Nutrição. No Brasil, talvez os trabalhos mais relevantes sejam o de Angelita Jaeger (2009), na área de Ciências do Movimento, que analisa as representações imagéticas e discursivas sobre as atletas fisiculturistas; e de Cesar Sabino (2004), em Antropologia, que, embora tenha feito um trabalho mais voltado para as práticas corporais e masculinidades na academia, menciona fisiculturistas que eventualmente estavam em situações de campeonatos. No EUA, no entanto, cuja tradição de campeonatos de fisiculturismo é mais consolidada, há muitos estudos não só em Antropologia (SCOTT, 2011; WESLEY, 2001), mas trabalhos nas áreas dos Estudos Culturais (NDALIANIS, 1995; LEPPihalme, 2001) e dos Estudos de Gênero (BOYLE, 2005; 2003; JOHNSON, 1996; LAND, 2015) que de maneira transversal ou mais direta procuram investigar as práticas corporais e as questões relativas à temática do gênero implicados na construção do corpo fisiculturista. Levando-se em conta os limites de uma dissertação, o estudo que empreendo se relaciona a uma Antropologia do corpo e investiga etnograficamente os processos de preparação e padronização de competidoras fisiculturistas para que se adéquem às categorias femininas exigidas pela federação.

Sem que se tenha a mínima pretensão de esgotar as potencialidades que o objeto escolhido enseja, metodologicamente o fisiculturismo feminino será abordado a partir de aspectos relativos e inter-relacionados à corporalidade e à dimensão normativa das práticas- seja, genericamente, em relação à práxis e a subjetividade desse grupo em particular; seja, especialmente, pela ‘produção’ do corpo de mulheres que optaram pelo fisiculturismo competitivo.

Parto de uma noção de corporalidade fundamentada em processos e sentidos conferidos pelas experiências dos sujeitos (MALUF, 2002), que não se restringem ao biológico ou ao “simples suporte de identidades e papéis sociais” (DA MATTA; SEEGER; VIVEIROS DE CASTRO, 1979). Por outro lado, evoco uma abordagem foucaultiana segundo a qual o conjunto dos enunciados, produzidos e articulados a partir das relações sociais, se constitui em discursos e práticas de um saber, que determina as funções e as formas de comportamento.



Se “toda relação de poder opera diferenciações que são, para ela, ao mesmo tempo condições e efeitos” (FOUCAULT, 1995, p. 246), falar sobre os sujeitos posicionados nessas relações implica em investigações sobre os condicionantes dessas mesmas relações. Tanto à disciplina, quanto à biopolítica, as tecnologias corporais empregadas são procedimentos que marcam as junções e relações entre o saber e o poder (RABINOW, 1999).

As práticas-discursivas engendradas no corpo fisiculturista são construídas a partir de discursos produzidos sobre o corpo saudável, por um ideal estético de beleza e por classificações situadas na oposição binária ‘masculino/feminino’(BRAH, 2006). Vivido como prática corporal e modalidade esportiva, o fisiculturismo reflete uma divisão ideológica e conservadora entre corpos atléticos do “sexo” masculino e feminino— endossando a perspectiva de que homens e mulheres não só devem ser dessemelhantes quanto aos órgãos genitais, mas também precisam incorporar diferentes características anatômicas e comportamentos. Não obstante, o sistema de gênero binário aqui operado não foi articulado necessariamente como um dado a priori, mas, ao seguir as tramas etnográficas, tenta-se explorar a maneira com que os nativos produzem, (des)arranjam e (des)configuram esse sistema e suas respectivas inter-relações (Kulick, 2008; Butler, 2003) .

No capítulo 1, enfatizam-se as origens do fisiculturismo tendo em vista as concepções heterogêneas sobre um corpo musculoso feminino e masculino. Situando a trajetória de dois personagens importantes, que se destacaram como ícones do desenvolvimento muscular, se questiona como o pretenso estatuto da diferença sexual estabelece os parâmetros em que são legitimadas as bases do que se convencionou conceituar de *Esporte*. Em seguida, exponho como esse mesmo estatuto serviu de enquadramento para a gênese da federação de fisiculturismo, enfocada nesse trabalho, e a maneira com que ele é sistematicamente referido ao longo do processo de *esportivização* da modalidade.

O Capítulo 2 se dedica a esquadrihar os caminhos que levaram minhas interlocutoras ao fisiculturismo competitivo. Para serem consideradas aptas à modalidade, devem se submeter a um conjunto de engajamentos disciplinares precedentes que as conforme, por um lado, de acordo com padrões hegemônicos de embelezamento e, por outro, a um estilo de vida saudável. Somado a isso, características socioeconômicas e etárias das competidoras são analisadas enquanto variáveis determinantes para o ingresso e permanência na modalidade.

Na segunda parte do capítulo, relato as dificuldades das fisiculturistas para se inserirem no mercado de trabalho fora das competições, haja vista a escassez de patrocínios e as hostilidades sociais que sofrem por causa de seus atributos anatômicos; e as formas com se dão os agenciamentos e as hierarquias no âmbito da práxis fisiculturista, estabelecidos, especialmente, em função do gênero e do tempo de prática. Para concluí-lo, exploro as possibilidades conceituais da *mimesis* na tentativa de compreender as mediações entre a *alteridade*, *gênero*, *agência* e *corporalidade*.

No Capítulo 3, sistematizo as exigências das categorias da federação a fim de observar como os regulamentos dispõem corpos femininos e masculinos para finalidades competitivas. Tais regulações estabelecem os critérios das divisões entre “fitness” e “fisiculturismo”, a partir de uma escala moral entre aquelas mais “femininas”, “menos femininas” e “masculinizadas”. Classificações essas referidas sempre em oposição ao masculino, na beleza como afirmação do feminino, na proporção do volume muscular e interseccionadas a marcadores de raça e classe. Além disso, enfatizam-se alguns aspectos da sociabilidade; e argumento que o corpo da mulher fisiculturista é o mais afetado pelas tentativas de normatizar a prática fisiculturista, tornando-a mais popular, comercial e de acordo com padrões esportivos formais, empreendidas pela federação.

No Capítulo 4, analiso como os fisiculturistas distinguem quem é e quem não é atleta, através dos processos ascéticos ensejados pela disposição em “entregar-se ao esporte”. Discorrerei sobre as articulações necessárias para que se produza o *corpo-atleta* durante as diferentes etapas de preparação para os campeonatos. Ademais, retomando a linha de raciocínio desenvolvida no final do capítulo três, exploro como as categorias nativas organizam noções de *substância* e *sacrifício* como partes intrínsecas à produção desse corpo.

Apesar de não prescindir de seu potencial teórico, sobretudo quanto a constituição da corporalidade, esse trabalho terá apenas como abordagem periférica a temática da performance. Tampouco, se deterá no exame aprofundado dos componentes, elementos performativos e ou sequências necessárias para a performance em si, durante a apresentação dos competidores no palco. Ao contrário, como veremos ao longo do texto, digamos, que serão priorizadas determinadas práticas-discursivas responsáveis para “se chegar lá” (Schechner, 2006). O que significa dizer que o evento, ou seja, o campeonato de fisiculturismo, na verdade, será o farol pelo qual serão investigados os feixes de luz que tornam possíveis justamente o comportamento

“intensificado”, “restaurado” “público” e “estético” de seus performers (LANGDON, 2007; SCHECHNER, 2011b).

Ainda assim, no Capítulo 5, considerei necessário voltar-me, como uma espécie de desfecho, para “o lugar olhado das coisas” (Dawsey, 2007): os campeonatos. Lócus, portanto, que orientou a construção de toda essa etnografia. Desse modo, escolhi narrar o campeonato Baiano de 2014. A descrição levará em conta o dia da pesagem, as performances realizadas no palco pelos competidores, o aparato cênico, o efeito na audiência e o momento da avaliação pelos jurados.

# CAPÍTULO 1

## SANDOW & “SADWINA”

Uma narrativa biográfica poderia partir do pressuposto de que o conjunto dos acontecimentos só é passível de ser organizado seguindo uma ordem lógica, cronológica e linearmente orientada. O equívoco de tal abordagem é considerar que, ao produzirmos nossa própria história, nesse exato momento, estivéssemos obedecendo a uma linha invisível, porém reta, planejada e inexorável, respeitando os limites do início, meio e fim; justamente, por desconsiderar as descontinuidades e os movimentos muitas vezes aleatórios dos sentidos da experiência (BOURDIEU, 2006).

A tarefa deste primeiro capítulo é a de assumir algumas das armadilhas sinalizadas por Bourdieu, sobre as análises e constituições de histórias biográficas, mas sem, no entanto, a menor pretensão de constituir em qualquer nível algum tipo de biografia dos personagens mencionados. A fim de apresentar algumas cenas que remetem aos primórdios do fisiculturismo, apresentarei pequenas notas biográficas de dois ícones da modalidade; embora sem dimensionar a riqueza e as nuances de suas trajetórias e assumo prescindir de outros personagens fundamentais para o fisiculturismo em sua história recente.

Começo então pelo fim do século XIX, quando eram comuns os concursos de *strongman*: apresentações de “homens fortes” voltados a conceder o título de “homem mais forte do mundo” àqueles que estivessem dispostos a se colocar à prova, em competições de levantamento de pesos, bem como exibições que valorizavam a força física e o volume muscular. Apesar de terem sido criados em meados do século XVIII, os concursos de homens fortes eram febre na Europa e nos Estados Unidos como uma das principais formas de passatempo popular na era pós-Vitoriana. O formato desses shows derivava das performances circenses e de um gênero de teatro conhecido como *vaudeville*<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Uma característica marcante do vaudeville, a propósito, foi a de ser um dos principais responsáveis por assimilar os imigrantes nas experiências culturais, seja no velho mundo ou na América (BUCK, 1998). Desafiando convenções e costumes da época, o vaudeville usava de um humor carregado em ironias em

Nesse contexto surgiu a figura de Eugen Sandow. Nascido Friederich Wilhelm Müller, na Prússia de 1867, e que desde adolescência percorria várias cidades européias como trapezista e ginasta de uma pequena trupe de circo. No ano de 1889, em Londres, venceu o *World's Strongest Man* –, na época, um dos concursos de ‘homens fortes’ mais populares da Europa. Com o sucesso do título, ele passou os quatro anos seguintes aperfeiçoando sua técnica de levantamento de peso e exibição física, excursionando por diversos países (CHAPMAN, 2006).

A notoriedade de Eugen Sandow poderia ser explicada a partir de uma conjuntura de *fin de siècle*, que inaugurava um modo específico de percepção do corpo na Europa.

Sobre isso, é válido dizer que na metade do século XIX, segundo Georges Vigarello (2012), a imagem do corpo é definida como um produto do funcionamento energético humano; concepção essa tributária da revisão dos conceitos químicos, sobretudo das concepções formuladas por Lavoisier (1743-1794), sobre os mecanismos fisiológicos corporais. O corpo começou a ser visto através de um olhar “numérico” e “metabolizado” do seguinte modo: a quantidade de calor introduzida, na forma de alimentos, é calculada em proporção a quantidade de trabalho produzido para a queima, principalmente através de exercícios físicos, dos excedentes energéticos. Alguns produtos como o açúcar e a fécula passaram a ser relacionados à gordura, e esta como um fator de mau funcionamento orgânico.

Visto como um enorme “motor de combustão orgânica”, o corpo é dimensionado em sua morfologia nos termos de medidas e pesos, cujo alto teor lipídico “reduziria o potencial da máquina em eliminar os excedentes energéticos” (p.193). O autor afirma que eram cada vez mais populares os regimes e treinamentos físicos e, com a incorporação de tais princípios, já se delineava uma percepção apurada e categórica sobre gordura e magreza como hoje a conhecemos. Já nessa época, por exemplo, a avaliação corporal era feita em termos de escala de peso e sua relação com a altura; ainda que muito distante do atual e banalizado IMC (Índice de Massa Corporal) e suas prerrogativas para orientar estratégias individuais de emagrecimento.

Bom, as demonstrações públicas de Sandow eram pautadas na simetria das proporções musculares, ao invés do levantamento com pesos popularizado nos

---

praças públicas e teatros com a realização de espetáculos de *freaks shows*, concertos musicais e literatura burlesca para falar das cidades cada vez mais urbanizadas e imersas no ritmo de produção industrial.

concursos de "homens fortes". O surgimento da indústria da publicidade<sup>4</sup>, o crescimento da imprensa diária, periódica e publicações ilustradas, como a criação dos cartazes, (HOBSBAWN, 1988) foram muito importantes na época.

Poderíamos inferir que tal contexto contribuiu para o surgimento de fenômenos como Eugen Sandow que, com o perdão do possível anacronismo da expressão, tinha uma verdadeira vocação para o *entretenimento*- muitos dos elementos formulados por ele, naquela época, permanecem em vigor nas competições de fisiculturismo realizadas mais de um século depois.

É atribuída a ele, por exemplo, a idéia de substituir as peles de leopardo, geralmente utilizadas nas apresentações de "homens fortes", por uma sunga e foi um dos precursores no desenvolvimento de treinamentos, dietas e instrumentos com pesos que favoreciam o aperfeiçoamento muscular, sempre preocupado com os formatos de seus shows e meios para atrair o público. As demonstrações públicas de Sandow, por sua vez, eram pautadas na *simetria* das proporções musculares, ao invés do levantamento com pesos popularizado nos concursos de *strongman*. É igualmente famosa a performance na qual Sandow entrou em uma cabine de vidro e realizou uma série de poses que evidenciavam seus músculos, acompanhado por um fundo musical.

Sandow deixou para trás a pecha do "homem mais forte do mundo" para promover, e tornar-se ele próprio, o "homem com o melhor músculo do mundo" (LAURA; DUTTON, 1989; CHAPMAN, 2006).

São circunstâncias interessantes para entendermos o porquê de Sandow ser considerado por muitos como o *pai* do fisiculturismo, apresentado como precursor não só dos parâmetros do fisiculturismo como hoje o conhecemos, bem como de uma nascente indústria que alçava músculos à condição de iguaria mercadológica e de entretenimento. Além de excursionar pelo mundo divulgando a "nova prática", outros detalhes de sua biografia ratificam sua posição de "fundador" do fisiculturismo.

Por exemplo, foi o criador da primeira revista de fisiculturismo, a *Sandow Magazine*, na qual descrevia técnicas de exercícios para o fomento muscular, dietas e

---

<sup>4</sup> Raymond Williams (2005) conceitua a publicidade como o "desenvolvimento de processos de atenção e informação específicas para um sistema institucionalizado de informações e persuasão comerciais". A gênese de informações incorporadas a produtos teria suas origens nos gregos antigos e ganham proeminência para efeitos comerciais em finais do século XVII e durante boa parte do século XIX, sobretudo, quando o público dos jornais ainda era restrito e os cartazes ganhavam proeminência ao serem colocados em todo lugar disponível pelas ruas das cidades, tornando-se um empreendimento popular, rentável e organizado (2005; p. 232-238). Segundo Williams, a publicidade moderna nasceu no fim do século XIX e início do XX com o surgimento das grandes corporações, na qual é utilizada não apenas como um poderoso instrumento, mas como propulsor econômico do capitalismo avançado.

detalhes de sua própria trajetória; e também lhe é atribuída à criação do termo *bodybuilding*, oriundo do título de um livro publicado por ele, em 1898, chamado “*Bodybuilding, on man in the making*”. Por fim, Eugen Sandow concebeu o primeiro campeonato de fisiculturismo, na Inglaterra, em 1901. Na ocasião cento e cinquenta e seis atletas homens competiram entre si, avaliados por uma banca de jurados composta pelo escritor Arthur Conan Doyle, um escultor inglês, que também era atleta, chamado Charles Lawes e pelo próprio Eugen Sandow (SQUIRE, 2011).

É significativa também que, na composição de sua gênese, seja arrogada ao fisiculturismo a figura de “um pai” fundador e as implicações disso para sua práxis não seriam menos contingentes, uma vez que expõe os fundamentos das relações de gênero nesse contexto em particular. Afinal, os campeonatos de levantamento de peso eram comuns a homens e mulheres e o *strongwomen* também tinha seu lugar no final do século XIX e começo do século seguinte. E Katharina Brumbach (1884-1952), conhecida mundialmente como “Katie Sandwina”, foi uma das poucas “mulheres fortes” a ganhar notoriedade naquela época.

Nascida em Viena numa família de artistas circenses, desde criança foi incentivada pelos pais, que também participavam de concursos de força, a praticar exercícios, destacando-se pela capacidade de levantar grandes quantidades de pesos. Na adolescência, junto com três irmãs, fazia exposições públicas demonstrando sua força física e costumava lutar em arenas ou em disputas de quebra-de-braço com mulheres e com homens. Brumbach adquiriu certa popularidade no início dos anos XX, e ficou famosa por derrotar o próprio Eugen Sandow em um desafio de força. Foi a partir desse evento que ficou conhecida, não por acaso, como “Sandwina”, um derivado do sobrenome de Eugen.

Katie “Sandwina” integrou uma famosa companhia de circo, a *Barnum & Bailey*, e era chamada pela imprensa de “Hércules de Saias”. Suas características femininas eram sempre ressaltadas quando comparadas à sua força física. Uma publicação do período observou o quanto era surpreendente Sandwina ter “beleza”, “graciosidade” e “contornos suaves no rosto”, a despeito do seu “tamanho” e “estrutura muscular” (TODD, 2007). Katie pesava 98 kg distribuídos em 1,82m de altura, razão pela qual em vários momentos teve sua feminilidade questionada, assim como a autenticidade de seu sexo biológico.

A imagem de Sandwina era emblemática e vista como uma espécie de anomalia, pois vinculada ao papel de “mãe” e “esposa” e, ao mesmo tempo, desafiava a convenção

de que as mulheres não poderiam praticar exercícios físicos, sob o risco de comprometer suas formas e funções biológicas ‘femininas’ ditas naturais, tal qual a maternidade. Prova disso foi quando ganhou, em 1910, o título de “a mulher mais forte do mundo”, merecendo uma matéria em um jornal de Nova York, como representante de “um novo tipo de mulher” que atrelava músculos fortes às obrigações de “uma verdadeira mulher” (p. 12), como as atividades domésticas e os cuidados para com a família. Sandwina costumava viajar com o marido e o filho durante as turnês.

Katie Sandwina foi uma das poucas, se não a única *strogwoman*, que conseguiu alguma visibilidade, e cuja biografia foi alvo de estudos posteriores<sup>5</sup>. Há um silêncio histórico em torno das trajetórias das mulheres precursoras da modalidade e sua importância dentro de competições, nos idos dos séculos XIX e começo dos anos XX, que atrelavam músculos e força física. Os exercícios físicos não eram recomendados ao “sexo feminino”, pois, sobretudo para o discurso médico da época, as mulheres tinham pouca energia e esta deveria ser direcionada para criação dos filhos e a execução de tarefas domésticas. Havia ainda o risco, sempre à espreita, do corpo feminino ter aspectos masculinizados.

É importante mencionar que o final do século XIX foi um período paradigmático para mudanças e transformações da posição política da mulher. Foram cunhados o termo e o movimento de “emancipação feminina” que, mesmo ainda restrita aos estratos médios burgueses urbanos (HOBSBAW, 1988, p. 152), e bastante modestos a esta altura, produziu efeitos notáveis e semeou o terreno para processos políticos e sociais importantes para os direitos da mulher<sup>6</sup>.

A situação das mulheres inseridas nas classes trabalhadoras, por exemplo, tem impactos nas taxas de natalidade, fazendo com que os padrões de famílias com numerosos filhos sejam reduzidos a poucos membros; a jornada de trabalho feminina e os impactos da industrialização separaram a casa do lugar de trabalho. Nesse período, começou a ser discutido o sufrágio entre homens e mulheres, que pressupunha uma igualdade política.

---

<sup>5</sup> Talvez Josephine Blatt (1869- 1923), a “Minerva”, que obteve o título de “mulher mais forte do mundo” em 1893, tenha se aproximado da notoriedade de Sandwina. Sua carreira foi marcada por inúmeras especulações e poucos registros confiáveis (TODD, 1990). Sabe-se, por exemplo, que ela foi casada com um *strongman*, Charlie Blatt, e que encerra oficialmente sua participação em competições em 1910.

<sup>6</sup> Tendo o apogeu nos anos 60 do século seguinte, principalmente com a elaboração de teorias feministas e movimentos de ruptura e contestação.



Nesse contexto o que significa a presença de “mulheres fortes”? Por que o discurso sobre a força física de Katie Sandwina foi enfatizado, senão “suavizado”, na conotação dos aspectos atribuídos ao *feminino* que versam sobre a maternidade e beleza?

Quase 150 anos depois do surgimento de personagens como Eugen Sandow e Katie Sandwina são nas concepções do que “homens” e “mulheres” fazem, pensam e sentem e em suas imagens corporais— considerados enquanto modelos que expõe a diferença entre *masculinidade* e *feminilidade*— que residem à legitimidade da participação de mulheres em modalidades esportivas, assim como a dubiedade suscitada por mulheres musculosas.

A partir desse quadro, ainda investido de um caráter introdutório, que permitirá maiores aprofundamentos e articulações nos capítulos seguintes, me deterei a seguir em algumas considerações sobre como o corpo musculoso tem o potencial de provocar questões sobre o estatuto da diferença, tendo em vista as representações das diferenças sexuais binárias fisicamente subjacentes.

Para tanto, considero instrutivo iniciar pelo já clássico argumento de Norbert Elias e Eric Dunning (1992; 1997) sobre a transformação das atividades de lazer no esporte moderno e a relação perpetrada por uma pretensa identidade masculina. A exposição dos autores se sustenta principalmente em favor de “papéis” estabelecidos previamente “entre os sexos”, bem como de uma divisão sexual construída em função da concepção de que as mulheres dão a vida, enquanto os caçadores teriam o poder de tirá-la.

A partir de uma análise da sociedade aristocrática inglesa, Norbert Elias preconiza que o esporte é resultado da domesticação dos ciclos de violência que caracterizavam as atividades não reguladas dos passatempos, sendo expressas em dois momentos históricos específicos. O primeiro, no século XVIII, durante o qual a transformação dos hábitos das classes dominantes ocorreu concomitantemente à “parlamentarização dos conflitos políticos”, fazendo com que, mimetizando o jogo político, esses grupos adotassem formas mais reguladas e controladas sobre as práticas de caça e corridas de cavalo, por exemplo. Já o segundo momento teria sua gênese em meados do século XIX quando a intervenção do Estado é conspícua sobre os conflitos de interesses— por intermédio de processos não violentos segundo regras acertadas previamente, que surtirão efeitos nos jogos de bola como o futebol e o rugby.

A uniformização das regras, a presença de especialistas e o desenvolvimento da concepção de *fair play* estabelecem o princípio de lealdade como uma ode às regras pacificadoras das práticas esportivas, que não apenas transformam as condições de personalidade dos indivíduos, ao inibir as ações imoderadas e perigosas dos afetos violentos nos jogos, como criam modos de autocontrole. Nesse sentido, o esporte moderno coincide com a consolidação do poder do Estado na sua prerrogativa de monopólio do uso da força e de regulação dos conflitos na arena pública.

Para efeitos de comparação, as análises de Norbert Elias encontram paralelos com as teses de Michel Foucault (2007; 2008) sobre o estabelecimento do Estado moderno, a partir do desenvolvimento das relações capitalistas, com a instauração do poder disciplinar e do regime biopolítico. Com o argumento de que o poder não é um objeto natural e sim uma prática social constituída historicamente, Foucault analisa micropoderes organizados em rede, que não se identificam necessariamente com o poder do Estado e tampouco se restringem a ele. Visto como um processo não global e descentralizado, o poder funcionaria como um dispositivo sentido em diversos setores da vida social e teria no corpo dos indivíduos seu enraizamento mais profundo. Estas técnicas de poder são nomeadas de disciplinas e permitiriam um controle meticuloso do corpo. Desse modo, assegurariam a produção de um saber, através da sujeição contínua que impõe uma relação de docilidade e submissão dos corpos e, conseqüentemente, dos indivíduos.

Como produto de dispositivos disciplinares, o sujeito seria fruto de uma representação “ideológica” da sociedade e, para Foucault, a partir do século XVIII, o ocidente experimenta uma fulcral transformação dos mecanismos de poder. Este processo ocorre quando o poder de soberania abdica do direito de tirar a vida e é substituído pela premissa de “um poder que gera a vida e a faz se ordenar em função dos seus reclamos” (FOUCAULT, 1988, p.128). Ou seja, os fenômenos relativos à vida, a preservação da vida humana, são apropriados pelo poder disciplinar a fim de vigiá-los, examiná-los, qualificá-los, controlá-los e hierarquizá-los.

A biopolítica nasce quando o biológico é apropriado pelo político, quando é submetido aos auspícios de um saber em prol da intervenção do poder, e regulamentaria os processos biológicos em benefício de um novo poder destinado ao controle da espécie humana. Ao instaurar a norma de promoção da vida, e exigir instrumentos e mecanismos contínuos de regulação e correção do “novo corpo”, a biopolítica produziria múltiplos saberes, tais quais a estatística e a medicina sanitária. Como efeito

histórico de uma sociedade normatizada que alia uma “tecnologia de poder centrada na vida” (p.135) aos processos disciplinares do corpo individual, a biopolítica, poderíamos dizer, também produziria um novo saber na figura do esporte moderno.

É necessário enfatizar as aproximações e distanciamentos entre os dois enquadramentos teóricos em alguns pontos. Ambos os autores abordam processos históricos e interdependentes de formas relacionais de poder, que se estabeleceriam diacronicamente na “civilização” ou sincronicamente nas “sociedades disciplinares”. Enquanto Foucault considera o sujeito como produto histórico de mecanismos disciplinares e práticas discursivas, Elias, por outro lado, capta o estabelecimento de novas regras de comportamento na confluência do autocontrole e da coação externa irradiados, sobretudo, pelas classes dominantes, num momento específico da história. Ainda que não seja necessariamente linear e progressivo, o caminho do processo civilizador é irrevogável e teria como missão equilibrar hostilidades humanas ao enquadrá-las nos padrões de civilização.

Eric Dunning (1992) nota, por exemplo, que a “suavização” feminina serviu para moderar a “violência” nitidamente presente nos homens e vice-versa, o que denotaria um fator atuante da “civilização” (p. 376), além do que “o crescente poder da mulher terá sido civilizador nos seus efeitos porque atraiu o homem mais para o seio da família nuclear e para dentro de casa, atenuando, por isso, as tendências *macho* que haviam sido predominantes em tempos anteriores” (p. 387-382). Em outras palavras, diferente da abordagem foucaultiana, evidencia uma concepção de “instinto”, portanto, de um conceito de “natureza humana” a ser domesticado pelos processos históricos<sup>7</sup>.

Por conseguinte, de acordo com Elias, “os ciclos de violência”, baseados em códigos guerreiros e masculinos de “força” e “coragem”, seriam processos nos quais os grupos estabelecem relações de dominação e sujeições, na condição de produtos de um estado de violência constante e excessivo— contido não apenas no que seria uma “natureza humana”, mas na “natureza” masculina em particular. Se, por um lado, o argumento aponta a mitigação de conflitos sociais entre vários grupos através de acordos, votos e dinheiro como substitutos da violência física e sangrenta, por outro, afirma que a invenção do esporte, no bojo do processo civilizador, tem suas raízes

---

<sup>7</sup> “Embora os seres humanos não sejam civilizados por natureza, possuem por natureza uma disposição que torna possível, sob determinadas condições, uma civilização, portanto uma auto-regulação individual de impulsos do comportamento momentâneo, condicionado por afetos e pulsões, ou o desvio desses impulsos de seus fins primários fins secundários, e eventualmente também sua reconfiguração sublimada” (ELIAS, 2002, p.21).

psicológicas e socioculturais no combate, como constructos simulados de combates, em lugares específicos e de excitação controlada, atuando como uma espécie de caça / batalha sancionada pela sociedade.

Argumento reiterado em outro texto de Dunning (DUNNING; MAGUIRE, 1997), intitulado *As relações entre os sexos no esporte*, ao afirmar que o esporte competitivo teria sua origem na formação de uma “identidade masculina”, na qual a imagem mais disseminada sobre a divisão entre os sexos é oriunda da figura do “homem-herói”, do “caçador”, do “competidor”. Corroborando uma lógica na qual a masculinidade estaria vinculada a uma divisão sexual do trabalho, Dunning parece asseverar que, com o passar do tempo, o “homem-caça” é transformado no “homem-sustentáculo da família” e suas chances de heroísmo surgem no campo dos esportes “e não na floresta durante uma perseguição sem tréguas para alimentar a tribo” (p.324). A partir daí, o processo de *esportivização*, na normatização de manobras e práticas, inclusas a adoção de locais específicos, associações e federações, seria uma experiência de validação da masculinidade.

Em função da crescente “feminização” da sociedade, em decorrência, sobretudo, da entrada de mulheres no mercado de trabalho, os homens veriam no esporte uma forma de “exercer seu poder masculino e tradicional por meio da força e da violência” (p.326). Sustentado pelo caráter ‘masculinizado’ de sua conversão, infere-se que, dessa forma, o esporte teria sido criado por homens e para homens através de símbolos masculinos que remeteriam ao controle de instintos beligerantes, expressando identidades sexuais *naturalmente* masculinas.

Desse ponto de vista, a mulher, excluída da caça e do combate, não teria uma vocação “natural” para o esporte. O homem seria o agente da norma, é a partir dele (e para ele) que o caos presente em ações amorfas e instintivas é conduzido a uma regulação, a uma ordem social, sob o nome de esporte. Elias e Dunning (1992; 1997) pressupõem que as modalidades esportivas, e suas gradações referentes ao controle da violência, são ‘civilizadoras’, entre os homens, e ‘anti-civilizadoras’, no caso das mulheres, pois tenderiam a desenvolver níveis de violências e masculinização em desacordo à sua natureza.

O texto clássico de Sherry Ortner “*Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?*” (1979) foi alvo de muitas controvérsias na época de sua publicação, cujas problematizações sobre o fato natural e ontológico da desigualdade das mulheres suscitam ainda hoje discussões sobre uma possível leitura masculinista e

reducionista da construção da diferença. No texto, a autora afirma que a opressão das mulheres partiria de um suposto universal e *pan-cultural*. A própria autora retoma parte dessas idéias para desconstruir o argumento de uma dominação masculina universal, que prescindiria dos contextos e polivalências das categorias culturais, no texto “*So, is female to male as nature is to culture?*”, publicado em 1996. Retomo aqui a referência ao texto de 1979, no entanto, porque ela corrobora a noção subjacente ao argumento de Norbert Elias, segundo a qual uma divisão sexual, dicotômica e hierárquica orientaria o surgimento do esporte, tendo como base pressupostos biológicos. Com uma diferença importante: o que Sherry Ortner coloca como constructo fundamental da opressão e desigualdade, Elias elabora como fonte de ‘legitimidade natural’. Nas palavras de Ortner,

o corpo feminino parece condená-la a mera reprodução da vida; o homem, em contraste, não tendo funções naturais de criação deve (ou tem a oportunidade de) basear sua criatividade externamente “artificialmente” por meios de símbolos e tecnologia. Assim agindo, ele cria objetos relativamente duradouros, eternos e transcendentais, enquanto a mulher cria seres perecíveis— os seres humanos (ORTNER, 1979, p.104).

As conclusões de Norbert Elias e Eric Dunning sobre o surgimento do esporte moderno são muito esclarecedoras (talvez porque muito controversas) para a compreensão da tensa relação da presença da mulher no esporte e do por que, mais precisamente, a associação de mulheres com músculos e força física é vista como uma exceção que representa não apenas uma “violação das leis da sociedade, mas uma violação das leis da natureza” (FOUCAULT, 2002, p. 70). Segundo eles, no nascimento das práticas esportivas modernas, as polarizações se desenhariam na força *naturalmente* superior dos homens e na inaptidão *natural* das mulheres.

Assim, os músculos, como característica corporalmente marcada e convencionalmente associada ao corpo masculino e atlético (BORDO, 1993), é alocado a partir de uma perspectiva relacional dada nos eixos da dominação, ou seja, no campo estruturalmente articulado e assimétrico de poder. Quais as origens desta concepção senão em caracterizações de “homem” (cultura) e “mulher” (natureza) nos seus respectivos “papéis” sexuais e sociais e atribuições de espaços de atuação? Na medida em que o “masculino” e o “feminino”, definidos como duas metades dicotômicas, são referidos pelo contraste, pelo que o outro não é, e por polarizações cujos marcos estariam na “força” e “virilidade” dos homens, de um lado, e na “fragilidade” e “fecundidade” das mulheres, por outro. Em nossa sociedade, tais dicotomias “não

implicam uma relação de ‘complementaridade’, mas sim uma oposição hierárquica” (STRATHERN, 2014, p.34).

O teste de validação de sexo exigido das mulheres em competições olímpicas é um ótimo exemplo desses binarismos contundentes e perversos na prática esportiva. Até o ano 1968, o COI (Comitê Olímpico Internacional) exigia um certificado de feminilidade, expedido pelo “Escritório Central de Controle da Feminilidade” (FAUSTO-STERLING, 2002), para todas as mulheres que competissem nas olimpíadas, independentes das categorias. As mulheres eram obrigadas a desfilerem defronte a uma banca de jurados para que fosse comprovada a presença de seios e vagina, além de se submeterem a testes ginecológicos. Em 1969, a “Política de Verificação do Sexo” (SILVEIRA; VAZ, 2014, p. 460-462) foi oficializada e consistiu em verificações “científicas” sobre os cromossomos sexuais; com o propósito de determinar *o verdadeiro sexo* das competidoras, sob a alegação de isonomia entre as concorrentes e legitimidade das competições femininas. A política de verificação do sexo só foi extinta pelo COI em 1999, deixando a critério das federações a validação da “feminilidade” entre as competidoras de suas respectivas modalidades. É claro o temor de que sejam ultrapassados os limites definidos segundo um discurso biológico de diferenças sexuais binárias : mulheres “masculinizadas” seriam antidesportivas.

Ora, as formulações de Norbert Elias e Eric Dunning essencializam a diferença entre os ‘sexos’, na medida em que consideram *natural* a exclusão de mulheres do processo civilizador de *esportivização*, por consequência de uma suposta incompatibilidade biológica<sup>8</sup>. Por outro lado, suas análises julgam a *esportivização* como uma experiência de gênero, pois situam a experiência de homens e mulheres em tornarem-se “homens” e “mulheres”, a partir da inserção ou exclusão no esporte, ainda que reifiquem os antagonismos entre masculinidade e feminilidade enquanto relações

---

<sup>8</sup> No capítulo intitulado “*O desporto como uma área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações*”, Dunning chama atenção de que o “caráter patriarcal do desporto moderno e o papel que este pode representar na conservação da hegemonia masculina apenas têm sido questionados por um grupo de escritoras feministas. Contudo, na maioria dos casos, revelam a tendência para tratar estes problemas como uma forma de discriminação no desporto contra as mulheres” e que tais abordagens seriam insuficientes para examinar as formas de domínio masculino, uma vez que não existiam, até aquela época, trabalhos que se dedicassem a sistematizar os termos dessa dominação. Ainda que afirme que “em qualquer sociedade, quanto mais acentuadas forem as formas do domínio masculino, maior será a tendência para prevalecer a rigorosa segregação entre os sexos” o autor não pretende prescindir de uma análise sociológica biologizante na qual emerge um “fato evidente” , em que se pese o papel da tecnologia para atenuar as desigualdades : “embora exista a este respeito um certo grau de imbricação entre os sexos, os homens são, de um modo geral, mais altos e mais fortes do que as mulheres e, por isso, tem mais capacidades de luta; e, em segundo lugar, a gravidez e o aleitamento dos filhos, entre outros fatores, contribuem para diminuir as faculdades das mulheres neste domínio” (1992, p.389-393).

desiguais, axiomáticas e antitéticas. Os autores prescindem ainda de que as diferenças entre homens e mulheres podem ser contextualizadas historicamente (FOUCAULT, 1995, 2006) e são formuladas de maneiras distintas segundo as épocas e os cenários socioculturais.

Em uma análise sobre a divisão social do trabalho entre os *guaiiaquis*, comunidades indígenas localizadas no noroeste brasileiro, Pierre Clastres (1989) considera o *arco* e o *cesto* como os signos da oposição entre as funções socialmente atribuídas aos homens e as mulheres, respectivamente: o homem é o responsável pela caça, cabendo-lhe, portanto, o manejo do arco; às mulheres, por sua vez, são destinados os encargos da coleta, cujo símbolo é o cesto. Os espaços de atuação de homens e mulheres orientam a vida material, econômica e as relações sociais da tribo através da delimitação dos espaços e das obrigações recíprocas.

Ao homem seria concedido o maior prestígio, pois enquanto caçador domina a floresta; as mulheres seriam as responsáveis pelo acampamento e os cuidados com a família. Desse modo, a oposição sexual é orientada economicamente a partir de um grupo de produtores e de consumidores. O *arco* e o *cesto* seriam, então, símbolos evidentes do pensamento Guaiiaqui sobre as interdições e o prestígio entre homens e mulheres, que se revelariam, principalmente, no tabu do contato físico nos objetos relacionados ao sexo oposto:

os sentimentos que cada sexo experimenta com relação ao objeto privilegiado do outro são muito diferentes: um caçador não suportaria a vergonha de transportar um cesto, ao passo que sua esposa temeria tocar seu arco, já que o contato da mulher e do arco é muito mais grave que o do homem e do cesto. Se uma mulher pensasse em pegar um arco, ela atrairia certamente, sobre seu proprietário o *pané*, quer dizer, o azar na caça. O que seria desastroso para a economia dos guaiiaqui. Quanto ao caçador o que ele vê e recusa no cesto é precisamente a possível ameaça do que ele teme acima de tudo, o *pané*. Pois, quando um homem é vítima dessa verdadeira maldição, sendo incapaz de preencher sua função de caçador, perde por isso mesmo a sua própria natureza e a sua substância lhe escapa: obrigado a abandonar um arco doravante inútil, não lhe resta senão renunciar à “sua masculinidade” e, trágico e resignado, encarrega-se de um cesto (CLASTRES, 1989, p. 75).

A perspectiva descrita por Clastres é de cunho relacional, de modo que a solidariedade presente entre os papéis sexuais é fundamentada nas relações de poder entre homens e mulheres e subsumida a padronização de suas diferenças, entre o “masculino” e o “feminino”. Como não mais poderá realizar as funções de caçador, já

que o instrumento da caça foi tocado, conseqüentemente contaminado, pelo feminino, o homem passaria do arco ao cesto e, como punição, “metaforicamente ele se torna uma mulher” (p. 76).

Um processo de natureza semelhante acontece entre os *Nuer* (HÉRITIER, 1989), pois quando uma mulher, depois de ter firmado matrimônio, permanece sem ter filhos durante muito tempo é obrigada a retornar à sua família de origem. Daí em diante, é considerada “homem”– irmão dos seus irmãos e tio paterno dos filhos dos seus irmãos<sup>9</sup>. Nesse caso, a mulher deixa de ser propriamente uma mulher por não corresponder ao seu papel social atribuído à fertilidade, já que entre os *Nuer* os homens não poderiam ser considerados inférteis (PRITCHARD, [1940] 2013).

São processos que revelam a construção simbólica da hierarquia entre homens e mulheres que, no entanto, emanam de um fato irredutível: a diferença. Sobre isso, o estruturalismo preconizado por Françoise Héritier (1989; 2004) argumenta que as características morfológicas e fisiológicas elaboradas sobre uma construção do biológico derivariam uma dominação que é, ao mesmo tempo, “teórica e concreta” (SZTUTMAN, 2004, p.238). A autora afirma que como “marca elementar da alteridade”, as relações de oposição entre os sexos nascem da hierarquia da representação da diferença, instituída por “características concretas e objetivas da produção dos corpos” (HÉRITIER, 2004, p. 25), resultando em construções simbólicas específicas. Héritier vê no controle social da fecundidade das mulheres o princípio fundador da diferença entre feminino/ masculino e sua conseqüente desigualdade. Não seria a diferença do sexo em si, mas a apropriação das mulheres a partir dos produtos e atributos de sua fecundidade, assim

(...) o verdadeiro prestígio está ligado à função do caçador. Eis-nos confrontados com nosso último enigma. O que é valorizado pelo homem, do lado do homem, é certamente o fato dele poder verter o seu sangue, arriscar a sua vida, tirar a vida dos outros, através da decisão do seu livre arbítrio; a mulher vê correr o seu sangue e dá a vida sem necessariamente o querer ou poder impedi-lo. Nisto reside talvez o motor fundamental de todo o trabalho simbólico exercido sobre a relação entre os sexos (HÉRITIER, 1989, p.25).

---

<sup>9</sup>“Ela vai poder constituir um rebanho, como um homem, com a parte que lhe cabe enquanto tio, ou com o gado entregue como preço da noiva para as suas sobrinhas. Com este rebanho e com o fruto da sua própria atividade pessoal, ela vai poder por sua vez pagar o preço de uma noiva por uma ou duas esposas. É enquanto marido que entra nestas relações matrimoniais institucionais. As suas esposas servem-na, trabalham para ela, honram-na, testemunham- lhe o respeito devido a um marido. Ela recruta um servo de uma outra etnia, Dinka na maior parte dos casos, a quem pede, entre outros serviços, o serviço sexual da sua ou das suas esposas. Os filhos nascidos destas relações são seus, chamam-lhe pai e tratam-na como é costume tratar um pai- homem” (HÉRITIER, 1989.p. 22).



Apesar da ênfase concedida aos aspectos biológicos em torno de uma característica comum a um dos sexos, a capacidade reprodutiva das mulheres, Hérítier aponta, contudo, que o invariante ou “irreduzível da diferença” biológica constituiria um sistema de pensamento que estaria presente na capacidade humana de formular a questão (HÉRITIER, 2004, p. 15-26). Isso não significa que as respostas também seriam invariáveis, pois sempre variável de acordo com os diferentes contextos culturais e simbólicos. O que é importante reter do argumento da autora, e nos outros exemplos mencionados, é a assimetria associada às representações binárias sexuais, sempre em proveito de um lado— o masculino.

Anne-Marie Colpron (2005), por outro lado, chama atenção para o xamanismo praticado pelas mulheres Shipibo-Conibo, comunidade indígena localizada na floresta central do Peru, que romperia a associação da função de “xamã” ao papel de “caçador-guerreiro”, como paradigma da masculinidade (p. 95). As mulheres xamãs exercem os papéis atribuídos à maternidade, agregando-os aos ofícios de xamã e adquirem funções sociais específicas que comumente são atribuídas aos homens. A autora argumenta que, diferente das literaturas apresentadas sobre o xamanismo praticado por mulheres nas sociedades amazônicas, as xamãs Shipibo-Conibo podem atingir etapas elevadas do poder xamânico. Colpron tece críticas ao que se produziu sobre os povos amazônicos que, com algumas exceções, tendem a negligenciar a existência de mulheres xamãs como representativo dos aspectos sócio-políticos e cosmológicos analisados nos seus respectivos estudos.

Já sobre os processos históricos do corporal e sexual na tradição ocidental, Thomas Laqueur (2001) argumenta que o modelo de sexo único adotado entre os gregos antigos afirmava que a mulher era um modelo imperfeito do homem, pois, anatomicamente, seria um “homem invertido” em função de uma transmutação simbólica dos fluídos. A menstruação da mulher seria uma versão imperfeita e inacabada do esperma do homem, uma vez que o esperma era em si mesmo uma purificação do sangue, uma substância pura, resultado de processos complexos de depuração corporal (HÉRITIER, 1989).

Esse modelo permaneceu em seus fundamentos até o século XVII, quando começou a ser formulado o modelo dos “dois sexos”: homens e mulheres são concebidos como fisicamente distintos. Nesse sentido, como lembra Butler (2007, p.153) é notória a própria historicidade do “sexo” enquanto categoria e ideal regulatório,

ou seja, o *sexo* seria desde o início normativo e não funcionaria apenas como “uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa”.

É importante destacar ainda as relações entre “raça” e “gênero”. Por ora, me detenho na forma em que foram articuladas em muitas correntes científicas do século XIX. Dentre elas, o darwinismo social e a biologia de orientação evolucionista. “Raça” e “gênero” eram categorias marcadas como equivalentes e correlacionadas tanto à diferença sexual quanto à diferença racial: a diferença de um poderia ser utilizada para explicar a diferença do outro. O peso do cérebro feminino, assim como a estreiteza do crânio, por exemplo, seriam análogos aos das raças inferiores e isso servia como explicação para a pouca capacidade intelectual tanto de algumas raças quanto das mulheres (STEPAN, 1994). No cerne das desigualdades em relação ao homem caucasiano, europeu e espécime de uma “raça superior”, as “raças inferiores” seriam correlatas ao “feminino” ou a “mulher” e vice-versa. A mulher era considerada, em termos evolutivos, o “elemento conservador” para o homem “progressivo”, preservando os traços mais “primitivos” encontrados em raças inferiores, enquanto os homens de raças superiores indicavam o caminho para as novas direções culturais e biológicas (STEPAN, 1994, p. 74).

No contexto brasileiro, tais teorias são enaltecidas também através da capacidade reprodutiva da mulher e no seu papel de “mãe”, características vistas como baluartes ao melhoramento da raça. As mulheres brancas seriam as guardiãs de uma raça superior. Desse modo, é importante destacar o período em que as representações da diferença entre o masculino e feminino, de acordo com uma argumentação biológica, são construídas a partir de discursos médico-sanitaristas e eugênicos, sobretudo, entre 1870-1930 (GOELLNER, 1999; MATOS, 2003, SCHWARCZ, 1994). O higienismo, enquanto política de controle e intervenção social, que orientava e ordenava a vida urbana com bases em doutrinas médicas, tinha penetração nos mais variados aspectos da vida, seja no trabalho, no comércio, na família e nos corpos. Baseado em discursos sobre a capacidade reprodutiva e o papel da maternidade, caberia à mulher a responsabilidade de agente de uma higiene social no âmbito da família, zelando pela saúde, bem-estar e na imposição de medidas profiláticas nos lares, garantindo a ordem pública<sup>10</sup>. Assim, a educação feminina passou a ser central para o controle e instauração de normas médicas e sanitárias que deveriam ser transmitidas pelas mães às filhas.

---

<sup>10</sup> “Qualquer outra atividade feminina que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como subordinada, acessória e desviante. O trabalho externo feminino provocava

Era necessário educar e movimentar o corpo indolente e formar cidadãos aptos para a vida urbana e modernizada. O aperfeiçoamento físico e moral da *mulher-mãe* seriam cruciais para as futuras gerações do país; aliados às normas médicas, a educação física e a prática de esportes passaram a ser incentivados como veículos de produção de corpos femininos, fortes, saudáveis, férteis e belos. A imagem da mulher-mãe simbolizaria também os discursos sobre a regeneração racial: conceber um corpo “forte” estaria relacionado ao fortalecimento de uma “raça forte”, “branca” e com a eliminação de marcas de “enfraquecimento” e “degeneração” atribuídas a “raças inferiores”. Nos anos 30, a dança, natação e ginástica eram atividades físicas bastante populares e altamente recomendáveis para as mulheres, “brancas”, “mães” e “femininas”<sup>11</sup>.

## 1. MÚSCULOS FEMININOS

Fato é que a *esportivização* regulamentou práticas corporais que na época de Sandow e “Sandwina” eram vistas apenas como lazer e entretenimento. Até o final dos anos 30, nos Estados Unidos, as performances de levantamento de peso e exibição musculares eram realizadas em campeonatos heterogêneos, nos quais só os homens tinham permissão de participar. Os termos halterofilismo e fisiculturismo (*bodybuilding*), no entanto, já eram utilizados para diferenciar as duas modalidades, seguindo critérios próprios de avaliação. O halterofilismo julgava a capacidade do competidor em utilizar a força máxima, através do levantamento de pesos, e o fisiculturismo é definido como o uso instrumental dos pesos para desenvolver a proporção e simetria dos músculos apresentados no palco. Com o tempo, o termo “halterofilismo” passou a se referir genericamente a atividades que usassem os halteres<sup>12</sup> e a prática de levantamento de peso se dividiu em duas modalidades:

---

indignação aos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais. Condenava-se o trabalho extra-doméstico das mulheres, que era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e de comprometimento da dignidade feminina, além de promover a mortalidade infantil e desordens sociais, tendo como conseqüências nocivas o abandono das crianças, a marginalidade, a tuberculose e a prostituição” (MATOS, 2003, p. 112).

<sup>11</sup> “As atividades físicas, portanto, é conferida a tarefa de corrigir as deficiências da raça brasileira ao mesmo tempo em que deve modelar o corpo feminino desenhando sobre ele novos contornos onde a harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza devem ser preservadas. A construção de um organismo feminino forte estava assentada no trinômio “saúde, força e beleza”, pois desse trinômio resultaria a força de uma geração de novas criaturas, e, por conseguinte, de um novo país ( GOELLNER, 2008, p. 15).

<sup>12</sup><http://historyofbodybuilding.org/>

<http://www.ifbbpro.com/news/history-of-the-ifbb-professional-league>

levantamento de peso básico e levantamento de peso olímpico, única modalidade reconhecida pelo COI.

O fisiculturismo, por sua vez, ganhou autonomia somente com a criação, em 1946, no Canadá, da *International Federation of Bodybuilding and Fitness* (IFBB) que, junto com a *National Amateur Body-Builders' Association* (NABBA)<sup>13</sup>, fundada em 1950, na Inglaterra, formam as maiores e mais influentes federações internacionais da modalidade. A distinção do fisiculturismo, em sua relação com outras atividades mediadas pela musculação, são as performances públicas, com objetivos competitivos, a partir de critérios de julgamento e requisitos técnicos específicos, geralmente nos termos de proporção, simetria, volume e definição muscular<sup>14</sup>.

Somente dezessete anos depois de sua fundação, em 1963, a IFBB organizou um campeonato para mulheres chamado *Miss Americana* que, assim como *Miss Body Beautiful* e *Miss Physical Fitness* promovidos durante a década de 70, eram “concursos de beleza” cujos critérios de julgamento se baseavam no uso de jóias, o corpo magro e não musculoso, maquiagem, a exigência de saltos altos e biquínis (LOWE, 1998). O primeiro concurso propriamente de “fisiculturismo feminino” só ocorreu em novembro de 1977, em Ohio. Henry McGhee, um de seus organizadores, recomendou que as mulheres não pudessem ser julgadas “como homens”, observando que a avaliação dos juízes não recairia na simetria e desenvolvimento muscular, como ocorria nas competições masculinas.

Em agosto de 1978 foi realizado um evento chamado *The Best in The World Contest*, incluindo um concurso de mulheres fisiculturistas. Foi a primeira competição sancionada pela IFBB a admitir o uso do termo “fisiculturismo” numa competição feminina (*female bodybuilding*). Essa competição foi precursora da *Miss Olympia*—famoso campeonato da liga profissional, criado em 1980, e realizado anualmente pela IFBB. Entretanto, o organizador do evento, George Snyder, deixou claro que não se tratava de um concurso semelhante ao fisiculturismo masculino: as mulheres seriam julgadas pela “*avaliação geral*” da aparência e não pelo volume muscular. Segundo ele,

---

<sup>13</sup> Além da IFBB e NABBA, existem outras quatro confederações de fisiculturismo internacionais atualmente. São elas: WBBF (*World Body Building Federation*), WBFF (*World Beauty Fitness & Fitness*), WBPf (*World Bodybuilding & Physique Sports Federation*) e WNBf (*World Natural Bodybuilding Federation*).

<sup>14</sup> A acepção do fisiculturismo a partir dos seus aspectos competitivos é bastante controversa, pois, como veremos nos próximos capítulos, ao mesmo tempo em que a participação em campeonatos é um importante marcador da diferença entre fisiculturistas e não fisiculturistas são tênues as linhas que demarcam as condições de legitimidade.

aquele evento era, na verdade, um “concurso de beleza para mulheres fisiculturistas”, não propriamente uma competição de fisiculturismo (LOWE, 1998, p. 56-58).

No Brasil, os campeonatos de levantamento de peso já eram realizados desde o final dos anos 40. A primeira federação de fisiculturismo foi fundada em 1967, em São Paulo<sup>15</sup>. Já em 1978, a Confederação Brasileira de Culturismo (CBC), conhecida atualmente como Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF), filiou-se a IFBB e passou a adotar os critérios de julgamento desta federação. Semelhante às competições internacionais da época, os competidores eram avaliados pela definição, proporção e hipertrofia muscular— a divisão por categorias só aconteceu em meados dos anos 90.

Apenas em 1984, no Rio de Janeiro, é realizada a primeira competição feminina de fisiculturismo. E um diferencial marca a entrada das competições femininas no país: as mulheres são avaliadas pelos mesmos critérios que os homens. Marlene P. Farias foi a primeira *Miss Músculo* brasileira<sup>16</sup>, chegando sagrar-se vencedora na disputa do melhor físico dentre os homens e as mulheres, em 1986. Nos anos seguintes, esse formato foi se transformando, sobretudo, com a criação de categorias determinadas pelas federações internacionais e as estratégias de normalização do corpo musculoso nas competições de fisiculturismo em benefício das representações “tradicionais” de feminilidade e masculinidade (NDALIANIS, 1995; SCHULZE, 1997).

A Federação Baiana de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (FBMFF), fundada em 1964, é filiada à Confederação Brasileira de Musculação, Fisiculturismo e Fitness (CBMFF), maior federação de fisiculturismo amador em solo nacional que por sua vez representa, no Brasil, a Federação Internacional de Competições de Fisiculturismo Amador e Profissional— IFBB.

As federações estaduais de fisiculturismo são registradas como personalidade jurídica de caráter desportivo e reconhecidas pelo Sistema Nacional de Desporto, desse modo, possuem autonomia administrativa e poder decisório desde que se enquadrem nos termos da SND. O fisiculturismo não é reconhecido pelo COI como modalidade esportiva e competitiva oficial, sob a alegação de que a prática lesaria a performance desportiva, por não haver um rendimento físico (ou de movimento) mensurável e dos numerosos casos de violação do regulamento antidoping. Em função disso, é vetada a participação do fisiculturismo em competições promovidas pelo comitê olímpico e não

---

<sup>15</sup> <http://www.ifbbrio.com.br/>

<sup>16</sup> <https://doctorbody.wordpress.com/a-historia-do-fisiculturismo-feminino-e-doctorbody/>

existe uma confederação que o unifique através de regras homogêneas. Assim, há uma profusão de federações de fisiculturismo— sejam elas reconhecidas ou não pela SND— pelo país que, pelo princípio da autonomia, podem adotar os regulamentos e critérios de avaliação que desejarem.

A CBMFF-IFBB (IFBB-Brasil) tem vínculos com federações de onze estados, além da Bahia: Brasília, Ceará, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Piauí, Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina e São Paulo (onde também se localiza a sede da confederação). Todos os competidores que desejarem participar de concursos promovidos pela IFBB devem filiar-se a alguma federação estadual que esteja associada à CBMFF, através de uma taxa anual estipulada pela federação destinada.

Os campeonatos amadores são divididos em oficiais e abertos. Os oficiais são compostos pelo Campeonato de Estreantes, Campeonato Estadual, Campeonato Brasileiro, Campeonato Sul-Americano e o Campeonato Mundial, já os abertos ficam a critério da promoção das federações estaduais ou da própria CBMFF-IFBB que podem realizá-los em qualquer momento do ano, desde que em consonância ao calendário dos campeonatos oficiais.

Os campeonatos profissionais são disputados paralelamente e só os competidores que obtenham o *pro-card* estão habilitados a se inscrever e participar. O acesso ao *IFBB-Pro* poderá ocorrer por meio de dois processos. O primeiro: depois da classificação nas etapas estaduais é necessário obter uma colocação entre os três melhores, na sua respectiva categoria, no campeonato brasileiro; só a partir daí o competidor poderá disputar os campeonatos amadores mundiais e sul-americanos— nos quais deverão, novamente, obter uma das três primeiras posições. Após essas etapas, a CBMFF deverá indicar os nomes dos competidores a fim de pleitearem o *pro-card* à sede da IFBB internacional, na Espanha. Apenas mediante aprovação do comitê internacional da IFBB, o competidor se torna um fisiculturista profissional e passa a competir somente na liga profissional, cujo concurso mais famoso e o auge de uma carreira é vencer o *Olympia*<sup>17</sup>. Já o segundo seria mais direto e menos gradual através da conquista do overall em um campeonato da liga profissional, ou seja, ser o melhor entre os melhores em todas as categorias, numa mesma competição.

---

<sup>17</sup>O troféu do campeonato dado aos vencedores, inclusive, é uma réplica de Eugen Sandow, popularmente conhecido entre os competidores como troféu "Sandow" e o maior reconhecimento que um fisiculturista pode receber durante a carreira.

A concepção de uma ética fisiculturista obedece, principalmente, a prerrogativas antropométricas que se relacionam com os percentuais de gordura corporal e volume muscular. Mulheres e homens fisiculturistas seguem uma rotina inteiramente dedicada à produção e manutenção de sua arquitetura corporal. O rigor na alimentação e os treinos diários são planejados e controlados conforme o que se queira como resultado; as atividades metabólicas são condicionadas para seguir um cronograma específico, a fim de atender aos ciclos de anabolismo e catabolismo<sup>18</sup>.

De maneira geral, todas as atividades corriqueiras são mediadas pelas necessidades do treinamento e das dietas, tendo em vista o calendário das competições. As características anatômicas, no entanto, precisam ser assinaladas a todo o momento para que se mantenham os limites e as distinções entre o “feminino” e “masculino” nos corpos em constante manipulação. É como se a hipertrofia muscular colocasse o estatuto da diferença entre a feminilidade e masculinidade em risco: ela, a diferença, precisa ser o tempo todo lembrada para que não seja perdida.

A história do fisiculturismo feminino da IFBB é um reflexo desse tipo de construção e, talvez, nos anos 80 essas tensões tenham sido mais explícitas. Refiro-me, particularmente, à reação da IFBB diante do filme *Pumping Iron II: The Women*, lançado em 1984, que mostrava os bastidores da preparação de fisiculturistas mulheres para o *Ms. Olympia* daquele ano. A disputa polarizava-se na figura de duas competidoras, quais sejam, Rachel McLish e Bev Francis<sup>19</sup>. No documentário, McLish é apresentada como a competidora dotada de características femininas mais acentuadas, enquanto Bev aparece com níveis de volume muscular jamais visto, comparáveis com a hipertrofia apresentada nas categorias masculinas. Naquele concurso, Rachel McLish sagrou-se vencedora e Bev Francis foi penalizada com oitavo lugar, tendo como justificativa dos juízes o fato de ser “pouco feminina” (NDALIANIS, 1995; LEPPihalme, 2000). Em decorrência daquela competição e seus desdobramentos, já

---

<sup>18</sup>Conforme descreverei com mais detalhes no capítulo 4, são processos relacionados às atividades metabólicas dos tecidos musculares. O processo anabólico concerne aos períodos de reconstrução das células musculares que os fisiculturistas atribuem como o momento de crescimento muscular. Por sua vez, o catabolismo é o período de não regeneração e fadiga das células musculares prejudiciais ao crescimento.

<sup>19</sup>Bev Francis era australiana, ex-atleta de levantamento de peso e acreditava que o fisiculturismo poderia fazê-la atingir o máximo de hipertrofia muscular. Ela comungava do ideal do músculo associado ao poder e força, como fica explícito nesse trecho, retirado de um manual que escreveu para iniciantes na musculação: “Everyone loves to train arms. They are, after all, "glamour" muscles and, being quite visible, give one a very powerful feeling when they're flexed. Just sitting in a chair, then pulling them up toward you and watching the muscles swell fills you with a sense of strength and power. That sensation never leaves a bodybuilder” (NDALIANIS, 1995).

no concurso de 1992, as competidoras foram formalmente informadas de que não seriam permitidos “músculos excessivos” e que, sob o risco de eliminação, seriam julgadas de acordo com “músculos femininos” (NDALIANIS, 1995, p. 8). O problema era claro: como definir “músculos femininos”?

A despeito da orientação da IFBB, ao longo dos anos 90, em função da pressão de muitas competidoras, a hipertrofia máxima e a existência de “mulheres grandes” dominaram muito dos circuitos competitivos amadores e profissionais. No entanto, nos anos 2000, a tendência da federação foi a de utilizar estratégias que procurassem enquadrar o fisiculturismo no mercado publicitário e numa indústria de consumo que, só para citar um exemplo, movimentava por ano mais de 72,7 bilhões de dólares – 2,45 bilhões no Brasil<sup>20</sup>. A inclusão do termo “*fitness*” no nome da federação, antes chamada apenas de *International Federation of Bodybuilding*, e a divisão das categorias entre “fitness” e “fisiculturismo”, ou seja, uma divisão entre grupos de categorias que sejam “mais comerciais” e aquelas que conservam e caracterizam, digamos, o “espírito” do fisiculturismo, enquanto prática que prioriza o excesso de músculos, denotou a nova ordem promovida pela federação. Igualmente, o investimento em novas filiadas pelo mundo revela como a questão da comercialização e a tentativa de popularizar o esporte foi imperativa ao longo dos anos.

Os custos de um lugar no *mainstream* se situam, mormente, no corpo das mulheres fisiculturistas, pois a questão de como determinar um gênero para o músculo, ou “músculos femininos”, permeia os critérios de julgamento e a definição dos regulamentos da IFBB. Na busca de um fisiculturismo “menos agressivo” e “mais comercial”, a federação estabeleceu padrões que tendem a reforçar as normas de gênero nos campeonatos, sob a alegação de que a “estética” e a “saúde” das competidoras deveriam ser preservadas e priorizadas (JAEGUER, 2009).

A formalização de um padrão para “músculos femininos” deu-se definitivamente em 2014, com a extinção do “Culturismo Feminino” em campeonatos amadores<sup>21</sup>. *Women Physique* e *Bodyfitness* são as únicas categorias consideradas de “fisiculturismo” em vigor nos campeonatos da IFBB cuja proporção de músculos entre as mulheres é relativamente proeminente, porém sem “perder a feminilidade”. Já

---

<sup>20</sup>Dados referentes ao ano de 2013, fornecidos pela International Health, Racquet & Sports club Association (IHRSa) <http://www.ihrs.org/> e Associação Brasileira de Academias (ACAD Brasil) <http://www.acadbrasil.com.br/>

<sup>21</sup> A categoria, no entanto, ainda é uma das oficiais nos campeonatos profissionais.



*Wellness*, *Bikini Fitness* e *Fitness Coreográfico* são enquadradas na categoria “*fitness*” e apresentadas como dotadas de um caráter mais comercial.

No Culturismo, o corpo deve apresentar um formato em “X”, ou seja, partes superiores e inferiores largas, cintura fina, e ênfase na hipertrofia máxima: todos os grupos musculares deveriam ser plenamente desenvolvidos. Esse formato passou a ser considerado pela federação como incompatível com a “forma feminina” e muitas das mulheres que competiam nessa categoria foram obrigadas a adaptar o corpo para outras categorias oficiais, migraram para outras federações ou simplesmente desistiram de competir. Nas competições masculinas, o culturismo é tido como uma categoria amadora e profissional oficial e uma das mais importantes da federação. Tais interdições deixam evidentes que não haveria uma incompatibilidade biológica inerentemente feminina que tornam as mulheres inaptas para a participação dessa ou daquela categoria, mas remetem a categorizações sociais da apreensão ( e limitações impostas) da diferença entre os “sexos”.

No capítulo seguinte acompanharemos as motivações de minhas interlocutoras em participar de campeonatos de fisiculturismo, observando como critérios relacionados à *beleza* e ao *estilo de vida saudável* são determinantes para a seleção de futuras competidoras. A modificação de seus corpos é acompanhada por transformações que dizem respeito a um novo *ethos* que orienta toda a dimensão de suas existências e a produção das subjetividades. A conformação desse corpo ao fisiculturismo se dará a partir de um constante jogo de semelhanças e diferenças que, por um lado, é produzido em função do gênero e, por outro, pelos auspícios da disciplina.

## CAPÍTULO 2

### A BELEZA COMO MALDIÇÃO

Aos dezesseis anos Camila matriculou-se na academia próxima de sua casa, num bairro de classe média alta da cidade. Na época, se achava “muito magrinha”, “meio feia”, sem muita “presença”. Desde criança seu corpo a incomodava. Tentou *ballet*, *jazz*, mas os resultados não lhes eram satisfatórios. Apesar de ter melhorado sua flexibilidade e condicionamento físico através da prática de dança, seu corpo não se modificava a contento. Tudo começou a mudar após um mês de treinamento em musculação e corridas na esteira. Percebeu que seus braços adquiriram contornos maiores, a sua cintura, assim como o aspecto geral de seu abdômen, já não eram mais os mesmos. Tudo estava mais “definido”. Era isso, pensou, começava a “ganhar um corpo”. Se com um mês já tinha esses resultados, imagina depois?

Karla, por sua vez, era aterrorizada pelas lembranças de uma infância “gorda”. Embora conte, aos risos, como os colegas na época de escola costumavam encenar, na hora do recreio, trechos de “*Free Willy*” para fazer-lhe troça, comparando-a com a baleia orca do filme, lamentava o fato de não ter aproveitado mais a vida quando criança e na adolescência por causa do volume corporal. A verdade, ponderou, não era exatamente quanto pesava, mas ter ficado cada vez mais retraída com as piadas e os convites para as festas que nunca vinham. Era como “se eu não existisse”, lembrou. Aos vinte anos, resolveu emagrecer. Fez dieta, se matriculou na academia. Não agüentava mais ser gorda, testemunhou-me— pois “já estive do outro lado” e sabe “o que é” ser “feia e gorda”. Agora, mais de dez anos depois, ela se orgulha dos músculos e jurou que jamais será gorda novamente.

São dois exemplos bastante significativos e recorrentes na narrativa de mulheres fisiculturistas, porque contém variáveis fundamentais da primeira mudança que marca o “antes” e o “depois” de suas trajetórias corporais, caracterizando a entrada do que os fisiculturistas comumente se referem como *mundo fitness*. Se, no primeiro momento, a gordura e a magreza parecem se opor a partir de tessituras corporais intrínsecas, as duas

histórias também sugerem a percepção de um corpo passível de ser modelado, através de técnicas e ações de cunho terapêutico (os exercícios físicos e as dietas alimentares), como condição de visibilidade e, finalmente, a transmutação *em beleza*. “Ganhar um corpo”, “tornar-se visível” obedeceria ao imperativo da *definição*, uma tensão sensível e ponderada da “carne” garantida pela proeminência dos músculos e ausência de gordura.

Ora, o conceito de beleza não é universal, tampouco imutável, sua genealogia atravessa os séculos e as culturas. O “mito” da beleza não corresponderia somente à aparência, mas a comportamentos (WOLF, 1992) que variam historicamente e de acordo com padrões socioculturais. Nesse sentido, ainda que coexista com outros padrões de beleza, o corpo musculoso não seria, em si, uma novidade. Em sua história recente, desde finais do século XIX e início do século XX, o conceito de *belo* é delineado através de uma aparência *atlética*, na qual o movimento e a flexibilidade—sobretudo no contexto das cidades urbanizadas e em ritmo de produção industrial— são enaltecidos doravante à *nobreza do músculo*<sup>22</sup>. Os anos 1920, concomitante a repulsa da gordura e o alarde de seus malefícios, também foram marcados pela profusão de técnicas de emagrecimento: o que aparenta ser *firme e tônico* é exaltado, em detrimento do *flácido, pesado* e com aspectos de relaxamento ou displicência (VIGARELLO, 2012).

Na Inglaterra do final do século XIX, por exemplo, período conhecido pela constituição de uma “cultura da beleza” (WON CHUNG, 2010), a proliferação de técnicas artificiais de embelezamento tinham o objetivo de “esconder” o corpo *real*. O corpo “natural”, sem intervenções, era considerado uma deformidade:

the natural, unadorned body was regarded as comprising deformities that made a woman ‘ugly’ while artificial aids were regarded essential in refining the natural defects. Women were advised not to submit to, what a ‘Professional Beauty’ calls the ‘cold and unsympathetic nature’ but, instead, refine nature to make beauty more beautiful, and ugliness hidden or eradicated. Beauty was thus achieved by employing artifices that concealed or even eradicated the ‘defective natural’ body (WON CHUNG, 2010, p. 123).

Os rituais de embelezamento pressupunham um *segredo* que deveria ser mantido a favor da aparência, em contraponto ao que seria a “verdadeira essência” da mulher. Só os

---

<sup>22</sup>“A silhueta esbelta e esportiva, membros finos e musculosos, sem gordura parasitária, uma figura enérgica e aberta: eis hoje o ideal de beleza feminina”. Manchete da Vogue, em 1936. (Georges Vigarello, p. 244, 2012).

resultados externos do embelezamento deveriam ser expostos, seus processos são prontamente ocultados sob as máscaras cosméticas que esconderiam o corpo “natural”.

Com um caráter medicalizado, a tendência em “curar” uma aparência “feia” chegou ao Brasil no início do século XX. Os remédios eram usados por mulheres “desprovidas de beleza” que possuíam uma expressão de “dor” e “desânimo”, ou que sofressem com “inflamações do couro cabeludo”, “manchas”, “azedumes”, “anemia do rosto”, “estômagos fétidos”, dentre outros males considerados, na época, como estéticos. Mulheres, portanto, *doentes* cujo problema com a beleza é diagnosticado e submetido à esfera da *saúde* (SANT'ANNA, 1995).

Sobre isso, é importante destacar que discurso biomédico tende a promover as condições de uma percepção de si como passível de ser doente, em outras palavras, a responsabilização do sujeito pela sua própria saúde. A promoção de práticas que enunciam uma “qualidade de vida” é pautada numa busca pela “saúde”, associada à “beleza” na medida em que o sujeito é o responsável por suas imperfeições e aos fatores que lhes seriam prejudiciais. No caso das mulheres em particular, é como se, nos adverte Roland Barthes (2001), a medicina permitisse “conferir à beleza um espaço profundo” e persuadissem as “mulheres de que são o produto de uma espécie de circuito germinativo onde a beleza das eflorescências depende da nutrição das raízes” (p.58).

As publicações de revistas de beleza voltadas para o público feminino no Brasil, nos anos 80, podem exemplificar este processo. Em 1987, ano de sua primeira edição, a revista *Corpo a Corpo* lançou o seguinte *slogan*: “Qualidade de vida para gente atenta”<sup>23</sup>. Já, quase dez anos depois, numa edição no ano de 1999, o seu mote publicitário foi ainda mais direto, ao especificar os termos dessa “qualidade de vida”: “Beleza, Dieta, Moda, Ginástica e Saúde” (CASTRO, 2001). Ou seja, o que poderíamos chamar de “publicidade da beleza” se fundamenta numa espécie de “representação épica do íntimo” (BARTHES, 2011, p.58) cujo princípio seria o da mulher se encontrar com ela mesma através de técnicas cosméticas e corporais com finalidades estéticas que visam a um só tempo a conquista da beleza e da saúde: a “beleza saudável”.

Esses exemplos se reportam ao corpo como uma realidade biopolítica, efeito do poder disciplinar que, na medida em que promove sua objetivação, transforma seres humanos em sujeitos. A análise foucaultiana determina duas acepções para o termo

---

<sup>23</sup> “Quando a gente fala em beleza, não estamos só falando de cosméticos, estamos falando de bem-estar, de qualidade de vida, porque a gente acha muito difícil alguém ser bonito sem estar bem consigo mesmo”, trecho da entrevista de uma das editoras da publicação na época (CASTRO, 2001, p. 59).

sujeito: submetido “ao outro pelo controle e dependência, e sujeito ligado à sua própria identidade pela consciência ou autoconhecimento” (FOUCAULT, 1995, p. 235). Em ambas há uma conformação do poder que submete “e torna sujeito a”. E, nesse sentido, o autor faz um importante alerta quanto a importância da agência desses sujeitos:

o exercício do poder pode perfeitamente suscitar tanta aceitação quanto se queira: pode acumular as mortes e abrigar-se sob todas as ameaças que ele possa imaginar. Ele não é em si mesmo uma violência que, às vezes, se esconderia, ou um consentimento que, implicitamente, se reconduziria. Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre um campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem e são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

A tecnologia disciplinar, na qualidade da promoção de um saber, determina como os indivíduos são classificados em função de padrões de normalidade e desvios para a produção de corpos saudáveis.

O “cuidar de si” caracterizaria mecanismos de sujeição relacionados não apenas à produção da verdade (poder + saber), mas a “verdade” do próprio indivíduo: ele produz subjetividades. Assim, “a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo... tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado” (2007, p. 25) e afirmam o investimento do poder sobre *um corpo sadio*. Camila e Karla “corporificam” seus próprios corpos porquanto os enquadram na norma de um corpo “magro”, “livre de gorduras”, “jovem”, cujos músculos sejam marcados e proeminentes.

É sobre o corpo, continua Foucault, que

se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (2007, p.25).

E é sobre ele que a beleza se coloca como força, não apenas como um ornamento ou uma forma, tão importante quanto à busca por comida e abrigo para a garantia da sobrevivência. Na economia contemporânea globalizada, esse *novo corpo*, sujeito a intervenções estéticas, é para onde estão direcionados todos os holofotes desse palco do

grande drama de dominação da natureza. A beleza é direcionada a alguma coisa, não é, pois, necessariamente, uma coisa em si, e o corpo da mulher é o centro do seu desejo e, assim, sua maior vítima.

Michael Taussig (2012) nos fornece várias imagens de como a beleza e a tragédia se consubstanciam em relações conspícuas nas quais o consumo e o desperdício são variáveis fundamentais. Para o autor, a noção de *utilidade* preconizada pela economia clássica é insatisfatória para compreender as dinâmicas das sociedades humanas. Seguindo as formulações de Georges Bataille, Taussig argumenta que as trocas econômicas não teriam como princípio a necessidade, mas, inversamente, a destruição e a perda. O consumo seria a força motriz sem a qual o capitalismo contemporâneo não poderia existir, bem como o desperdício decorrente da lógica inerente a esse sistema.

Em relação à produção, o consumo assume a dianteira do capitalismo e a inexorabilidade da perda viria em forma de *maldição*: o excedente, inserido numa noção de gasto improdutivo, não é empregado para o desenvolvimento do sistema, senão como uma espécie de mal necessário que garantiria a sobrevivência das trocas econômicas. É nesse sentido que, para Taussig, a história da beleza é composta de histórias de *dépense* (despesa/gasto). O embelezamento se relacionaria com o estatuto do corpo “as emblem and vehicle for a way of being that has displaced work and discipline in favor of style, transgression, and eroticized excess” (p.10). A beleza, na medida em que se torna uma mercadoria, seria o resultado desse consumo excessivo e dispêndio, “o sol [que] dá sem nunca receber” (BATAILLE, 2013a, p. 47).

Em um trabalho anterior ([1980]2010), sobre o significado social das representações sobre o diabo entre trabalhadores dos canaviais da Colômbia e os mineradores de estanho na Bolívia, nos anos 70, o autor argumentou que o pacto com o diabo estaria relacionado ao processo de proletarização do campesinato na transição para um modo de vida baseado nas relações capitalistas de produção. O diabo emergiu naquele contexto como uma imagem profunda e poderosa que alude “contra o sistema econômico que força os homens a trocar suas almas pelo poder destrutivo da mercadoria” (p.18). Fazer um pacto secreto com o diabo estaria no cerne de significações de uma consciência pré-capitalista, na qual o aumento da produção e do próprio salário traria frutos malignos, uma vez que promove a esterilidade da terra e, conseqüentemente, a morte.

Mais de trinta anos depois, a imagem do pacto com o diabo retorna como esse espectro que continua a assolar as várias histórias dessas regiões da América Latina. Dessa vez, o diabo assume a dianteira através do *dépense*, sobretudo, às mulheres, a partir de uma demanda da sociedade por *beleza e glamour*.

Digamos que o diabo tenha triunfado numa economia camponesa minada pelas guerras do narcotráfico e pelo advento do agronegócio. Não há mais terras para os agricultores de outrora, a precarização do trabalho atingiu níveis inimagináveis e as condições de vida são deterioradas com as novas relações de produção. Nessas condições, diz Taussig, o corpo emerge como um capital e o cuidado com a aparência—o embelezamento— é a moeda de troca pela sobrevivência.

A lógica de produção que deteriorou o antigo modo de subsistência promoveu inúmeras histórias de *horror* na região do Vale do Cauca. Destaco aqui, todas as que envolvem o “mercado de carne feminina”, cujo substrato essencial situa-se nas meninas pobres, entre doze e vinte anos de idade, que são entregues (algumas vezes, pela própria família) a narcotraficantes em busca de melhores condições de vida,

it is the young, especially the young, who carry this new history on their bodies, as if, now landless, all the minutiae of care once bestowed on their intricate farms of trees, has been transferred to the care of the appearance of the body. And just as the plantations on all sides of the life-world technologize the land with chemicals for this and that, newer and bigger machinery for this and that, massive tractor trailers rumbling through country lanes stirring up mighty clouds of dust, so the body of the young people, bereft of land, becomes increasingly technologized as well. The body changes in a fundamental way. The body that is ours, no less than the body of the world that was once ours, is now theirs, but by rights belongs to all and none (TAUSSIG, 2012, p. 73).

Às mulheres jovens quase nada resta, senão desejar pertencer ao glamour proporcionado pelos ricos traficantes de drogas. E é aqui que o diabo cobra seu preço: só a partir da *metamorfose em beleza* obtêm seu passaporte para *um novo estilo de vida*. Para corresponder às exigências estéticas dos seus novos senhores, se submetem a intervenções que vão desde a implantação de óleos de cozinha nos seios ou nas nádegas no quintal de suas casas a cirurgias no rosto e lipoaspirações—esses últimos, amplamente procurados por prostitutas colombianas residentes na Espanha, que retornam para sua cidade natal a fim de realizar tais procedimentos a preços módicos.

Taussig narra, principalmente, histórias de intervenções estéticas que não deram certo, nas quais o tiro [de beleza] saiu pela culatra, em narrativas trágicas de erros

médicos, pós-cirúrgicos ou deformações corporais: “with the cane cutters, we have the devil contract, which increases wages but renders nature barren. With the women undergoing surgery, nobody talks of the devil per se, but he is surely present, insofar as the promise of beauty is dashed on the rocks of disaster” (p.151).

As cirurgias de intervenções estéticas não mudariam somente o corpo, mas mudariam o seu interior ao construir novas possibilidades de destino. Como as antigas histórias de pactos secretos com o diabo, as cirurgias seriam apostas altas para a mudança da própria sorte. A manipulação fisionômica ambicionaria não apenas uma “*face-lift*”, mas também uma “*soul-lift*”. Diante disso, o que acontece com a própria história quando os rostos são alterados? A conexão entre beleza e morte fica ainda mais evidente, pois ao criar um novo exterior, alterando o interior, estaríamos diante de um cenário de renascimento: um “novo” corpo, um “novo” eu, a “morte” do antes. Assim, o embelezamento corporal não se limita a realização de meras intervenções estéticas, mas acarreta preocupações cósmicas, são cirurgias cósmicas<sup>24</sup> (*cosmic surgery*), pois, também dizem respeito à ‘cosmologia’ pessoal e íntima de quem passa por estes procedimentos.

A ética aqui é estética e intrínseca à economia, de tal modo que “(...) as cirurgias cósmicas são autofágicas. O sujeito consome o próprio corpo do modo que lhe convém ou é determinado pela moda” (RODRIGUES, 2013, p.398). E o embelezamento, de acordo com os parâmetros ocidentais, é também um processo alinhado aos discursos hegemônicos que tendem a normatizar as classificações binárias sexuais. A *beleza feminina*, em especial, é caracterizada a partir de um desejo sexual *masculino* instituído e de uma regulamentação heterossexual e compulsória desse desejo (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 2007), ainda que os padrões estéticos sejam variados e inseridos numa escala de valores morais de cada contexto em particular <sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> “The flow of sound, the rhythms and cadence, let alone the play and inventiveness, respond to aesthetic desires and aesthetic principles as much as semiotic considerations. And as for language so for all of culture, which can be viewed as design, continuously entertained and indulged. Cosmic surgery provides a stark example of this poesis, which to my mind is present as an active force in designing a new body, a new face, a smile for a paramilitary mass murderer, an airplane, a spark plug, a computer chip, in giving a name to a person, or in a Ronald Reagan (“the Great Communicator”) using communication to win elections” (TAUSSIG, 2012, p.6).

<sup>25</sup> O trabalho de Alexander Edmonds (2010) sobre as cirurgias plásticas no Brasil aborda o modo pelo qual a noção de “saúde estética” atingiria mulheres das mais diversas classes sociais. O autor relaciona os modelos de beleza predominantes, no país, e as histórias de vida focadas nas modificações corporais com o projeto de modernização, através da mídia, da busca por uma identidade nacional e pela importação de tecnologias médicas. Suas conclusões são dirigidas para a democratização da beleza, através da popularização das cirurgias plásticas e de uma experiência social e psicológica de serem mulheres. Já a etnografia de Andrea Antonio Tochio (2008), acerca das cirurgias plásticas realizadas no Hospital das



Essas histórias não seriam apenas uma particularidade na conjuntura da Colômbia. Quantas são as histórias de embelezamento que escutamos, ou nós mesmos participamos, que, em sua essência, estão impregnadas de um substrato cósmico, de tragédias, de renascimentos? O que seria, afinal, a sujeição do corpo humano ao embelezamento se não histórias de vida e de morte? As histórias trágicas ligadas ao corpo como sujeito do embelezamento não são exceções, mas a regra. Reflexo, portanto, desse *dépense* que marca o fluxo da economia contemporânea. Do mesmo modo, reflete Taussig, que o agronegócio transformou a paisagem da terra e dos rios, as cirurgias cósmicas transformam o corpo das mulheres, esse novo (?) lócus da ciência e do progresso.

Camila, 19 anos, fisiculturista há um ano, e Karla, 31 anos, fisiculturista há dois anos e meio, as personagens das nossas narrativas de abertura, se *metamorfosearam em beleza* para “ter um corpo”, passaram por uma mudança cósmica que a disciplina e a capacidade de modificar seus próprios corpos proporcionaram. Ao jogar com a sorte, não só seus corpos mudaram, mas também se tornaram, em seus próprios relatos, *novas pessoas*. Esse novo eu *fitness*, isto é, dedicado à labuta em prol de uma “beleza saudável” foi igualmente o pré-requisito para outra transformação: ser fisiculturista.

## 1. SOBRE A DEFINIÇÃO

“As pessoas só mudam quando elas ligam o botão. Eu sempre quis mudar. Alguma coisa tem que mudar em você. Se não ligar o botão e determinar “eu não suporto mais” e decidir o que vai fazer para isso acontecer, não acontece. Se alguém te magoou um dia, se alguém te magoou, seu marido te trocou por uma mulher mais magra, pode acontecer com você também. Ou, de repente, você vai fazer uma entrevista e ah, você não pode porque você não cabe na farda. Não sei... Alguma coisa tem que mexer em você. Tem que apertar o botão e esse botão vem de você (...). É o que acontece. Eu busquei mudar. Eu não quero morrer assim. Eu já tenho trinta anos, a vida tá passando, eu tô ficando velha e a pele vai ficar ruim. Se eu não ficar bonita agora e ficar toda enrugada, aí é que eu não vou ficar bonita nunca mais e isso entrou na minha cabeça (...).”

A decadência permeia o relato de Márcia, como se a feiúra atribuída a uma impressão perniciososa da gordura e do envelhecimento lhe legasse um caminho inexorável de infelicidade e perecimento. Aqui, permanecem as noções de primavera

---

Clínicas da Unicamp, reflete sobre como os diferentes discursos, do médico e do paciente, estão presentes numa espécie de “ideologia da reparação” na qual a saúde física e psicológica do paciente são estreitamente integrados nas intervenções estéticas.

contínua, a qual toda mulher deve se conformar, bem como as tensões entre beleza e morte. Há um tempo determinado para alcançar a beleza e quanto mais cedo ela vier, mais duradoura será sua estadia.

Para ficar bonita, Márcia pintou o cabelo, começou a usar lentes de contato, fez tratamentos ortodônticos, foi a uma dermatologista para cuidar de seus problemas com acne e se matriculou na academia de musculação para, segundo ela, realizar um “desses projetos de verão”. Tinha urgência, queria usar biquíni de duas peças na praia e, se “tudo desse certo”, deixar a “barriga de fora” no carnaval.

De novembro a fevereiro as academias de musculação lotam de novos e antigos adeptos. São pessoas ansiosas para iniciar o “Projeto Verão”. Dietas, treinos nos aparelhos de musculação, exercícios aeróbicos em camas elásticas/esteiras/bicicletas e programas nutricionais para acelerar a perda de gordura e definir a musculatura já fazem parte do ritual de quem quer exhibir um corpo alvo de galanteios.

Janeiro passou, fevereiro também. O “Projeto Verão” de Márcia surtiu os efeitos desejados, emagreceu doze quilos. Desde aquele momento, seu corpo mudou, tornou-se mais rígido, definido. As dietas e os exercícios físicos, ela conta, foram como um mal necessário, mas passaram a fazer parte de sua rotina.

Entrementes, a mudança corporal de Márcia começava a ser notada pelas pessoas,

“me perguntavam o tempo todo o que eu estava fazendo, como se fosse fácil. Eu trabalhava no shopping na época. Às vezes não tinha muito dinheiro para manter a dieta ou tinha meses que não era possível pagar academia, então ficava dando voltas pelos corredores, comia arroz integral puro o dia todo ou até mesmo um *subway* que, na época, eu achava que era saudável. Não era. Mas qualquer alteraçãozinha dos hábitos já garantem uma mudança no corpo e as pessoas percebem. Quando eu comecei a treinar com qualidade, seguindo tudo direitinho, aí eu vi a verdadeira transformação acontecer. É muito devargazinho, é tudo muito pouco a pouco e, no meu caso, eu não sabia muito bem o que estava fazendo, mas me orgulhava em colocar minhas fotos no *facebook*, do que estava acontecendo comigo, e as pessoas ficavam atraídas”.

Dois anos depois, um amigo *personal trainer* lhe disse que a sua “musculatura” *tinha qualidade* e que, se trabalhasse a “linha” do seu corpo, poderia competir. Esse amigo já participava de campeonatos de fisiculturismo e se propôs a ajudá-la na preparação.

Um ano antes, Márcia assistiu, pela primeira vez, um campeonato de fisiculturismo; ficou impressionada “com o nível que um corpo poderia chegar”, mas

achou que “esse patamar não era para ela”. Pensou nos sacrifícios que deveria se submeter e avaliou que, naquele momento, não valiam à pena. Quando o amigo lhe fez a proposta, no entanto, ela encarou como se fosse mais um desafio, uma forma de “testar os limites do seu corpo” e decidiu subir no palco pela primeira vez.

Camila iniciou-se de modo um tanto diferente. Como referido no início do capítulo, seu objetivo quando se matriculou na academia de musculação era, nos seus termos, ganhar “massa muscular” e “ficar gostosa”. Camila ressaltou que, como sempre foi ‘magrinha e bonita’, vez ou outra, arranjava alguns trabalhos como modelo fotográfico para agências publicitárias locais,

“a beleza sempre me ajudou, mas eu tive que me ajudar também não é? Além de ganhar corpo, dei uma progressiva no cabelo para ficar mais de cabelão, mais mulherão mesmo. Essa lente verde aqui, tá vendo? Parece minha, mas não é! Percebi que levaria vantagem se fosse para o outro lado, de modelo *fitness* mesmo. E como já gostava de malhar, na minha academia tinha vários atletas e tudo mais, meio que facilitou as coisas”.

A academia que Camila passou a freqüentar quando resolveu ser “modelo fitness” é conhecida na cidade pelas altas mensalidades e pela qualidade da infraestrutura de suas instalações. Os planos mensais podem variar de 250 a 1000 reais. Seu namorado havia participado de um campeonato no ano anterior e foi, sobretudo, por sugestão dele que decidiu se submeter a uma preparação mais rigorosa em função de seu primeiro campeonato.

Quer dizer, se “o espelho não é a única superfície de reflexo para um olho que quer olhar-se a si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 88), e se, em algum nível, podemos atribuir às academias de ginásticas a reprodução de técnicas panópticas (1987) de controle, que tendem a localizar o corpo no espaço ao visibilizá-lo, a “seleção” de possíveis fisiculturistas é deveras baseada na imposição do olhar do observador. Com uma diferença considerável, se o panóptico de Bentham, lá no século XVIII, era fundamentado no ver sem ser visto no contexto da academia o dispositivo é reposicionado. Sentir-se vigiado mesmo que não esteja sendo observado por ninguém é vivido de uma forma muito simples: exibindo-se.

Conforme a ética da *boa forma* que domina o *ethos* das academias, essa instituição pedagógica do corpo, os baixos níveis de gordura corporal, hipertrofia muscular e dietas alimentares definem a autodisciplina que, por conseguinte, será diretamente proporcional à elevação da autoestima. O indivíduo é o gestor de seu

próprio corpo, cujo lema principal é o do maior esforço, para melhor resultado. A modulação corporal nestes espaços corresponde, sobretudo, ao desejo de agenciar as impressões que são transmitidas aos outros, tendo a constituição anatômica como principal mediador e produtor de subjetividades.

Cada mudança no corpo é acompanhada não apenas pelo sujeito, mas por todos aqueles que coabitam os mesmos espaços de sociabilidade<sup>26</sup>. Nas academias, os frequentadores se enquadram, de alguma forma, em torno dos mesmos objetivos que podem ser orientados a partir de práticas estéticas dirigidas por discursos sobre saúde e/ou beleza.

No entanto, de acordo com o trabalho de Camargo da Silva (2014), uma análise comparativa entre duas academias no Rio de Janeiro situadas no bairro de Cidade de Deus e Barra da Tijuca, respectivamente, os desempenhos e a conseqüente visibilidade em torno das formas de engajamentos corporais numa academia de ginástica se situam em dois níveis.

O primeiro é em relação às hierarquias que se instauram entre os alunos de acordo com os “os mais experientes, avançados ou veteranos” e aqueles “iniciantes e novatos”. A noção de superar os “limites” do corpo e de si mesmos para atingir determinado padrão estético é significado pela dimensão da *dor* e do *sofrimento* e se referem “aos esforços extenuantes, responsáveis por gerarem as fadigas em torno da realização das práticas” (p.233). Os fluxos e dinâmicas para “romper estes limites” são distribuídos de maneiras assimétricas entre veteranos e novatos, e não envolvem apenas o conhecimento técnico das normas corporais ao longo da internalização da disciplina e seus efeitos fisionômicos, mas as condições econômicas dos adeptos.

Assim, o segundo aspecto apontado pelo autor como marcador desse “limite” e suas hierarquias correlatas é a *distinção* social dos praticantes. Na academia localizada no bairro de Cidade de Deus, a definição de “limite” era construída a partir das dificuldades financeiras dos alunos em manter a assiduidade na academia ou de gastos adicionais associados à procura do “corpo perfeito”, como os serviços com *personal trainer*, nutricionistas ou custos com a alimentação. Ali, “entendia-se que o dinheiro, em especial, seria desperdiçado caso o aluno não levasse o seu corpo no “limite” dos esforços físicos” (p. 208) e a regularidade da frequência desses alunos, por sua vez, era

---

<sup>26</sup> Mesmo que estes espaços sejam virtuais, como é o caso das redes sociais, por exemplo, *instagram* e o *facebook*, que através de serviços de compartilhamento e circulação de fotos e/ou informações promove um circuito de sociabilidade e exposição característico e eficaz.

determinado pelo risco ou não de comprometer o orçamento familiar. Os “projetos de verão” eram então recorrentes, na tentativa de maximizar os ganhos durante um período curto de tempo e não comprometer a renda anual, sempre marcada por oscilações financeiras.

Ao contrário, no estabelecimento da Barra da Tijuca, a sazonalidade dos seus praticantes era uma exceção. A maior parte dos alunos costumava freqüentar a academia durante todo o ano e a permanência deles no local se devia, sobretudo, à “qualidade técnica dos profissionais e dos aparelhos de musculação”, se comparados com outras academias de mesmo porte. A irregularidade da freqüência não estava relacionada com estar ou não naquela academia, usufruindo de seus serviços, mas das outras opções de atividades físicas que se enquadrassem em suas aspirações estéticas. O “limite” era construído de acordo com a própria disposição do sujeito em se submeter aos hábitos dos exercícios ou das dietas, mas também da possibilidade de arcarem com todos os custos adicionais de suas pretensões corporais. Ou seja, a medida da subordinação à *dor* e ao *sacrifício* em prol de um padrão estético seria, em parte, determinado pelo contexto socioeconômico dos adeptos.

O desejo de participar de um campeonato de fisiculturismo é motivado pelos efeitos anteriores da adesão a um programa de disciplinas corporais. Se a motivação para homens e mulheres ao se inscrever na academia é, primordialmente, conquistar um modelo específico de beleza, o sucesso na empreitada e a aspiração de “novos limites” definirá uma aptidão inicial para os palcos. Esse sucesso, como fica claro na comparação entre as duas academias, se dá por duas vias que até certo ponto são complementares: pelo tempo dedicado a prática e pela utilização de outros recursos para maximização do *desempenho* corporal.

Camargo da Silva (2014) também chama atenção para a diferença entre as categorias nativas “malhar” e “treinar”. A primeira é vinculada a “se exercitar vigorosamente” no sentido de “espancar”, “surrar”, “dar pauladas” e “machucar” o corpo; já “treinar” é relacionado a uma noção de “adestramento”, no sentido de tornar o corpo “apto”, “capaz” e “habilitado” (p. 205). É uma diferença que se erige a partir de uma racionalidade desportiva e higienizada (BOURDIEU, 1983a) no processo de engajamento a um programa disciplinar.

Aderir *seriamente* a um conjunto de procedimentos técnico-científicos decorreria do controle, cálculo, ponderação e disposição do sujeito subtendido no “treinar”. *Treinamento* esse que não se restringe aos exercícios físicos, mas a uma série

de articulações e engajamentos que garantem as especificidades da produção desse corpo.

Vimos como Márcia, por exemplo, enfatizou que sua “transformação” aconteceu quando começou a “treinar com qualidade”. Claramente, essa “qualidade” foi alcançada quando pode arcar com todos os custos financeiros de sua *mudança*, quando o seu desejo pelo “novo corpo” encontrou as condições propícias para ser concretizado. Os “sacrifícios” de outrora, ressaltados por Márcia, apontam para ir além desse “limite” dos engajamentos com a disciplina, assim como os empecilhos financeiros decorrentes. Já Camila intensificou sua busca pelo “corpo” quando vislumbrou possibilidades profissionais na empreitada. É interessante destacar aqui sua predileção em se tornar uma “modelo fitness”, uma designação que se refere, principalmente, a mulheres cuja modulação corporal refletiria o compromisso ascético e comercial com a disciplina como norma de beleza; e, conseqüentemente, uma das muitas formas de *comodificação* de um regime espartano de restrições em prol da forma. É preciso extinguir a gordura, se submeter a exercícios físicos extenuantes, sem jamais perder a (sempre em busca da) beleza.

Durante o período em que fiz o trabalho de campo era evidente que as competidoras pertenciam predominantemente a esses dois perfis: de um lado, mulheres que vieram de um histórico de obesidade ou de estarem um “pouco acima do peso ideal” e, por outro, de mulheres magras ou mesmo “atléticas” – posto que praticantes de outras modalidades esportivas ou atividades físicas.

A biografia dos seus corpos, de acordo com suas próprias narrativas, é marcada por mudanças que ora são indicadas por um corpo “magro”, ora por um corpo “gordo”, na incansável busca do corpo “perfeito”. De modo geral, essas alcunhas convergem para uma insatisfação do corpo “sem definição”, uma designação êmica que já revela certa assimilação conceitual e prática dos mecanismos disciplinares: um corpo “definido” é, em si, a expressão corporal de um conjunto de procedimentos técnicos. A “definição” é alcançada justamente no período em que se matriculam na academia e passam a seguir os princípios para se atingir um corpo “sarado”, “trabalhado”, “saudável” ou, como ressaltou Camila, “ficar gostosa”.

A distinção entre “veteranos” e “iniciantes” se torna então muito relativa, pois é a gerência do tempo e dos recursos para atingir a “definição” que demarcará tais diferenças. A *definição* pode ser resultado de anos de prática, mas, também, associada à

disposição em termos de recursos financeiros e da determinação diária dedicada à disciplina.

Camila e Márcia vêm de uma trajetória, ainda que marcada por instabilidades, de aproximadamente três anos em prol do corpo “definido”. Após esse tempo, foram “vistas” como aptas para participar de um campeonato. No entanto, também conheci outras competidoras que, mesmo minoria, tinham aproximadamente oito meses de treino, desde quando pisaram pela primeira vez numa academia de ginástica, e já tinham corpos considerados compatíveis para competições.

É o corpo “veterano” que é apreciado em detrimento do “iniciante”, ele expressa o trabalho do sujeito em busca da modulação corporal. E isso independe se for conquistado em cinco anos ou em seis meses. O corpo “veterano” é o corpo do “limite”, venerado e qualificado como resultado legítimo do engajamento obstinado do sujeito no âmbito da disciplina; e isso não tem necessariamente a ver com o “tempo”, senão com a “qualidade” da definição.

Esses perfis, “veterano” e “iniciante”, entretanto, correspondem ao momento em que decidiram competir pela primeira vez, como uma espécie de pré-seleção estabelecida ainda no âmbito da academia. Como veremos, uma vez que se tornem *competidores*, essas definições serão suplantadas pelas categorias “atletas” e “não atletas”, cujo principal marcador é o número de participação em campeonatos.

Esse deslocamento representa outro tipo de engajamento com a disciplina, não só através de técnicas corporais consideradas mais avançadas, mas com um formato de comprometimento que, como bem retratou Loic Wacquant em seus estudos sobre os boxeadores no subúrbio de Chicago, é substantivado por:

uma impregnação progressiva de um conjunto de mecanismos corporais e de esquemas mentais tão estreitamente imbricados que eles apagam a distinção entre o físico e o espiritual, entre o que emerge das capacidades atléticas e o que diz respeito às faculdades morais e à vontade (WACQUANT, 2002, p.34).

A maioria dos competidores dedica-se a atividades profissionais paralelas relacionadas à sua prática corporal, “da qual o corpo é ao mesmo tempo a sede, o instrumento e o alvo” (p.32). Esse fato, poderíamos dizer, pode ser relacionado intrinsecamente como condição da natureza das transformações cósmicas a qual se submetem. O fisiculturismo não é uma modalidade rentável para quem o pratica a

nível competitivo-amador e os gastos com a manutenção do corpo e a preparação para os campeonatos são dispendiosos.

Em média, homens e mulheres tendem a gastar entre 350 a 1000 reais semanais nos períodos de competições, apenas com dietas e exercícios físicos, sem contar as despesas com substâncias farmacológicas, técnicos, recursos terapêuticos com finalidade de reduzir os danos musculares, como a massoterapia, e, sobretudo, no caso das mulheres, cuidados com cabeleireiro, dermatologistas e outros procedimentos estéticos que garantam o embelezamento e a *preservação* da feminilidade. Todos os custos são assumidos pelos próprios competidores, que sonham em obter boas classificações nas seletivas estaduais e nacionais para alcançar alguma projeção que lhe renda patrocínios.

No entanto, a baixa popularidade do fisiculturismo se reflete nos patrocinadores, como relatou Marcelo, fisiculturista há três anos:

“Se eu disser que é racional, não é não viu?! É amor, é amor. Porque, infelizmente, você gasta muito dinheiro. Aqui, no Brasil, não é tão reconhecido, não é valorizado. Aqui, no Brasil, os patrocinadores são poucos e, quando patrocina, não patrocina de verdade. É como se fosse um patrocínio camuflado, eles exigem demais para você fazer o marketing deles e em compensação o retorno é muito fraco. No eixo Rio-São Paulo você encontra uma valorização maior, a tendência é sempre as coisas virem de lá para cá. Lá, nos EUA e no Reino Unido, se você disser que é *bodybuilding* todo mundo baixa a cabeça e bate palmas, aqui se você disser que é um, escuta que é *bombado*. É um fator social, puramente social, é um preconceito mesmo”.

Quer dizer, são poucos os fisiculturistas que conseguem ser patrocinados e, uma vez que isso aconteça, os valores angariados não cobrem todas as despesas necessárias para a manutenção de um competidor. No caso das mulheres, esse quesito é ainda mais delicado. Muitas alegam que o formato do corpo e a proeminência dos músculos tornam-se indesejáveis para finalidades comerciais, as poucas que conseguem patrocínio são as que se enquadrariam em padrões normativos e comerciais de beleza.

Se o preconceito destacado por Marcelo é um dado em relação aos fisiculturistas homens, no que concerne às mulheres isso ainda é mais evidente, em razão da estranheza e certa hostilidade em relação aos seus corpos. Uma vez que o fisiculturismo seja uma modalidade esportiva considerada por muitos como marginal, no caso do fisiculturismo praticado por mulheres o desterro é ainda maior, pois carregam o estigma de serem consideradas *masculinizadas*. Como não conseguem manter-se



financeiramente apenas com o fisiculturismo, geralmente atuam profissionalmente em áreas que se relacionam com as técnicas de suas próprias produções corporais, as quais chamarei de “áreas afins”. Saliento que as circunstâncias que incidem sobre a atuação nas *áreas afins* ocorrem, sobretudo, por três motivos.

O primeiro diz respeito à racionalidade do tempo para a produção e manutenção do corpo. A disciplina com os horários para alimentação, exercícios físicos e o descanso deve ser rigorosamente seguida, para não comprometer os efeitos desejados. Qualquer deslize será exposto no corpo, principalmente nos períodos de competição. Esse tipo de dinâmica gradual, quase artesanal, de construção corporal não é, por vezes, muito compatível com o desempenho e inserção em outras ocupações e serviços. É exemplar o caso de Helena, 29 anos, fisiculturista há dois anos.

Helena freqüentava a academia desde os 19 anos de idade, formada em Turismo e Hotelaria, trabalhava numa agência de viagens, em um shopping na cidade. Aos 27 decidiu, por influência do namorado, também fisiculturista, se preparar para um campeonato pela primeira vez e encontrou dificuldades.

Em função da carga horária de trabalho, costumava atropelar vários horários da alimentação e só tinha tempo de ir à academia à noite. Os colegas de trabalho também passaram a ser um obstáculo, por não entenderem o porquê da mudança dos seus hábitos, já que Helena recusava os convites para a “cervejinha depois do trabalho”, festas de aniversário dentre outras comemorações regadas a comida e bebida alcoólica. Reclamou também que estes mesmos colegas não entendiam porque ela tinha de parar o que estivesse a fazer, onde quer que estivesse, para comer e manter sua dieta. Não foram poucas as piadas e comentários depreciativos sobre o conteúdo de sua alimentação e de sua fisionomia corporal.

Todas essas circunstâncias tornaram sua preparação ainda mais difícil, mas, ainda assim, conseguiu conquistar o primeiro lugar na sua categoria em um Campeonato Baiano. Depois disso, três meses após sua primeira competição, resolveu *mudar* a fim de se dedicar mais à disciplina de treinamentos. Primeiro deixou o emprego na agência de turismo- melhor seria trabalhar na loja de suplementos alimentares do namorado, pois, pensou, não seria criticada pelos seus hábitos alimentares e formas corporais. No final daquele mesmo ano, prestou vestibular para o curso de Nutrição, sendo aprovada numa universidade particular.

O caso de Helena é um, dentre muitos dos que ouvi de homens e de mulheres participantes de campeonatos de fisiculturismo. A dedicação à construção corporal deve

ser integral e, nesse caso, ao que parece, uma “meia” dedicação não lhe tornaria um fisiculturista, não *atrairia* os efeitos corporais desejados. Esse princípio se reflete nas escolhas profissionais em áreas que tenham relações com o tipo de produção do seu corpo, na medida em que o fisiculturismo e as áreas afins são complementares e passam a se retroalimentar também na forma de acúmulo de capital social. Assim, atualmente, suas ocupações variam de nutricionistas, fisioterapeutas e professores de educação física.

É comum vermos fisiculturistas com duas formações universitárias, tal como Helena ou mesmo Márcia que é graduada em publicidade, mas hoje trabalha como *personal trainer* em academias, além de cursar o sexto semestre de Educação Física. As mais novas como Camila, que cursa Nutrição, já ingressam a princípio numa área afim, o que estaria de acordo com o engajamento precoce para com a modalidade esportiva.

A escolaridade, marcada majoritariamente por egressos do nível superior, faz parte dos condicionantes e das características socioeconômicas dos competidores de fisiculturismo no âmbito da IFBB-Ba. São homens e mulheres oriundos das classes média e média-alta de Salvador e demais regiões metropolitanas e com renda mensal superior a cinco salários mínimos. Sobre esse aspecto, é esclarecedora a reflexão de Pierre Bourdieu (1983a) sobre as práticas corporais e esportivas como indicadoras de distinção de classe. Para o autor, a distribuição das práticas esportivas varia de acordo com o nível de instrução, idade, sexo e profissão.

Esportes coletivos, como o futebol e o basquete, surgiram nas classes populares e médias e retornariam “para o povo” por meios de produtos culturais de massa, na forma de “esporte espetáculo”. O valor atribuído aos esportes coletivos seria construído a partir da dissociação entre a prática e o consumo, mascarada pelas engrenagens do consumo passivo promovido pelos muitos ramos do *show business*. O autor argumenta que há uma fragmentação das práticas esportivas, através de uma diferenciação entre os esportes “como prática de elite, reservada aos amadores, e o esporte espetáculo, produzido por profissionais e destinados ao consumo de massa” (p. 147).

Desse ponto de vista, o fisiculturismo seria uma prática esportiva reservadas aos amadores, ainda que sua origem seja de natureza distinta de práticas esportivas também consideradas, pelo autor, “de elite”. O rugby, por exemplo, é um esporte que surgiu no interior das escolas tradicionais da Inglaterra e cujo *ethos* aristocrático é manifesto. A particularidade do fisiculturismo advém de suas origens nas classes populares, notadamente nos concursos de levantamento de peso, e de ser considerado “menos

civilizado”, no sentido preconizado por Norbert Elias (1993). Bourdieu chama atenção inclusive para o reconhecimento tardio do levantamento de peso, como modalidade olímpica, ter ligação com a associação da musculatura desenvolvida, força bruta e “indigência intelectual” atribuída às classes mais pobres.

Ao longo dos anos, no entanto, a gordura passou a ser a “medida da pobreza”, como um indicativo de preguiça e indolência das classes mais baixas em detrimento dos músculos que emergem como símbolo de disciplina e sucesso. A ênfase ascética e o rigor dietético seriam parte de uma tendência a “tratar o corpo como um fim” das camadas mais privilegiadas, na qual uma espécie de exaltação pelo funcionamento do corpo como organismo levaria “ao culto higienista da ‘forma’, ou na própria aparência do corpo como configuração perceptível, o físico, isto é, o corpo-para-outrem” (p. 150). Dessa maneira, o prazer pelo próprio esforço seria uma das muitas formas de acumular capital social e expõe a heterogeneidade das expectativas sobre o corpo entre as diferentes classes, definidas pelo autor, pela distribuição do capital cultural, econômico e da disposição do tempo livre.

O capital econômico e a disposição do tempo livre serão as variáveis fundamentais para uma trajetória de êxito no fisiculturismo, no entanto, tais variáveis não contemplariam todas as nuances dos participantes das competições.

Embora, durante o trabalho de campo, tenha tido mais acesso a um perfil, digamos, elitizado de atletas (fisiculturistas que faziam parte da organização do evento e/ou com uma trajetória bem estabelecida no esporte), conheci competidores, sobretudo homens, que vinham de bairros populares e também eram os principais responsáveis pela renda de suas famílias. Estes, ocasionalmente, costumavam participar dos campeonatos promovidos pela IFBB e não obtinham boas colocações em função dos poucos recursos disponíveis para preparação, mesmo que, muitas vezes, sacrificassem a renda familiar para tais fins<sup>27</sup>.

Nesses casos, ao final de suas participações, quando perguntados sobre o que os motivava, era justamente o discurso do “limite”, da maximização dos ganhos, de ter superado não apenas as resistências do corpo, mas ter transigido os obstáculos financeiros que prevaleciam em suas falas. Ademais, enfatizavam que mesmo não

---

<sup>27</sup> Aqui emerge uma distinção, que será mais bem delineada no capítulo 4, entre os que conseguem alcançar o estatuto de atleta e aqueles que não completariam a “transformação” e são vistos apenas como competidores eventuais.

obtendo bons resultados, se mantinham “na vida saudável”, procuravam “se alimentar bem” no dia-a-dia e seguir o cronograma de exercícios físicos.

Lembro-me, por exemplo, da participação e da conversa que tive com Luiz, logo após sua apresentação no Campeonato Baiano de 2014. Luiz chorou muito, antes e durante sua apresentação. Passado algum tempo, nos bastidores, perguntei-lhe sobre a sensação de estar no palco e o porquê dele ter se emocionado tanto. Ele me respondeu que, desde sua decisão de competir, havia passado por inúmeras dificuldades. Por várias vezes desistiu de participar de campeonatos porque seu corpo estava fora do padrão da categoria, em suas palavras, “era melhor desistir que ficar sem graça lá em cima, na frente de todo mundo”.

Luiz era um homem negro, com 42 anos de idade, trabalhava como segurança de uma empresa privada, tinha quatro filhos e morava sozinho em Periperi, bairro do subúrbio ferroviário de Salvador. Era o quarto campeonato promovido pela IFBB que participava, mas já tinha competido em campeonatos de outras federações. Naquela ocasião, disputou com outros quatro concorrentes e ficou em último lugar. Ainda muito emocionado, porém, Luiz me falou que era um “vencedor”, conseguiu subir no palco com um corpo que considerou “o melhor que já teve”, “fez a dieta e musculação sem ninguém” (no caso, sem um técnico) e, mesmo com dificuldade, conseguia “manter seu corpo”. Por essas razões, sempre que fosse possível iria participar de campeonatos.

Circunstâncias como a de Luiz<sup>28</sup> demarcam assimetrias e hierarquias internas à modalidade, mas, igualmente, poderiam corresponder a constituição de sujeitos que, através do corpo, “conseguiram alcançar, por intermédio de muito esforço e sacrifício, as formas físicas mais 'civilizadas'” (GOLDENBERG & RAMOS, 2002, p. 39). O corpo aqui como símbolo claro de aspiração do sucesso e mobilização dos limites de classe. Assim, o corpo emergiria como capital (GOLDENBERG, 2006; WACQUANT, 2002), fruto do investimento sobre si, da disciplina – um sinal de distinção:

---

<sup>28</sup> Esses casos, embora em menor número, não eram uma exceção, entre competidores homens. A conversa com Luiz, sem dúvida, foi a que mais me marcou nesse sentido, mas conheci outros competidores, entretanto, mais jovens, cujas vidas, do ponto de vista socioeconômico, se assemelhavam às condições enfrentadas por Luiz. Igualmente, não era incomum a presença de negros entre os competidores nas categorias masculinas, cujos perfis socioeconômicos eram dos mais diversos e mais heterogêneos, inclusive, do ponto de vista étnico. No caso das mulheres, a predominância de um perfil socioeconômico de classe média alta era evidente, assim como a presença de competidoras de pele clara em oposição às raríssimas participações de mulheres negras – que mesmo quando competiam, não obtinham boas colocações. Sobre esse tema, aprofundarei mais adiante, no capítulo 3, relacionando-o com os critérios e exigências de julgamento nas categorias femininas da federação.

o gosto, propensão e aptidão à apropriação (material e/ou simbólica) de uma determinada categoria de objetos ou práticas classificadas e classificadoras, é a fórmula generativa que está no princípio do estilo de vida. O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hêxis* corporal (...). Os grupos se investem inteiramente, com tudo o que os opõem aos outros grupos, nas palavras comuns onde se exprime sua identidade, quer dizer, sua diferença. (...) assim, por exemplo, a expressão *bem-cuidado*, tão fortemente apropriada por aqueles que a fazem dizer seu gosto pelo trabalho bem-feito, bem-acabado, critério de toda perfeição estética, que está carregada de conotações sociais, confusamente sentidas e recusadas pelos outros (Bourdieu, 1983a, p. 85-89).

O segundo motivo, por conseguinte, pelo qual a propensão pelas áreas afins pode ser elencado, diz respeito ao discurso nativo do “estilo de vida”, aproveitando a pista de Bourdieu. Esta seria uma categoria importante para entender a passagem realizada pelo sujeito em prol da “vida saudável” e, conseqüentemente, da adesão a essas *preferências distintivas* que enunciam a posse de certo capital corporal<sup>29</sup>.

César, fisiculturista há quase quatro anos, além de ser formado em educação física e atuar como *personal trainer*, deixa claro o quanto *ser fisiculturista* guarda uma relação orgânica com o seu *estilo de vida*, ele diz,

“o fisiculturista tem um estilo de vida. Você ouve muito o povo falar que a gente é louco, que anda fazendo dieta, se restringindo. Oxe, aquilo ali para a gente é normal! Comer aquele arroz com frango, aquela batata doce com frango, é o dia-a-dia da gente, é normal. A mesma coisa de um fumante que fuma cigarro toda hora, é uma coisa dele, o vício dele. Esse é o nosso vício: *a saúde*. Ter uma vida saudável e se alimentar bem. É o que eu sempre digo para quem quer ser um atleta de fisiculturismo, quando você entra, você não sai mais. Por que você adere aquele estilo de vida. Hoje, eu falo por mim, eu não me vejo fazendo outra coisa. Eu não me vejo fora disso. Por que une o útil ao agradável, a musculação é um esporte que eu sempre gostei. Faltava apenas ter um encaminhamento, uma direção. E agora eu achei. E eu trabalho com isso. Então uma coisa motiva fazer outra”.

Junto com a definição do seu “estilo de vida”, imbricado na prática fisiculturista, César nos traz uma visão particular e interessante sobre a saúde. Ao igualá-la ao vício, paradoxalmente, “ele organiza um campo ao mesmo tempo ético e patológico com

<sup>29</sup> “Entre a multidão de passantes, os *bodybuilders* destacam-se por sua forma de andar: braços afastados, cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez, balanço mecânico (...). O corpo do *bodybuilder* pretende tirar todo o benefício do peso no campo do olhar, saturá-lo de massa muscular. Impor-se no olhar alheio. O músculo marca. Ele é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias. O *body-builder* não anda; ele conduz seu corpo exibindo-o como um objeto imponente” (Courtine, 1995, p. 82- 83).

relação às suas condutas” (FOUCAULT, 2002, p.322), que produzem (ou, pelo menos, permite o mesmo tipo de análise teórica) no corpo “saudável” os mesmos procedimentos de controle e julgamento promovido pelo saber e técnicas médicas sobre o corpo “doente”. Possuir um vício denota não apenas uma violação do estatuto de normalidade, mas a presença de um corpo moralmente corrompido que necessita ser cuidado, reparado. O que acontece então quando a “saúde” é o próprio “vício”? O que seria o corpo *sadio* se não um corpo potencialmente defeituoso e disfuncional que exige uma série de intervenções para que se conserve num corpo *normalizado*?

Sob o ponto de vista oferecido por César, os processos que diferenciam e subjagam um corpo a ser *reparado* (vício) do corpo a ser *mantido* (sadio) não seriam tão distintos assim, uma vez que sejam parte de uma mesma “tensão estruturante”; de um lado, racional e científico, do outro, emocional e psicológico do paradigma saúde-doença (BONET, p.123, 1999). E dizem respeito a uma constante vigilância, melhoria e submissão aos padrões normativos que fazem com que os corpos se tornem dóceis e disciplinados. Ora, César passou a ser um “consumidor de *saúde*”, utilizando diversas tecnologias corporais que lhe estão disponíveis para *manter-se saudável*.

Acredito, portanto, que seja mais proveitoso localizar os adeptos do fisiculturismo competitivo num estilo de vida específico, que versa sobre a “conservação” de um corpo saudável, ainda que este “corpo saudável” seja violado durante os processos para os campeonatos, do que como um dos sinais de distinção de uma classe sócio-econômica em particular. Embora as condições econômicas sejam cruciais para a manutenção do “estilo de vida saudável”, assim como nas participações e resultados das competições.

A faixa etária é outra variável importante quando também relacionada às condições socioeconômicas dos competidores.

Aos 19 anos, Camila, tem todos os recursos necessários para se dedicar à prática corporal, uma vez que conta com suporte financeiro familiar. Camila não tem emprego fixo, a não ser os trabalhos esporádicos como “modelo fitness”, mora com a mãe, que é enfermeira e professora universitária, e seu pai, dono de duas unidades de franquias de uma rede de farmácias. Assim como ela, vários neófitos em competições, cujas idades podem variar de 18 a 23 anos, se enquadram nas mesmas características. Já Márcia e Helena, que começaram em competições bem mais tarde que Camila, ambas na faixa dos 30 anos de idade, a despeito de suas biografias corporais particulares, e embora de classe média, são responsáveis pelo próprio sustento e as participações em campeonatos

estão adequadas as suas estabilidades financeiras. Viver em função do fisiculturismo é o cerne da economia doméstica dessas pessoas, conforme os recursos necessários para as competições. Em muitos momentos, a “estabilidade financeira” pode significar ter o indispensável para custear todos os reveses da preparação.

Em nome de uma racionalidade investida sobre *um corpo*, a idade é posta de maneira inequívoca como prerrogativa do *rendimento*. Há uma vantagem de ordem técnica em começar a competir aos 19 anos, em comparação aos 30. Atingir a definição por meio da disciplina não garantiria a *qualidade* da definição muscular, esta seria diretamente proporcional ao planejamento, perseverança e o tempo despendido para adequação do corpo a um tipo de arquitetura corporal. Um corpo jovem teria uma maior plasticidade para ser modulado e adquirir consistência muscular.

Nos estudos de biomecânica (BAPTISTA; VAZ, 2009), ao relacionar o envelhecimento ao decréscimo da musculatura, a plasticidade muscular é avaliada em função da adaptação do corpo quando submetido a treinamentos físicos de força. A seção transversa fisiológica (ASTF) é a área responsável por reunir as fibras musculares, ou seja, “o ângulo de penação, e o ângulo entre a direção das fibras musculares e a linha de geração de força de um músculo” (p. 23)–, portanto, arena fundamental do crescimento muscular. Quanto mais estimulada e hipertrofiada, maior o ângulo de penação e estabilidade na ASTF.

Uma estrutura muscular que não foi submetida a uma série prolongada e controlada de treinamento seria facilmente identificável – existiria uma diferença anatômica entre músculos definidos recentemente e aqueles submetidos a estímulos prolongados. A capacidade muscular, especificamente, de um fisiculturista amadurecerá de forma dessemelhante, se comparada às pessoas que não investem numa *potencialização* muscular de alta frequência.

O discurso produzido pela biomecânica, dentre outros, é apropriado pelo fisiculturismo enquanto um critério *técnico* que justificaria, inclusive, o recrutamento dos potenciais adeptos entre os corpos mais jovens. Uma vez que seja uma prática que enfatiza o aumento da capacidade de força como uma condição do desenvolvimento muscular, o fisiculturismo tende a exigir de seus prosélitos o labor em longo prazo. Ademais, quando mais cedo se inicia, mais chances de se alcançar a maturidade e densidade do tônus muscular.

As fronteiras que demarcarão um *corpo competitivo*, como um produto da modulação, ou seja, das articulações entre técnicas e saberes específicos, colapsariam,

no entanto, os condicionantes biomecânicos (assim como diversas variáveis biológicas notáveis para a experiência esportiva, tais quais, estatura, tamanho de membros, dentre outras) quando posicionadas diante de outros signos produzidos no âmbito das competições. A “maturidade muscular” dificilmente se sustentará nos julgamentos das categorias femininas se a beleza “facial”, relacionada à juventude e ausência de rugas, não estiver em evidência. Por outro lado, os limites desse corpo competitivo são dados também pelo próprio desempenho físico e a resistência da atleta às intervenções que catalisam e potencializam o rendimento esperado.

Cada campeonato exige uma preparação específica, pois, além de todo corpo ser tratado pela particularidade de suas reações, o corpo “X” jamais será o mesmo nas competições A, B ou C. Se o corpo fisiculturista é o corpo do “limite”, novas *estratégias* serão utilizadas para superá-lo, a fim de adaptar as máculas deixadas nas preparações anteriores aos resultados esperados nos próximos campeonatos. Novos limites estão constantemente sendo traçados para reparar os erros anteriores e aperfeiçoar um corpo futuro, visto que, com o passar do tempo, o corpo ofereceria menos em *plasticidade* e mais em *resistência* exigindo novas articulações em prol da *performance*, através de um investimento ainda maior e mais complexo dos recursos (sejam eles humanos, econômicos, nutricionais, farmacológicos etc.).

Por último, a atuação nessas áreas “afins”, principalmente no caso das mulheres, é justificada pela fisionomia corporal que passam a ostentar uma vez que se tornem fisiculturistas. Fora do ambiente dos campeonatos, são corpos indesejáveis, cuja presença é incômoda em muitos espaços, inclusive, nas áreas afins.

Helena trabalhava como atendente na agência de turismo, quando suas mudanças corporais tornaram-se mais visíveis. Em suas palavras, “quando a minha linha de ombro ficou mais firme, os deltóides começaram a crescer e a minha dorsal ficou mais larga”, a gerência chamou sua atenção, por causa de sua aparência:

“Eles disseram que eu tava muito bem, que torciam por mim, mas tinha aquela coisa que ficou bem claro: *eu tava estranha*. Eles me achavam estranha, eu tava super orgulhosa por está conseguindo fazer brotar aquelas bolas no ombro, que são muito difíceis de conseguir, e aí vem um balde de água fria desses. Fiquei chateada. Mesmo assim continuei (...) e já tava decidida a sair de lá. Não ganhava dinheiro direito, atrapalhava meus treinos e ainda me colocava para baixo. Não dava mais, era o fisiculturismo que eu queria e pronto”.



Tempos depois, mesmo trabalhando na loja de suplementos do namorado, Helena costuma provocar desconfortos em função de sua forma física. Contou-me sobre uma ocasião constrangedora na qual uma mãe e filha foram à loja, localizada em um bairro de classe média alta de Salvador, para comprar suplementos alimentares e pedir dicas sobre musculação. A mãe acompanhava a filha e, em dado momento, retorquiu as orientações de Helena, observando que a filha não poderia jamais ficar com o corpo semelhante ao dela, pois, em sua opinião, “mulher tinha que ter corpo de mulher”:

“Foi horrível, tinham outros clientes na loja. E, ainda por cima, ela não levou nada. Eu tô acostumada com esse tipo de coisa, as pessoas são ignorantes. Não entendem o que é ser uma atleta. A mesma coisa é com os homens. Às vezes, eles chegam aqui e não querem que eu atenda, ficam esperando meu namorado chegar. Eu falo a mesma coisa que meu namorado fala, mas eles se recusam a receber instruções de uma mulher”.

Algo semelhante ocorreu com Márcia. Certa feita teve problema numa academia onde trabalhou, após uma cliente reclamar à administração e não querer ser instruída por ela, temendo que seu corpo ficasse parecido ao dela:

“(...) ela disse que não queria os braços iguais aos meus, que só queria treinar os glúteos e que meu corpo era feio. Respondi para Leonardo [o gerente] que, mesmo se ela quisesse ficar com os braços iguais aos meus, ela não conseguiria. Aqui [aperta os músculos do bíceps] precisa de muito trabalho, suor... ela não conseguiria”.

São histórias que remetem à velha associação entre músculos e força física como símbolos do masculino, e que operam através de codificações do “natural”, principalmente, sob o ângulo das representações da diferença sexual binária. As interpretações sobre as “identidades de gênero” socialmente aceitáveis estão intimamente relacionadas aos conceitos de corpos naturais e não naturais, como se, em outras palavras, os corpos considerados “exagerados”, “artificiais” e “estranhos” fossem percebidos enquanto uma distorção de sua matriz original— não seriam consideradas “mulheres de verdade” por se aproximarem do “masculino”.

Enquanto homens fisiculturistas são vistos como “fortes”, “viris”, “grandes” e de acordo com os padrões de normalidade, Helena e Márcia, assim como muitas competidoras, passam a ostentar uma estrutura corporal ambígua e desviante, cujos atributos comumente são associados ao corpo masculino. Ao contrário das ancas largas, elas têm ombros fortes, braços grandes, músculos acentuados, bem marcados, quadris

estreitos. Elas não apenas provocam, perturbam e causam ansiedade nos olhares de quem as vê, como também seus corpos são reflexos do deslocamento promovido pela natureza de suas transformações cósmicas, de suas buscas abnegadas pela *perfeição* muscular.

## 2. TÉCNICOS-FISICULTURISTAS

Karla pergunta-se qual a credibilidade que uma nutricionista *gorda* imporá aos seus clientes, se ela saberia *realmente* quais seriam as dificuldades em se submeter a uma dieta, ou mesmo, “se alguma vez em sua vida já carregou uma manilha”; desconfia também da eficácia de um livro *teórico* sobre saúde e nutrição, “que foi editado há mais de dez anos”, e como poderia ajudar alguém de fato “a mudar de corpo”; mais do que isso, ela duvida que as pessoas em geral saibam que comer fruta pode engordar, pois “frutas são ricas em açúcares e carboidratos” e um “péssimo combustível” para quem quer aderir a “um programa *sério*” de disciplina.

“Eu sou a prática”, ela afirma. Olha para mim, com muita convicção, quase não pisca e, diferente do que fez na maior parte de nossa conversa, pára de gesticular profusamente por alguns minutos, ao prosseguir:

“as pessoas não podem me ignorar, as pessoas não podem dizer que eu não tenho conhecimento. Eu vou falar uma coisa delicada (...), eu concordo que um profissional é capacitado para passar uma dieta ou treino, como eu também te garanto que ele pode não ser. Porque isso é relativo. Eu vejo um gordo, sentado numa mesa, dizendo que vai te passar uma dieta. Aí a menina que tá fazendo a dieta que ele passou chega no outro dia e diz “eu não tô conseguindo fazer”, daí ele vai responder que ela não é capaz. **Quem não é capaz é ele, que nunca fez uma dieta**, não sabe o que a menina tá passando e vai lá e diz que a menina não é capaz. Ele não consegue nem oferecer uma alternativa para ela, porque ele nunca tentou. Marília, se você chegar para mim e disser “Karla, eu tô querendo comer doce”, eu direi para você “faz assim”, “faz assado”, porque eu também sinto vontade, eu sei o que é passar por isso, e eu posso lhe dizer o que fazer para passar essa vontade, eu posso te ajudar realmente (...). Existem profissionais bons formados? Existem. Mas têm os ruins também. Existe um monte de profissional de educação física, mas, veja, eu sou mais cara que um preparador físico gordo. *Isso é físico*. As pessoas acham que basta entrar numa faculdade e aí vão ganhar o diploma e ter dinheiro, mas agora, se esses profissionais querem ganhar dinheiro, eles terão que treinar e fazer dieta porque agora tem atleta formado e estamos ganhando muito mais dinheiro”.

Mais uma vez, o corpo se expressa como um capital. Aqui ele aparece como mediador das disputas pelo monopólio do mercado de trabalho, por meio da legitimidade de transmissão de um saber técnico-científico. Em face da heterogeneidade das habilidades adquiridas, Karla argumentou que ela domina o conhecimento teórico e prático das técnicas, enquanto, por comparação, o “profissional gordo” somente conhece a teoria e, portanto, teria um repertório limitado de soluções.

As queixas de Karla são categóricas: o conhecimento sobre o corpo seria obtido, sobretudo, *pelo* corpo. O corpo não seria apenas o resultado de uma série de engajamentos, ele é em si mesmo uma *evidência* da prática. No sentido oposto, a gordura também seria uma evidência corporalmente marcada, só que na condição de estigma. A autoridade que Karla se arrogou, diante da concorrência de especialistas que usufruiriam apenas da *teoria*, tem como fundamento principal a pedagogia a qual foi submetida através de sua conversão à disciplina. Afinal, “isso é físico”... Mas como? Acerca dessa questão, acredito que seja esclarecedor refletir brevemente sobre a “produção científica da gordura” até sua passagem/identificação com uma *forma* física.

Carlos Sautchuk (2007) argumentou que as correspondências antropométricas entre a gordura e o peso são resultados de “uma elaboração científica que situa o campo de ação no interior do corpo” (p.183), central para as práticas corporais contemporâneas. O autor enumera alguns dos processos para adquirir e organizar a composição corporal nos quais a “medida da gordura” seria um dos seus produtos.

Primeiro, teríamos o “método direto”, responsável pela obtenção de uma composição anatômica, seja dos corpos humanos ou dos animais, pela dissecação detalhada de um cadáver através da medição (“pratos de balança”) dos tecidos, ossos, órgãos, sangue etc. O alcance desse método seria limitado, pela presunção de que “um corpo morto é representativo de um corpo vivo”. Assim, são utilizados outros métodos de obtenção da composição corporal para o corpo *in vivo*, que estariam diretamente relacionados com o método anterior, denominados de “métodos indiretos”.

A densitometria é um dos métodos indiretos mais empregados e tem como eixo principal o cálculo da “densidade” do corpo por meio da quantidade de gordura corporal num cadáver fresco; uma vez que “a densidade da gordura é menor que a do resto do corpo”, a relação se estabeleceria a partir da proporção inversa entre a densidade do corpo e a quantidade de gordura (quanto menor o primeiro, maior será o segundo). Esse processo permitirá a quantificação da densidade total de uma pessoa viva, através da

generalização da fórmula produzida na correlação entre a densidade do corpo ( $D_c$ ) X quantidade de gordura(Q).

A densidade total, no entanto, não seria possível sem que se obtivesse outra variável: o volume. Então, teríamos o peso (“ $D_c/Q$ ”, que passa a ser mensurada pela balança) dividido pelo volume— obtido por outros complicados mecanismos que tendem a avaliar a diferença de um corpo dentro e fora da água e derivam outra fórmula generalizada e referida como “volume”. Seguindo essa intrincada cadeia de equivalências e transformações, poderíamos obter a *medida* da gordura correlata a um corpo específico.

Ainda que seja possível adquirir a densidade de um corpo sem que ele precise estar morto, tais processos são caros e complicados, porém “para que o laboratório vá até onde é preciso, para que ele amplie o alcance da tradução” (p.186), faz-se necessário que ele seja mais simples, acessível, e mantenha os mesmos princípios, ou seja, a continuidade da cadeia. Por meio de novas fórmulas que são sistematizadas por um método “duplamente indireto”, eis que surge o adipômetro. O aparelho mede a espessura das dobras cutâneas através de novos cálculos de equivalência relacionados ao método indireto da densitometria que, por sua vez, é conectado com o método direto da dissecação.

A popularização do adipômetro em clínicas de estética, academias de ginásticas, consultórios médicos, dentre outros se deve, especialmente, à facilidade de seu manejo: as pinças do aparelho são inseridas nas dobras da pele, geralmente nas regiões do abdômen, do braço e das costas, para a medição de sua espessura. Em seguida, os dados obtidos são inseridos em uma das inúmeras equações existentes (que foram construídas levando-se em conta as especificidades de grupos de controle variáveis em relação à idade, etnia, gênero e condicionamento físico) e novos cálculos produzem o percentual de gordura corporal. Claro está que o resultado do percentual de gordura variará de acordo com a equação utilizada.

A manutenção da cadeia é garantida pela ordem contínua dos termos da sequência, e sua eficácia é um produto direto da transitividade e da autorreferência entre esses mesmos termos. Portanto, conclui Sautchuk (2007), os níveis de equivalências e estimativas que são estabelecidos entre os diferentes métodos, e todos os elementos implicados nessa seqüência, formam uma “cadeia de tradução da gordura”. O último elo dessa cadeia, para o autor, seriam as práticas de saúde e de beleza que atuariam conectadas ao saber antropométrico engendrado no âmbito da produção *científica* da

gordura. Por conseguinte, “a gordura não é o que *resulta* dessa seqüência de operações, mas o que *estende* sua presença a cada um dos níveis intercomunicados. (...) a gordura desdobra-se ao longo dessa cadeia, sempre se originando de algo e ganhando outra configuração” (p.188). Quer dizer, os processos científicos de *depuração* da gordura forneceriam igualmente os requisitos de sua “fabricação”.

Desse modo, a identificação/escrutínio da gordura *pelo olhar*, presente na fala de Karla, seria mais um elo desse circuito de tradução da gordura. Suponho então que seja “físico”, por um lado— antropométrico—, posto que a presença interna/científica da gordura torna-se perceptível (ou equivalente) na exterioridade da forma. Sem que, necessariamente, se recorra a instrumentos de correspondência/mensuração numérica como as balanças de bioimpedância ou mesmo o adipômetro, embora estejam intrinsecamente conectados.

É a *imagem* pura e simples do corpo que ditará o “peso da gordura”, para Karla,

“tem nutricionista que ainda se apega a balança, tem nutricionista ainda calculando IMC. Você sabe o que é IMC? É o peso pela altura não é? Eu tenho 1.60 de altura e peso 70 quilos, se for assim, eu sou obesa então. Osso pesa, músculo pesa, muita coisa pesa. Até o meu cabelo, dependendo do tamanho que ele é (...). Mas como é que eu posso pegar um ser humano e achar que ele vai caber numa tabela? Numa tabela de cálculo básico que multiplica e divide pela altura? E outra coisa, é por base do IMC que eu vou dizer que você tá gorda ou tá magra? Olha, se você quiser olhar seu físico, se você me procurar para olhar seu físico, você vai se olhar no espelho, ***voce tem que se olhar no espelho***”.

Por conseguinte, “é físico”, – no aspecto moral –, por que a percepção deletéria da imagem da gordura, relacionada à adesão ou não a disciplina, censura o gordo não apenas por ser gordo, mas pela sua *incapacidade de mudar*, por ter sucumbido à gordura, ao descuido, à preguiça.

O leitor deverá lembrar-se da história de Karla, referida no início desse capítulo. Sua transformação (cósmica) foi motivada, especialmente, pelo seu estado de pesar atribuído a ser “gorda”, e de como sua “vida mudou” quando se comprometeu em expurgar a substância maléfica de seu corpo, qual seja, a gordura.

Lembremos que a apreciação desse Outro, no relato aqui destacado, (seja a nutricionista, o livro “antigo” sobre saúde, as pessoas “em geral” e, inclusive, eu mesma— que vos escreve), se reportou essencialmente à pedagogia gradual, mimética e *transformadora* a qual se submeteu através, mas não só, de técnicas corporais. Portanto, a autoridade reivindicada por Karla é, primordialmente, orientada na (e pela) práxis,

assim como pela validação *científica* conferida pela sua formação teórico-acadêmica. Ela não é apenas uma “profissional de educação física”, mas é também uma fisiculturista e vice-versa; campos de conhecimento que estão em contínua afecção e são observados pela sua *eficácia*, enquanto “um saber prático composto de esquemas imanentes à prática” (WACQUANT, 2002, p. 79). Posto que, como lembrou Marcel Mauss, “é preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (2003, p. 404).

O exame produzido por esse “olhar observador” é um gradiente posicionado sempre num *continuum da práxis*, de tal modo que esse olhar deixa de ser apenas um *observador* e se converte em uma espécie de *olhar perito* (ORTEGA, 2008). O olhar perito guarda uma relação determinante com a forma de produção do corpo fisiculturista; baseado na construção, controle e *montagem das imagens corporais*. Diferente da bioimpedância realizada nos alunos das academias de ginástica, na qual as medidas corporais são avaliadas em função da variação do percentual de gordura, os fisiculturistas analisam os progressos de seus corpos diacronicamente através de fotografias (seja de diferentes ângulos ou do corpo por inteiro) e filmagens, ou, sincronicamente, como ressaltou Karla, através do próprio espelho ou na interação direta com *outros reflexos*. Dessa maneira, os corpos vão se encaixando nas categorias exigidas pela federação.

A propósito, é particularmente interessante como os fisiculturistas medem a gordura corporal através de outro componente sensorialmente marcado: a desidratação. De modo geral, após uma série de estratégias direcionadas para a eliminação da gordura, o período pré-competição é crucial para definir a silhueta que representará uma determinada categoria. Para que os músculos fiquem mais proeminentes, os competidores reduzem a quantidade de água e de sal para propiciar a desidratação corporal. No entanto, o processo de desidratação será frustrado se o competidor apresentar uma quantidade tal de gordura que impossibilite a pele descolar literalmente do músculo. Se a pele ainda estiver ‘ligada’ ao músculo, é um dos indícios não só de hidratação, mas da presença de gordura corporal, o que tecnicamente prejudicaria a definição. Embora esse recurso seja utilizado também para a formatação do corpo feminino nos campeonatos, esse tipo de desidratação é primordialmente empregado pelos fisiculturistas homens, uma vez que as categorias de mulheres não permitiriam uma desidratação tão radical, considerada pelas normas da federação como “muito agressiva”, posto que masculinizantes. A gordura feminina, até o último momento antes

e durante a apresentação no palco, é medida pelos critérios mais “comuns”, ou seja, características corporalmente marcadas como estigmas relacionados à “mulher”, como celulites, flacidez e as dobras cutâneas.

É nesse contexto que emerge um personagem crucial no processo de produção corporal fisiculturista: o “técnico-fisiculturista”. Ele seria, digamos, a autoridade personificada do olhar perito. Também conhecidos como “*coach*”, “técnicos”, “mestre”, “professor”, são os *especialistas* na educação somática, isto é, com *experiência* no processo de transformar o próprio corpo. Além de tutelar competidores para as preparações de campeonatos, são eles próprios competidores. O termo que utilizo, “técnico-fisiculturista”, é uma tentativa de dar conta dessa dupla função: o de orientar as transformações corporais de outrem, ao passo que ele próprio também é/foi transformado, sob a chancela de outros “técnicos-fisiculturistas”. Ainda que a prática corporal fisiculturista seja fundamentada no labor solitário e individual de seus adeptos, é recomendável para seu êxito a orientação de pessoas, preferencialmente fisiculturistas mais experientes, que avaliem as imagens corporais do competidor, organizem as *estratégias*, o treinamento das *poses*, além da indumentária e os cuidados com a *beleza* que também são variáveis de julgamento.

Para César, o técnico fisiculturista é imprescindível para a preparação e obtenção de bons resultados no campeonato, uma vez que,

“não existe um atleta se preparar sozinho, porque nós temos o dom de nos boicotar em todos os sentidos. Na alimentação você vai comer o que você gosta e não o que precisa comer. O negócio que você não gosta, você vai tirar da sua dieta. Com o treino a mesma coisa. Eu posso ser o melhor treinador do mundo, mas eu tenho que ter alguém me treinando, tem que ter alguém que passe a programação. Por que têm treinamentos que eu gosto de fazer e têm outros que eu não gosto. Então o que eu não gosto, pode ser aquele que irá fazer o diferencial. Com a proximidade da competição, mais você fica abalado. Você se olha no espelho, bate a insegurança e aí você quer mexer em uma coisa que não é para mexer. Alguém tem que te dizer “não, não é o momento”.

Ao técnico-fisiculturista será exigida uma “visão integral” baseada no cálculo do rendimento corporal e estético dos competidores, levando-se em conta os requisitos exigidos nas categorias da federação e de uma projeção dos critérios “subjetivos” presentes na apreciação dos juízes. De tal modo que, “ao responsabilizar-se pela realização destas diversas articulações, o próprio técnico é colocado em movimento contínuo de transformação e afecção sobre o seu próprio corpo” (SILBERMANN, 2014,

p.53-54), ao mesmo tempo em que ele é o *modelo*, corporalmente marcado, de seu pupilo.

Os técnicos-fisiculturistas têm em média entre 25 e 47 anos de idade, formação acadêmica em áreas “afins” (nutrição, fisioterapia ou educação física), participam ou já participaram de campeonatos amadores e/ou abertos nacionais ou internacionais e eventualmente são fisiculturistas profissionais, ou seja, têm o *pro-card* emitido pela IFBB internacional e só participam de campeonatos da liga profissional. Além do tempo dedicado apenas à musculação, sua vivência como *fisiculturista-competidor* é dimensionada através do número de participações e conquistas em campeonatos. Em outras palavras, o tempo e engajamento para com a prática irão habilitar e certificar um técnico-fisiculturista. Mais do que isso: é a exibição de um corpo *veterano* e a incorporação de um *ethos* fisiculturista que preconiza “quando você se converte ao fisiculturismo, você não deixa de ser um. Você pode parar de competir, mas nunca é um ex-fisiculturista” (Otávio, fisiculturista há seis anos).

A função do técnico-fisiculturista não é uma simples orientação da técnica, mas a produção de um olhar na gestão do corpo que “regulamenta toda a existência” (WACQUANT, 2002, p. 75) do fisiculturista por meio da transmissão de uma prática que é ao mesmo tempo física e moral. O devir entre as funções, seja de técnico-fisiculturista ou de fisiculturista-competidor, garante que a difusão desses códigos se encontre em constante deslocamento e transformação.

Vejamos, por exemplo, o fluxo no qual Camila<sup>30</sup> está inserida. Quando decidiu competir pela primeira vez, ela contratou os serviços de César. Formado em educação física, ele atua como *personal trainer* na mesma academia que Camila e compete em campeonatos amadores desde 2012. César, por sua vez, é orientado por Otávio, também formado em educação física, dono de uma franquia de lojas de suplementos, fisiculturista desde 2010 e com um extenso currículo em campeonatos abertos nacionais e internacionais e com grandes chances, comenta-se, de conquistar o tão sonhado *pro-card*. *Pro-card* esse que já pertence a Maurício, técnico de Otávio, que participa há quatro anos da liga profissional e tem vários títulos em campeonatos abertos. Por fim, temos Mike, o mais recente técnico contratado por Maurício, que já foi duas vezes campeão *Mr. Olympia* em sua categoria. Aos 44 anos deixou de participar de competições em função das inúmeras lesões que adquiriu durante os anos, no entanto,

---

<sup>30</sup> Camila é a fisiculturista menos experiente dentre as minhas interlocutoras. Na época do trabalho de campo, só havia participado de um campeonato e se preparava para o próximo.



Mike ainda se dedica à vida saudável e, profissionalmente, atua apenas como técnico-fisiculturista.

É evidente que as gradações nesse *continuum* da práxis são polarizadas através do menos experiente ao mais experiente, entretanto, os vetores que organizam esses fluxos podem se entrecruzar a todo o momento. Eu poderia exemplificar, outrossim, situando o vetor a partir de Márcia e Karla, que são orientadas por Otávio, e seguir a trajetória exposta acima, ou mesmo de Helena que, por sua vez, faz parte de um outro circuito de técnicos-fisiculturistas no qual o mesmo *continuum* se estrutura.

Concomitantemente, todavia, esses fluxos também ocorrem em um sentido mais horizontalizado através dos *Team*. Competidores orientados pelo mesmo técnico-fisiculturista formam uma equipe, normalmente referido entre os fisiculturistas em sua versão inglesa “*Team*”. A quantidade de *Team* é proporcional à de técnicos-fisiculturistas, muitos deles, inclusive, nomeados com o nome do tutor, como “*Team César*”, “*Team Mike*”, etc. A concorrência entre os competidores reflete/é a concorrência entre os diferentes *team* ou entre os membros dos mesmos *team*.

Márcia foi categórica ao afirmar que “eu comecei a ser atleta da forma que ele é”. Já Otávio, seu técnico, enfatiza que

“a minha relação com meus atletas é de pai e filho. Quando a gente tem um treinador, a gente precisa confiar acima de tudo. Tem que ser sua base justamente por todas as problemáticas que podem acontecer. Quando você pega uma pessoa que vai te preparar, você precisa confiar nessa pessoa. Graças a Deus, a minha conduta foi a de sempre passar confiança para os meus atletas e se o outro lado se identifica, aí tá tudo certo. É uma questão de identidade, de energia. (...) É a minha equipe, a equipe que eu formei, é uma equipe que as pessoas precisam andar na mesma sintonia (...)”.

Inicialmente, poderíamos até supor que a ligação entre Otávio e seus atletas guarde semelhanças com a que “Dee Dee” estabeleceu com seus pupilos, no âmbito do *gym*<sup>31</sup>. Na sua clássica e estimulante *participação-observante* como boxeador em um *gueto* norte-americano, Loic Wacquant (2002) afirma que, após três anos, Dee Dee se tornou um “segundo pai”. O papel de Dee Dee era o de disciplinar a conduta moral e física do pugilista, de modo que o *gym* funcionasse como “uma instituição quase total que pretende regulamentar toda a existência do boxeador” (p. 75) em um ambiente que

<sup>31</sup> Ou outras relações técnico/atleta estabelecidas em modalidades como o futebol (DAMO, 2005; KESSLER, 2015) ou a natação (SILBERMANN, 2014).

é, ao mesmo tempo, uma extensão e o insulamento do cotidiano vivenciado nas ruas, pois,

o gueto e o *gym* encontram-se em uma relação de contigüidade e de continuidade, mas, uma vez dentro do salão de boxe, essa relação rompe-se e é invertida pela disciplina espartana à qual os boxistas devem obedecer, que envolve as qualidades da rua a serviço de outras finalidades, mais distantes e mais rigorosamente estruturadas. Desse modo, os técnicos insistem, antes de mais nada, sobre o que não deve ser feito no *gym* (...) que convergem para pacificar o comportamento dos membros do clube (p. 74).

O espaço, a transmissão diária de técnicas, a submissão a uma série de regulamentos morais que, juntas, versam sobre a conjuntura política, social e econômica dos jovens de *Woodlawn* norteiam a conduta/relação do técnico e seus boxeadores e vice-versa. Além, evidentemente, da especificidade da prática, na qual as regras

remetem a movimentos do corpo que só podem ser apreendidos completamente em ato e que se inscrevem na fronteira do que é dizível e inteligível intelectualmente. Além disso, o boxe consiste de uma série de trocas estratégicas, em que os erros são pagos no próprio ato, em que a força e a frequência dos golpes encaixados estabelecem o balanço instantâneo da performance: a ação e sua avaliação confundem-se, e o retorno reflexivo está, por definição, excluído da atividade (p. 78).

O pugilismo, ainda que guarde convergências concernentes ao ascetismo dos seus adeptos, é uma excelente antítese ao fisiculturismo, uma vez que as formulações dos seus enunciados (FOUCAULT, 2006) prescrevem instâncias de diferenciação pela natureza da práxis.

Enquanto o boxeador prepara previamente seu corpo (como instrumento) para movimentos que serão definidos *em ato*, incitando, inclusive, as capacidades de resiliência no momento mesmo da ação, o corpo-fisiculturista é a própria ação, enquanto um fim em si mesmo, dado totalmente no âmbito do *inteligível intelectualmente*. Articulando e produzindo saberes médicos-científicos, as técnicas são orientadas para a montagem gradual e controle prévio de um corpo *em* metabolismo. Cada intervenção almeja *modelar uma imagem* que deverá estar formatada e ser avaliada no dia do campeonato.

O primeiro passo para fazer parte de um *Team* é contratar os serviços do técnico. O preço desse serviço é cambiante, dependendo, por exemplo, da quantidade de campeonatos que o atleta participará e do tipo de planejamento que encerrará na *evolução* corporal almejada. Discorrerei sobre os meandros da *evolução*, enquanto um

conceito nativo, no capítulo quatro, porém, é importante destacar aqui que os resultados dessa evolução são compartilhados tanto pelo atleta quanto pelo seu técnico. A capacidade de ser transformado do primeiro é vinculada à competência de transformar do segundo; isso garante, por outro lado, que a fidelidade entre o fisiculturista e seu técnico-fisiculturista seja rompida a partir do momento em que este não seja mais capaz, aos olhos do competidor, de fazê-lo progredir, impelindo-o a contratar outro técnico-fisiculturista, ampliando, portanto, ainda mais a transitividade dos fluxos.

Assim, o valor do trabalho de um técnico também oscilará de acordo com seu sucesso em *evoluir* os pupilos, além de sua própria *evolução* que pode ser assinalada, dentre outros índices, pelo *ranking* que ocupa nas competições amadoras ou mesmo se ele for um atleta-Pro. Igualmente, ainda que sejam impedidos por regras internas da federação em atuar como árbitros, muitos técnicos-fisiculturistas realizam periodicamente cursos de arbitragem promovidos pela IFBB, para se atualizarem quanto aos critérios exigidos nas categorias. O objetivo é aperfeiçoar a atuação da sua equipe nos campeonatos— circunstância que tende a garantir a capilaridade e a disseminação da práxis. Somado todos esses condicionantes, as cifras de um técnico-fisiculturista já estabelecido no mercado brasileiro podem variar de R\$350,00 a R\$3.000,00 mensais, porém os que estão iniciando na função podem cobrar preços bem mais módicos ou mesmo orientar gratuitamente na esperança de colher bons frutos. Assim, orientar um atleta vencedor é um investimento importante, para um técnico iniciante. A vitória de um atleta é a melhor forma de publicidade para o técnico.

Geralmente, os técnicos-fisiculturistas e os seus competidores fazem parte da mesma federação e, não raro, podem ser *concorrentes* nas mesmas categorias, nos mesmos campeonatos. São circunstâncias que implicam diretamente na configuração da orientação; os técnicos possuem suas próprias dinâmicas enquanto competidor e devem obedecer a seus horários de treino, dieta e descanso. Como o papel do técnico-fisiculturista é planejar, acompanhar e, de certa forma, obter os resultados da evolução, ele não precisa, necessariamente, treinar na mesma academia ou acompanhar o dia-a-dia do seu orientando. Os recursos utilizados para o exame, como já referido, são as fotografias, vídeos, e, ocasionalmente, a presença do técnico que apreciará<sup>32</sup> a arquitetura corporal do competidor. Conheci, por exemplo, competidores que nunca

---

<sup>32</sup> Essa periodicidade pode variar de uma a duas vezes no mês em pré-competição, já na semana ou, precisamente, um dia antes da apresentação a presença do técnico é mais constante, pois, como veremos, são momentos considerados cruciais para a montagem do corpo.

viram pessoalmente seus técnicos, e são orientados através dos recursos já referidos, ou os vêem periodicamente para avaliações pontuais. A análise concreta da *evolução* é feita através do *imperativo da imagem*, é importante que o corpo seja *montado* aos poucos para que, no dia da apresentação, ele seja apresentado em seu melhor entalhe e, assim, se torne *competitivo*.

Se, por ventura, a *evolução* não corresponder ao resultado esperado, serão elaboradas novas articulações que busquem modular aquele corpo, constantemente examinadas pelos efeitos produzidos na imagem corporal. Claro está que, para o sucesso da obra, o competidor também precisa se esmerar, não apenas seguindo à risca as instruções de seu técnico, mas observando *outras imagens*. Dentre outras coisas, estudam as poses de outros atletas que competem na mesma categoria, como utilizaram as indumentárias e apetrechos mais valorizados pelos jurados ou mesmo a maneira em que empregaram recursos terapêuticos que os ajudaram a aumentar o rendimento. Em 2014, por exemplo, era febre entre competidoras a drenagem linfática para acelerar a perda de gordura e a quiropraxia para diminuir as dores musculares. Para elas, esses recursos ajudavam a reduzir os danos do intenso processo de preparação para as competições. No ano anterior, segundo Helena, uma famosa campeã sul-americana deu uma entrevista relatando que essas intervenções ajudaram em suas vitórias “se ela fez e teve bons resultados nada mais natural que testarmos também. Se não der certo no meu corpo, eu paro”.

Percebam que o olhar perito não é apenas aquele que identifica e examina uma forma corporal, mas que, ao se submeter e propiciar várias articulações em prol da modulação, também adquire um conhecimento sensível sobre um corpo particular. Conhecimento esse cuja dinâmica flui tanto de si quanto para o outro, em constante devir e transformação. Ainda que exista certa padronização dos procedimentos, as estratégias sempre serão adaptadas ao funcionamento e resultados no corpo de um competidor em específico, para que ele possa atingir o padrão da categoria. Não importa o que ele faça desde que atinja o modelo anatômico exigido pela federação no dia do campeonato, eis “o limite” de um atleta fisiculturista.

Estamos lidando com o ato de esculpir um corpo, mas que, certamente, prescinde do vínculo que há entre o escultor e sua obra: todos os *continuum* e dinâmicas, respectivamente, da práxis e das funções que produzem essas subjetividades borram a todo o momento as fronteiras entre sujeito e objeto. A montagem do corpo fisiculturista, a sua adequação às categorias da federação, depende de uma faculdade

muito particular— a maneira como o sujeito copia, articula e reproduz *imagens outras*, além de transformar a si mesmo, só é possível pelo poder da *mimesis*.

### 3. PRESENTE DOS DEUSES

At the end of the nineteenth century a new interest in muscle building arose, not muscle just as a means of survival or of defending oneself; there was a return to the Greek ideal-muscular development as a celebration of the human body (...). Americans were beginning to move from farms and small towns to the cities; the automobile provided a new mobility. But at the same time, life was becoming increasingly sedentary, and the health problems that arise when a population eats too much of the wrong food, doesn't get enough exercise, and exists in constant conditions of stress were just becoming apparent. The physical culturists were battling this trend with a belief in overall health and physical conditioning, advocating moderation and balance in all aspects of life. The beer-drinking, pot-bellied strongmen of Europe were certainly not their ideal. What they needed was a model whose physique embodied the ideas they were trying to disseminate, someone who more closely resembled the idealized statues of ancient Greek athletes than the Bavarian beer hall bulls of Europe. They found such a man in the person of Eugen Sandow, a turn-of-the-century physical culture superstar.

É assim que Arnold Schwarzenegger, ícone do fisiculturismo, ex-governador da Califórnia, ator hollywoodiano, sete vezes campeão Olympia e fundador de um dos maiores eventos de fisiculturismo internacional, promovido atualmente pela IFFB, o campeonato aberto *Arnold Classic*, começa sua *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*<sup>33</sup>.

Ao longo de 800 páginas, Schwarzenegger discorre sobre a história da musculação moderna e expõe um verdadeiro manual de treinamento e conduta moral para se tornar um fisiculturista de sucesso, inspirado, como não deveria deixar de ser, em sua trajetória pessoal. Não por acaso, as primeiras linhas da publicação situam os “culturistas físicos” como paladinos da saúde em face dos barrigudos bebedores de cerveja europeus, pois, ao que parece, seriam os únicos capazes de salvar a América do desregramento e ociosidade<sup>34</sup>. Além disso, Schwarzenegger enfatiza a apropriação de uma tradição clássica da cultura física como condição de legitimidade do fisiculturismo, circunstância que, do ponto de vista da prática, não seria uma mera alusão.

<sup>33</sup> Publicada originalmente em 1985, editada em português no final da década de noventa e em sua quinta edição no Brasil.

<sup>34</sup> Afirmação curiosa, uma vez que o próprio Arnold Schwarzenegger é austríaco e migrou para os EUA ainda na adolescência.

Se a inovação de Eugen Sandow, no final do século XIX, estava na exibição da definição muscular em público, a valorização do músculo enquanto um interesse estético remonta aos gregos antigos, que viam no corpo humano uma representação do ideal de beleza dos deuses. Em suas aparências humanas, a forma corporal dos deuses era interpretada como mais poderosa e perfeita do que a de homens comuns. Ainda que a estatuária grega inicialmente retratasse os deuses em poses de descanso, na qual a divindade era representada particularmente em suas proporções corporais ideais, com o advento dos jogos olímpicos, a escultura tendeu a retratar o interesse dos gregos na ginástica e nos jogos esportivos. Essas esculturas evidenciavam a transcendência humana por meio do desenvolvimento e aperfeiçoamento dos músculos— símbolo de poder e energia divinos (LAURA; DUTTON 1989).

O atletismo grego, enquanto uma instituição da cidade-estado, assimilou o ideal moral e político do “bom cidadão” a partir dos princípios estéticos de um físico masculino “bem formado”. Era por meio do ‘sexo masculino’ que a cultura física no antigo imaginário grego glorificava o corpo humano (LAQUEUR, 2001; WYKE, 1997). As mulheres eram proibidas de participar dos jogos olímpicos ou de qualquer atividade esportiva, pois estas eram reservadas aos cidadãos, posição ocupada apenas por homens e relacionada à participação da vida pública e à função guerreira (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). O máximo de prestígio que uma mulher poderia obter seria ser filha, mãe ou esposa de cidadãos (MARQUETTI, 2003). De tal modo, a concepção de uma excelência e força física masculina foi moldada também por essas noções helênicas, muito embora não se refira mais a uma representação política da cidadania.

Eric Hobsbawn (1988) aponta que desde o século XVI a estátua era considerada uma modalidade artística “elevada”, pois atribuída aos gostos refinados das classes mais altas. No então final do século XIX não era diferente. Com efeito, Eugen Sandow fazia imitações das poses tradicionais de pinturas e estátuas clássicas e, ocasionalmente, ao invés da sunga, usava apenas uma folha de parreira em suas apresentações; igualmente, a poeira branca que utilizava para cobrir a extensão do seu corpo tinha como objetivo principal enfatizar a semelhança com as estátuas de mármore clássicas (CHAPMAN, 2006, p.98). Inclusive, mesmo antes de Sandow, os participantes dos concursos de *Homens Fortes* tinham nomes artísticos que se referiam a esta tradição, tais quais, “Hércules”, “Apollo”, “Romulo”, “Remus” ou mesmo “Cyclops” (WYKE, 1997, p. 56).

Ao resgatar o conceito de *mimesis*, em uma releitura de Walter Benjamin, Michael Taussig (1993) argumenta que atos miméticos são meios de adquirir poder sobre algo, apropriando-se de sua cópia e capaz de ser mais poderosa que a matriz, o original. O poder da faculdade mimética pertence a um suposto sensorial fundamental: copiar implica em contato. Esse contato não estaria, necessariamente, em um modelo de percepção no qual os sentidos seriam meros instrumentos de observação de um determinado objeto. Tanto o reconhecimento quanto a produção de semelhanças recaem num vínculo mais elementar que se encontra fora deles; como uma espécie de “sexto sentido” (TAUSSIG, 1993, p. 213). É o recurso a esta faculdade que torna possível qualquer ato de representação, através das confluências e ambigüidades entre a semelhança e diferença, imitação e ação criativa.

A faculdade mimética, entretanto, não estaria isenta de uma historicidade, tampouco de formas particulares de reprodução, seriam histórias dentro da própria História. Para Benjamin (1985),

a natureza engendra similitudes. Basta pensar no mimetismo animal. Contudo, a mais elevada aptidão de produzir similitudes pertence tipicamente ao homem. O dom de perceber similitudes, ao qual possui, não é senão o fundamental resíduo da obrigação, ao mesmo tempo violenta, de assimilar-se e de conduzir-se de acordo. (...) A capacidade de produzir similitudes e, portanto, reconhecê-las transformou-se durante a história (p.49).

Antes mesmo das “máquinas miméticas” de Benjamin, notadamente a câmera fotográfica, Taussig identifica seus rastros nos diários de viagens de Charles Darwin que, em 1832, a bordo do *Beagle*, se impressionava com a capacidade mimética dos autóctones da Terra do Fogo que costumavam imitá-lo; entre os índios sul-americanos da península do Darién, entre o Panamá e o canal da Colômbia, que esculpam imagens de marinheiros brancos em madeira para acessar poderes mágicos de cura; até chegarmos à tecnologia cinematográfica que, através de um (re) encantamento das imagens, em face de sua reprodução/cópia, promoveria o efeito de restaurar a experiência do contato.

A argumentação do autor se erige através de uma premissa principal: a capacidade de imitar é a capacidade de ser Outro. Aquém de uma pretensa *bricolage*, ao modo do “Pensamento Selvagem”, a linha conceitual de Taussig impõe sua potência analítica quando atesta, usando como exemplo o contato colonial entre os índios Cuna e os estrangeiros, que os atos miméticos são o fundamento do conhecimento do Outro. A

relação entre o colonizador (europeus e norte-americanos) e os Cuna moldou a construção de uma identidade indígena a partir de, digamos, uma política de circulação de mimeses na alteridade (EATON, 2004), em que,

creating stability from this instability is no small task, yet all identity formation is engaged in this habitually bracing activity in which the issue is not so much staying the same, but maintaining sameness through alterity. The available histories of the Cuna shed strange light on the logic of this process, for by remaining resolutely “themselves”, resolutely alter vis a vis old Europe as well as-note dearly-its black slaves, the Cuna have been able to “stay the same” in a world of forceful change ( 1993, p. 129).

Imitar, desse modo, não significa (re) criar fielmente o Outro, mas reproduzir, recortar e adquirir algo do Outro; a sensibilidade mimética produz um espaço ambíguo entre o “original” e a “cópia”, criando uma *segunda natureza*. E é por meio de atividades mágicas que a cópia extrai o poder do original, sob a condição da representação assumir e dominar o caráter desse poder.

O autor utiliza a noção de magia de James Frazer para explicar esse ato de conexão e reduplicação substancial da mimesis. A magia simpática “supõe possibilidade de interação entre coisas que estão distantes”, implicando em similaridade e contágio de tal forma que o mágico acredita que poderá produzir os efeitos que deseja tão-somente imitando. Como se sabe, no *Ramo de Ouro* (1978[1922]), Frazer enuncia que o *semelhante produz o semelhante e o efeito se assemelha à sua causa*. Com vários exemplos, o autor demonstra como a lei da similitude promove seus propósitos pela reprodução do outro através de sua imagem; é pela imagem (cópia) que se adquire poder sobre o dono da imagem.

Taussig observa que as práticas mágicas na mimesis não se resumiriam a meras relações de causa e efeito, uma vez que existem diferentes conexões entre as semelhanças visuais e as maneiras nas quais são produzidas, o que determinaria a natureza da cópia. O movimento mimético, dessa maneira, seria uma via dupla: ao mesmo tempo em que adquire poder sobre o original, a cópia afeta e transforma a si mesmo e o Outro. É simultaneamente semelhança e diferença, um risco a noções que procuram estabilizar previamente a distinção entre o eu e Outro como posições ontológicas, por sua vez, situadas na fronteira entre a mimesis e a alteridade. Não se trata, pois, de reconhecer quem seria a “cópia” ou o “original”, já que esses modos se



justapõem e estariam a todo o momento em deslocamento, mas identificar os movimentos que se constituem em mimesis.

Sabemos que o embelezamento corporal acarreta transformação cósmica e essas transformações seriam, segundo Taussig, “the latest expression of ancient magical practices based on mimesis and physiognomy, practices such as masking, face painting, and body painting, carried out so as to greet the gods or become one” (TAUSSIG, 2012, p. 44). Tornar-se atraente a outrem, ser admirado, *adquirir* beleza, envolve ritos e práticas mágicas das mais elementares. Afinal, “could it be that beauty is a gift of the gods that, like all gifts, comes with a measure of anxiety, only in this case, being a gift of the gods, the burden is close to overwhelming” (p.12).

São ‘cirurgias *cósmicas*’ justamente porque são *mágicas*, pois têm eficácia e possuem o poder de alterar o estado daqueles que repercutem seus efeitos.

Os atos miméticos que engendram a composição de uma alteridade fisiculturista concernem, no primeiro momento, ao alinhamento do corpo em uma herança clássica do belo, assimilado como modelo estético de força, proporção e simetria. Se, entre os gregos antigos, as estátuas eram uma maneira de reproduzir e dominar o poder dos deuses ao representá-los em formas humanas, aqui a “mágica da beleza” busca o poder e fascínio das *estátuas dos deuses* consideradas– em uma tradição burguesa que supõe “baixa cultura” e “alta cultura”, na medida em que se afasta de uma cultura “popular” e é valorizada pelas classes dominantes– uma “arte elevada”.

Essa noção do belo, por conseguinte, está relacionada a uma narrativa do “herói”, ao poder e força emanado pelos deuses, do corpo masculino como expressão e medida de perfeição humana. Ou seja, a filiação do fisiculturismo a tradição grega clássica empreende também uma busca pelo prestígio conferido pelas “ficções dominantes” (SEGATO, 1997) de masculinidade.

O feminino, na prática fisiculturista, se estabelece como *descontinuidade*. Ora, lembremos-nos de Katharina Brumbach, uma das poucas mulheres a ganhar alguma notoriedade nos concursos de força de sua época, mesmo antes da criação e participação de mulheres em campeonatos de fisiculturismo, que ficou conhecida como “Hércules de Saias” e “Sadwina”. As mulheres fisiculturistas precisam demarcar tanto a sua identidade (fisiculturista) quanto sua diferença (mulher), tal relação definirá as ações e as posições nesse contexto.

É preciso ter em vista que as subjetividades masculinas são variáveis e dependem tanto do contexto vivenciado por cada sujeito, quanto das alterações ao longo

de seu ciclo de vida, de acordo com as diferentes situações de interação<sup>35</sup>. Miguel Vale de Almeida (1996, p. 162) chama atenção para a presença de masculinidades “hegemônicas” e “subordinadas”, que estariam em constante diálogo e conflito entre si. Como um constructo analítico, a noção de masculinidade hegemônica

não se assumiu normal num sentido estatístico; apenas uma minoria dos homens talvez a adote. Mas certamente ela é normativa. Ela incorpora a forma mais honrada de ser um homem, ela exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação global das mulheres aos homens (CONNEL, 2013, p. 245).

Assim, a “masculinidade hegemônica” pressupõe, principalmente, relações assimétricas e desiguais entre o feminino e o masculino como princípio da diferença. Para Marilyn Strathern (2006[1988]) tais relações são construídas através de procedimentos metafóricos e metonímicos que tendem a naturalizar a associação entre “homens” e “poder”, na medida em que os homens passam a corporificar as imagens e os instrumentos do poder, adquirindo propriedades intrínsecas àquelas dos recursos que controlam. Assim, por exemplo, segundo o estudo da autora sobre o sistema de trocas dádivas entre os Hagen, estas seriam “atividades que possuem gênero” (p.26), pois a capacidade que homens e mulheres têm para envolver-se nos processos das trocas é definida pelo “poder” que o gênero impõe ou retira de certas pessoas em detrimento de outras.

Desse modo, é necessário que nos atenhamos à natureza do vínculo entre *poder* e *desigualdade*, no contexto do fisiculturismo competitivo, atinente a agência dos seus sujeitos. Ou a, precisamente, como “a política da agência e o trabalho cultural envolvido na construção e na distribuição da agência como parte do processo que cria pessoas apropriadamente definidas em termos de gênero e, assim, entre outras coisas, diferentemente empoderadas” (ORTNER, 2007, p. 59).

---

<sup>35</sup> Estudos antropológicos, por sua vez, destacaram como são dessemelhantes os rituais de iniciação masculinos e femininos (MAYBURY-LEWIS, 1984; COHN, 2000; CARVALHO, 1987; FACHEL, 2012). De modo geral (ainda que não se pretenda a generalizações, senão em recorrências etnográficas), os rituais de iniciação masculinos envolvem provações físicas, testes de virilidade, o domínio das emoções, a constituição da agressividade e, sobretudo, a crença de que detém um segredo interdito às mulheres. Já nas práticas esportivas, muitos estudos (CECCHETTO, 2004; GASTALDO, 1995; RIAL, 1998) demonstram que, enquanto espaço de masculinidade, o esporte teria o papel pedagógico de transmitir signos masculinos que se vinculam ao sofrimento corporal e a violência.

Bem, no período em que fiz trabalho de campo, nunca houve sequer menção a mulheres que também exerciam a função de “técnico-fisiculturista”, quando estas apareciam no papel de tutelar modificações corporais eram sempre nas condições de *personal trainer* em academias ou em serviços de consultorias *fitness*<sup>36</sup>. Quer dizer, distantes do âmbito dos campeonatos e relacionadas a *transformações em beleza*,<sup>37</sup> consideradas mais “fáceis” se comparadas aos processos de modulações perpetradas pelas categorias dos campeonatos.

Ainda que virtualmente todo fisiculturista seja uma espécie de “técnico”, na prática quem é pago para ter essa “visão global” das competições e da evolução do corpo de homens e mulheres é o *homem* fisiculturista. Portanto, há uma hierarquia fixa nos *Team* em face da diferença entre homens e mulheres, ou seja, ao gênero. A legitimidade que Karla atribui a si mesma em função da práxis só tem validade fora do âmbito dos campeonatos, quando a concorrência é, ainda assim, mais ampliada e proporcional.

É como se, não só a pretensa legitimidade de portar um corpo musculoso, mas, também, a prerrogativa de “criar” e “desenvolver” músculos em outrem fossem *naturalmente* masculina, um privilégio que a masculinidade (hegemônica) teria ao emanar a “força” e o “poder” metaforizados pela proeminência dos músculos. Quando decidem se tornar *atletas fisiculturistas*, homens e mulheres são submetidos ciclicamente a processos de *virilização*, a fim de desenvolver e aperfeiçoar os músculos corporais.

A tarefa do *olhar perito e masculino* do técnico-fisiculturista sobre o corpo de uma mulher fisiculturista tem como função identificar e atenuar as características androgênicas decorrentes do processo, sobretudo, de manipulação hormonal, para que se possa “criar músculos” e “corpos” considerados femininos pelas categorias da federação. Os olhos masculinos, de acordo com essa premissa, seriam hábeis em

---

<sup>36</sup> Quando muitas fisiculturistas são contratadas, levando-se em conta também suas formações nas áreas afins, para montar um programa disciplinar que envolva dietas e treinamentos a pessoas que se interessem em ter uma vida “saudável”, “fitness”. Por exemplo, se uma pessoa solicitar um programa disciplinar que tenha duração de três meses, assim, por esse serviço, deve desembolsar por volta de 200 e 300 reais. Caso queira um novo programa, uma nova negociação será feita tendo em vista os valores e os resultados estéticos conquistados e esperados.

<sup>37</sup> Geralmente em mulheres, pois, como antes mencionado, encontram resistências em fazer impor suas instruções entre os homens e, em muitos casos, entre as mulheres. O que nos dá uma idéia das dificuldades de inserção profissional enfrentada pelas mulheres fisiculturistas tanto na dinâmica dos campeonatos, quanto fora dele.

identificar e reconhecer corpos femininos em processo de masculinização, pois, homens vivenciariam a masculinidade em seu próprio corpo.

Caberá, afinal, ao técnico fisiculturista a tarefa de “feminizar” o corpo e, conseqüentemente, a imagem de suas competidoras. O que não deixa de ser um dos reverses da mimesis, uma vez que o processo de reduplicação de características corporais “clássicas” e “belas” produz alteridades que, por um lado, seriam “estátuas humanas (masculinas) em movimento” (SCHWARZENEGGER, 1977)<sup>38</sup>, que tendem a replicar uma identidade de substância, ao mesmo tempo em que, do outro, teríamos a presença “híbrida” encarnada pelas mulheres musculosas<sup>39</sup>.

Só é admitido que mulheres ocupem certos “privilégios” masculinos apenas quando estejam oficial e hierarquicamente consagradas em suas trajetórias dentro da federação, é o caso das mulheres fisiculturistas que possuem o *pro-card*. Mulheres como Flávia, atual presidente da IFBB-BA, que assumiu o cargo em maio de 2015, com o propósito de popularizar a modalidade no Estado. Para tanto, ela pretende realizar campeonatos abertos para dar mais visibilidade ao esporte, tendo como suporte a credibilidade que ela mesma adquiriu junto aos patrocinadores e junto à federação nacional.

Ademais, as expectativas com a gestão de Flávia eram grandes, em função de insatisfação com alguns aspectos da administração do presidente anterior, André; comentava-se a boca miúda, que o fato de nunca ter sido um “atleta” prejudicava os competidores nos campeonatos, dado que ignorava, por exemplo, a necessidade de respeitar rigorosamente os horários das apresentações sob o risco de comprometer meses de preparação. Flávia começou no fisiculturismo junto com seu marido, Otávio, que apesar de não ter conseguido o feito de se tornar profissional, tem um *Team* bastante conhecido e com muitos membros. Atualmente, ele é o técnico-fisiculturista de maior credibilidade na Bahia.

Casos como o dela são, sem dúvida, exceções. Mesmo assim, não se relacionam necessariamente às pedagogias corporais a que foram submetidas, mas a outras relações como as de afinidade, como parte do prestígio do parceiro, e a credenciais que alcançaram dentro da federação. Note-se, ela não é uma “técnica-fisiculturista”, ela

---

<sup>38</sup> Documentário “*Pumping Iron*”, 1997, Direção: George Butler, Robert Fiore.

<sup>39</sup> Sobre as representações nas imagens de deusas gregas e da mulher, Marquetti (2003) chama atenção para a valorização e proeminência nas esculturas gregas de discursos sobre a fertilidade e a consolidação da figura da “deusa-mãe”.

ocupa uma posição administrativa. No máximo, auxilia as mulheres que fazem parte da equipe do marido, com dicas de treinamento, dietas, anabolizantes e, principalmente, nos treinos das poses, uso de acessórios e maquiagem que devem transmitir a “delicadeza feminina”.

Flávia, hoje aos 30 anos, viu no fisiculturismo um “caminho natural” para quem sempre foi “rata de academia”. Começou a competir em 2010, numa época em que, segundo ela, era muito mais difícil ser *atleta de fisiculturismo*, pois, até então, não era uma modalidade relativamente conhecida, tal como se tornou a partir de 2012. Até obter o *pro-card*, em 2014, ela custeava todas as despesas, sem perspectiva de patrocinadores. Durante muito tempo, foi a única mulher a competir nas seletivas nacionais, representando a IFBB-Ba. De início, contou com a supervisão de Otávio, porém, ao longo de sua carreira, teve pelo menos outros três técnicos-fisiculturistas.

Flávia mencionou apenas uma exceção, que, portanto, confirma a regra, em Belo Horizonte – MG. Uma fisiculturista *pro-card* foi responsável pela preparação de duas competidoras, entretanto, a “supervisão técnica” (e oficial) ficava por conta de outro técnico-fisiculturista que, por acaso, vinha a ser o próprio *coach* da “*pro*”. No máximo, mulheres que tenham um bom tempo de prática e, por ventura, sejam tão ou mais premiadas que os homens se encarregam, de maneira bem pontual, em orientar competidores (homens e mulheres) iniciantes que não dispõem de recursos para contratar um técnico-fisiculturista “gabaritado” ou, com mais frequência, das oficinas de poses “femininas” promovidas ocasionalmente, seja pela própria federação, seja pelos *team*, em épocas de campeonatos.

As poses são os veículos de avaliação das modulações corporais nas performances públicas e exigem de seus performers uma cadeia contínua de observação, prática, imitação, correção e repetição (SCHECHNER, 2011a, p. 215). Além disso, devem ser *generificadas*: homens precisam *comportar-se como homens* e mulheres devem *comportar-se como mulheres* como parte dos critérios de julgamento. As mulheres não devem denotar a força e a beleza dos deuses, mas, em face de suas ambigüidades corporais, não devem se esquecer de que são “mulheres”.

A maneira como os competidores performatizam as poses de “homens” e de “mulheres” irá definir o julgamento da “linha” do corpo pelos árbitros. Não há um consenso sobre como deveria ser a “linha”, uma vez que os critérios de julgamento de um “físico perfeito” são voláteis dependendo, por exemplo, das preferências dos árbitros que podem ser diferentes em competições estaduais, nacionais ou

internacionais. Mas, de maneira geral, trata-se da estrutura física do competidor, precisamente, a proporção entre os grupos musculares superiores e inferiores mensurados a partir do abdômen. A linha se refere especificamente aos contornos da cintura, particularmente, em suas laterais: quanto menores as linhas e mais “proporcionais” forem os grupos musculares, dentro dos requisitos de cada categoria, mais *simétrica* e *competitiva* será uma arquitetura corporal.

O conceito de linha é atribuído a uma imagem anatômica mais “clássica”, em referência aos anos 60 e 70, quando a hipertrofia muscular não era tão “excessiva” e sem “harmonia” como foi considerada nos anos 80, 90 ou até os primeiros anos de 2000. Arnold Schwarzenegger é um dos principais disseminadores desse tipo de composição estética. Em muitos momentos, meus interlocutores (tanto competidoras, quanto técnicos) se referiam à “linha do Arnold”, para explicar os critérios exigidos pelas categorias, nos termos de potencialização muscular, proporção e beleza corporal, e sobre a importância de se obedecer às “linhas femininas” e às “linhas masculinas”.

A enciclopédia ensina não só os modos, mas a importância de se *montar* uma linha “harmoniosa” do corpo, assim como os méritos de um competidor que execute perfeitamente o movimento das poses diante da arbitragem. No entanto, Arnold direciona todas as suas regras ao público masculino, fato que não seria menos sintomático para um manual de tamanha relevância para as práticas de musculação e para as normas que orientam o fisiculturismo enquanto um esporte. Arnold Schwarzenegger faz referência em apenas dois momentos às mulheres e talvez tais citações (e sua inóxia) nos ajudem a entender um pouco mais do que está em jogo aqui.

Ele sugere que:

The primary reason is that the fundamentals of muscle training and diet programs are essentially the same for both sexes. Though women may have different goals from man to tone up rather than build maximum muscle size- this is reflected not in how they execute particular exercises but in sets and reps, combinations, and choices of some exercises that target a woman's particular problem areas (SCHWARZENEGGER, 1999, p.46) .

E mais adiante alerta:

Women can benefit from training partners, need to deal with soreness and setbacks, should avoid overtraining, can feel a great pump, have to cope with injury-just as men do. In fact, I often trained with female training partners, which I found both motivating and challenging. So my advice to women

interested in serious training is simple: Your muscle cells don't know you are a female (p. 83).

Nos seus termos e, mormente, com a máxima “your muscle cells don't know you are a female”, Schwarzenegger, genialmente, expõe a natureza das distinções entre homens e mulheres praticantes de musculação, através do suposto de uma possível *igualdade* (na aptidão) em termos biológicos<sup>40</sup>.

Em face de corpos em constante manipulação, cujas articulações que os produzem são fruto da associação do que é “orgânico e técnico”<sup>41</sup> (HELMREICH, 2015, p. 621), não seriam, desse ponto de vista, interdições “naturalmente” situadas nas limitações do “sexo feminino” em comparação ao “sexo masculino” que determinariam as normas entre *mulheres fisiculturistas* e *homens fisiculturistas* (ou mesmo as divisões entre categorias *masculinas* e *femininas*); mas, essencialmente, a proeminência de relações prático-discursivas imperativas na constituição de um *habitus*— tendo, inclusive, o constructo do “natural” como um dos produtos dessa relação— que definem agências, hierarquias e imagens corporais enquanto “homens” e “mulheres”.

No próximo capítulo, analisarei principalmente as formas como são classificados, observados e julgados os corpos femininos e masculinos de acordo com as orientações da federação. E a forma com que, a partir disso, são produzidos níveis de feminilidade e masculinidade; expressos nas avaliações das competições, passando pelas relações de sociabilidade, até nas relações estabelecidas internamente aos competidores de cada categoria ou entre categorias distintas. Os procedimentos referentes à mimesis e à alteridade permanecem sublinhados a todo o momento, seja, por exemplo, na adequação do corpo por comparações a outras categorias da federação e, nesse caso, masculinas e femininas terão gradações distintas, seja pelo confronto de corpos e estilos de vida que, como evidência da prática, não se dispõem da disciplina

<sup>40</sup> Por outro lado, a citação também poderia sugerir que a prerrogativa masculina em “produzir” músculos se manifestaria na “masculinização” das células musculares. Assim, como parte do *mana* masculino, as células teriam deficiência em *reconhecer o gênero* de suas portadoras; o que acarretaria dificuldades em se desenvolverem a contento em corpos femininos.

<sup>41</sup> Tal associação encontra ecos nas formulações de Haraway (2000) sobre o *ciborgue*, que podem ser compreendidos como articulações que visam conservar a integridade de entidades autorreguladoras, através do constante equilíbrio e manutenção de suas fronteiras (HELMREICH, 2015) e, portanto, muito distante daquilo que convencionalmente aprendemos como “natural”. Os ciborgues não necessitam ser apenas um misto “de carne e máquina” (por exemplo, como um dos espécimes mais famosos que Hollywood já produziu, não por acaso, o “Exterminador do Futuro” interpretado por Arnold Schwarzenegger), mas concernem aos fluxos e associações que visam a manutenção de fronteiras de seres híbridos e tecnologizados, em várias escalas. Para Silbermann (2014) tais relações produzem o atleta como um ciborgue, “enquanto uma heterogeneidade de elementos agenciados na produção de uma performance específica” (p. 53).

necessária para moldar corpos competitivos– segundo os parâmetros da IFBB, e/ou representações hegemônicas referentes à beleza.



## CAPÍTULO 3

### CATEGORIZANDO CORPOS, ADEQUANDO LINHAS

Em 2014, para ser filiado da IFBB-Bahia, era necessário o pagamento de uma taxa no valor de R\$150 anuais<sup>42</sup>; para participar das competições, seriam outros R\$150 pagos no período das inscrições. Diferente de outras federações, a IFBB exige fidelidade de seus associados: seus atletas não podem competir em nenhuma outra federação sob pena de suspensão de dois anos nas competições<sup>43</sup>. A escolha da IFBB-Brasil por parte de seus filiados é, em geral, justificada pela popularidade e garantias de profissionalização, conferidas por ser a única federação de fisiculturismo reconhecida pelo COB (Comitê Olímpico Brasileiro)– ainda que, lembremos, o fisiculturismo como modalidade olímpica oficial não o seja– e a ascensão para os circuitos internacionais da própria federação.

Tal popularidade também é referida a partir do apelo comercial da IFBB, que extrapolaria o ambiente dos campeonatos. Não só pelos nomes de ex-competidores que se tornaram estrelas de Hollywood, mas por fazer parte de uma indústria de “musculação” e do “fitness” que, nos EUA, articula diferentes setores e concernem não só aos concorrentes que adquirem o status de ídolos, mas empresas de suplementos, cosméticos, fármacos, academias de musculação, fotógrafos, revistas e outras empresas e organizações que apóiam diretamente ou não a modalidade (HUNTER, 2013). Relembrando as palavras de Marcelo, no capítulo anterior, “lá, nos EUA e no Reino Unido, se você disser que é *bodybuilding* todo mundo baixa a cabeça e bate palmas, aqui, se você disser que é um, escuta que é *bombado*”.

---

<sup>42</sup> “Para atletas se filiarem ou taxas anuais para veteranos será de R\$ 150,00 (cento e cinquenta reais), até o dia 15 de fevereiro de cada ano; após o dia 16 de fevereiro pagará o valor de R\$ 200,00 (duzentos reais), até 02 dias antes de qualquer competição realizada pela FBMF/IFBB Bahia, daí pagará o valor de R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais), este valor irá prevalecer até o dia 01 de janeiro de 2015, quando reiniciarão as taxas anuais e inscrições para o ano de 2015 e retornará para a taxa normal; reiniciando o mesmo ciclo (...). Caso o atleta não vá competir no ano terá obrigação de pagar a taxa anual, no caso de não pagar, para retornar a competir ou participar de eventos, pagará o retroativo da taxa anual cheia de quanto tempo ficar parado e sem contribuir” (Estatuto da Federação Baiana de Culturismo, 2012, p. 17). <sup>43</sup> Na verdade, não é recomendável nem que sejam vistos em competições de outras federações. A simples presença de filiados da IFBB em competições da NABBA, por exemplo, seria desaconselhada pelos dirigentes.

A comparação entre “bodybuilding” e “bombado”, através da conotação positiva do primeiro em detrimento do segundo, pode ser lida também em termos de escala. Precisamente pelas cifras de um fisiculturismo competitivo já estabelecido no mercado americano, mas que, mesmo com menor capilaridade, nos últimos quatro anos, se encontra em plena ascensão no Brasil.

A característica principal dos campeonatos amadores é a de que seria aberto para qualquer pessoa participar: basta escolher a categoria, realizar os pagamentos e se submeter a uma espécie de triagem que ocorre durante a pesagem, feita um dia antes da competição. Como ponderou Márcia, “todo mundo que quiser pode ir, mas se tiver fora do padrão, é a pessoa quem vai virar piada, vai passar vergonha”. Para André, então presidente da filial baiana, “é muito difícil atingir o padrão da IFBB” e a presença de outras federações, além da IFBB e da NABBA, “sucateariam” o esporte por aceitar que “qualquer pessoa, qualquer tipo de atleta, suba no palco”. Comentou ainda, muito indignado, sobre competições que eram realizadas “até mesmo no subúrbio”; posição veementemente endossada por Márcia, uma vez que,

“nas outras federações, não é nem pela questão da musculatura, mas você percebe que não há um cuidado. (...) O nome “difícil” é diferente de uma atleta para outra. [em outras federações] Você pode até dizer que ela considera um trabalho difícil, que teve muito trabalho. Mas você olha pelo corpo (...). Talvez seja uma coisa da boca para fora, porque ela não tá ligada para isso como a gente tá (...). Tem gente que diz que a IFBB é federação de “patricinha” e “mauricinho”<sup>44</sup>, mas é porque não conseguem representar o que se espera de um atleta da IFBB”.

O que significa *representar o que se espera de um atleta da IFBB*? Como são criados e articulados os padrões das categorias e os requisitos para um *corpo competitivo*? Como vimos no capítulo um, os limites de gênero têm sido discutidos e definidos no esporte, assim como na gênese da modalidade e no cerne da própria federação. De certa forma, o momento de concepção ou extinção de cada categoria reflete a maneira como a IFBB compreende e identifica corpos “femininos” e “masculinos”. A estética feminina deve obedecer, fundamentalmente, a “arte de se fazer pequena” (BOURDIEU, 2010): a aparente transgressão suscitada pelas mulheres musculosas esbarra na reprodução das normas ‘tradicionais’ de gênero.

---

<sup>44</sup> A concorrente direta da IFBB, a Nabba, cobra 60 reais para a inscrição e outros 80 para filiação, além de não exigir fidelidade de seus associados.

No primeiro momento, a mulher que decide competir deverá escolher a categoria em que competirá. Essa escolha baseia-se em alguns fatores: pela rentabilidade, de acordo com a sua “estrutura óssea” ou o formato anatômico que lhe seja mais atraente. Como diversas articulações devem ser feitas para modificar um corpo e torná-lo apto e competitivo, o fator selecionado deverá garantir chances de vitórias.

As neófitas, por exemplo, geralmente escolhem categorias que exigiriam “menos” esforços e tenham mais chances de êxito, de acordo com o “tipo” de corpo que já apresentam. Seguindo essa lógica, o número de inscrições entre as iniciantes é maior nas categorias *Wellness* e *Bikini Fitness*, cuja exigência de volume e definição muscular é menor. Dependendo do desempenho inicial e de suas pretensões na modalidade, a competidora poderá mudar para categorias que requeiram níveis considerados “elevados” de *musculosidade*— referente ao “tamanho”, “divisão”, “formato” e “densidade” dos músculos—, como a *Body Fitness* e *Women Physique*, ou permanecer e se aperfeiçoar nas categorias de seu ingresso.

Como vimos, o técnico teria a prerrogativa de identificar a “estrutura óssea” e desenvolver a *linha* recomendada. E Marcelo esclarece bem como esses perímetros são desenhados:

“existem várias categorias no fisiculturismo, e a gente divide entre *bodybuilding* [fisiculturismo] e *fitness*. Precisamos fazer a diferença entre as categorias. *Bikini* é *fitness*, não é fisiculturismo. Você começa a entrar nas categorias do fisiculturismo quando começa a ter uma massa muscular avantajada. O fisiculturismo está atrelado à massa muscular, ao ganho de massa muscular. A gente precisa discernir isso porque, você pode observar, a maioria dos campeonatos é “*bodybuilding* e *fitness*”, nunca é só *bodybuilding*. Se for só *bodybuilding* você vai observar que as categorias são diferenciadas (...). Na área feminina a divisão começa em *Bikini Fitness*. Aquela teoricamente bem magrinha, aquela imagem biquíni mesmo, não passa uma imagem de pessoa malhada, marombada, ela é mais próxima da feminilidade. É uma categoria de início, uma porta de entrada para o fisiculturismo. A gente fala que serve para entrar e competir, para participar do meio *fitness*. Dependendo, ela pode ir mudando de categoria ou aperfeiçoando aquele mesmo *shape*. Às vezes vêm aqueles interessados ao meu consultório [além de técnico, Marcelo é nutricionista], querendo um direcionamento e eu vejo que a massa muscular não está compatível com a categoria que eles preconizam. Por exemplo, a *wellness*, aquele corpão, bundão, silicone no peito. O membro superior não é largo e desenvolvido em comparação com o membro inferior que é bem trabalhado, um padrão mais próximo de um ideal de academia. Quando sai da *wellness*, aí a gente começa entrar no fisiculturismo, com a *body fitness* e a [*women*] *physique*, que tem a ver com esse padrão de masculinização que a sociedade acaba impondo, porque realmente é um físico que foge do natural. A gente vai incentivando músculos, desenvolvendo músculos. A gente sabe que, na

imagem corporal feminina, a massa muscular não está atrelada ao ganho de massa dos membros superiores. Então quando começa a desenvolver, já tem um visual masculinizado e aí a sociedade cai em cima”.

De acordo com o técnico-fisiculturista, tendo em vista o fundamento das variações no fisiculturismo, o coeficiente que opera as diferenciações entre “bodybuilding” x “fitness” é produzido e medido em termos de proporção e comparação muscular. No caso das mulheres, “fitness” e “bodybuilding” também dizem respeito a outro tipo de escala: da *mais* feminina, a *mais* masculinizada- nuance que, como veremos, não poderia ocorrer nas categorias masculinas, uma vez que todas elas atuam no prisma da masculinidade.

É, portanto, a partir desse terreno que estarei me referindo quando falar adiante sobre os “níveis de feminilidade”, entre as mulheres, que se rompem precisamente quando seus corpos extrapolam os padrões aceitáveis, ao ostentar em algum grau os “níveis de masculinidade” esperados entre os homens. São gradações constantemente gerenciadas, vivenciadas pelos atletas e técnicos e subentendidas nas categorias da federação.

Formalmente, as competições amadoras em território nacional possuem atualmente cinco categorias femininas, definidas *ipsis litteris* pelo regulamento<sup>45</sup> da seguinte forma:

#### **- Fitness Coreográfico (Feminino)**

Este conceito foi introduzido pela IFBB no início dos anos 80 e se tornou oficial em 1996. Em resposta ao aumento da procura de competições para as mulheres que preferem desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, e também para mostrar seus físicos em movimento. Nesta categoria, a ênfase é colocada em um físico bem torneado e esculpido, e com um visual atlético. A capacidade atlética é avaliada durante a performance *fitness* que deve ser muito atraente e dinâmica.

#### **- Body Fitness**

Criada em 2002, os árbitros devem avaliar a aparência atlética geral do físico, tendo em conta a figura, o tônus muscular desenvolvido simetricamente, forma feminina e uma baixa quantidade de gordura corporal, assim como o cabelo, a beleza facial e o estilo individual de apresentação fazem toda a diferença, incluindo confiança pessoal, equilíbrio e graça. Esta categoria é amplamente aberta para todas as mulheres que gostam de treinar com pesos e levar um estilo de vida saudável.

<sup>45</sup> <http://ifbbbrasil.com.br/modalidades/> (acesso em setembro de 2014)

### **- Wellness**

Criada em 2005, com o objetivo de agregar e levar aos palcos uma boa parcela das mulheres brasileiras frequentadoras das academias e salas de ginástica, que tinham o desejo de competir, porém, não se enquadravam em nenhuma das outras categorias existentes na IFBB, por possuírem uma certa desproporção de volume dos membros inferiores (coxas e glúteos) em relação a membros superiores (tronco e braços). Isso ocorre principalmente devido ao fato de boa parte delas treinarem seguindo o próprio padrão de beleza que é naturalmente encontrado e admirado no Brasil inteiro. Dessa forma, são atletas que possuem os glúteos e coxas mais volumosos, porém desenvolvidos segundo a forma feminina natural, deixando o físico voluptuoso, mas que em nada lembre as atletas das outras categorias que exibem maior volume, mas, com mais densidade, separação e definição entre os grupos musculares.

### **- Bikini Fitness**

Criada em 2010, as atletas dessa categoria mais se parecem uma modelo fitness: magras, belas e demonstrando um leve aspecto de treinamento com pesos. Representam aquela figura da atleta que poderia ser contratada tanto para estar com o rosto estampado na capa de uma revista, somente pela sua beleza facial, como também desfilarem e fotografar para uma coleção de, como o nome já diz, biquínis. Por exibir além da beleza, um corpo treinado, tendendo para o atlético, porém esteticamente agradável aos olhares, por enfatizar ainda mais os formatos e as curvas femininas, mas sempre preservando a magreza natural e a linha de cintura. Além da cintura fina, as atletas devem possuir os braços e ombros levemente destacados. Os glúteos devem ser redondos e firmes, e o percentual de gordura deve ser baixo, mas sem aspectos de desidratação. O julgamento das atletas não ocorre somente pelo físico, mas também pela beleza facial, cabelos, e até mesmo a harmonia da maquiagem em relação ao conjunto corporal, cabelos, cor do biquíni etc.

### **- Women Physique**

Criada em 2012, é destinada a mulheres que querem elevar o seu nível de massa muscular e condicionamento ao máximo possível, através de treinamento e dieta, porém respeitando-se a anatomia, volume e silhueta feminina. Desta forma, acabam por desenvolver um físico menos musculoso, ainda atlético e esteticamente agradável, ao contrário das antigas atletas do fisiculturismo feminino, que acabaram por perder a feminilidade nos últimos anos. Para promover isso, os árbitros são constantemente lembrados do fato que estão julgando uma nova proposta de categoria, diferente da antiga categoria Fisiculturismo Feminino<sup>46</sup>. O tipo de musculabilidade, a vascularização, a definição e a desidratação muscular vistas em antigas atletas Fisiculturistas não serão aceitas no julgamento das atletas desta categoria.

---

<sup>46</sup>O termo “fisiculturismo feminino” é empregado neste caso como sinônimo de uma categoria em particular, o “culturismo feminino”.

A diferença entre “*fitness*” e “fisculturismo” explicita na descrição acima dar-se-ia, sobretudo, pelas primeiras serem apreciadas como “femininas”, pois obedeceriam a critérios do corpo “atlético”, “magro”, “saudável” em comparação com categorias consideradas mais “masculinizadas”, em função da visibilidade acentuada dos músculos e da proporção entre membros superiores e inferiores que divergiria dos corpos atribuídos às mulheres.

A *Body Fitness* seria como uma intermediária entre *Bikini Fitness* e a *Women Physique*<sup>47</sup>, categorias respectivamente representadas pelos seus extremos: da “falta” e do “excesso” de músculos permitidos. Assim, ela exigiria uma “aparência atlética geral do físico” e o “tônus muscular desenvolvido simetricamente”, na qual a *linha* do corpo deve apresentar um formato de “Y”, ou seja, as pernas finas em comparação a área do tronco que deverá larguear progressivamente a partir da cintura, culminando em costas largas e músculos grandes e bem marcados nos antebraços: Como uma espécie de categorização de transição, entre o “fitness” e o “fisculturismo”, a *Body Fitness* expressaria a tensão entre o corpo ideal “dentro” e “fora” dos campeonatos, quando o corpo da mulher começaria a ser visto como *não natural*:

“Cada categoria depende da estrutura óssea da pessoa. Me disseram que eu tinha estrutura para ser uma *Body Fitness*: ter um tronco largo, as costas, o ombro e essa estrutura de superior bem larga. Pelo meu físico, eu decidi participar e investir nessa categoria. Mas você precisa trabalhar cada parte e a gente treina muito braço, a perna a gente só treina bem de leve (...). As mulheres da academia treinam muito quadril, coxa e a gente trabalha muito mais essa parte aqui do ombro, a gente não pode ter uma bunda muito grande, uma perna muito grande” (Helena).

Ambigüidade que, por outro lado, é também sensivelmente delineada nas outras categorias da federação, ainda que sentida em proporções variáveis. Quanto mais “fitness” mais *normalizado* seria o corpo, quanto mais “fisculturista” mais *estranho* ele será.

---

<sup>47</sup> As categorias “Fitness coreográfico feminino” e “Fitness coreográfico masculino” são as menos procuradas nos campeonatos amadores em solo nacional. Em Salvador, nas competições que ocorreram entre 2014 e 2015 não houve nenhuma inscrição. Por conta disso, minha análise concentrar-se-á nas categorias restantes, que atraem anualmente inúmeras inscritas e são sempre muito disputadas. As apresentações das categorias estão sujeitas às inscrições, independente da quantidade de inscritos. Por exemplo, se houvesse apenas uma inscrita na categoria “fitness coreográfico”, esta poderia se apresentar e ser premiada em “primeiro lugar” – classificação que permitiria que representasse a federação baiana no campeonato Brasileiro. Esses casos são mais comuns nas “categorias especiais” destinadas a competidores que possuem algum tipo de deficiência física (em geral, cadeirantes). O candidato “único” premiado também estaria apto para representar a IFBB-Ba em competições nacionais.

São qualificações que sempre levarão em conta as articulações e classificações miméticas produzidas com os outros “reflexos”- sejam eles definidos e relacionados intrinsecamente ao fisiculturismo, com todas as suas regras, federações e categorias, sejam externamente à prática:

“(…) a gente gosta tanto do esporte, que a gente quer ficar estranha mesmo. Então assim, quando eu passo na rua e as pessoas me elogiam, eu já sei que eu não tô no padrão. Eu penso “vou tomar pau no campeonato”. O povo fala “Márcia, você tá ótima”, então eu sei que eu vou tomar pau no campeonato. Por que eu sei que eu tô dentro daquilo que vocês gostam (...) uma pessoa, no mínimo, com perna e com bunda grande. Só que a minha categoria não permite isso. Então quando alguém olha pra mim e fala “você tá ótima”, eu já sei que eu tô ruim. Quando eu começo a secar, que meu olho afunda, aí o povo fala “ah mulher, você tá perdendo seu corpo todo, para de fazer dieta”, aí eu digo “tô entrando na linha”. Eu já filtro. Por que, às vezes, essas informações mexem com sua cabeça. Então eu sei quando eu tô e quando eu não tô. Quando eu começo a secar, as pessoas começam a ver que eu tô mais musculosa. Tipo, agora eu to mais “embaçada” [sem definição muscular acentuada e com o percentual de gordura acima do ideal para sua categoria], aí as pessoas não acham que eu tô pequena, acham que eu tô normal. Eu começo a perder cinco quilos, seis quilos e as pessoas acham que eu tô crescendo porque tá vendo só músculo. É só o músculo que elas enxergam, eu já sei filtrar a informação. Eu já sei o que é vocês estão vendo” (Márcia).

A categoria “mais próxima da feminilidade” e a “porta de entrada no mundo fitness” é vista também como uma das mais difíceis do campeonato. A mulher que concorre como *Bikini Fitness* deve ostentar uma forma de “T”, cuja proporção entre glúteos e ombros dê a “ilusão” de uma cintura minúscula e alongada. Em comparação a outras categorias, o que chama atenção, sem dúvida, é a magreza das competidoras. Apesar da “ausência de músculos”, elas devem se submeter a restrições alimentares mais rígidas e que incluem com mais regularidade os jejuns e usos de substâncias laxantes. A descrição da categoria é muito precisa na referência de um ideal estético hegemônico (BORDO, 1997), que relaciona de maneira intrínseca a “magreza”, “feminilidade” e “beleza”. É a junção dessas três características que fazem com que a *Bikini*, junto com a *Wellness*, seja considerada lucrativa e comercial.

Para César, técnico de Camila e de outras três atletas que competem na categoria *Bikini*, é “como se as meninas fossem uma *Barbie*”,

“(…) tem que tá muito magrinha. Pouco ou quase sem nenhum músculo, porém vem a questão da linha mais uma vez. Uma *bikini*, para ser uma boa *bikini*, ela precisa ter uma cintura bem fininha, ela tem que ter ombro largo,

porém não tão musculoso. Tem que tá bem fininha e não pode tá muito definido. Bikini que chega na competição com abdômen rasgado, perna hipertrofiada, com cortes profundos, ela pode ficar em último ou chegar a ser desclassificada. Tem que tá torneada, tem que ter tônus muscular, tem que ser durinha. Sem gordura alguma, claro, mas não pode ter aqueles cortes, aquelas fibras”.

Sem esquecer-se dos índices de feminilidade:

“Nós Bikinis somos bem magrinhas e, assim, as pessoas não conhecem. Acham que mulher fisiculturista é tudo gigante, fortuna, não é feminina, não se arruma. Você viu como as Bikini são bem bonitas e bem cuidadas. Ter um cabelo bonito, pele, maquiagem, acessórios... Conta muito! E as pessoas não entendem isso, elas acham que é só colocar um biquíni e ir para o palco” (Camila).

A *Wellness*, que não existe em nenhuma outra federação nacional/internacional da IFBB até então, busca a “beleza brasileira”. Flávia a descreveu como uma categoria que “representa as praias cariocas, são as gostosonas do Rio de Janeiro”, mas poderia ser também “o ideal de academia”, destacado por Marcelo, no qual “corpão”, “bundão”, “silicone no peito” devem corresponder ao *padrão feminino* de membros superiores estreitos e pernas, coxas e glúteos proeminentes. Embora considerada pelas regras da federação com “certa desproporção de volume”, a *wellness* seguiria uma beleza “naturalmente” admirada no “Brasil inteiro”. É um corpo que precisa ser “voluptuoso” para ser considerado *feminino* e *belo*, “que em nada lembre as atletas das outras categorias que exibem maior volume”. César ressaltou que tais características não significam que estejam “gordas”, mas “saudáveis”, como uma “gostosa bem trabalhada, atlética”.

A mais recente categoria feminina em campeonatos, por sua vez, é construída tendo como parâmetro a categoria extinta do “fisiculturismo (ou culturismo) feminino”, na intenção de “moderar”, ao criar uma versão “feminina” de mulheres que queiram desenvolver músculos maiores e mais acentuados. A descrição da categoria é explícita em sua aversão a mulheres que tenham mais músculos do que o estabelecido pelas regras. Seria, pois, “uma nova proposta de categoria”, “diferente da antiga categoria Fisiculturismo Feminino”.

Desse modo, para ter sucesso como *Women Physique*, o corpo deve obedecer a um formato de “V”: cujos membros inferiores— maiores do que os permitidos para *Body Fitness*— seriam mais finos em relação aos membros superiores. A linha das dorsais e dos braços são os maiores permitidos pelo regulamento para as mulheres. Como parte



fundamental da avaliação, o padrão exigido será a capacidade das mulheres ostentarem um volume muscular moderado e manterem a feminilidade.

Segundo Márcia, a progressão “muscular” de acordo com *níveis de feminilidade*, da oposição ao masculino e do aspecto saudável estaria estabelecida na seguinte forma:

“hoje, tem a categoria *bikini*, que as meninas são seca, seca e quase não tem músculo. Elas são mais secas que a gente [*Body Fitness*]. Elas entram até mesmo com uns 45 quilos no palco e às vezes menos. Sem musculinho, só faz a pose e depois vem a da gente, que é uma categoria que a gente é seca como elas, mas somos mais “blocadinhas” (...), sobe de salto, tudo bonitinho, parecem umas bonequinhas. Depois da gente, vem uma categoria que as meninas são mais musculosas, o músculo já conta mais, os cortes são mais fundos. É a *women physique* (...). Você olha para elas e elas ainda são mulheres. O volume delas é pequeno. Aí vem a *bodybuilder* e tal, mas extinguiram isso. Justamente por causa dessa questão de que tava atrelando a mulher ao homem. O físico era agressivo e não era interessante. Por que, na verdade, você tinha um homem numa cabeça de mulher. E hoje conta muito feminilidade, conta muito os traços de saúde, não pode entrar com cara de quem tá tomando um mundo de drogas e cara de quem tá desidratada. Você tem que entrar sorrindo, a pele tem que tá viçosa. Mesmo você se acabando, você tem que tomar cuidado (...).

É evidente que o regulamento das categorias femininas destoam das masculinas em muitos aspectos. Por exemplo, enquanto as normas para mulheres trazem recomendações expressas sobre a “beleza”, as masculinas não mencionam tais requisitos, basicamente contendo indicações sobre a estrutura muscular, o formato das apresentações e subdivisões que incluem idade, altura e peso.

Formalmente, no site da federação, a descrição das categorias masculinas é feita *ipsis litteris* da seguinte forma<sup>48</sup>:

#### **- Fisiculturismo (Masculino)**

Nesta modalidade, os atletas treinam para desenvolver todas as partes de seu corpo e músculos a fim de obter o tamanho máximo, mas de forma equilibrada e com harmonia. Não deve haver “pontos fracos”, e nem músculos subdesenvolvidos. Aqueles que conseguirem demonstrar maior riqueza de detalhes musculares receberão as maiores pontuações nas competições. E a outra questão fundamental a ser avaliada é a linha, ou seja, a visão geral do físico, que deve ser construído de forma proporcional e simétrica. Além disso, para atingir a condição desejada, eles seguem um ciclo especial de treinamento e dieta pré-competição, para diminuir o nível de gordura corporal ao mais baixo possível, e remover toda a água abaixo da pele, para então poder demonstrar toda a qualidade de seus músculos: densidade, separação e definição muscular. Estas qualidades são exibidas

<sup>48</sup> <http://ifbbbrasil.com.br/modalidades/> (acesso em novembro de 2014)

nas rodadas de avaliação do Físico, quando todos os atletas concorrentes executam as poses obrigatórias, durante comparações em grupos de 3 a 5 atletas, conforme orientação dos Árbitros. Os atletas devem executar as poses e rotinas com os pés descalços, e de sunga.

- Na divisão SÊNIOR há oito categorias de peso: até e incluindo 65 kg; até e incluindo 70 kg; até e incluindo 75 kg; até e incluindo 80 kg; até e incluindo 85 kg; até e incluindo 90 kg; até e incluindo 100 kg e acima de 100 kg.

- Na divisão MÁSTER, as categorias são: Máster I (40-49 anos), com as categorias: até e incluindo 70 kg; até e incluindo 80 kg; até e incluindo 90 kg e acima de 90 kg. Máster II (50-59 anos): até e incluindo 80 kg e acima de 80 kg; Máster III (Acima de 60 anos): Categoria Aberta/Única.

Há também uma rodada coreográfica onde os atletas podem mostrar seu físico numa apresentação de 60 segundos utilizando música de sua escolha. Deve ser uma apresentação artística atraente, incluindo as poses obrigatórias e poses e movimentos não obrigatórios. As classificações dos atletas são obtidas a partir das notas das rodadas de físicos e da rodada coreográfica, onde cada árbitro atribui uma colocação individual a cada atleta, dos primeiro ao último lugar.

#### **- Fisiculturismo Clássico (Masculino)**

É uma modalidade do Fisiculturismo competitivo destinada aos atletas do sexo masculino que não desejam desenvolver seus músculos ao extremo, optando por um físico mais “Clássico”. Com o propósito de criar chances iguais para eles, foi criada uma tabela de adequação onde o peso corporal dos concorrentes é limitado de acordo com sua altura, seguindo uma fórmula especial criada pela IFBB. Atualmente existem quatro categorias: até e incluindo 168 cm, até e incluindo 171 cm; até e incluindo 175 cm, até e incluindo 180 cm, e mais de 180 cm. Com o volume muscular limitado, é dada especial atenção à qualidade, e principalmente a visão geral do físico, as proporções do corpo e linhas, a forma muscular, e especialmente a condição que o atleta se apresenta no dia da competição (densidade, nível de gordura corporal, definição e detalhes). Estas qualidades são analisadas durante as rodadas de avaliação do Físico, quando os todos os atletas concorrentes executam as poses obrigatórias, da mesma forma que na categoria Fisiculturismo Sênior. Os Atletas devem executar as poses e rotinas com os pés descalços, e de sunga.

#### **- Men's Physique (Masculino)**

Em 2012 a categoria Men's Physique foi lançada oficialmente como uma nova categoria da IFBB. Ela demonstrou ser uma categoria muito popular dentro de um curto período de tempo, e por conta disso a IFBB tem aumentado a oferta de subcategorias por divisão de alturas, dando chance a um maior número de atletas. Essa categoria é destinada a homens que realizam o treinamento com pesos a fim de manter a forma, e que praticam uma dieta saudável e equilibrada, mas que preferem desenvolver um físico menos musculoso, com aspecto atlético e esteticamente agradável. Os concorrentes procuram mostrar forma e simetria adequada, combinada com alguma musculabilidade e principalmente um bom estado geral. Os atletas devem ter presença de palco e postura a fim de demonstrar sua personalidade, e a capacidade de apresentar-se no palco com confiança deve ser visível a todos.

### - Fitness Coreográfico (Masculino)

Esta modalidade esportiva masculina é semelhante ao fitness feminino, e o concurso também inclui 2 rodadas de físico e uma rodada coreográfica com a rotina da apresentação artística. Na rodada final os concorrentes vestem sunga e os árbitros vão avaliar a linha geral do atleta, procurando um físico masculino atlético, talhado pelos duros treinamentos os quais os atletas dessas categorias se submetem. Na coreográfica o atleta deve incluir força e flexibilidade em seus movimentos, assim como movimentos de ginástica, ou de outras formas de exibição de seu talento e capacidade atlética. No final, os pontos de todas as rodadas são somados para produzir as pontuações finais e determinar quais concorrentes alcançarão aos primeiros lugares.

Como podemos perceber, não há menção a “beleza facial”, “harmonia do cabelo e maquiagem”, a cor dos trajes ou a qualquer critério de julgamento que não se reporte a constituição anatômica e apresentação puramente do *músculo*. Outra ausência notável é sobre a indicação de “formas masculinas” como parte da avaliação, em contrapartida da “forma feminina”, “formatos e curvas femininas”, “silhueta feminina” ou “forma feminina natural” que observamos nas categorias de mulheres. Se, por um lado, homens musculosos não precisariam de indicativos “generificantes” quanto à “forma” de sua anatomia, uma vez que haveria uma legitimidade intrínseca entre “músculos” e o “masculino”; por outro, percebe-se o esforço da federação em gerenciar possíveis dubiedades anatômicas ao impor representações sobre o feminino, nas categorias de mulheres.

Do mesmo modo, é notória a ausência de categorizações que indiquem a “idade” e o “peso”<sup>49</sup> nas regras das categorias femininas. Sugerir uma subdivisão por “peso” poderia inferir que as mulheres deveriam ser julgadas e classificadas pelo volume (e, conseqüentemente, ‘presença’) dos músculos, o que desse ponto de vista, seria, essencialmente, *anti-feminino*.

As categorias femininas, como expressão desse tipo de constructo do “feminino”, seriam julgadas a princípio pela produção da *beleza* e não dos *músculos*; assim, poder-se-ia deduzir, não especificar a idade é também limitar as possibilidades que mulheres fisiculturistas mais velhas<sup>50</sup> – a partir dos 40 anos, por exemplo, como

<sup>49</sup> Com relação à “altura”, de maneira geral, dependendo da quantidade de concorrentes em cada categoria, as competidoras podem ser divididas em até 160 cm; até 163 cm; até 166 cm; até 169 cm; até 172 cm; e acima de 172 cm.

<sup>50</sup> A ausência é particularmente válida para as competições estaduais. Já no campeonato brasileiro, em função da quantidade de competidoras, as categorias podem ter subdivisões “juvenis” e/ou “master”, com menos de 20 e maior que 35 anos, respectivamente. Tais classificações são contingentes, previstas apenas

especificado nas categorias masculinas– possam competir porque não estariam aptas a corresponderem às prerrogativas de “beleza” no campeonato.

Sobre essa questão, é importante salientar que, nas últimas décadas, a juventude tem perdido a vinculação instantânea com um grupo etário específico e passou a significar “um valor que deve ser conquistado e mantido em qualquer idade através da adoção de formas de consumo e bens de serviços apropriados” (DEBERT, 2010, p. 55). Para continuarem competitivas, mulheres fisiculturistas “mais velhas”, a partir dos 32 anos, teriam de permanecerem “jovens” (e, portanto, “belas”) para participar de categorias cujas mulheres poderiam ter até 15 anos ou mais de diferença de idade. Caso contrário, já que dificilmente se tornam técnicas-fisiculturistas, a forma mais próxima de participação em campeonatos seria atuarem como árbitras.

O conteúdo do regulamento, sobretudo para as mulheres, é dotado de um teor genérico e bastante eficaz no que ele deixa de dizer e apenas sugere através de expressões como “esteticamente agradável”, “beleza facial”, “atraente”, “graça”, “corpo atlético”, “beleza natural”, “estilo individual”, dentre outros atributos. Haveria uma multiplicidade de perspectivas sobre o que seria o corpo *ideal* e *competitivo*, para cada categoria, variando desde a forma em que as próprias concorrentes experienciam as regras, na maneira que os técnicos planejam e modulam o corpo de suas atletas, até no modo pelo qual os jurados classificam o corpo ao seu gosto, em conformidade ao regulamento e, portanto, vencedor.

Os jurados estariam em busca do “pacote total” (conhecido também como “pacote geral”), designação nativa que se refere à constituição anatômica das competidoras relacionada com as expectativas atribuídas à “beleza feminina”, além do carisma individual manifestado pela “simpatia”, “graça”, “confiança” e “estilo” das concorrentes. Em cada categoria, as regras estabelecem avaliações que se tornam especialmente problemáticas não só pelo que especificam, mas pelas suas imprecisões. De modo que teríamos as regras “oficiais” e as regras “não oficiais” que se entrecruzam nos critérios de julgamento das atletas e dos técnicos; ao passo que, no dia da competição, estarão sujeitas integralmente à subjetividade dos árbitros.

Dificilmente há um consenso sobre as vencedoras de cada categoria, porém, a decisão dos jurados é sempre imperativa. Como há vencedoras e perdedoras, os

---

em situações onde há grande número de inscritas. Do mesmo modo, quando há poucas concorrentes numa categoria, esta pode ser unificada; eliminando qualquer subdivisão possível, seja por altura ou por idade.

julegadores de cada competição podem justificar suas decisões, quanto a eliminações ou pontuações baixas, em referência ao *pacote total*.

Como lembrou Márcia, “às vezes você tá com um corpo bom, o melhor de sua vida. Mas se o cabelo não tiver impecável, se você não sorrir, tiver uma pele boa, você é capaz de ficar em último”, assim, como prever a decisão dos juizes?

A comissão de arbitragem de cada campeonato<sup>51</sup> é composta geralmente por três membros: um diretor de arbitragem estadual e dois árbitros, geralmente, um homem e uma mulher. Estes, preferencialmente, devem ser do mesmo estado em que se realizará a disputa e ter formação e certificado em arbitragem emitida pela federação. Os cursos são realizados anualmente e ministrados pelos diretores de arbitragem nacional que, desde julho de 2014, são os responsáveis pelas categorias masculinas e femininas, respectivamente. A duração média é de doze horas, durante as quais são transmitidos o código de ética e o histórico da federação, além da exposição das regras correspondentes a cada categoria. Ao final, os candidatos a árbitros serão avaliados mediante uma prova teórica e uma prova prática, na qual haverá uma simulação dos campeonatos para que possam avaliar as categorias indicadas. De acordo com a proporção de acertos (70% na prova teórica e 80% na prova prática), são definidos os aprovados e habilitados para arbitrar nos campeonatos estaduais<sup>52</sup>.

No momento da arbitragem, serão eles os responsáveis em salvaguardar o padrão desejado pela federação. Da mesma forma que reproduzem, contudo, também podem (re)definir os parâmetros dos níveis. Digamos, se houver quatro competidoras perfiladas no palco e, por ventura, não satisfaçam aos ideais da federação, obrigatoriamente os jurados terão de prosseguir com a avaliação. Ou seja, comparar os corpos das competidoras, colocá-las em ordem de pontuação, classificá-las e indicar uma vencedora. Entre as categorias masculinas, tal (re)definição pode ser igualmente desenhada, flexibilizando, muitas vezes, os *níveis de masculinidade* recomendados pela IFBB.

Encontrar o “pacote total” entre as competidoras mobiliza uma série de formulações sobre gênero por parte dos jurados (HUNTER, 2013). Assim, para

---

<sup>51</sup> <http://ifbbbrasil.com.br/arbitragem/> (acesso em fevereiro de 2015)

<sup>52</sup> Para habilitaao em campeonatos nacionais e internacionais os candidatos devem ter pelo menos dois anos de arbitragem estadual e novos cursos de formação. As reciclagens, por sua vez, são anuais e obrigatórias e garantem a manutenção do certificado, assim como do enraizamento da disciplina quista pela federação.

encontrar o “padrão” de cada categoria, conseqüentemente a tendência da arbitragem, ressaltou Karla, “é necessário observar os vencedores dos campeonatos passados”,

“se você quiser vencer, você precisa estudar. E estudar também tem a ver de você saber qual o direcionamento dos juízes. Ó, uma coisa para você entender mais fácil, no [campeonato] brasileiro mesmo, na minha categoria [*women physique*], as últimas vencedoras tinham cabelão. Na hora que você dá aquela girada para mostrar as costas, faz diferença se você fizer aquele movimento com o cabelo, jogar para o lado, colocar no ombro. Meu cabelo tá uma merda, ele precisa cortar urgente, só tá com esse rabo ralo aqui e cheio de ponta. Mas eu não posso cortar, ele já não tá do jeito que eu quero, cheio e com brilho. E, se eu cortar, eu posso perder muito ponto. É muito arriscado. Tá todo mundo lá de cabelão brilhante e eu serei a única com cabelo curto? Sem graça? Vou manter assim até quando der ou colocar algum aplique”.

O movimento a que Karla se refere é feito, principalmente, nos momentos entre uma pose e outra, na tentativa de ‘amenizar’ a exposição e definição muscular na região dos trapézios, deltoides e dorsais— ‘território anatômico’ especialmente visto como problemático nas mulheres, pois associado comumente à “força” masculina. A “diferença” significada pela presença dos cabelos longos, como marca de feminilidade, nesse caso, possibilitaria *atenuar* o possível estranhamento que mulheres de ombros e costas largas e “fortes” poderiam causar.

Paradoxalmente, o cabelo de Karla não está como ela gostaria, pois nos últimos anos vem passando por uma série de processos para adaptá-lo ao padrão eurocêntrico exigido. Antigamente seus cabelos “eram cacheados e bem cheios”. Após começar a participar ativamente dos campeonatos, se submeteu a inúmeros procedimentos de alisamento e tintura capilares para torná-los mais lisos e louros.

O fenótipo adquirido por Karla não é exceção. Ao seguir sua dica, é interessante notar as vencedoras dos últimos três anos, nos campeonatos brasileiros promovidos pela federação. Em todas as categorias femininas nota-se a predominância de mulheres com média de vinte e cinco anos, de pele clara, cabelos longos e lisos que ora podem ser pretos, mas predominantemente alourados.

Conservar a *transformação em beleza*, que outrora foi iniciada no âmbito da academia de ginástica, toma força no julgamento das fisiculturistas e seus critérios são claros, literalmente *claros*. A trajetória das mulheres que competem pode ser analisada, inclusive, através de todos os procedimentos que visam não apenas técnicas de modulações anatômicas, mas de intervenções estéticas que uniformize características raciais em favor de um modelo de beleza branco.

Ressalto ao leitor, Camila é branca e esconde seus grandes olhos castanhos escuros com lentes de contato de um tom verde, muito vivo. Seus cabelos são longos, cheios e muito lisos, como resultado de processos químicos de alisamento. Quando a conheci, as pontas dos seus cabelos estavam mais claras que a cor castanha apresentada no restante do comprimento. Era uma forma de, segundo ela, “abrir mais a cor” e progressivamente deixar toda a extensão do cabelo com matizes aloirados.

As fotos antigas de Flávia, por sua vez, não negam: seus cabelos negros e lisos acentuavam muito mais sua ascendência asiática, hoje menos perceptível devido à sua cabeleira loira e farta. Já Helena, de tez mais escura, utiliza longos apliques e alisamentos que atenuam a raiz capilar crespa. Também evita tomar sol, para que o bronzeamento artificial, realizado nos períodos pré-competição, seja “mais uniforme”.

São apenas alguns exemplos de procedimentos e exigências que se generalizam nos campeonatos. Assim, a ideia de que os campeonatos são abertos “para qualquer pessoa” entra em cheque. E, na prática, quem “passa vergonha”?

São regras que, imagino, por conseqüências políticas e legais devem permanecer como “não oficiais”, no entanto, imperativamente fazem parte dos códigos disseminados pela federação. A participação de mulheres de pele mais escura, com cabelos cacheados e/ou crespos em campeonatos amadores<sup>53</sup> não é interdita, mas quem efetivamente obtém boas classificações e vitórias? Questão que pode ajudar a explicar as poucas inscrições de concorrentes com determinadas características raciais e socioeconômicas— afinal, quem pode pagar pela beleza, quem poderia pagar por *essa* beleza? Ainda que cheguem ao “limite” para modular seus corpos, precisam estar dispostas a fazerem outras articulações estéticas que as alinhem a um ideal *embranquecedor* de beleza para tornarem-se minimamente competitivas.

Desse ponto de vista, é patente como a criação de uma categoria que simbolize especificamente a “beleza brasileira” mobiliza representações coletivas não só sobre “raça” e “corpo”, mas sobre “nação”— fruto de encontros coloniais, neo e pós-coloniais que associam formas de lidar e definir *um corpo* a espaços geográficos particulares. Suzana Maia (2012) ressalta que a rearticulação de teorias *racialistas*, sobretudo, a construção e permanência ideológica da “democracia racial”, são fundamentais para se

---

<sup>53</sup> Nos campeonatos profissionais observam-se os mesmos padrões, porém, no culturismo feminino (categoria ainda em vigência no PRO) diversas atletas negras fizeram história como recordistas de premiações no Olympia, dentre as quais, Irís Kyle, Lenda Murray e Dayana Cadeau. É interessante registrar que justamente a categoria tida como “masculinizante” e incompatível com a “forma feminina” tenha um número expressivo de inscrições e costume premiar principalmente competidoras negras.

compreender as definições do Brasil-Nação e as imagens da “*branquidade*” que se reproduzem ao longo de sua História. Para a autora, as camadas privilegiadas da população propendem a discursos que enfatizam o “aqui ninguém é branco”, enquanto percepção de si mesmos “sendo resultado criativo da real ou simbólica miscigenação entre as três raças” (p. 314). Como consequência histórica dessa miscigenação, a *branquidade* associada ao prestígio social, econômico e político seria “maleável e transparente o suficiente para não reconhecer a responsabilidade que lhe cabe na perpetuação de profundas desigualdades sociais, definidas de acordo com cor de pele/raça” (MAIA, 2012, p. 315).

As mulheres brasileiras através de uma imagem, ao mesmo tempo, racializada e sexualizada têm sido representadas como “misturadas”. Miscigenação essa de cunho ideológico, cujas características fenotípicas aclamadas numa arena global são acentuadas e significadas qualitativamente pelos atributos referidos a uma beleza branca. Além disso, há uma inferência por parte de técnicos e competidoras de que as brasileiras, de modo geral, teriam dificuldades em se adaptar às categorias da federação por estas se basearem em um padrão norte-americano de mulheres, que seriam “geneticamente” magras. Assim, enquanto as americanas teriam facilidade em *ganhar um corpo*, as brasileiras seriam propensas a *produzir gorduras*.

Atribuição de natureza similar ocorre quando na menção à “beleza facial”, “corpo treinado”, “magreza natural” “esteticamente agradável aos olhos” da *Bikini Fitness*<sup>54</sup>; igualmente, as competidoras são avaliadas como ideais para “capa de revista” ou mesmo em referência à boneca *Barbie*, feita por César. Tais caracterizações possuem uma série de associações miméticas e metonímicas que se relacionam com imagens homogeneizadas e normalizadoras (BORDO, 1993) de um determinado tipo físico, propagados e produzidos por revistas de beleza, televisão e outros veículos midiáticos (BUARQUE DE ALMEIDA, 2004; CASTRO, 2001).

A *beleza feminina* seria, outrossim, substantivada pelo uso das próteses de silicone, bronzeamento artificial e uso de maquiagem como parte das regras não oficiais. As mulheres que não tenham próteses de silicone podem ser consideradas

---

<sup>54</sup> Nos EUA, há trabalhos que estudam as relações entre o fisiculturismo e o desenvolvimento de transtornos alimentares, sobretudo em mulheres. Land (2015) argumenta que, no âmbito da NPC, maior federação amadora de fisiculturismo em solo americano, filiada à Ifbb, a incidência de bulimia é particularmente alta entre as concorrentes da *bikini fitness*, em função das exigências da federação. Ver também as considerações de Bunsel e Shilling (2009), sobre a anorexia entre as competidoras.



“desarmônicas” pelos jurados, posto que arriscariam comprometer a *simetria do corpo feminino*.

Consideremos que a diminuição dos seios é consequência da preparação para os campeonatos, principalmente, com os treinamentos, dietas e substâncias anabolizantes que visam reduzir a gordura corporal e desenvolver *musculosidade*. O implante de silicone seria então parte de um conjunto de tecnologias corporais que buscam “devolver” a feminilidade normatizada, “perdida” durante a *transformação em fisiculturista*. Realizar o procedimento cirúrgico é o horizonte daquelas mulheres que almejam ser competitivas:

“Eu precisaria colocar um silicone, gostaria muito. Eu gostaria de ter esse dinheiro. Vou entrar num consórcio<sup>55</sup> e vou investir nisso. Mas nunca na minha vida eu pensei em colocar um silicone. Por que eu quero colocar um silicone agora? Não é vaidade. Meu físico vai ficar mais harmônico. Quando eu abrir aqui [abre os braços na posição de “muque”, apontando para os músculos do bíceps] não vai ficar aquele negócio batido, largo, aquele peitoral. Vai ficar uma coisa com curva e empinada. No palco, o visual com seios é outro. Então assim, você vê que existe o lado feminino” (Márcia).

Já o bronzamento artificial corresponderia ao critério de estabelecer um tom padronizado da *cútis* para todas as competidoras. Meses antes da competição, o técnico-fisiculturista se reúne com sua atleta especificamente para decidir quantas sessões serão necessárias para se chegar a nuance ideal: não deve ser exagerado o suficiente para parecer “artificial” ou “muito escuro”, tampouco imperceptível a ponto de não transmitir feitiços “saudáveis” e “bonitos”<sup>56</sup>.

A maquiagem facial, por seu turno, feita no dia da competição, é realizada levando-se em conta a tonalidade da pele da competidora, os efeitos produzidos pelos holofotes do palco, a perspectiva visual que os juízes terão de acordo com a posição que ocupam em distância do palco, a cor do biquíni, a cor do cabelo, os acessórios, etc.. A subjetividade presente na avaliação dos árbitros deve ser milimetricamente calculada e planejada para garantir boas colocações.

As mulheres precisam se adaptar a critérios específicos e categorizar seus próprios corpos para produzirem feminilidade. Feminilidade essa julgada e qualificada

<sup>55</sup> Não ficou claro se Márcia se referia a um *consórcio*, digamos, “estabelecido” que ofereceria serviços destinados especificamente aos procedimentos cirúrgicos ou algum tipo de empréstimo monetário em bancos ou seguradoras que propiciaria o mesmo fim.

<sup>56</sup> O bronzamento é recomendado em todas as categorias, no entanto, para *Body Fitness* e *Women Physique*, onde também são julgadas pela estrutura muscular, é indicado além do bronzamento artificial, finas camadas de sprays bronzadores que enfatizem os músculos.

pelas proporções de músculos, pelo contraste com as categorias masculinas, pela imposição da *beleza* como afirmação do feminino, além de condicionadas a outros marcadores como “raça” e “classe”.

Dito isso, teríamos outro aspecto a considerar, o de que as mulheres fisiculturistas só se tornam *competitivas* a partir do momento em que suas imagens corporais se transformam em *mercadorias*, sejam elas [para o] “fitness” ou [para o] “fisiculturismo”. Assim como o fundamento da classificação e das relações entre “masculino” e “feminino” e, logo, da categorização dos corpos, portanto, não seria “inerente aos objetos em si”, mas se refere a “como são transacionados e para que fins” (STRATHERN, (2006[1988])).

É como reviver o retrato delineado por Walter Benjamin (2006), sobre o fascínio que as vitrines das lojas exercem sobre os passantes: as mercadorias atraem o olhar quando “tornam-se imagens do desejo” (2006, p. 41)<sup>57</sup>. Na perspectiva da mercadoria, o sujeito passa a agir sobre o outro como seu objeto e os corpos são reificados para que adquiram um valor independente (um valor de troca). Enquanto objetos *desejáveis* são fetichizados na medida em que passam a ser transacionáveis— um dos efeitos esperados pela federação é o de que as imagens corporais<sup>58</sup> (ou “imagens fisionômicas”, de acordo com Taussig (1993)) estejam literalmente postas a serviço do(s) comerciante(s) e do público consumidor.

Assim, os corpos são representados, classificados e apresentados enquanto modelos que precisam ser “consumidos”, ao mesmo tempo em que se identificam com (além de promover) um determinado consumo, baseado em práticas de saber e mecanismos de poder específicos sobre *um* corpo, e que ditam uma adesão a um modo de vida. O corpo “saudável”, “atlético”, “definido”, “firme” e relativamente “musculoso” é o desejável, *magicamente* significado e transmutado em beleza— onde “prescreve [-se] o ritual segundo o qual o fetiche da mercadoria deseja ser adorado”

---

<sup>57</sup> Para André, quem costuma “vender ingressos” é “mulher bonita” e, em função disso, as categorias de *Bikini* e *Wellness* receberiam maior receptividade do público presente durante os campeonatos, por demonstrarem que “se qualquer pessoa trabalhar o corpo pode subir no palco, se sentir bem, desejada”.

<sup>58</sup> Aqui, como em outros momentos do presente trabalho, me refiro a “imagens corporais” apenas na tentativa de enfatizar as representações da ‘forma corporal’, mas de maneira alguma parto do suposto de que, em algum nível, esta “imagem” ou mesmo o *corpo* seria fraturado/depurado da *persona* ontologicamente situada. Ao contrário, a ‘lógica da mercadoria’ a que tento chamar atenção, sobretudo nesse ponto da argumentação, na qual os objetos aparecem como coisas, “leva-os à busca do conhecimento sobre as coisas e sobre as pessoas como coisas” (STRATHERN, (2006[1988]), p. 265) percebidas não nas relações, mas através dos seus atributos intrínsecos enquanto um valor necessário, portanto, para a constituição desse corpo-objeto.

(Benjamin, 2006, p. 44). Com o valor de mercadoria, a imputação de características normalizadoras ao corpo feminino desponta como qualidade inerente do próprio objeto.

O corpo da mulher, precisamente a veiculação da imagem de uma “mulher feminina”, atrairia os auspícios da publicidade, geraria lucros e metonimicamente, por assim dizer, tornaria ‘dócil’ e atrativa uma modalidade esportiva estimada até recentemente como anômala, avessa a patrocínios e com um público cativo extremamente restrito (NDALIANIS, 1995; LAND, 2015; SCOTT, 2011).

“*Wellness* é o corpo da mulher brasileira, só existe aqui, não tem em campeonatos internacionais. Mas aqui é uma categoria muito forte, atrai muita mulher, vende muita imagem, vende muito patrocínio. As empresas ficam voltadas para aquilo que vende muito, aquilo que chama mais atenção da população. *Bikini* também é muito forte, apesar de pessoalmente você ver as meninas muito magrelas, quando você vê no palco e nas fotos aquela imagem vende muito. A bikini é como se fosse uma modelo de passarela, porém é uma fisiculturista. Isso é positivo, isso vende muito. Isso vai atrair outro público que tinha preconceito com o fisiculturismo, porque quando você vê, ela é magrinha, não tem muito músculo e ainda assim é uma fisiculturista. São categorias fortes por isso, em relação a marketing, feminilidade, beleza. E isso é bom (...) de alguma forma, essas categorias atraem os olhares para gente” (César).

A tríade básica e rentável do fisiculturismo, como hoje se exprime, astuciosamente resumida por César, se erige a partir das variáveis “marketing”, “feminilidade” (e/ou “masculinidade”) e “beleza” (e/ou “força”), assim como evidentemente de suas inflexões. Os corpos precisam “vender”. Ou seja, é preciso estimular e constituir uma rede de consumo e produção que mantenha e estimule os já iniciados e, por outro lado, promova e instigue a práxis em novos amadores, disso dependerá a manutenção, o desenvolvimento e a sobrevivência do esporte, das federações e de seus produtos.

Os artifícios para *fins comerciais* da IFBB procuram preservar ao máximo as fronteiras entre o “arco” e o “cesto”, evitando, ou tentando gerenciar, supostas contaminações; como postulada na clássica relação entre “pureza” e “perigo” (DOUGLAS, 1991), na qual a noção de poluição é definida como uma espécie de reação que pretende preservar da contradição princípios e categorias consideradas. O perigo à espreita é o de que referentes de masculinidade possam ser inscritos deliberadamente em corpos femininos, não é à toa, pois, que o *lócus* privilegiado da contradição, digamos assim, recaia principalmente no culturismo (ou *bodybuilding*) feminino:

“Minha opinião sobre o *bodybuilding* feminino, o que eu ouço muito falar e concordo, é com relação à feminilidade, beleza (...). No *bodybuilding* feminino, as mulheres são muito agressivas, são muito masculinizadas isso é indiscutível, seja no rosto, no corpo, tudo. Então eu acredito que tá acabando essa categoria por conta disso. A ascensão que a modalidade tá tendo no mundo todo, adaptando as categorias para algo bonito de se ver, um esporte mais bonito de se vender. É um esporte muito caro em todos os aspectos, então precisa de um atleta mais fácil de se ver. A indústria quer patrocinar atletas que vendam algo positivo para os clientes. Imagine um patrocinador de uma atleta *bodybuilding* que a maioria das pessoas acha feio, a pessoa não vai querer comprar aquele produto que aquela atleta representa. É claro que é uma ignorância por parte dessas pessoas, porque não é o produto que vai deixar a pessoa daquele jeito. É o treinamento, a suplementação, nutrição, uma série de coisas. Mas, a verdade é essa, empresário quer resultado, empresário quer vender e atleta vive de apoio, vive de patrocínio, vive de parceria. Então se tem algo que possa diminuir isso, a gente vai começar a deixar de lado (...). Por exemplo, a *physique*. A *physique* é uma categoria de três anos para cá, é uma categoria nova, não existia e hoje é uma categoria que tem muita mulher participando. É um perfil mais feminino de uma mulher com músculo” (César).

Os músculos devem *marcar* os corpos das fisiculturistas, mas, como limite de validação da feminilidade, as mulheres devem evitar o constructo analógico do formato “X”, se limitando a corresponderem às linhas “Y”, “T” e “V”<sup>59</sup>. Impedindo que os grupos musculares inferiores e superiores sejam igualmente hipertrofiados e vistos como “agressivos”. No caso, apenas uma região, a superior, deverá ser desenvolvida em diferentes proporções, de acordo com os pré-requisitos, ainda que substancialmente menores do que os indicados nas categorias masculinas.

Embora o ponto de corte para o feminino oficialmente seja o “culturismo”, não há consenso entre as competidoras sobre o que seria o fisiculturismo, principalmente a partir das divisões entre “fisiculturismo” e “fitness”, da mesma forma que não há conformidade entre os técnicos fisiculturistas sobre a mesma questão— e, nesse sentido, as posições de Marcelo e César são muito esclarecedoras<sup>60</sup>. As participantes das

<sup>59</sup> Ou aos aspectos “curvilíneos” ou em “formato de pêra” da *wellness*. Não há um consenso entre a correspondência dos formatos das letras e dos corpos ou de outros constructos dessa natureza. Em muitos fóruns online essa analogia é ponderada como “perda de tempo”, pois não contribuiriam efetivamente para a formatação corporal requerida nas competições. Já em outros, esses constructos seriam bons norteadores para uma adequação estética do corpo. Entre os meus interlocutores, esse tipo de analogia foi constantemente referida, ainda que não houvesse concordância sobre qual seria o “tipo gráfico” relacionado a cada categoria. Por exemplo, não há um consenso se a *bodyfitness* deveria corresponder ao formato “Y” ou “V”, ou se a *women physique* pertenceria ao “V” ou ao “X”, assim, a atribuição correspondente entre as letras e o formato do corpo neste texto foi feita pelo número de recorrências durante o trabalho de campo, que relacionava com mais frequência um determinado tipo ao outro.

<sup>60</sup> Relembro ao leitor especificamente dois momentos nos relatos dos dois técnicos, expostos em páginas anteriores. “*Bikini é fitness*, não é fisiculturismo. Você começa a entrar nas categorias do fisiculturismo

categorias *Body Fitness* e *Women Physique* se avaliam como fisiculturistas pela disposição em modificar seus corpos para desenvolverem “volume muscular” e a coragem de ostentar corpos “estranhos”. Assim, para elas, a dedicação ao esporte seria mais genuína do que para as competidoras das categorias *Wellness* e *Bikini Fitness* que não sofreriam tantas provações por se aproximarem de um corpo feminino ideal e comercial. Já as concorrentes “fitness”<sup>61</sup> se descrevem como uma nova geração de fisiculturistas que são “bonitas” e “femininas”.

Apesar do *pacote total* não ser um imperativo na avaliação dos homens, os jurados podem ponderar predicados relacionados ao embelezamento dos candidatos nas categorias de “fisiculturismo”, analisando o modelo e a cor da sunga, além do corte de cabelo e a uniformidade do tom da pele.

A categoria em que os requisitos de embelezamento da federação são mais representativos é a *Men's Physique*. Criada no mesmo ano da *Women Physique*, em 2012, é apresentada como uma categoria “fitness” masculina, com elevado apelo comercial e uma das mais rentáveis do campeonato em função do grande número de concorrentes inscritos.

César qualificou o padrão do *Men's Physique* como o “extremo do belo, aos olhos das pessoas normais”. Para ele, seria o equivalente da categoria feminina *Wellness*, pois se “aproximaria do corpo de todo mundo”. Isto é, a categoria almeja atrair, primordialmente, os adeptos da academia:

“Tem uma categoria que tá bombando muito aí que é a *men's physique*. Ela vende muita imagem. Ela não tem peso, é só altura, porém tem que ter a linha da categoria. A estrutura ali é cintura fina e costas largona (...) *você não precisa ser forte, fortão*. Você só precisa ter a linha da categoria, a estrutura. *Só precisa ter a linha*. Tem muito cara na minha academia que tem uma linha bonita, se definir um pouquinho, tá dentro da categoria. Entre aspas, é uma categoria mais fácil” (César).

Além dos trajes característicos, bermudas meio folgadas, mas retas até os joelhos, de tecido flexível colorido nos quais são permitidas estampas florais ou geométricas, os competidores ostentam o cabelo, em geral, impecavelmente arranjado com fartas camadas de gel capilar e penteados característicos: topetes dos mais variados

---

quando começa a ter uma massa muscular avantajada. O fisiculturismo está atrelado à massa muscular, ao ganho de massa muscular” (Marcelo); “A bikini é como se fosse uma modelo de passarela, porém é uma fisiculturista, isso é positivo, isso vende muito” (César).

<sup>61</sup> *Bikini* e *wellness* possuiriam prerrogativas nos contratos publicitários e patrocínios em detrimento das competidoras das outras categorias.

tamanhos que, muitas vezes, podem vir acompanhados da cabeça raspada à máquina nas laterais. E, similar às categorias femininas, devem sorrir durante todo o momento do julgamento, ao contrário das demais categorias masculinas. Os concorrentes têm predominantemente entre 18 e 40 anos de idade, pele clara e cabelos lisos; os vencedores dos últimos anos em campeonatos brasileiros seguem esse padrão. Diferente das outras categorias masculinas, nas quais há uma diversidade em termos etários e raciais, cujos vencedores são de tal modo heterogêneos.

*“Men’s Physique tem aquele ar mais saudável mesmo, mais de praia. Aquele bronze de praia, tranquilo. A pessoa tem que saber sua linha, tem que trabalhar sua linha. Eu mesmo tenho uma estrutura longilínea, eu nunca serei bodybuilding<sup>62</sup>, por que seria um trabalho muito difícil. Então eu sou da categoria clássica, que é limitada pelo peso de acordo com a altura. É a altura que regula. Os atletas geralmente da mesma altura e com o mesmo padrão e peso. O que diferencia são os detalhes. Já o *bodybuilding* não, o que conta é o peso, às vezes 70 kg, 100 kg. O julgamento é o mesmo: volume muscular, simetria, proporção e definição. Acontece do atleta ir para uma categoria que não é a dele e ser desclassificado e vai passar vergonha. Quando o cara é grotesco, *bodybuilding*, vai para uma categoria mais *slim*, o clássico, e passa vergonha e vice-versa” (Marcelo).*

Apesar de ser avaliada por muitos como a “época de ouro” do fisiculturismo<sup>63</sup>, “grotesco” é como também costuma ser referido o fisiculturismo praticado pelos homens durante os anos 80, 90 e começo dos anos 2000, período conhecido pela ênfase do culturismo nas competições da federação. Culturismo esse diferente do que é exigido como categoria masculina atual, onde os homens eram considerados *maiores* em proporção muscular; na qual a *linha* do corpo seria mais “desarmônica” em comparação a “clássica”. A exigência de hipertrofia muscular, vascularização extrema (saliência das veias), dilatação abdominal, dentre outras características corporais seriam avaliadas como “agressivas” e se sobreporiam negativamente à “simetria” e “proporção” dos grupos musculares. Tal mudança no direcionamento das categorias masculinas tem como característica principal atenuar características que denotem uma *hipermasculinidade*<sup>64</sup>, exigindo de seus competidores um perfil anatômico “moderado”.

<sup>62</sup> Correspondente à categoria “fisiculturismo masculino” segundo as normas da federação.

<sup>63</sup> Marcadamente nos fóruns de discussão online.

<sup>64</sup> A “hipermasculinidade” geralmente é definida pela supervalorização de “marcas” do masculino, que, “ao exceder os limites reais das medidas humanas” (CECCHETO, 2012), remetem a força, virilidade e dominação corporalmente assinalada, principalmente, através da hipertrofia muscular (BRAZ, 2009). A meu ver, se referir, a partir desse ponto de vista, a uma “hipermasculinidade” entre os competidores de fisiculturismo seria um tanto tautológico e teria validade analítica apenas quando relacionada às características diacríticas da modalidade. Por esse motivo, mantive e privilegiei “masculinidade” não

Afinal, evitar um *corpo feminino masculinizado* e uma possível *hipermasculinidade* no *corpo masculino* faz parte de uma série de estratégias da federação para impor uma determinada normalização do corpo fisiculturista, fundamentada em discursos sobre o *corpo natural*.

Talvez uma das estratégias inequívocas da federação em *normalizar* o corpo fisiculturista, tornando-o menos marginal e mais auspicioso a conexões com o *mainstream*, foi o de aproximá-lo ao estatuto esportivo institucionalizado através da vinculação à Agência Mundial de Antidoping (WADA), em 2009. A partir daquele ano, a IFBB passou a adotar o controle de dopagem como garantia de *fair play* em suas competições. Na prática, o uso de esteroides anabolizantes é uma das articulações necessárias para que se produza o corpo-atleta fisiculturista.

No entanto, a adesão formal, como parte das regras “oficiais”, à WADA ressalta as tentativas da federação em reivindicar a imagem de um fisiculturismo *saudável e moralmente apreciado* por meio de “procedimentos de purificação”, responsáveis “por demarcar os limites entre o corpo do atleta limpo, símbolo da natureza que avança, em contraposição à trapaça do atleta dopado com seu corpo duvidoso, material biológico que precisa ser esmiuçado até que sejam expostas suas impurezas” (SILBERMANN, 2004, p. 87).

No que concerne às regras de sociabilidade, o pertencimento à federação é dado pela multiplicidade de posições: árbitro(a)s, competidores, competidoras, técnicos fisiculturistas e o(a)s dirigentes<sup>65</sup>. Seja quando se relacionam com as normas da federação, seja pela relação que estabelecem entre si.

Flávia, por exemplo, comentou que “nos grandes campeonatos internacionais” há um “grande banquete” a espera dos atletas nos finais das competições.<sup>66</sup> O que, do ponto de vista dela, remete ao “grau de profissionalismo e cuidado com os atletas” que frequentemente não são vistos em muitas federações amadoras no Brasil. Uma crítica

---

apenas como relação de oposição ao feminino, mas enquanto categoria que permite explicitar as modulações do *masculino* que são operadas de acordo com os requisitos exigidos pela federação. Além do mais, o volume muscular considerado exagerado, anormal e, digamos, “hipermasculino” será assinalado pelo “virilizar”: conceito nativo que teria implicações e limites distintos entre homens e mulheres, como veremos adiante. Assim, adoto “hipermasculinidade” apenas para distinguir o que seria esse fisiculturismo moderado e mais *normalizado* em comparação ao “grotesco” de outrora— indesejado pela IFBB.

<sup>65</sup> Poderíamos incluir aqui os patrocinadores, que apesar de terem, em muitos casos, vínculos pontuais, teriam um peso muito grande na maneira que são articuladas as relações, além de incidirem diretamente na maneira em que são concebidas as categorias. Inclusive, muitos representantes de marcas responsáveis por patrocinar campeonatos da IFBB-BA, por exemplo, também são fisiculturistas e, às vezes, técnicos fisiculturistas.

<sup>66</sup> Início, portanto, do *off sujo* sobre o qual falarei mais adiante.

que ela atribuiu à própria IFBB-BA na época da presidência de André (2009- 2014) que, a despeito de ser reconhecido por muitos como aquele que conduziu a ‘retomada’ do fisiculturismo na Bahia, teria problemas de entender as necessidades dos atletas e a dimensão de um campeonato por nunca ter sido um “atleta”; embora tenha o certificado de árbitro e participe ativamente no julgamento de campeonatos de outras federações, além de já ter arbitrado em competições internacionais e, ao longo de sua vida, ter participado como competidor em alguns campeonatos da IFBB e de outras federações.

André é mais conhecido como “seu André”, uma deferência aos seus mais de 60 anos de idade e à maneira calorosa, quase informal, com que costumava a tratar “seus atletas”, como muitas vezes o vi se referir aos filiados da federação– “são meus filhos, sou quase um pai para eles”. André costumava dizer que “entende de esportes”, pois durante a maior parte da vida se dedicou a ‘prática esportiva’ sendo presidente de federações de outras modalidades, como taekwondo e atletismo, além de ser formado em educação física, título que obteve depois dos 40 anos de idade. André tomou a decisão em se afastar da presidência da IFBB-BA para, segundo ele, “cuidar da saúde” e, finalmente, “se aposentar e descansar”. No entanto, recentemente sagrou-se campeão na categoria “máster” no campeonato brasileiro– um dado interessante por, quem sabe, atestar as tensões que irrompem entre a sua figura e os demais membros da federação baiana.

Os campeonatos são ‘eventos’, não apenas do ponto de vista da experiência da própria práxis, mas daquilo que engendra a organização de um espetáculo de médio porte, como, por exemplo, o gerenciamento de uma infraestrutura mínima para acolher a quantidade de pessoas que irão circular pelo local. Essa demanda não era desconhecida por Flávia, que fazia questão de lembrar por diversas vezes nas nossas conversas, sobretudo, nos bastidores dos campeonatos, a ineficiência de André em produzi-los; ressaltando que na sua gestão iria priorizar a contratação de produtoras “de nome” a fim de qualificar a coordenação do evento.

Assim, a hostilidade velada, principalmente daqueles que mais recentemente passaram a compor ou estão ligados ao comitê que administrava a federação na época, direcionada a André é referida e justificada ora pela conduta dele como atleta, ora pela sua ineficiência em conduzir o *show*, ambas consideradas como parte de um comportamento ‘antidesportivo’ do então presidente. Mas que também dizem respeito, acredito, a diferenças de cunho geracional entre André e os demais. Aserção que só poderia ser avaliada em profundidade através de um exame mais acurado sobre a



sociabilidade, antagonismos, relações e dos acordos feitos entre aqueles que circulam e/ou fazem parte da administração da federação.

Infelizmente, o período e as circunstâncias do trabalho de campo não me permitiram fazer tais aprofundamentos, embora me arrisque a algumas pinceladas, a seguir.

Não raro, os membros do corpo de arbitragem são acusados de favorecimento no julgamento das categorias. Estas acusações repercutiam geralmente após os campeonatos, uma vez que não existam veículos formais previstos pela federação que possam revisar os resultados ou, mesmo, registrar as insatisfações. Desta forma, as queixas são meramente publicadas por alguns competidores em suas redes sociais ou circulam em conversas informais extra-campeonato. Para as perdedoras que tenham se sentido injustiçadas, resta-lhes aguardar condições melhores em outras disputas e torcer para que a subjetividade dos juízes lhes seja favorável.

Insinuações de que esse ou aquele atleta tenha sido beneficiado pelos árbitros são feitas fundamentalmente pelas relações demasiado próximas entre todos os envolvidos, isto é, árbitros, competidores, técnicos e dirigentes, principalmente, no âmbito estadual. Embora os árbitros estejam impedidos de competir e orientar atletas nos campeonatos em que atuem, muitas vezes são amigos de competidores e/ou dirigentes, ex-treinadores de técnicos fisiculturistas, membros de *team* ou mesmo parentes consangüíneos ou afins dos atletas<sup>67</sup>.

Já discorri sobre o quanto o *continuum* da práxis permite a circulação e o enraizamento da disciplina, além da manutenção (e potencial reorganização) dos padrões corporais de cada categoria. Ao longo dessa transitividade, as redes de sociabilidade tendem a ser constituídas essencialmente pelos pares. Os hábitos fora dos campeonatos são condicionados primordialmente para os campeonatos e em prol da conservação do corpo-atleta. Assim, como marca da ascense a que os atletas estão submetidos, o *estilo de vida fisiculturista* dita todos os aspectos da vida do competidor; fato que contribui para o aprofundamento dos vínculos entre os companheiros de modalidade.

---

<sup>67</sup> O mesmo é válido para os dirigentes que fazem parte de equipes que irão competir ou mesmo serem técnicos fisiculturistas, irmãos, primos ou casados com árbitros e/ou competidores que atuarão nas competições que são responsáveis.

Os *team* passam a ser classificados por muitos dos seus membros de “família *bodybuilding*”<sup>68</sup> e o técnico fisiculturista, como mentor das transformações corporais de um grupo que compartilha um mesmo *ethos* e espaços de sociabilidade, passa espelhar a identidade daquele grupo. Tais laços podem ser desfeitos na medida em que os fluxos são reorientados através do rodízio de técnicos e atletas, de modo que as “famílias” tendem a serem instáveis e novos vínculos são constantemente (re) estabelecidos, ainda que se preserve o englobamento ao mesmo *estilo de vida*.

É muito comum que membros de um mesmo *team* se reúnam com seu técnico para uma “avaliação geral”, marquem confraternizações em datas comemorativas como aniversários e festas de fim de ano, viajem juntos durante o período de férias ou realizem treinos coletivos na mesma academia.

As academias freqüentadas pelos componentes de uma mesma equipe são das mais diversas. A escolha da academia pode variar de acordo com o valor das mensalidades, patrocínio, proximidade do local de trabalho ou infraestrutura oferecida pelos estabelecimentos.

Uma atmosfera de fofoca e rivalidade permeia a relação entre as equipes. Não obstante, igualmente estão presentes dentro dos grupos; manifestados por discretas insinuações de privilégios que um determinado competidor possa ter no seu *team* por ser o membro mais antigo, com grande número de vitórias ou manterem relações afetivas com o técnico. Quando as tensões se elevam, nem sempre a saída do membro de um *team* ocorre da maneira mais amistosa.

Em muitos casos, entretanto, as alianças transcendem os elos produzidos pelas equipes e expressam as relações endogâmicas entre os fisiculturistas. Em função disso, equipes distintas podem se rotular como sendo da “mesma família *bodybuilding*” pela aliança criada a partir dos vínculos entre casais que podem fazer parte de *team*

---

<sup>68</sup> Nos seus estudos sobre os contextos de sociabilidade e territorialidade entre os sindicatos rurais, Comerford (2003) refletiu sobre as relações implicadas em “torna-se uma família” da seguinte forma: “familiarizar-se significa assim de algum modo passar a relacionar-se nos moldes desses eixos: passando a ser como um filho, como um irmão, como um pai, como uma mãe, há uma inflexão no modo de interpretar as ações dos outros que é ao mesmo tempo um reconhecimento coletivo e público do valor social, da dignidade e de algum grau de solidariedade e co-responsabilidade de uma unidade mais ampla vista “como uma família”. Isso leva a uma vigilância conjunta cuidadosa quanto às ações daqueles que estão em dado momento fora desse círculo ou unidade mais ou menos provisoriamente unificada, e que podem facilmente ser vistas como *provocação*, *desrespeito*, ausência de reconhecimento de valor e da força social ou dignidade da família ou do círculo familiarizado. Mas se dentro do círculo “familiarizado” surgirem ações, e interpretações dessas ações, que consolidem uma percepção pública de que houve falta de respeito, haverá uma “desfamiliarização” de todo um segmento, nova inflexão nas chaves e molduras para interpretar as ações, e portanto rearranjo nas fronteiras entre as unidades sociais” (p. 326).

diferentes<sup>69</sup>. De modo semelhante, esse tipo de composição é válido para membros que faziam parte de um *team* e que, porventura, tenham se dispersado por outras equipes e conservaram fortes relações de amizade<sup>70</sup>.

Marcadamente heterossexuais, é significativo os relacionamentos das competidoras entre homens que tenham alguma conexão com seu *estilo de vida*, sejam como técnicos, competidores, árbitros ou *personal trainner*. Por outro lado, fisiculturistas homens se relacionam com perfis mais variados de parceiras, muitas delas em campos afins (nutricionistas, fisioterapeutas, mas que, no entanto, não são competidoras) ou inteiramente exógenos à modalidade.

Flávia enfatizou como a hostilidade que sofre, não encontra os mesmos ecos na atitude das pessoas com relação ao seu marido. Durante a primeira de nossas conversas, defronte a loja de suplementos que mantém em sociedade com Otávio, em um pequeno shopping na cidade, comentou que “se eu passar aqui [aponta com um gesto amplo para os corredores do local] as pessoas olham e apontam para mim como se eu fosse *estranha*, para o meu marido não, na cabeça delas ele é só um *cara forte*”.

No início do capítulo anterior, notamos que Márcia e Helena começaram a treinar por influência do amigo e do namorado, respectivamente, que já participavam de competições. O amigo de Márcia tornou-se seu marido e juntos fazem parte de um mesmo *team*; já o namorado de Helena é até hoje seu técnico-fisiculturista. Camila, que igualmente teve incentivo do namorado para o início de sua carreira, é orientada por um dos membros do *team* do parceiro.

Karla, por sua vez, está solteira e refletiu que desde o início de sua carreira tem tido dificuldade em manter relacionamento estáveis,

“para falar a verdade, eu não pego ninguém há muito tempo. A gente sofre muito preconceito, muito preconceito mesmo. De mulher, de homem, de todo mundo. Eu recebo mensagem o tempo inteiro de homem dizendo que eu sou linda, que gosta de músculos, que me admira, gente que eu nem conheço, mas na hora de sair, pegar na mão, ninguém quer (...). Não tem coragem de assumir. Fica com medo de dizerem que ele gosta de homem, porque as pessoas ignorantes acham que eu pareço homem. Um monte de homem invejoso, de mulher invejosa. (...) Prefiro ficar sozinha, esperar alguém parceiro, que entenda minha vida, entenda meu esporte”.

---

<sup>69</sup> Há exemplos também de primos e irmãos que pertencem a equipes distintas.

<sup>70</sup> Amizades que se transformam em laços mais fortes e duradores quando se tornam, muitas vezes, padrinhos de casamento ou dos respectivos filhos ou geram laços consanguíneos.

Márcia, que segue no esporte junto com seu marido, observou, por outro lado, que é um engodo acreditar que homens não gostam de mulheres musculosas, estabelecendo a hostilidade a partir da antítese entre pessoas que “treinam” e aquelas que “não treinam”, ou seja, no limite entre a definição, volume muscular e a gordura:

“quem não gosta de mulher musculosa são as mulheres que não treinam. Eu não gosto de mulher, então eu não tô preocupada com isso por que esse não é o sexo do meu interesse. Então assim: homens não gostam de mulheres musculosas? Isso saiu de onde? De que tipo de homem? Onde foi que foi feita uma pesquisa? Onde foi dito isso? Para mim isso é boato. Sabe quais são os homens que não gostam de mulheres musculosas? Os gordos. Por que os treinados gostam de mulheres que treinam”.

O “boato” alardeado por Márcia parece não ter validade para todas as competidoras, pois, quando questionada se não teria mais sucesso entre companheiros de esporte, Karla é, mais uma vez, taxativa:

“acredite se quiser, é raro. Tem gente que consegue. Você pode ver um monte de casal por aí, mas para fisiculturistas de verdade como eu, que se entregam de corpo e alma ao esporte é bem difícil. Eles preferem aquelas mais *mionzinha*, tipo uma *wellness*”.

As posições, como se vêem, não são unilaterais e às vezes podem depender do modo pelo qual cada competidora se insere nas relações de afinidade, sociabilidade e muitas vezes de parentesco. Ser um casal fisiculturista pode significar um capital muito grande no circuito dos campeonatos, porquanto, marido/namorado e esposa/namorada espelhariam a conduta que se espera dos atletas<sup>71</sup>.

A esposa pode ser o produto corporalmente marcado dos engajamentos disciplinares orientados pelo seu cônjuge; pode fazer parte da equipe do marido, como salientei no capítulo anterior, sendo a responsável em orientar as poses das mulheres ou mesmo ser referência corporal/moral para as mais inexperientes. O casal, individualmente, pode ter acumulado vários prêmios ao longo das competições. Não raro, como entrevi durante o trabalho de campo, casais fisiculturistas-competidores costumam atrair patrocinadores que gostam de atrelar a imagem do “cara forte” ao lado da “mulher sarada”, como um produto relacionado ao estilo de vida “fitness”. O que significa dizer que não é todo casal fisiculturista que atrairia a bonança da publicidade,

<sup>71</sup> Em uma das revisões deste capítulo, minha orientadora, Núbia Bento Rodrigues, notou que a relação que se produz no casal fisiculturista, “é a verdadeira síntese da mimese- alteridade. A esposa é o oposto complementar. É a diferença na semelhança”.

mas aqueles que anatomicamente estejam de acordo com as formas “masculinas” e “femininas” aceitáveis.

Como atleta da categoria *Women Physique*, o relato de Karla é bastante significativo, ao sugerir que o *pacote total* seja uma prerrogativa de julgamento que extrapola o momento das competições. Ela explana uma dinâmica moral que qualifica as mulheres fisiculturistas em detrimento de outras pelo parâmetro do “feminino” no âmago da prática como um todo – cuja validade é matizada pelo volume muscular e pela “beleza” que define os corpos femininos “menos” ou “mais” comerciais.

Já, de acordo com Márcia, no âmbito externo, as classificações seriam direcionadas pejorativamente a homens e mulheres que não aderiram à disciplina e que, portanto, estariam excluídos como potenciais parceiros<sup>72</sup>.

Márcia ajuizou ainda que as “pessoas ignorantes”, ou seja, aquelas que não estariam inseridas na dinâmica da práxis, costumam associar ao feminino apenas características físicas tidas como negativas, tal qual, a celulite, ao passo que a *nobreza* dos músculos só seria aceitável se ostentada pelos homens. Ela diz,

“então, toda vez que eu ver uma mulher que tem músculo, ela é igual ao homem? Então, se o homem tiver celulite, ele é mulher? Quer dizer que atribuição e característica feminina é celulite e gordura? É isso? Então quer dizer que toda a mulher que quer ter músculo, ela é masculina? Que o certo é ser retida, o certo é ter os furinhos, o certo é esse? Gente, ó o tamanho do meu bíceps! Ele tá marcado? Tá! Mas ó o tamanho disso aqui? Como é que eu posso parecer um homem? Se um homem tiver um bíceps desses, ele se mata. É muito pequeno. O que eu tenho é qualidade muscular, dentro do meu físico”.

Além de deixar claro que a prerrogativa dos “músculos femininos” seria a de ser *menor* do que os “músculos masculinos” como parte dos critérios relacionados à masculinidade e feminilidade dos competidores, Márcia não deixou de enfatizar que tais classificações e as subsequentes distinções entre os de “fora” e os de “dentro” só podem ser compreendidas se relacionadas à conduta física e moral a que ela e seus pares estão submetidos:

“eu não tô entendendo onde as pessoas querem chegar, tentando justificar as incapacidades dela. Eu acho que é aquela coisa assim, ó: aceita que dói menos. Bate de frente com o problema e resolve ou assume que você não é capaz. Mas não fica querendo criar situações para justificar a realidade que

---

<sup>72</sup> A problemática dos relacionamentos afetivos surgiu apenas durante minhas conversas com as mulheres fisiculturistas. Em minhas entrevistas e conversas informais com os homens não foi um tema importante, mas apenas pontual, quando se referiam ao fato de que a parceira (assim como seus familiares e amigos) deveria entender e apoiar o esporte a que se dedicam.

você vive. Por que não é a minha realidade. Não funciona assim, eu não funciono assim. O que você tem que ser é bonita. E não é de qualquer jeito, você tem que ter harmonia, seu músculo tem que ter harmonia, tem que ser harmônico”.

Ademais, os níveis de feminilidade e masculinidade indicados nas categorias estabelecem e expõe a natureza das relações tanto entre homens fisiculturistas e mulheres fisiculturistas, quanto internamente aos competidores das categorias masculinas e femininas.

Tais relações não se dariam apenas através de uma oposição radical entre termos, mesmo considerando as hierarquias ocupadas desigualmente entre os agentes, uma vez que,

a distinction between terms also maintains them in relation: they can still be found in one another’s company, to be repeated, at any juncture, later. We can repeatedly bring ourselves back to the point from which we started. In short, distinctions can keep terms from dissipating. When we see them doing so, what is fractal in propagation appears binary in form” (STRATHERN ,2011, p.90).

Mas também entre relações que se constroem interiormente às diferenciações de gênero— que, muitas vezes, podem ser correlatas a assimetrias construídas a partir da classe, raça, divisões etárias, tempo de prática no esporte, sociabilidade, etc..<sup>73</sup>Mais do que uma oposição entre “homem” e “mulher”, aqui o *masculino* e o *feminino* é, como sugere Strathern (2006[1988])<sup>74</sup>, uma relação entre relações (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 22) conformadas no interior do *habitus* que estrutura a práxis.

No capítulo seguinte, veremos como as categorias e classificações nativas qualificam e produzem o corpo atleta. A preparação demarca duas fases distintas e interdependentes de procedimentos que visam adequar o corpo para o palco. A aura de competência e legitimidade que dota os fisiculturistas de um capital, ao mesmo tempo linguístico e prático, é engendrada principalmente em decorrência da negociação constante com o modelo biomédico e suas respectivas classificações. Em seu sentido moral e/ou legal. A recorrência, por outro lado, da participação nos campeonatos assinala uma ética de existência cuja racionalidade do sacrifício se estabelece como forçamotriz.

<sup>73</sup> Determinadas também no escopo abrangente da modalidade, como vimos, através das apreciações negativas a competidoras e competidores de outras federações.

<sup>74</sup> “Em minha explicação, portanto, torna-se impossível conceber o gênero simplesmente como uma questão da relação entre macho e fêmea. Essa questão incorpora uma visão mercantil inapropriada que, supondo que as entidades existam em si, requer explicação quanto à relação entre elas (p.272).

## **CAPÍTULO 4**

### **ATLETAS VERDADEIROS**

Ainda que englobado num estilo de vida caracterizado pelo *saudável*, o corpo fisiculturista é marcado pela violação do corpo que se pretende sadio. A experiência do primeiro campeonato, para homens e mulheres, é o momento de nascimento desse novo corpo, desta nova persona.

Marcelo relutou antes de finalmente ceder ao que, para ele, é o “seu destino”. E isso só aconteceu quando teve um sonho. Adepto da musculação desde os treze anos de idade, incentivado pela família que se preocupava com o fato do filho mais velho ser “gordinho”, Marcelo nunca se absteve de fazer o que gostava em função de dietas ou treinos na academia. Ao contrário, mais de dez anos depois, não deixava de sair com os amigos, comer o que queria na hora em que queria ou tomar cervejas no final de semana. Até que o tio do seu melhor amigo resolveu se preparar para participar de um campeonato. Marcelo acompanhou toda a preparação e foi ali que assistiu a um campeonato de fisiculturismo pela primeira vez. Mesmo que admirasse a “coragem” daqueles que viu competir, não tinha encontrado motivo para “sofrer tanto” ou mesmo “abrir mão de sua vida” para “subir no palco”.

Meses depois daquele evento, Marcelo acordou no meio da noite com o coração acelerado. No sonho, viu a si mesmo no palco e seu corpo já não era o mesmo: ele “estava enorme”. Acordou chorando, chamou a namorada e confessou-lhe que jamais se viu tão feliz e experimentado tamanha emoção. Contou-me que nunca tinha tido um sonho tão vívido como aquele e que, naquela mesma noite, decidiu competir.

“Eu lhe digo, o meu primeiro campeonato eu fiz tudo errado, não sabia o que comer, não sabia para onde ir direito com as poses. Um amigo que já competia tava me ajudando, mas não era aquela ajuda, ajuda. Ele dava umas dicas e tal, mas era tudo muito novo. Acho que foi o pior corpo que eu já tive e foi muito doloroso, muito sofrido, mas isso nem foi importante. Hoje vejo que não foi o corpo que fez a diferença naquele dia, apesar de ter ficado com a quarta colocação (...). Tudo fez sentido quando eu subi no palco, senti aquela adrenalina correndo, é muita emoção quando você sobe. (...) tudo começou naquele sonho, o meu chamado foi lá, mas tá de carne e osso em

cima do palco... Não tem nada melhor, não tem nada que se compare aquela sensação”.

A organização da experiência em torno do *chamado* a uma nova vida, a de fisiculturista, além de ter relações com sua conversão ao pentecostalismo, como veremos adiante, é também uma maneira de Marcelo validar o seu pertencimento ao esporte. O sonho funciona igualmente para a reflexão de que somente aqueles *escolhidos* conseguiriam resistir aos *processos sacrificantes* que ensejam a adequação do corpo aos padrões requeridos.

São recorrentes as narrativas sobre os sentidos dessa *convocação do esporte*, que procuram justificar a existência de poucos atletas em decorrência da falta de *resistência física e moral* necessária dos candidatos para suportar os flagelos desse ‘novo’ corpo. Assim, o primeiro campeonato pode funcionar tanto como uma passagem, quanto como uma seleção daqueles que terão a habilidade em resistir.

Após seu primeiro campeonato, Márcia ficou internada por dois dias num hospital em virtude da preparação. Tal circunstância não é um fato isolado, senão recorrente em algum momento ao longo de suas participações nas competições. Disse-me que seu corpo é “fraco” e sempre teve “fraqueza no corpo”, e essa condição não faria diferença em sua disposição a modalidade, pois “nesse esporte, não é o corpo que precisa ser forte, mas sua mente” e o “atleta de verdade” deverá estar disposto a tudo em nome do esporte,

“atleta de verdade tem calos nas mãos, não quer ter apenas o corpo bonito. Eu não treino para aquilo que eu acho bom, eu treino para entrar no padrão daquela categoria. **Eu pego o meu físico e entrego ao esporte, o que o esporte determinar eu vou fazer. Essa é a construção de um físico para um atleta no esporte.** É diferente de alguém que chega na academia e treina tudo o que quer, do jeito que quer, fica com um corpo bom e de repente até uma musculatura legal, só que ela não tá se preparando para aquilo como eu. Ela é fisiculturista porque ela faz culto ao corpo dela. Certo. Fisiculturismo é isso, culto do físico, a cultura do corpo. Tá. Mas quando a gente fala de atleta (...), existem regras, existem outras coisas mais”.

A distinção operada na fala de Márcia, a partir dos frequentadores de academia que, sob a égide da *definição*, procuram corresponder meramente a um padrão de beleza, não é feita em função do termo fisiculturismo em si, qualificado aqui como “culto do físico, a cultura do corpo”. Mas, a despeito da abrangência que o conceito sugere, a distinção atua por um deslocamento da própria agência na medida em que não



seria mais permitido ao sujeito circular por entre engajamentos disciplinares do jeito que lhe convier, mas passa a ser subsumido pelo imperativo de corresponder eminentemente às regras preconizadas pelo esporte. Tais regras serão os predicados da *entrega* do físico, em sua acepção moral e antropométrica, enquanto *atletas verdadeiros*. Entretanto, a condição de atleta não seria algo dado imediatamente após o primeiro campeonato, mas paulatinamente adquirida em decorrência da interiorização, ao mesmo tempo visual, emocional, ética, cognitiva, estética e mimética, da prática e suas implicações (WACQUANT, 2002).

A primeira delas consiste em que não são todos os fisiculturistas que competem que serão vistos como atletas, ao passo que todos os *atletas verdadeiros* cogentemente são competidores. A recorrência da participação em campeonatos será aqui uma variável fundamental, assim como, evidentemente, o número de vitórias.

A ascese é constituída pela regularidade das atividades, repetidas incansavelmente todos os dias, onde nada deve ser feito fora do planejado.<sup>75</sup> Circunstâncias que exigiriam uma estabilidade não apenas física, mas emocional e econômica dos candidatos a atletas. Sem perder de vista as imposições da federação, através de suas categorias e regras, o emocional, a condição econômica e, muitas vezes, a própria genética dos competidores são elencados como empecilhos para que se tornem (ou deixem de ser) atletas<sup>76</sup>.

Aos que conseguem, as narrativas do “antes” e “depois” estarão relacionadas à transição da “bela definição”, conquistada no âmbito da academia, à “definição simétrica”, sob os auspícios dos padrões da federação. O corpo-atleta será sempre analisado e esmiuçado em detalhes não só em referência a essa transição, ou aos seus concorrentes, mas em referência a si próprio nas diferentes competições em que é gestado – a todo o momento confrontado pelo que foi, é, e através de sua virtualidade.

---

<sup>75</sup> Os atletas verdadeiros seriam exímios, inclusive, no preparo de suas próprias refeições, pois não devem arriscar que alguém despreparado comprometa seu planejamento dietético.

<sup>76</sup> Sobre isso, Wacquant reflete sobre o modo pelo qual essas instabilidades atuam como seleção de futuros pugilistas: “É pelo viés das inclinações e dos hábitos exigidos pela prática pugilística que os jovens saídos de famílias mais despossuídas são eliminados: tornar-se pugilista exige, de fato, uma regularidade de vida, um sentido de disciplina, um ascetismo físico e mental que não pode se desenvolver em condições sociais e econômicas marcadas pela instabilidade crônica e pela desorganização temporal. Abaixo de um determinado limiar de estabilidade pessoal e familiar objetiva, torna-se altamente improvável adquirir os meios corporais e morais indispensáveis para amadurecer com sucesso no aprendizado desse esporte” (2002, p. 62).

O atleta deve evitar a *vaidade* típica dos praticantes de academia relacionada à busca da “beleza” pela beleza. Como parte de sua entrega monástica ao esporte, o atleta precisa abnegar-se a tudo o que lhe afaste de seu objetivo, qual seja, “*obter o seu melhor físico*”,

“(...) esse universo ele mistura muito a questão do esporte, com a vaidade, com o ego é muita coisa misturada (...). O corredor não corre por vaidade, mas ali é palco, é show, é exposição do físico. Tem muito ego, muita vaidade e isso é bíblico: a vaidade é o pecado dos pecados. Eles tentam a gente. E esse é um esporte disso. E por ter essa questão da vaidade dentro do esporte, muitas pessoas querem. Agora dançarina de banda tá tudo atrás né? Por que quer ter um físico bonito. As pessoas começaram a pensar assim “ah, eu frequento a academia”, “eu tenho um físico bonito”, “é só fazer uma dieta e eu sou atleta”. Só que não é assim. A gente passa por momentos muito complicados mesmo, se você perceber como é a mudança física. (...) Se quiser tentar é uma coisa, conseguir já é outra”.

Esse relato de Márcia não pode ser avaliado sem que nos atenhamos à divisão imposta pela federação, entre “fitness” e “fisculturismo”. Como vimos no capítulo anterior, uma vez que as competidoras sejam iniciadas e reconhecidas como “atletas”, haveria uma disputa de quem emanaria com *mais* afincado o *ethos* atleta. Este também é medido e qualificado pelas dificuldades em se obter um determinado padrão e as concessões que seriam feitas em detrimento da “vaidade”. Assim, mesmo que de forma velada, é principalmente da categoria *wellness* a pecha de ser “menos atleta” que as demais. Credito duas causas a essa motivação: primeiro, pelo fato de não existir até então como categoria oficial nos campeonatos profissionais (diferente, portanto, de outras categorias “fitness” como *bikini fitness* e *men’s physique*, na masculina); e por deixar evidente a sua filiação a uma “beleza de academia” relacionada à vaidade e a um estágio corporal *anterior* e *amador* comparativamente as outras categorias.

Do mesmo modo, competidoras de outras federações, que, portanto, não *representam aquilo que se espera de um atleta IFBB*, não estariam aptas a serem atletas verdadeiras, pois, nas palavras de André, são “atletas que se dizem atletas, mas você vê que não são. Só estão ali pela vaidade, não pelo esporte”. Essa questão se manifesta também em função daquilo que regulamenta a constituição da feminilidade quista no contexto da federação, não só em prejuízo das mulheres consideradas (hiper) musculosas e sem simetria, mas de competidoras fisiculturistas avaliadas como “vulgares”:

“até no uso do biquíni das meninas mesmo, são biquínis vulgares. Isso é um esporte que você tá julgando o físico, julgando o físico de uma maneira pontual. Não há espaço para a promiscuidade. Olhe o jeito que elas fazem a pose, elas querem ser sensuais. Não são atletas de verdade” (Márcia).

Atualmente, o estilo de vida comum ao fisiculturismo tem se expandido para além dos ambientes de campeonatos, haja vista a proliferação de *modelos fitness* representantes de marcas publicitárias, assistentes de palco de programa de TV ou mesmo celebridades que estariam adotando articulações para finalidades estéticas, na forma de dietas, treinamentos, farmacológicos, vestuário, etc. Sobre este assunto, Flávia ponderou:

“elas podem até treinar como atletas, comer como atletas, podem até ter subido alguma vez na vida no palco, mas elas não são atletas. Você pode até olhar na marmita dela e ver batata doce com frango, ela pode bater ponto todo dia na academia, ela faz tudo como a gente, mas atleta ela não é (...)”.

Flávia queixou-se ainda da falta de cuidado das pessoas ao se intitulem “atletas”, bem como das ocasiões em que a mídia deu proeminência a fisiculturistas não atletas:

“a nossa vida é isso, só isso. Todos os dias eu só tô focada nisso, em buscar meu melhor, buscar meu melhor sempre, sempre e me superar nos campeonatos. Cada competição é uma coisa nova, cada competição você aprende mais. Às vezes, a pessoa vai lá e se prepara, consegue um corpo bom e sobe [no palco], depois para, volta à sua vidinha normal, não é assim (...)”.

O estatuto de atleta deve ser validado pelo grupo e, assim sendo, o “ter calos nas mãos”, aludido por Márcia, só seria alcançado a partir da adesão total e irrestrita a essa *nova vida*, igualmente associada a uma aptidão dos competidores aos seus enunciados. A composição do “atleta verdadeiro” é consolidada em dois momentos inter-relacionados: a experiência “de subir” no palco e todas as vicissitudes decorrentes do processo de adequação corporal durante as preparações para a apresentação no palco. As reproduções dessas duas experiências irão distinguir esse *físico*, além de definir os agenciamentos e o conhecimento adquirido sobre esse corpo; que, ao decorrer das competições, oferecerá novos obstáculos e tolherá muitas das tentativas de sua modulação, exigindo novas e cada vez mais penosas articulações. É justamente a capacidade de se adequar, reformular e resistir a esses processos que, na perspectiva do discurso nativo, fará com o que o corpo *evolua* (ou, de acordo com a perspectiva posicionada, *pare de evoluir*) e conformará o atleta verdadeiro enquanto tal.

A relação entre as categorias “esporte” e “atleta”, como partes em constante interação, definirá as condições de legitimidade conceitual aos termos, especialmente, quando contrastada a operacionalidade dessas categorias para além do contexto aqui apresentado. Refiro-me especificamente à maneira pela qual os atletas de fisiculturismo competitivo pensam sobre a falta de reconhecimento do senso comum ou de instâncias e comitês esportivos oficiais:

“as pessoas dizem que não é um esporte. E isso tem consequências. Se a gente fosse reconhecido pelo COI, por exemplo, os nossos campeonatos poderiam ser todos profissionais, tudo regulamentado (...). Mas esse é o meu esporte e é o melhor esporte de todos. É o esporte que você mais se dedica, são 24 horas naquilo ali. Você acorda pensando e dorme pensando no seu rendimento” (Marcelo).

Márcia salientou que, como “qualquer outro esporte de ponta”, o principal interesse é “gerar e buscar *performance*”, além de questionar o enalço daqueles que o deslegitimam em função do uso de substâncias farmacológicas consideradas ilegais,

“o senso comum tá muito atrelado a esse tipo de coisa, que a gente só quer saber do físico, ninguém quer saber como chega naquele físico, o que tá em jogo ali (...). Então tá, quer permanecer ignorante, então fique ignorante (...). O povo acha que o fim estético não justifica. Então, borá lá. Você acha o quê do jogador de futebol? O menino sai da divisão de base com dezesseis anos e, com dezoito, o menino já tá daquele tamanho... Correndo, parecendo um cavalo no meio de campo. Ele tá tomando o quê ali? Caféina? Aí você pega um corredor, o cara corre daquele jeito. Não teve um caso aí de um ciclista que perdeu título? Daiane dos Santos já foi pega no doping. Olhe esse caso do Anderson Silva. Então assim, o doping existe em todas as federações, em todos os esportes. E você já percebeu que toda hora cai um atleta no doping? Então, como é que é só no fisiculturismo que toma alguma coisa? Eu sou atleta e todo atleta tá envolvido com isso. Eu não posso garantir isso, mas todo mundo que tá buscando *performance* e ser competitivo sabe que tá”.

O uso de esteroides anabolizantes e androgênicos significaria uma chancela necessária do corpo-atleta<sup>77</sup>. Saber como e quando utilizá-los também faz parte do conhecimento adquirido sobre esse corpo. De tal modo, os não-iniciados ignorariam não apenas que os esteroides seriam uma das inúmeras articulações de um conjunto de procedimentos que “fazem crescer”, mas desconheceriam inclusive as maneiras de

<sup>77</sup> Em seu trabalho sobre as classificações deste corpo e os inúmeros processos que estabelecem agenciamentos e marcadores biológicos que, ao mesmo tempo, criam e regulam o “doping” e “antidoping”, Silberman (2014) argumenta que “o uso dessas substâncias consideradas doping explicita a preocupação do atleta com o corpo possível, não importando o risco ou o objetivo inicial da técnica, o que está em jogo é que ela possibilita a imagem do próximo corpo atlético possível” (p. 174).

dissimular seu uso— seja na eliminação dos resíduos biológicos da substância, administrando seus efeitos, a fim de evitar o doping, seja em marcas visíveis e tidas como desnecessárias no corpo.

Sobre esse último aspecto, ressalto a avaliação no *dia da pesagem*, realizada um dia antes do campeonato. Dentre outras coisas, os concorrentes são avaliados sobre a existência do “doping estético”, conhecido também por “derrame”. Trata-se das máculas visíveis no corpo como efeito da aplicação de alguma substância ilícita. Alguns anabolizantes são aplicados diretamente no músculo e podem deixar marcas do pico da seringa e/ou provocar reações alérgicas, tais como caroços na pele ou manchas arroxeadas. Os avaliadores das inscrições, geralmente o presidente da federação e alguns dos jurados que irão arbitrar a competição, não chegam a recusar inscrições, mas veem com maus olhos os competidores que apresentem tais nódoas e já sinalizam entre si que dificilmente este competidor poderá ser classificado para representar a federação no campeonato brasileiro. O descuido em deixar transparecer esses ‘resíduos’ é atribuído a principiantes, pois desconheceriam as maneiras corretas de utilizar as substâncias, evitando efeitos avaliados como negativos, além de desconsiderarem que estarão sujeitos a serem punidos pela federação— que não quer se responsabilizar por este tipo de uso— e a utilização obrigatória do spray bronzeador nas competições, que ressaltaria não só os músculos, mas os demais atributos da pele sob os holofotes do palco.

Marcelo advertiu que o atleta para manter-se competitivo deverá fazer o uso dos esteroides. Uma vez que, em determinado momento, o corpo “deixará de crescer naturalmente”, cabendo ao técnico-fisiculturista e/ou ao próprio competidor saber o momento certo de começar a utilizá-los e, sobretudo, as maneiras de administrar seu uso ao longo das competições em que participará:

“vamos colocar na realidade. Você é um atleta, você está buscando performance, você quer ser o melhor. Você tá ali competindo com alguém que tá fazendo de tudo para também ser o melhor. Você sabe que a pessoa tá utilizando [anabolizantes]. O que você vai fazer? Você quer ser o primeiro, não é? A pessoa tá dando o máximo que puder e você não quer ficar para trás (...). É claro que a pessoa precisa ter consciência, a responsabilidade pelo que você tá fazendo é toda sua (...). Vamo colocar assim, a responsabilidade pela nossa saúde é nossa. Aí vai um desses caras de academia perguntar para instrutor, para amigo, para não sei quem, que não fazem ideia de nada, e segue o que eles estão dizendo. Daí tem problema, morre e coloca a culpa do anabolizante. Não é verdade, a gente sabe que não é. Ele que não soube utilizar, ele que foi irresponsável”.

A responsabilização do próprio sujeito pelo uso dos esteroides anabolizantes é dada em consonância com o discurso moral e legal biomédico, implicado basilamente como um risco à saúde. É justamente o gerenciamento desses riscos, dimensionado de acordo com os custos e os benefícios físicos ou econômicos que autonomizará o sujeito para além das farmacovigilâncias, seja no uso de substâncias ilegais ou de uso controlado, seja pelo deslocamento de determinada substância de suas normas prescritivas médicas.

Tais substâncias, desse modo, passam a ser submetidas a outros tipos de circunstâncias controladas de uso: o atleta aprenderia a conhecer seu corpo de acordo com a particularidade das reações às substâncias e em função dos efeitos esperados. Assim, não existiria uma maneira “correta” de empregar substâncias consideradas doping, mas modos de uso que garantam resultados e possibilite àquele corpo sustentar sua capacidade competitiva.

## 1. EVOLUIR

Em favor da crença do crescimento muscular, a partir dos ideais estéticos de *definição*, *simetria* e *beleza*, os fisiculturistas estabelecem regras de pureza que tendem a reger a diferença entre os de “dentro” e os “de fora”. Os limites entre “puro” e “impuro” devem ser milimetricamente respeitados e a *justa medida* denota a disciplina um caráter não apenas normalizador, mas autopunitivo. Na medida em que a ética é orientada pela estética, o físico é igualmente a evidência de uma “pureza moral” e dota este corpo de um cunho sagrado, em detrimento a tudo aquilo que é visto como séptico e tenha o potencial de comprometer a integridade desta ética.

Os fisiculturistas acreditam que existem alimentos “bons para crescer” e alimentos que propiciariam o “*body fat*”. As *estratégias nutricionais* são construídas em função de alimentos que favoreçam o “anabolismo” (crescimento da “massa muscular”), que evitem o “estado catabólico” (diminuição da “massa muscular”) e mantenham o *body fat* (aumento da “massa gorda”) controlado e em níveis baixos. São numerosas as possibilidades de dietas que podem ser realizadas por um atleta, porém, *grosso modo*, costumam elencar principalmente dois grupos alimentares: proteínas e carboidratos.

As proteínas são classificadas como alimentos “limpos”, vistas como fonte principal de construção e crescimento muscular. As proteínas de origem animal são as

mais consumidas, sobretudo, a clara do ovo e as carnes brancas avaliadas como “magras”, como o peixe e o frango. Já as carnes vermelhas, consideradas “gordas”, são ingeridas com parcimônia, ou seja, em determinados períodos da preparação para o campeonato, variando não só em quantidade e características, dentre aquelas mais “magras” ou mais “gordurosas”, mas pelas prescrições arroladas a um gênero específico.

Como mulheres teriam uma tendência maior em “produzir” e “acumular” gorduras, é recomendável a utilização de pouca ou nenhuma carne vermelha em sua dieta, sob o risco de comprometer o “índice b.f.”. Para os homens, que não apresentariam em geral predisposição à gordura, as carnes vermelhas são quistas por contribuir com o “potencial anabólico” e para suas necessidades calóricas diferenciadas— em outras palavras, os homens devem comer muito mais do que as mulheres para que adquiram “músculos masculinos”.

O carboidrato, por sua vez, é o mediador principal das alterações energéticas que modularão este corpo, a gestão correta de seu consumo propiciará os melhores resultados. Isso não se aplica a qualquer tipo de carboidrato, mas a carboidratos “limpos”, principalmente batatas doces, arroz e macarrão integral ou os fibrosos como aveia e alguns tipos cereais. Os estágios relativos às diferentes quantidades de carboidratos consumidos ao longo da preparação para o campeonato são conhecidos, respectivamente, como “carbar”, “baixo carbo”, “carbo zero” e “carbo up”<sup>78</sup>.

Gordura e açúcares devem ser evitados a todo custo, posto que são alimentos “sujos”, capazes de comprometer a forma corporal e o *potencial de crescimento e definição*, tornando o corpo “pesado”, menos “ágil” e indisposto à rotina de treinamento. Qualquer deslize na ingestão desses alimentos será exposto no corpo e exigirá um labor ainda mais acurado a fim de eliminar suas sequelas. No entanto, o mesmo perigo não se aplica às gorduras “boas” e, portanto, “limpas”, como as encontradas em alguns tipos de óleos e oleaginosas como castanhas e nozes.

Para homens e mulheres é recomendável que consumam seis refeições diárias, em períodos de duas e duas horas. A quantidade dos alimentos, de acordo com a proporção entre carboidratos, proteínas e gorduras, é feita previamente a partir de uma série de cálculos que determinarão o ganho de massa muscular e, ao mesmo tempo, a celeridade do metabolismo em concordância com as *estratégias de treinamento* e as

---

<sup>78</sup> Frequentemente, os fisiculturistas também fazem uso de refeição líquida e suplementos alimentares que podem ter efeitos igualmente anabólicos e anti-catabólicos.

*estratégias farmacológicas*. Daí a importância da balança para mensurar precisamente o número em gramas dos alimentos ingeridos: todas as refeições são pesadas e nenhuma grama a mais deve comprometer o planejamento.

O período de ganho de volume muscular é conhecido como “*off*” (ou *bulking*), que poderá ser “sujo” ou “limpo” dependendo da *qualidade* dos alimentos consumidos. Em geral, a ingestão de carboidratos será maior do que a de proteínas— obedecendo, portanto, a necessidade de, segundo César, “carbar para poder crescer”. Quanto mais “sujo” for o *off*, mais prejudicada será a fase do “*pre-contest*” (ou *cutting*), responsável pela definição do corpo para o palco. Assim, o tempo é fundamental para a *evolução*, seja nos processos resultantes do período de *off* e *pre-contest*, seja ao longo da reprodução dessas experiências no decorrer das disputas em que cada atleta se submeterá.

Em relação ao dia da competição, os dois períodos necessários para a produção do corpo para as competições são explicados por Márcia, a partir da analogia construção/construtor, da seguinte forma:

“eu tenho que construir a massa nessa hora que eu tô te falando agora— do *off*. (...) quando a gente seca, o músculo é pequenininho aqui de baixo, tem pele, tem líquido. Então se eu quero ficar grande, eu preciso fazer um trabalho para ficar grande. Só que eu não consigo fazer um trabalho para ficar grande se eu tô comendo pouco. Eu tenho que comer mais. Não é comer pior não, é comer mais. No *off* eu vou comer o que eu como sempre, só que eu vou comer mais (...). Aí eu vou fazer uma dieta balanceada com proteína e com carboidrato. Quando você tá no momento de crescimento, você pode até variar mais a alimentação, para poder ingerir mais nutrientes e conseguir fazer uma boa definição. É tipo a construção da casa. É reboco, é cimento, é tudo grosseiro jogando lá. Quando você vai para o retoque, você vai começar a talhar a casa. Aí, você perde um pouco do cimento que você passou no tijolo. Você vai moldar. Só que na hora que você molda, você não vai usar a mesma quantidade de coisas que você usava para construir, mas basicamente são as mesmas coisas. Eu não vou, porque tô construindo, comer Mac Donald, batata frita, qualquer coisa não. Eu tenho que comer muita batata, muito frango, muito ovo, mas aí eu já posso comer uma carne diferente, eu posso até colocar uma fruta, eu posso colocar alguma salada diferente (...). E se você faz uma construção de massa muscular por mais tempo, você consegue ter mais massa do que quem construiu com menos tempo. Assim é a parte do *off*. No *off* acontece de você chegar no final de semana e comer uma besteira. Beleza. Por que você tá naquele momento ainda que você pode errar. Depois vai apertando”.

Como lembra Foucault (1984), as dietas alimentares estão diretamente relacionadas a um modo de viver, “cujas formas, escolhas e variáveis são determinadas



pelo cuidado com o corpo”. A vigilância que elas exercem sobre o corpo, e suas atividades, requer da parte do sujeito duas formas de atenção particulares,

o que poderíamos chamar de atenção “serial”, uma atenção às sequências: as atividades não são simplesmente boas ou más em si mesmas; seu valor é determinado por aquela que as precedem e que a elas seguem (...). Também implica uma vigilância “circunstancial”, uma atenção ao mesmo tempo aguda e ampla que é necessário dirigir para o mundo exterior, seus elementos, suas sensações. (...) O regime não é para ser considerado como um corpo de regras universais e uniformes; é, antes de mais nada, uma espécie de manual para reagir às situações nas quais é possível encontrar-se; um trabalho para ajustar o comportamento de acordo com as circunstâncias (FOUCAULT, 1984, p. 97).

A periodização das dietas em dois momentos específicos coloca o corpo em condições metabólicas igualmente distintas. O *excesso* de comida orientará a dieta na fase *off*, que pode durar três meses, cinco meses ou até mais de um ano, de acordo ao planejamento de “ganho de massa muscular” para a próxima competição. Dependendo das categorias requeridas, em média um homem pode chegar a comer em torno de 5.000 calorias e uma mulher 3.000 calorias diárias<sup>79</sup>.

Porém, sob os arbítrios da ascese que a motiva, Karla relatou ser um erro inferir que seria uma fase ‘fácil’, já que esse ‘excesso’ indicará o início de uma *via sacrificial* até o palco:

“imagine você tendo que acordar sete da manhã e comer um monte de clara de ovo, pasta de amendoim e depois de um tempo ter que comer de novo batata com frango, depois mais um monte de frango com arroz e depois mais e mais e mais (...). O horário da minha última refeição é meia noite, eu não posso dormir sem comer e eu tenho que comer tudo, não posso deixar nada. Todo o dia eu vou comer a mesma coisa, não tem esse negócio de *fitizinho*, fazer comidinha, colocar no *youtube*. Não, é comer arroz com frango mesmo. Comer, comer, comer e se eu disser chega, tenho que comer mais [risos]. (...) a gente não come para sentir o sabor da comida, nem sal direito a gente come. A gente come para se alimentar, para alimentar o músculo. Não tem sabor, não tem prazer, a gente come porque precisa”.

O controle de sódio, sobretudo do sal marinho, é fundamental para entender as circunstâncias corporais não apenas da passagem entre as fases do *off* e do *pre-contest*, mas a correlação que há entre a alimentação “limpa”, enquanto substrato de purificação, e a condição corporal e moral do atleta fisiculturista. O sal seria um elemento de

<sup>79</sup> A quantidade calórica ingerida variará de acordo com a exigência de volume muscular da categoria. No caso das femininas, a quantidade de alimentos decrescerá na seguinte ordem: *women physique*, *body fitness*, *wellness* e *bikini fitness*.

transição, porque é através da restrição e (re) introdução dessa substância, nos momentos finais antes da competição, que este corpo é consagrado e consolida sua ascese. Voltarei a esse argumento mais adiante, por ora, é importante atinar para a ausência de “sabor” e “sal” presumidos na dieta em *off*.

Camila especificou que o sal ingerido “deve ser o já contido nos alimentos”, sal excedente no corpo pode significar uma retenção de líquido indesejada, que poderá comprometer o anabolismo. Antes de seu engajamento com as competições, sua pouca inclinação a comidas salgadas já sinalizava, a seu ver, uma predisposição ao fisiculturismo e a ajudou na adaptação à nova dieta. Seu técnico, César, no entanto, “reintroduziu” o sal marinho em doses muito controladas na alimentação dela, “para que o corpo sinta o choque” quando ele for retirado durante a etapa posterior do processo de preparação. Para suprir a “falta de sabor” dos alimentos, são permitidos apenas condimentos considerados termogênicos<sup>80</sup>, ou seja, aqueles que favoreçam a perda de gordura, como alho e pimenta, ou uma colher de sopa diária de condimentos industrializados, como molhos de catchup, mostarda ou barbecue, que sejam livres de sódio em sua composição.

O excesso orienta também as estratégias de treinamento durante o *off*. Basicamente, o treinamento concerne ao número de execuções sucessivas dos exercícios com sobrecargas realizadas até a exaustão, com intervalos variados<sup>81</sup>. Uma vez que o crescimento muscular é variável de acordo com as sobrecargas utilizadas, caberá ao atleta experimentar os exercícios que garantam os melhores resultados. Apesar dos treinamentos genéricos que podem funcionar para a maioria das pessoas, o atleta e o técnico fisiculturista devem estar atentos aos efeitos corporais dos exercícios com sobrecargas, para que constantemente novas adaptações sejam feitas sempre que necessárias. O ‘dever ser’ dos atletas fisiculturistas recomenda que o treinamento seja efetivado diariamente, de domingo a domingo, até completar toda série planejada.

Além do crescimento muscular, os treinamentos auxiliarão no controle do *body fat*, durante o *off*. Flávia riu ao lembrar que, no *off*, “todo mundo fica com cara de biscoito *trakinas*”, visto que,

---

<sup>80</sup> Além de qualquer outro alimento que não altere a quantidade calórica permitida ou comprometa as demais estratégias, fato que poderia explicar a alta popularidade da *coca-cola zero* entre os fisiculturistas.

<sup>81</sup> Sobre as estratégias de treinamento, no que diz respeito ao *ethos* desenvolvido no âmbito da academia e sua dimensão moral, implicada na execução dos exercícios, ver os trabalhos de Sabino (2004), Chaves (2010) e Camargo da Silva (2014).

“fica tudo embaçado, tudo misturado. A gente tenta consumir só a gordura que já tá lá no que a gente tá comendo, mesmo assim ganha uns quilos de coisas que não prestam para a gente. Mas depois a gente perde. O importante é crescer limpo para poder segurar a massa magra depois, quando começar a tirar”.

Como parte das estratégias de treinamento para “crescer limpo” ou “crescer seco”, muitas competidoras realizam o “aeróbico em jejum” (AEJ) ou “cárdio em jejum” para eliminar ao máximo a gordura excedente:

“meu treinador falou assim para mim: “Márcia, a primeira coisa que a gente faz é alimentar o corpo, mas eu vou te pedir para fazer um sacrifício, entregue isso a Deus e você conseguirá”. Foi assim que eu comecei a fazer o que muita gente acha loucura, porque é muito extremo e você deve saber o que tá fazendo. Eu acordo às seis horas da manhã e, sem comer, vou lá pular no meu *jump* (cama elástica), faço bicicleta, às vezes corro e [assim] pago meu aeróbico (...). Cárdio é todo exercício respiratório, qualquer exercício aeróbico. Não leia-se: “aulinhas”. (...) eu pulo no *jump* sem parar [durante] uma hora, só assim a gente chega no momento da queima. Algumas pessoas defendem e outras não; alguns técnicos trabalham com isso e outros não, depende de cada um. Eu acordo em jejum, tomo todas as coisas que preciso tomar, minhas vitaminas, meus termogênicos e vou ficar uma hora ou morrendo de fome ou morrendo de sono fazendo o cárdio. Não é para qualquer um. **É um desgaste necessário**”.

O sucesso do cárdio dependerá, dentre outros fatores, da administração dos horários. Para acordar às seis da manhã e pular na cama elástica durante uma hora, a última refeição de Márcia foi à meia noite e meia, diferente de muitos neófitos que “dormem a quantidade de horas que quer e fazem o cárdio a hora que quer”. A sequência de todos os procedimentos diários deve ser respeitada, inclusive, os horários destinados ao sono.

César explicou que “diferente do que a maioria das pessoas pensa”, o momento de maior crescimento muscular é durante o sono. Deste modo, “não adianta o cara se acabar todo na academia, ficar três horas treinando se ele não sabe dormir”, pois, “o processo de regeneração das células musculares que você movimentou durante o treino, acontece no repouso. É no repouso que você anaboliza (...), se não souber descansar é capaz de catabolizar, e não saber o porquê”.

Claro está que o ‘excesso’ que assinala o período do *off* é dado em circunstâncias rigidamente controladas, de forma que as diferentes *massas* – “gorda” e “muscular” (conhecida também como “magra” ou “seca”) – estejam equilibradas e favoreçam o *crescimento do corpo*. Parte desse controle é feito através de exames

laboratoriais, deixando evidente que o monitoramento do físico não se restringe ao “espelho”, senão que este deve estar integrado, enquanto tradução e sequência, às “medidas internas” (SAUTCHUK, 2007).

A presunção de uma *individualidade biológica* orienta as estratégias dos atletas e exige a manutenção de circunstâncias biológicas avaliadas como “ideais”. E são vários os ‘cenários biológicos’, que variam não só de atleta para atleta, mas nas dessemelhantes condições em que um mesmo atleta poderá se encontrar.

Enumerarei brevemente quatro circunstâncias bastante recorrentes que exemplificam bem esse tema. São eles: em função dos resultados dos testes, fez-se necessária a utilização de complementos multivitamínicos como forma de compensar “a falta de nutrientes” ocasionados pelas dietas; ou, digamos que o exame de laboratório detectou uma alta produção de cortisol, hormônio liberado, sobretudo, em decorrência da intensidade dos exercícios físicos e que, segundo César, faz o “músculo literalmente murchar”. Uma das estratégias possíveis para conter o contra-efeito do cortisol seria o consumo diário de vitamina C, que tenderia a controlar os níveis de produção dessa substância. A vitamina C, portanto, se comportaria nesse caso como substância de efeito anti-catabólico; igualmente, o exame poderia constatar a *dificuldade de crescer* do competidor em função de uma baixa ingestão de proteínas, tornando-se indispensável à utilização com mais frequência de suplementos proteicos de rápida absorção, como o famoso *Whey Protein*; por outro lado, a super ingestão de proteínas talvez não acompanhe a produção de piridoxina (vitamina B6), substância responsável pelo metabolismo da proteína, e, uma vez que seja atestado em laboratório, tornar-se imperativo o consumo diário e controlado da vitamina<sup>82</sup>.

Para os atletas fisiculturistas, os exames laboratoriais, assim como a alta frequência de consultas com profissionais médicos de variadas especialidades, além de monitorar as estratégias, funcionam como atestado ‘legítimo’ de *saúde*. A manipulação dos estados metabólicos enseja um rompimento das fronteiras do saudável: é preciso ir

---

<sup>82</sup> Talvez uma das técnicas nutricionais recorrentes indicasse o consumo de leguminosas ou cereais ricos em vitamina B6, mas como não deve correr o risco de comprometer seu planejamento nutricional, ingerindo a quantidade *suficiente* da substância para surtir os efeitos esperados, o atleta fisiculturista adquire a B6 em comprimidos obtidos em farmácias de manipulação. Ora, os manipulados não medicamentosos, com diversas naturezas e funções, são amplamente populares entre os fisiculturistas justamente por aperfeiçoarem a produção desse corpo, sem que, como consequência, ofereçam perigo às estratégias – na verdade, eles são partes importantes nas estratégias. O sucesso dos manipulados é tanto que, durante os bastidores de um campeonato, presenciei uma conversa entre dois competidores que, em tom jocoso, observaram que hoje em dia contaria muito mais ser patrocinado por uma farmácia do que por marca de suplemento.

além do limite da saúde para que se tenham resultados. Esse rompimento deverá ser perpetrado, entretanto, com “consciência”, com “responsabilidade” e engendra um conhecimento prático, muitas vezes transgressor, das normas biomédicas.

Tal premissa é especialmente válida na formulação das *estratégias farmacológicas*, ou seja, no uso de fármacos medicamentosos e não-medicamentosos para fins não-terapêuticos. Logo, é importante que precisemos as distinções e interlocuções operadas entre as três estratégias e, nesse caso, talvez as conclusões de Michel Foucault, acerca das formulações de Platão sobre a dietética, possam nos oferecer algumas pistas. Ele diz,

enfim, a dietética é uma técnica de existência no sentido de que ela não se contenta em transmitir os conselhos de um médico para um indivíduo que iria aplicá-los passivamente. Sem entrar aqui na história do debate, em que se opuseram medicina e ginástica a propósito de suas respectivas competências para a determinação do regime, é necessário reter que a dieta não é concebida como uma obediência ao saber do outro; ela deveria ser, por parte do indivíduo, uma prática refletida de si mesmo e de seu corpo. É certo que, para seguir o regime que convém, é necessário escutar aqueles que sabem; mas essa relação não deve tomar a forma de persuasão. A dieta do corpo para ser razoável, para ajustar-se como convém às circunstâncias e ao momento, deve ser também questão de pensamento, de reflexão e de prudência. Enquanto os medicamentos ou as operações agem sobre o corpo, o regime se dirige à alma e lhe inculca princípios (1984, p. 97).

Entre os fisiculturistas, os fármacos são empregados de maneira bastante pontual e classificados em conformidade aos *efeitos*, *contra-efeitos* e os *riscos* que podem repercutir naquele corpo; teríamos então as *substâncias termogênicas*, *substâncias catabólicas*, *substâncias anti-catabólicas* e *substâncias anabólicas e/ou ergogênicas*. Estas classificações, no entanto, não são estáveis, já que uma mesma substância poderá estar sujeita a tipos distintos de categorização durante os diversos manejos de uso.

Cito o exemplo da insulina, hormônio geralmente administrado em função da síntese proteica específica de sua ação metabólica. Basicamente, através de uma série de processos bioquímicos, a capacidade em metabolizar, principalmente, aminoácidos (proteínas) seria proporcional ao ganho de massa muscular. Assim, a produção de insulina será estimulada durante o *off* através de alimentos “limpos”, em geral carboidratos, que incitem o corpo a produzir glicose. Quanto maior for à produção de glicose, maior será a propensão corporal em liberar insulina. Nesse momento, ela funcionaria como uma substância, concomitantemente, anabólica e anti-catabólica, cuja produção e consumo são induzidos através de estratégias nutricionais. No *pre-contest*, a

insulina será consumida na forma de medicamento injetável, pelos seus efeitos termogênicos e anti-catabólicos, posto que contribuiria para o processo de perda de gordura durante o subsequente corte de carboidratos (“carbo- zero” ou “baixo-carbo”). Entretanto, caso seu uso não seja regulado ou a estratégia tenha sido mal formulada para aquele corpo, ela terá um contra-efeito: armazenará gordura. Ao aumentar a reserva de gordura, a insulina geraria um efeito dominó que desencadearia o *body fat* e o catabolismo, comprometendo, portanto, todas as articulações planejadas para aquele competidor. Por outro lado, o risco é sempre uma variável relacionada à saúde que, no caso da insulina, refere-se, principalmente, aos quadros graves de hipoglicemia que podem levar à morte.

Há um deslocamento inequívoco no gerenciamento das substâncias farmacológicas, a propósito das finalidades prescritivas terapêuticas dissociadas das finalidades estéticas tão caras a este esporte. No qual, o discurso dos praticantes sobre seus princípios e efeitos bioquímicos é investido de uma “linguagem de autoridade” que asseguraria a legitimidade do uso e, conseqüentemente, da própria prática. Uma vez que,

a competência prática é adquirida em situação, na prática: o que é adquirido é, inseparavelmente, o domínio prático da linguagem e o domínio prático das situações, que permitem produzir o discurso adequado numa situação determinada. A intenção expressiva, a maneira de realizá-la e as condições de sua realização são indissociáveis. (...) a competência é também, portanto, a capacidade de se fazer escutar (...). Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos. Daí a definição completa da competência como direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada (BOURDIEU, 1983b, p 157-159).

Esta autoridade não se resume, obviamente, às justificativas oriundas das estratégias farmacológicas, mas igualmente indicativa da credibilidade dos processos biológicos ‘nutricionais’ e de ‘treinamento’. dado que a eficácia dos procedimentos é garantida pelo aspecto sistêmico decorrente. Conforme argumentei no capítulo anterior, o conhecimento adquirido é um produto das afecções entre a práxis e a validação teórico-científica e, assim sendo, ser atleta e/ou técnico fisiculturista *verdadeiro* implica também estar dotado de explicações técnicas e científicas sobre as metodologias provenientes dos engajamentos com a prática.

Durante o trabalho de campo, notei que meus interlocutores tinham sempre o cuidado em me explicar o que acontece *exatamente* com o corpo, durante a preparação para os palcos. Sempre intercalando nos relatos a experiência pessoal e um esclarecimento de cunho biomédico sobre o porquê de o seu próprio corpo reagir dessa ou daquela maneira a determinados estímulos.

O curioso era que, nesses casos, as nossas posições eram bem marcadas por eles, através de advertências do tipo “como você não é da nossa área, vou explicar de um jeito para que você possa entender”, tal preocupação era sempre bem vinda e bastante significativa— afinal, supondo que já temos alguma ideia da “atividade produtiva” que orienta as classificações nativas, o “você não é da nossa área” remeteria a uma dupla acepção: do físico como evidência da prática, assim como do meu distanciamento “teórico” correlato ou meramente validado por um diploma em áreas afins.

Em acordo com a “definição completa de competência<sup>83</sup>” – adquirida na medida em que, para legitimar-se, o sujeito apodera-se do modelo –, que a descrição minuciosa da fisiologia, processos e efeitos dos anabolizantes é realizada. Na qual a *defesa* do uso é totalmente sustentada pelo princípio da *necessidade*. Aqueles que não se submetem às circunstâncias e condições deste uso estarão dependentes dos limites impostos pelo próprio corpo, comprometendo assim as possibilidades de sua evolução.

Márcia esclareceu, a propósito, que “o anabolizante deixa o músculo com qualidade” e “ele tá ali para desenvolver sua musculatura”, a partir da apreciação do anabolizante “medicamento”, em detrimento de outra substância que não teria reconhecimento enquanto tal e, portanto, ilegítima nos processos de crescimento, o “óleo”:

“o anabolizante é um hormônio. O anabolizante que eu tô te falando é um medicamento que você vai tomar para anabolizar o músculo, eu não tô falando de óleo. Eu não vou chamar isso de anabolizante. Só para separar. Isso aí eu vou chamar de local. Isso aí não tem cabimento e eu não tenho nem o que dizer sobre isso aí. Por que mesmo que você tome algo, se você tá pensando em disputar um campeonato de músculo, você tem que, no mínimo, ter músculo e não óleo pelo corpo. (...) Tem gente que injeta óleo no corpo e o sistema imunológico fica tentando tirar aquilo que ela injetou ali e isso causa um processo inflamatório e fica aquela bola grandona e sem forma, sem qualidade nenhuma. Não tem marcação, não tem nada. É aquele negócio duro e teso. A mulher quando pisa no chão você não vê marcar a perna. Ela fica toda roliça e esticada, o homem fica da mesma forma. Você não vê as curvas e isso é inadmissível (...). O corpo fica assim por que ele

<sup>83</sup> As habilidades relacionadas à competência são variáveis de atleta para atleta (e/ou técnicos fisiculturistas), na medida em que alguns conseguem ter uma apropriação mais consistente, por exemplo, do capital linguístico do que outros em função de uma série de condicionantes que não pretendo aprofundar aqui, mas que dizem respeito ao tempo de prática, formação acadêmica, classe, etc..

entra num processo de tentar tirar um corpo estranho. Você tá colocando uma substância estranha no seu corpo e o corpo vai tentar tirar aquilo. Então, na verdade, a aplicação do óleo funciona como estímulo de uma inflamação. O músculo fica inflamado, por isso que às vezes evolui para uma necrose, uma infecção. Porque você não sabe que substância é aquela que você tá utilizando; isso tudo é feito em laboratório clandestino, com formas de assepsia que a gente nem tem o que discutir e as pessoas fazem uso disso por quê? Você toma agora, e, amanhã, você tá todo feitinho porque tá inflamado (...) o hormônio quando você toma, e eu tô falando de um anabolizante como medicamento, tipo uma testosterona, um hormônio, uma substância, não tô falando desse tipo de merda (...). Quando você toma anabolizante, ele vai fazer o quê? Ele vai estimular o seu organismo a anabolizar o músculo, ele vai estimular o crescimento muscular”.

De modo contundente, Márcia expõe a lógica de uma cosmologia corporal que negocia a todo o momento com as classificações oficiais<sup>84</sup>, em suas fronteiras legais<sup>85</sup> e morais, o sentido e a instrumentalização de um saber médico-científico. O “óleo” referido são substâncias ilegais, injetadas diretamente em determinados grupos musculares (precisamente na região das pernas e dos braços), com efeito de crescimento temporário, que não promoveriam um *anabolismo autêntico*<sup>86</sup> e deveras disseminado entre praticantes de academia ou competidores inexperientes e desinformados, em busca de ganhos ‘fáceis’ e ‘rápidos’.

Seu uso não alude a um programa racional, calculado e sistêmico como formulado nas estratégias e é condenado pelos atletas fisiculturistas menos em função de sua ilicitude (já que outras substâncias ilegais são amplamente utilizadas), mas por ferir o ascetismo determinado pela ética que orienta a prática. Em outras palavras: o óleo constitui a trapaça. Ao invés do físico evoluir como evidência qualitativa da prática, o “crescimento localizado” ou “local” evolui “para uma necrose, uma infecção”. Não se trata, pois, do risco a saúde “com consciência”, mas, confessadamente, uma patologia<sup>87</sup>.

<sup>84</sup> Para a ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o medicamento é definido enquanto “substâncias ou preparações elaboradas em farmácias (medicamentos manipulados) ou indústrias (medicamentos industriais), que devem seguir determinações legais de segurança, eficácia e qualidade” (Brasil, 2010).

<sup>85</sup> Durante a realização das entrevistas, tanto técnicos, quanto competidoras afirmaram que se o emprego dos anabolizantes fosse legalizado na prática esportiva suas circunstâncias de uso seriam mais seguras e favoreceriam a saúde, uma vez que a maioria dos casos danosos registrados decorrentes da administração dos esteroides se deve a desinformação sobre seus efeitos e perigos.

<sup>86</sup> [www.hipertrofia.org](http://www.hipertrofia.org)

<sup>87</sup> Camila, no entanto, não descarta os óleos. Para ela, de forma dissimulada, muitos atletas são adeptos dos óleos, mas “usam com consciência” e para aprimorar a estética no palco: “quem sabe usar, não vai colocar meio litro de óleo, de enxerto, por que fica feio mesmo. Coloca só umas graminhas ali e aqui só para consertar alguma coisa fora do lugar, mas a pessoa já tem que ter músculo, senão fica estranho”.



O músculo precisa crescer, definir e marcar. Esse propósito não ocorrerá por meio de uma “substância estranha”, mas pelo consumo oral ou injetável de *medicamentos* que induzam a manipulação e produção de substâncias que seriam *naturalmente* liberadas pelo corpo. É pelo desequilíbrio, porém, dos níveis normais de liberação de um hormônio em específico, a testosterona, consumida em sua forma sintética, que fará com que o músculo *crezca, defina e marque*, respectivamente, durante os *processos de anabolismo*.

A eficácia dos anabolizantes se dará, especialmente, através da presença e, conseqüentemente, das propriedades anabólicas e androgênicas da testosterona, ou seja: a eficácia é adquirida por meio de uma *substância atribuída ao masculino*. A transmissão induzida da testosterona será crucial para a montagem de corpos femininos e masculinos competitivos. E para que a quantidade de hormônio seja proporcional à morfologia corporal esperada, o excesso da testosterona deverá ser regulado distintamente para homens e mulheres fisiculturistas.

Ou seja, de modo particular, o sistema de gênero aqui operado procura assegurar -e, desse modo, estabelece os parâmetros que o (re)produz - a coerência do núcleo da estrutura binária, sobre uma determinação biológica e diferenciada dos sujeitos. A fim de garantir a continuidade do que Butler (2003) denomina de “metafísica da substância”, produzida por meio das oposições e assimetrias que asseguram a manutenção das normas em conformidade às “linhas causais e expressivas” de como ser “idêntico a si mesmo” (p.40).

Ainda que permeie constantemente o terreno sobre o qual as três estratégias são elaboradas, talvez seja precisamente no momento do uso dos anabolizantes que a pretensa individualidade biológica passa a ser compreendida a partir de uma concepção generizada. Mais do que isso: é como se a reação do corpo-competidor às articulações produzidas pelas três estratégias dependesse da percepção e manipulação das substâncias em corpos femininos e masculinos.

A presunção de uma vinculação ‘natural’ entre homens fisiculturistas seria estabelecida, primordialmente, por compartilharem e produzirem uma substância corpórea que lhes garantiriam prerrogativas biológicas nesse esporte; são atribuídas à testosterona características “sexuais” masculinas, tais como força, baixos níveis de gordura corporal e celeridade para anabolizar em função da predisposição em produzir mais massa muscular. As mulheres normalmente produzem menos testosterona, portanto, estariam em desvantagem biológica em decorrência das altas taxas de

produção de estrógeno— substância corpórea feminina, conspicuamente catabólica, que favoreceria a acumulação de gordura, não dotaria as mulheres da força necessária quando na realização dos treinamentos com sobrecargas ou propiciaria a velocidade anabólica presente ‘naturalmente’ nos homens. Enquanto as estratégias farmacológicas com anabolizantes androgênicos potencializariam as qualidades masculinas nos homens, o corpo feminino deve reduzir a produção de estrógeno e englobar altas doses de uma substância masculina para que se torne apto ao fisiculturismo.

Para homens e mulheres, todavia, as propriedades androgênicas dos esteroides anabólicos devem ser controladas e tão somente os efeitos anabólicos destes fármacos devem ser aproveitados pelo organismo. Os contra-efeitos decorrentes do uso dos anabolizantes são referidos de modo ambíguo à *virilização* que, nos homens, denotaria principalmente em comportamentos agressivos e músculos descomunais, não simétricos. A substância levaria às mulheres a perder características somáticas atribuídas ao feminino; as modificações mais acentuadas são o engrossamento da voz, crescimento de pelos faciais, redução dos seios, aumento do clitóris, calvície e suspensão da menstruação. A virilização em mulheres é tida muito mais grave e condenável do que nos homens, uma vez que a percepção aqui delineada seria a de que os homens amplificariam predicados que estariam, ainda assim, de acordo com sua natureza, ao contrário do que se adjudica às mulheres. É preciso que a virilização seja modulada adequadamente nos corpos masculinos e femininos para que não seja considerada “excessiva” em alguns ou “antinatural” nos outros<sup>88</sup>.

O processo de virilização, de acordo com César, ocorreria em virtude da “aromatização” da testosterona no organismo. Ele explicou que o alto nível androgênico da testosterona pode “aromatizar o corpo” por influência do mecanismo de conversão de uma enzima chamada aromatase. Um corpo “aromatizado” é produto de um contra-efeito do consumo elevado de androgênicos que, nos homens, pode transmutar testosterona em estrógeno e, nas mulheres, em substâncias masculinas derivadas da testosterona,

---

<sup>88</sup> Lembrando as considerações de Pierre Bourdieu, ao analisar a posição das mulheres na sociedade berbere, sobre a feminilidade ser a “arte de se fazer pequena”, o que tende a limitar o deslocamento e movimentos do corpo feminino nos lugares públicos, se comparados aos homens. Por outro lado, a “virilidade tem que ser validada por outros homens, em sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de “verdadeiros homens”. (...) a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino (...)” (BOURDIEU, 2010, p. 32).

“se não cuidar, é muito comum você vê fisiculturista [homens] com umas tetinhas ou mulher com voz de cigarra e por aí vai (...). Em mulher é muito mais sutil a coisa. Ela vê a massa magra dela aumentar, começa a perder barriga, aquela banha toda, define tudo, mas ela demora para perceber que, além do abdômen rasgado, tá nascendo pelo onde não deve: ela cria barba mesmo. Tem casos mais graves de ficar estéril (...), traços que não interessam para o esporte, para o palco. Ela pode virar um homem, mesmo” (Cesar).

A aromatização é o imponderável, atestado de que o constante gerenciamento das afecções de substâncias pode malograr em suas tentativas de estabilizar corpos generizados. Tentativas estas que, não esqueçamos, orientarão o planejamento, produção e montagem desse corpo desde as estratégias (farmacológicas, alimentares e de treinamento), passando pelas regras da federação, até os critérios adotados pelos árbitros no dia da competição. O *corpo aromatizado* é o corpo contaminado, que compromete a coerência interna aos termos da regulação binária (BUTLER, 2003).

No caso dos homens, como parte indesejada da virilização, alguns casos de aromatização não seriam notados enquanto meros ‘inconvenientes’ procedentes do excesso de uma substância ‘originária’, mas uma perda de características que definiria a masculinidade— além da ginecomastia (crescimento dos mamilos), mencionada por César, a aromatização pode acarretar em atrofia dos testículos, facilidade em armazenar gordura, impotência, diminuição da libido e esterilidade.

Porquanto esteja subsumida ao imperativo da diferença sexual, através de uma pretensa similaridade natural de substâncias atribuída a cada um dos ‘sexos’, a individualidade biológica é relacionada à predisposição genética do competidor ou da competidora. O atleta precisa saber sobre seu *potencial de crescimento*: conhecimento este obtido durante o tempo de prática, onde será observada a propensão corporal em ganhar gordura ou massa muscular<sup>89</sup>. E complementado pelos exames laboratoriais que

---

<sup>89</sup> Apesar de não ter tido nenhuma referência durante meu trabalho de campo, classificações relacionadas à somatotipologia são amplamente discutidas em fóruns virtuais e também foi aludida no trabalho de Sabino (2004), sobre frequentadores de academia no Rio de Janeiro. De acordo com ele: “existem três tipos de corpos, espécie de tipos ideais, que podem ser combinados produzindo, ao final, uma tipologia dividida em um total de oitenta e oito subcategorias. Estes três tipos seriam assim definidos: o **ectomorfo**: tronco curto, braços e pernas compridos, pés e mãos compridos e estreitos e muito pouca reserva de gordura (dificuldade para engordar); estreiteza no peito e nos ombros, com músculos em geral longos e finos. Em geral, este é o indivíduo magro que possui dificuldade para adquirir peso. O **mesomorfo**: peito largo, tronco longo, estrutura muscular sólida e grande força. Para os frequentadores das academias o indivíduo que possui este tipo de corpo é um “verdadeiro abençoado pela genética” como ouvi inúmeras vezes durante o trabalho de campo, porque é aquele que tem maior facilidade em adquirir massa muscular. O **endomorfo**: musculatura frágil, rosto redondo, pescoço curto, quadril largo e grande reserva de gordura. Este é o gordo. Como disse, a combinação destes três tipos chega a constituir outros oitenta e oito; assim temos, em uma espécie de combinatória: o ectomesomorfo, o ectoendomorfo,

apontarão, principalmente, o número referente à produção de testosterona e estrógeno, além de outros hormônios relacionados ao catabolismo e anabolismo, no organismo de homens e mulheres. O uso dos esteroides será bem sucedido, segundo Marcelo, a partir da afinidade entre a molécula da substância ingerida e as células receptoras destes hormônios no corpo-competidor: “o importante é que a célula e o esteroide se gostem, se eles se gostarem, o corpo crescerá mais e a aromatização amortece”.

Essa afinidade “eletiva” entre corpo e substância deve ser constantemente monitorada e rearticulada ao longo das evoluções e, para tanto, os usuários de hormônios sintéticos devem *ciclar* os esteroides, submetendo-os a combinações, dosagens e períodos de uso em função do potencial de crescimento, dos efeitos anabólicos e dos contra-efeitos androgênicos dos anabolizantes.

Os ciclos (ou séries) de esteroides são realizados de maneiras distintas, nos dois momentos principais de preparação para as competições: os hormônios devem ajudar no crescimento no *off*, enquanto que, no *pre-contest*, uma vez que o planejamento nutricional demandará cortes calóricos sistemáticos, eles precisam “segurar” e “definir” a massa magra adquirida no período anterior.

A partir de critérios que variam conforme o gênero, ‘cenários biológicos’, tempo de prática e as exigências estéticas das categorias da federação<sup>90</sup>, existiriam mais vantagens quando na combinação de diferentes esteroides ao invés da utilização de apenas uma substância. Genericamente falando, esteroides mais androgênicos tendem a ser associados a outros hormônios sintéticos, cujos efeitos anti-androgênico e/ou anti-estrogênico equilibrariam os contra-efeitos. Além disso, a fim de garantir os resultados anabólicos, anti-catabólicos e termogênicos esperados, os ciclos também são compostos de outros tipos de medicamentos como diuréticos, anti-histamínicos e fitoterápicos. Os ciclos têm duração variada, geralmente entre oito e quinze semanas, para homens, e quatro e oito semanas, para mulheres. Durante estes intervalos, as combinações e as proporções de esteroides são realizadas em função do potencial anabólico,

---

o mesoecto, o mesoendo, o endoecto, o endomeso, etc. A análise acurada dos tipos e a definição mais exata só é possível com o auxílio de indivíduos entendidos em cineantropometria que utilizam instrumentos adequados (adipômetros, por exemplo) para avaliar a morfologia medindo certas regiões corporais” (p. 197), grifos do autor.

<sup>90</sup> Para as categorias femininas, recomenda-se a realização de ciclos pouco androgênicos em comparação às categorias masculinas. Seguindo os parâmetros de volume e definição muscular estabelecidos pela federação, os esteroides anabolizantes tendem a ser administrados nas mulheres mais pelo seu efeito termogênico que pelo seu princípio anabólico. Ainda assim, a condução dos ciclos será variável de acordo com a categoria. O nível androgênico dos ciclos decrescerá na seguinte ordem: *women physique*, *body fitness*, *wellness* e *bikini fitness*.

possibilidades de aromatização decorrentes dos níveis androgênicos e ‘meia-vida’<sup>91</sup> das substâncias.

É importante respeitar rigorosamente o planejamento previsto para o ciclo e, principalmente, os intervalos obrigatórios entre a realização de cada um deles, visto que, como lembrou Márcia, a “diferença do remédio para o veneno é a forma e a dosagem. Então, a forma como você usa pode criar vários tipos de reações que podem ser a favor da saúde e contra a saúde”.

Para os atletas verdadeiros, o gerenciamento dos riscos precisa ser uma variável intrínseca à racionalidade imposta, não apenas no uso dos esteroides, mas na articulação de toda a estratégia farmacológica haja vista o potencial em desenvolver uma série de problemas a curto, médio e longos prazos relacionados à saúde, tais quais problemas renais, hipertensão, lesões no fígado, inflamações nas articulações e alteração do sistema imunológico. Ademais, como aponta Silbermann (2014, p.84), os riscos reportam-se igualmente “as pressões familiares, econômicas e sociais” implicadas.

Muitos atletas, nos intervalos entre um ciclo e outro, se submetem a processos que buscam minimizar os riscos relacionados à saúde ou a contaminações referentes à preservação da diferença sexual binária, restabelecendo o equilíbrio, ao regularizar as taxas hormonais ‘naturais’ e outras funções corporais— são as *Terapias Pós-ciclos*. Nas TPCs, o estatuto terapêutico é restituído aos medicamentos, ainda que persista muitas vezes deslocado das prescrições médicas. De acordo com a natureza, dosagem e combinação das substâncias “cicladas” e a duração dos ciclos, dietas e treinamentos são reprogramados. Há também a associação de medicamentos, inclusive alguns esteroides de baixo teor androgênico, realizada por um tempo determinado em “favor da saúde” e para conter pontualmente muitos dos contra-efeitos da aromatização. A TPC é reconhecida como o momento “limpo”, “saudável” e “sem drogas” do atleta, necessário para o descanso do corpo e renovação dos ciclos. Além disso, as TPCs não permitiriam que o corpo catabolizasse com o declínio do consumo dos hormônios sintéticos— afinal, o corpo-atleta precisa conservar sua evolução.

---

<sup>91</sup> A “meia-vida” de um fármaco se refere à quantidade de tempo em que esta substância será aproveitada pelo organismo, inversamente proporcional à sua concentração/efeito inicial. Alguns esteroides utilizados nos ciclos teriam meia-vida de quatro, oito, às vezes, dozes horas. As posologias são indicadas, para cada ciclo, em função dessa meia-vida e das interpretações do tempo de ação sobre seus efeitos farmacológicos e tóxicos no organismo.

## 2. SEJA SAL, SEJA LUZ

No *pre-contest*, as estratégias são programadas para que o corpo alcance a *definição*– relacionada ao índice baixo de *body fat* e a ‘lapidação’ muscular– cuja proeminência anatômica de seus contornos é referida pelo “rasgar”, “marcar”, “talhar”, “lascar”, “cortar”, “trincar”.

Não só o crescimento, mas, a silhueta dos grupos musculares determinará os componentes estéticos avaliados no dia da competição. No caso das mulheres, a estética precisa emanar ‘saúde’ na medida em que os limites normativos da *definição* devam corresponder ao que se espera do feminino, de modo geral, e dos parâmetros das categorias da federação, em particular.

No decorrer dos relatos expostos ao longo desse capítulo, notamos competidoras e técnicos atentos às moderações desses limites evitando, por exemplo, que mulheres fisiculturistas subam no palco com “músculos muito rasgados”, “com cara de quem tá tomando um mundo de drogas” e “cara de quem tá desidratada” ou que uma competidora de uma categoria como *bikini fitness* apresente “cortes profundos”, ambas as situações sujeitas ao contratempo da desclassificação.

Enquanto etapa crucial para o desempenho nos palcos, o *pre-contest* é visto e vivido como um período de angústia e de muito sofrimento no qual o atleta deverá apresentar maior controle sobre as articulações e vicissitudes corporais. Isso porque, para definir, é necessário diminuir a ingestão calórica– eis o momento em que a dieta começa a “apertar”.

Se no *off* a estratégia nutricional é formulada para o consumo diário de cerca de 3.000 calorias, nas primeiras semanas do *pre-contest* esse valor é reduzido quase pela metade. Dez dias antes da competição, os valores podem chegar em 600 calorias<sup>92</sup> por dia, até as vésperas da competição quando muitos competidores podem optar pelo jejum absoluto para melhorar as condições de definição.

Assim, uma vez que o *off* caracteriza-se por um *excesso regulado*, o *pre-contest* se consolida como *eliminação regulada* de tudo aquilo que, em grande parte, foi consumido na fase anterior e possa comprometer a visibilidade muscular. Essas duas

---

<sup>92</sup> Faço a ressalva ao leitor de que estes valores serão sempre adaptados às estratégias montadas, dependendo, como falamos há pouco, do potencial de crescimento, ‘cenários biológicos’, dentre outras variáveis de cada *competidora*. Tomei os valores como referência de acordo com os relatos recolhidos, que direcionavam as proporções a uma preparação “feminina” padrão, a despeito de modificações a contento das categorias pretendidas.

fases precisam chegar ao paroxismo para que se tornem concretas: o corpo precisa “crescer”, mas só na etapa posterior, quando “diminui”, é que ele pode ser “grande”, ou seja, quando atinge *depuração* esperada pelas categorias.

As estratégias de treinamento inicialmente sofrerão poucos ajustes no *pre-contest*, e estão direcionadas, especialmente, para conservar a massa muscular e evitar a flacidez; isso significa que o competidor deverá treinar com a mesma intensidade de outrora, só que com menores reservas energéticas. No *baixo carbo*, em geral, após uma série de cálculos, as proporções entre carboidratos e proteínas devem ser invertidas. Se a grande ingestão de carboidratos (*carbar*) foi central no crescimento, agora deve ser ingerido com bastante parcimônia para não *embaçar* o corpo com resíduos de gorduras indesejadas. É essencial diminuir o peso e começar a “secar”. Desse modo, a proteína assume a dianteira na dieta, podendo ser ingerida até duas vezes mais do que o carboidrato.

Essa, porém, é considerada como a parte ‘fácil’ do *pre-contest*, pois é, sem dúvida, no décimo (ou sétimo) dia antes da competição, dependendo da estratégia utilizada, que se inicia uma autêntica *via sacra* em prol do *show*. O corpo bem *nutrido*, *hidratado* e em relativo “*equilíbrio*” cederá espaço para um corpo que, de acordo com a designação nativa, está *debilitado*. Tal alcunha é fixada, notadamente, no momento em que três elementos são subtraídos da dieta— além do carboidrato, o consumo de sal e água deverá ser limitado, com a proximidade da competição.

Vejamos, o aumento de ingestão de proteínas, nas semanas (ou meses) anteriores, serviu para preparar o corpo para a violenta *diurese* necessária para *desidratação*, que o competidor ou competidora deverá se submeter para adquirir *definição muscular* e *acelerar a perda de gordura*. Para banir ao máximo a retenção de líquido, o carboidrato será totalmente suprimido (*carbo zero*) no quinto dia antes da competição, isso fará com que, de acordo com Marcelo, “o músculo murche porque vai diminuir a quantidade de glicogênio e seu corpo vai querer aproveitar toda água e toda a gordura que puder para poder se equilibrar. É aí que o corpo começa a usar a gordura como fonte de energia e você vai perder muito peso, seu corpo vai começa a mudar aí”.

Este ‘equilíbrio’ estará ainda mais comprometido a partir do terceiro dia pré-campeonato, quando muitos competidores e competidoras irão cortar o sódio, manejando o balanço eletrolítico corporal,

“a gente manipula, na verdade, a *homeostase*<sup>93</sup> do corpo. Toda vez que algo desequilibra, o nosso corpo mesmo, que é muito sábio, tenta restabelecer o equilíbrio natural, e nós precisamos saber quando isso acontece (...). Por isso que tem que saber o que tá fazendo se não fode com tudo. Não adianta fazer desidratação de qualquer jeito. (...) olha, eu sei que um corpo leva, pelo menos, três dias para voltar ao equilíbrio. Então o que a gente faz? Retira o sódio três dias antes do campeonato, porque o sódio deixa a massa [muscular] banhada em água e a gente precisa que o músculo drene toda a água que puder, no corpo, para que ele [o músculo] aparente estar mais cheio depois (...). você retira o sódio e aumenta um pouquinho o consumo de potássio (...), isso ajuda a levar água para célula mais rápido (...)” (César).

César fez ressalvas, entretanto, já que para as mulheres esses três dias podem ser dois ou mesmo vinte e duas horas antes da competição, a fim de evitar uma desidratação “muito agressiva”. Notemos que em categorias como *Bikini* e *Wellness* o essencial não seria “lascar demais”, mas, aparentar “saúde”. Isso significa que a atleta deve se preocupar mais com o *body fat* do que em perder água para deixar os músculos bem marcados. Para uma *Bikini fitness* iniciante, por exemplo, ele recomendaria apenas idas diárias a saunas e bastante consumo de água, de preferência destilada que, por ter menos minerais, evitaria a celeridade do retorno homeostático.

Os homens, por sua vez, devem optar pela desidratação “agressiva”<sup>94</sup>, de modo a ressaltar a *vascularização*, importante critério de julgamento. Ganha mais ponto o atleta que exibir veias e vasos sanguíneos mais protuberantes, ‘marcados’ no músculo, em decorrência da eliminação de líquido. Quanto maior a desidratação, menor será o ‘atrito’ entre pele e músculo— a ideia é a de que pele e músculo “se descolem”, a fim de garantir a visibilidade dos “cortes” musculares.

O consumo de água, inclusive, é utilizado como o elemento diurético mais eficaz, pois, como argumentou César, o “corpo sempre dará um jeito de eliminar água quanto mais água você colocar para dentro”.

No décimo dia, geralmente, o atleta deverá fracionar e, gradativamente, aumentar e diminuir o consumo, alternando a quantidade de água ingerida, com horários determinados, do seguinte modo:

<sup>93</sup> Variável médico-científico e biológica que versa sobre os mecanismos de auto-regulação corporal em prol do equilíbrio e estabilidade.

<sup>94</sup> Os termos da desidratação, assim como de outros condicionantes de julgamento estético, são sempre relativos. Por exemplo, nos anos 90, época de corpos masculinos considerados “grotescos”, a vascularização era tida como muito mais “agressiva”, se comparada às orientações da federação atualmente, que seriam mais moderadas. De tal modo, a “desidratação agressiva” nos corpos sempre será modulada em relação às categorias, orientações e classificações da federação ao longo de sua história, sempre se levando em consideração as proporções aceitáveis em referência a homens e mulheres.



“um exemplo, no décimo dia o cara pode beber oito litros de água, no dia seguinte ele bebe mais oito, aí você vai fazendo a regressiva: no oitavo ele bebe nove litros, depois bebe mais nove, depois mais nove de novo, depois mais nove (...), só aí já tem quanto? Seis né? Então, no quinto ele já bebe menos, bebe sete, no quarto mais sete, no terceiro mais sete, no segundo mais sete e no dia da competição, começa na madrugada mesmo, ele não pode beber nada (...). Com mais ou menos água, dependendo do atleta ou da atleta, mas todo mundo precisa fazer diurese”.

A estratégia farmacológica, por sua vez, precisa favorecer a *diurese*: além da água, outras substâncias consideradas diuréticas são amplamente utilizadas, como a vitamina C, chás, laxantes, medicamentos e esteroides que favoreçam a absorção/eliminação de água pelo organismo. Os treinamentos agora serão focados nos aeróbicos, o *cárdio*, que ajudarão a perder peso e eliminar o máximo de água. Mesmo assim é recomendável, para aqueles que ainda tenham disposição, realizarem as séries com sobrecargas nos aparelhos de musculação, sobretudo os homens, pelo menos até o início do corte de carboidratos ou, como também é conhecido, *depleção de carboidratos*.

A manipulação do estado de *desequilíbrio do corpo* conferirá a *eficácia* do final do processo e pode definir o melhor entalhe corporal para o dia da competição. No entanto, a constante manipulação incorrerá em alterações de natureza também psicológica:

“a gente pára de consumir não só o sal, mas sódio no geral. E isso mexe com o psicológico. Porque a mente e o corpo ela é conectada, então quando você sente muita fome, a mente trabalha para você comer. Ela não trabalha dizendo que você só sente fome, ela começa a tentar te convencer. É como se a gente ficasse maluco (...). Então assim, você tá indo no limite do seu corpo e da sua mente (...) a força do atleta não tá no físico, a força do atleta tá na mente (...). Cortar carboidrato não é assim (...). As pessoas dizem que cortam carboidrato e tá comendo fruta, fruta tem carbo. Cortar carboidrato você não entende direito o que estão falando com você. É uma coisa muito, muito tensa. Quem já passou por isso sabe. Cortar carboidrato é você passar o dia inteiro comendo pedaço de frango ou ovo e basicamente isso. (...) não é só comer para se alimentar, é tirar o carbo. O carbo é importante. Os alimentos que tem isso você percebe a diferença entre um e outro. O carboidrato gera glicogênio que alimenta e oxigena o cérebro. Quando você corta ele, você fica lento, você fica com sono, você não percebe direito o que as pessoas estão falando. A pessoa fica falando com você e você demora de processar. Você fica assim “o quê? Hã?!”. Você tá distante e seu corpo começa a não ter energia. (...) e quando ele começa a ficar sem energia o que é que o corpo faz? Chama para o estado de repouso. (...) às vezes a gente tá treinando sem comida praticamente, morrendo de fome, fraco. A gente tem que pegar peso e se a mente não comandasse tem gente que nem iria” (Márcia).

Nesse relato, Márcia novamente recorreu à dualidade e circunstâncias de interação entre a “mente” e o “corpo”. Ora, quando explicou o sentido de sua *convocação ao esporte*, a interação corpo/mente foi estabelecida através da oposição entre corpo (fraco) e mente (forte), que, vemos agora, se mantém em uma relação, ao mesmo tempo, hierárquica e complementar. É como se, para garantir a estabilidade, a mente precisasse assumir o *poder*, “ser forte”, em face da debilidade do corpo. Na semana do campeonato, e ao longo das evoluções, esse “poder” fará a diferença para aqueles que consigam manejá-lo. Caso contrário, se os reclamos do corpo forem *mais fortes* e o “mando” da mente sucumbir, o ‘equilíbrio’ do par entrará em colapso e o atleta fracassará em sua empreitada.

Esse é o fundamento da explicação que, frequentemente, os fisiculturistas costumam dar em casos de hipoglicemia, alterações arteriais, paradas cardiorrespiratórias, dentre outras complicações durante as preparações e depois dos campeonatos. É preciso sustentar/resistir ao “limite de seu corpo, de sua mente”, preferencialmente, até o momento do julgamento<sup>95</sup>, uma vez que, após o desenlace, seria ‘permitido’ ao competidor finalmente *ceder* e isso não só é esperado<sup>96</sup>, como é motivo de enaltecimento.

Ora, se o palco é o horizonte de cada preparação, o caminho até ele funda-se através da renovação obstinada da ética. Nesse sentido, o palco não é meramente um fim, mas assinala no tempo um recomeço constante e sempre inacabado que marcará o “comportamento restaurado” (Schechner, 2006), ou seja, o processo principal que envolve as ações da performance, no qual o equilíbrio mente/corpo é imprescindível.

Para Karla, é através desse ‘equilíbrio’ que se reconhece um atleta de verdade, posto que a “evolução” não se restringe apenas aos estágios do corpo, mas a maneira que, no sentido de uma progressão adquirida pela disciplina, ele também aprenderá a ‘gerenciar’ a sua mente,

---

<sup>95</sup> Não tenho como afirmar se o mesmo fundamento é aplicado, por exemplo, em casos de óbitos, quando esse limite é, portanto, definitivamente rompido. Mortes de atletas não são atípicas, fora ou dentro do âmbito competitivo, embora meus interlocutores tenham mencionado poucas vezes. Para eles, esses episódios são consequência do mau uso dos anabolizantes e/ou erros relacionados às estratégias formuladas. A falta de conhecimento de seu próprio corpo e da inexata gerência de substâncias medicamentosas, alimentares, etc., também são elencadas como fatores de causalidade. A inferência seria de que a morte, quando ocorre, deve ser atribuída a um erro de cálculo por parte do próprio sujeito, por conseguinte, sua responsabilidade.

<sup>96</sup> Não à toa, nos campeonatos, competidores e platéia costumam ser avisados de que, em casos muito graves, a federação se responsabilizará, colocando à disposição dos atletas atendimento médico nos bastidores e, ocasionalmente, uma ambulância, durante a realização do evento.

“(...) eu passo a maior parte do ano entre 8 e 12 % de gordura [corporal], no *off* fica até mais um pouquinho, no campeonato baixa mais um tanto. Eu já me acostumei. É minha vida. Só que no campeonato não tem essa. Mesmo sabendo que tem que baixar a porcentagem, bater meta, tem sempre aquela vizinha lhe dizendo para fazer o que não pode. Você tem que lutar contra você mesmo o tempo todo. Você se questiona o tempo todo. Tem uma hora que você se questiona do porque você faz aquilo, de tanto sofrimento. E você precisa controlar sua mente, sua cabeça. Não tem como se acostumar, cada preparação é única e muita coisa pode interferir. Se sua cabeça não tiver boa será mil vezes pior, nós temos que ter um controle muito grande do psicológico. (...) você esquece até do palco, daquela coisa grandiosa do palco, você só quer que acabe, que passe, para se ver livre disso.(...) é sério, tem uma hora que você não pensa no palco mais, a gente só pensa no depois do palco, da parte que já subiu e já pode beber água. Por isso que eu digo, fisiculturismo é de quem resiste mais, quem aguenta mais, quem consegue vencer a si mesmo, de quem é muito guerreiro. (...) durante toda a preparação nós somos nossos maiores inimigos”.

O “power of the mind” é largamente discutido na enciclopédia de Schwarzenegger, como uma disposição básica para o sucesso em qualquer esporte,

the body will never fully respond to your workouts until you understand how to train the mind as well. The mind is a dynamo, a source of vital energy. That energy can be negative and work against you, or you can harness it to give yourself unbelievable workouts and build a physique that lives up to your wildest expectations (1999, p.229).

É quando *se olha no espelho* que, para ele, o fisiculturista aprenderá a “controlar a mente” na perspectiva da “visão”– fundamento atualizado no “sonho” de Marcelo– de um corpo futuro. E, junto a essa projeção, ele aprenderá o valor da disciplina e perceberá seus efeitos sobre a “mente” e o “espírito” na forma de “orgulho” e “autoconfiança”.

Nos períodos de campeonato, principalmente, a mente precisa *acreditar* na medida em que o corpo deve *corresponder*. Porém, na medida em que são classificados e vividos como entidades distintas e em interação, o vínculo mente/corpo não se dá apenas a partir da complementaridade ou de modo hierárquico, mas por uma espécie de hibridização – “The key to success in your workouts is to get the mind into the muscle” (p.232). Por conseguinte, o fisiculturista necessitaria buscar maneiras de acessar o ‘poder da mente’. Arnold Schwarzenegger propõe desde exercícios de meditação até a hipnose, para alcançar esse fim. Entre alguns dos meus interlocutores, entretanto, esse poder se torna acessível ou, vamos dizer, “domado” a partir da *conversão religiosa*.

Karla, César, Márcia e Marcelo, que pertencem ao *Team* comandado por Otávio, se converteram ao neopentecostalismo, logo após sua *convocação* ao esporte. Otávio, enquanto técnico e *modelo de atleta*, é considerado pelos seus pupilos como uma pessoa “espiritualizada” e “calma”. Os atletas creditam que estas qualidades são frutos da disciplina exigida pelo esporte, além do “encontro” que ele teve com Deus. Otávio atualmente frequenta a Igreja Evangélica *Verbo da Vida* e, desde que começou a competir, já frequentou a *Assembleia de Deus* e outras igrejas de orientação, igualmente, pentecostais.

Não disponho de dados etnográficos suficientes que me permitam conferir algum aprofundamento analítico sobre o papel da religião nesse contexto<sup>97</sup>. Mas é importante atinar para as inter-relações assinaladas tanto na disciplina religiosa, quanto na disciplina no esporte que, do ponto de vista nativo, são comunicadas a todo o momento; ainda que, não necessariamente, a conversão a um precise relacionar-se ao outro como paradigma de *atleta verdadeiro*.

Helena, que pertence a outro *Team*, por exemplo, observou de maneira bastante crítica o quanto os atletas podem “se confundir”, por acharem que ao “se tornarem evangélicos” seriam bem sucedidos nos palcos. Ela asseverou ainda que cada atleta teria “seu ritual” para controlar a mente/corpo e, portanto, isso não significa dizer que “se você for evangélico, vai funcionar com você”,

“tem gente que vai à igreja, vira até pastor e dá certo. Eu sempre fui católica, às vezes vou, às vezes não. Eu acredito em Deus sempre (...). Agora, na competição, eu procuro não pensar em nada, eu fico quieta, eu medito, eu tento canalizar coisas boas, boas energias, me afastar de pessoas negativas, por que se aborrecer pode prejudicar o corpo (...). Não sei te explicar como, mas tem algo químico, tem alteração quando você sai do seu normal e você já tá mal né? Precisa saber controlar seu psicológico de algum jeito, cada atleta encontra seu ritual, o meu é assim (...). Para muita gente não faz diferença se for para Igreja, se chamar por Deus, por que o psicológico não acompanha.”

Como uma espécie de quarta estratégia, Helena pareceu atribuir à perspectiva da “individualidade biológica” os resultados do manejo apropriado entre mente/corpo; uma vez que, o verdadeiro efeito demandado por esse ‘equilíbrio’ é o de que funcione, ou seja, tenha um efeito positivo sobre o corpo-competidor. E isso independeria do

---

<sup>97</sup> Sobre este tema ver os trabalhos de Carmem Rial (2013), Claude Petrognani (2014; 2015) e Olécio Aguiar (2011) sobre os “os atletas de cristo” e os avanços (neo) pentecostais na arena esportiva, sobretudo no futebol.

equilíbrio vir acompanhado como parte de um idioma de conversão religiosa. O importante é compreender que aqui, como ponderado por Mauss (2003), o ‘equilíbrio’, porquanto fruto de uma técnica corporal, pertence a “montagens fisio-psico-sociológicas de uma série de atos” (p.420). E é expressivo que um número significativo de competidores recorra ao ‘poder da mente’, assim como ao “equilíbrio” através da religião; e isso tanto diz respeito a um fenômeno mais amplo (RABELLO, 2005; ORO, 2011), quanto à possível convergência entre os princípios ascéticos específicos do esporte que podem ser espelhados na experiência religiosa.

Desde Weber (2004) sabemos que a aptidão da ética protestante para um “espírito” capitalista perpassa pelo ato de disciplina e autonegação, no qual o homem deveria provar seu valor moral pelo trabalho, sem que com isso obtivesse qualquer prazer: é o mais puro dever. O neopentecostalismo, como um movimento próprio do protestantismo— ainda que muito diferente do “ascetismo leigo” e secularizado analisado por Weber e em acordo a uma lógica neoliberal de autogestão que enfatiza a competição, o sucesso, as habilidades pessoais e a autoestima (SENNET, 1999) –, “ressalta a experiência única e transformadora do Espírito Santo na vida dos fiéis”, que buscam “fazer-se instrumento de Deus” (RABELLO, 2005, p. 138). É através do corpo que eles sentem e tornam-se condutores desse poder, que atingiria todas as dimensões de sua própria vida. Para tanto, esse corpo deve ser séptico, livre de impurezas, tornado dócil o suficiente a fim de “ser vetor de ação da divindade”.

Não quero afirmar com isso que a passagem do ‘fisculturista ao fiel’, e vice-versa, seja realizada de maneira tão direta, mas é interessante como esse *corpo saudável* e, nesse caso, o *atleta*, se depara com o *corpo crente*:

“porque quando você conversa com um atleta de verdade, ele é uma pessoa espiritualizada. Você olha para ele e você sente uma paz, você sente um equilíbrio nele. Ele aprendeu a controlar o corpo e a mente dele. É uma coisa interna. E a gente precisa se agarrar muito a Deus. Porque a gente faz coisas que só é possível pelo poder do Espírito Santo. As outras pessoas que olham vão dizer “você não é capaz”. E tem um momento que você precisa acreditar que tem algo maior para poder fazer aquilo” (Márcia).

Mafra (2014) chamou atenção para a tensão entre uma “lógica de purificação” e uma lógica de “redenção através da participação do sagrado” inerente às “ideologias semióticas” do pentecostalismo brasileiro, responsável por relacionar, por exemplo, a

*vida saudável* ao rigor e ardor da fé. Essa conexão é vivida, muitas vezes, de maneira oblíqua, como a autora deixa claro no seguinte relato:

o Pastor Lael convidou uma nutricionista para explicar os “hábitos de uma dieta saudável” à congregação. No final do debate, a conversa se voltou para os limites entre um corpo saudável e um corpo doente, assunto que deu a deixa para um irmão perguntar se “era verdade que a doença é um sinal de fraqueza da fé?”. Inicialmente, o pastor assumiu a linha de que “o resultado de um corpo saudável” era fruto de muita atenção e de cuidados adequados, enfatizando a necessidade de autocontrole, auto-avaliação e de submissão do corpo ao controle e ordem de uma alma disciplinada. Aqui, seu raciocínio seguiu a lógica de purificação típica da ciência e de seu trabalho de distinguir os opostos matéria e espírito, corpo e alma. No entanto, repentinamente ele mudou o rumo de seu argumento: “Eu não sei quanto a meus irmãos e irmãs, mas o dia em que vocês ouvirem que o Pastor Lael (sic) não chegou à igreja porque está doente, vocês podem organizar meu funeral, porque naquele dia Deus quer me levar”. Ele, então, contou vários casos de curas milagrosas entre os crentes brasileiros e concluiu com fervor: “*É a fé que cura o corpo, não o inverso!*”<sup>98</sup> (p.178).

Marcelo afirmou que seu chamado ao esporte, “o verdadeiro chamado”, coincidiu com seu “chamado à fé”, a ser “um discípulo de Deus que por meio do esporte acaba levando mais pessoas a Deus”. Discurso esse muito semelhante ao de seus colegas de equipe que justificaram a “força” motora, nos momentos mais penosos da preparação, como uma ‘força divina’, sem a qual não poderiam prosseguir no esporte.

O atleta se colocaria a serviço do esporte de maneira similar à disposição do fiel a serviço do espírito santo. Na medida em que estas posições são amalgamadas, torna-se verdadeiramente difícil discernir os limites entre uma e outra, enquanto parte da experiência, do que poderíamos chamar, de *‘fisiculturista-fiel’*. O que, conseqüentemente, dificulta e enriquece as implicações conceituais do binômio mente/corpo, assim como os sentidos da transformação, como fica evidente num dos trechos mais bonitos de minha entrevista com Márcia:

“o olhar da gente, o semblante da gente muda. É muito desgastante. Você abdica verdadeiramente da alimentação. Verdadeiramente. O nosso corpo ele é feito, isso é bíblico, seja sal e seja luz. O sal é o equilíbrio do corpo e a gente tira isso do corpo da gente (...). Quantas vezes eu já treinei, como eu treino, lesionada? Eu tô com dor e eu tenho que treinar. Por que assim, se eu tratar da minha lesão agora, eu não vou competir da próxima vez. Então a gente faz escolhas o tempo todo, sabe. (...) E eu vou dizer para você, eu acho que tem coisa que atleta faz que até a ciência duvida(...), e você acaba chegando mais próximo da morte que de qualquer outra forma”.

---

<sup>98</sup> Grifos da autora.

É fascinante como o sal, “o equilíbrio do corpo”, é significado também como o elemento capaz de promover a *transformação*, como componente da *evolução do atleta verdadeiro*, em dois níveis: comer “sem sal”, relacionado ao comer “sem sabor” e sem prazer, como predisposição ao fisiculturismo, enquanto parte da *domesticação do paladar*<sup>99</sup>, necessária para o *estilo de vida saudável*; e na *cessação* do sal dias antes da competição e/ou na subsequente (re) integração no organismo, antes da subida ao palco, durante o *carbo up*:

“você tá ali sem água, molhando a boca com a mão de vez em quando, para não deixar a língua tão seca, já super abatido. Nessa hora, você dá para o seu corpo o que ele tá pedindo, joga carboidrato para dentro e ele vai estocar isso. Seu corpo já estará no processo de homeostase e a gente tem que aproveitar, porque ele vai estocar a energia gerada pelo carboidrato, vai aumentar glicogênio, mas ao invés dele usar a energia toda de uma vez, ele vai poupando, poupando, e isso vai dando forma ao corpo do atleta para o palco” (César).

No *carbo up*, a fonte de carboidrato ingerida será maior e terá um alto teor de sódio, sobretudo em comparação com as quantidades ingeridas anteriormente. Agora é importante que o músculo *retenha* o líquido advindo do carboidrato e comece a *inchar*,

“ele tá desidratado não é? Como 70% do nosso corpo é líquido, automaticamente, o nosso músculo também é e, se você desidratou, o músculo também murcho. Então você joga o carbo, o carbo tem essa condição de jogar líquido para dentro da célula, aí o que é que ele faz? Ele fala: “vou mandar líquido para as células”, “eu vou hidratar as células e mandar nutrientes”. O carboidrato tá fazendo o papel de repor. Qual o mais importante para o corpo agora? É a pele ou o músculo? O músculo! O primeiro que ele enche é o músculo, vai dar um rebote e ele vai inflando, formando. É muito louco. O físico muda. (...) Meu técnico passou para mim duas pizzas<sup>100</sup> grandes para fazer *carb up* (...). Você pensa “ai que maravilha comer pizza”. Talvez seja para você, que tá toda hidratadinha, para mim é o

<sup>99</sup> Em outros regimes cosmológicos, esta ‘domesticação’ do paladar pelo sal encontra registros etnográficos através das experiências de contato entre os indígenas e o colonizador branco. Entre os Karitiana, grupo de língua tupi-arikém, habitante do sudoeste da Amazônia brasileira, em Rondônia, o amansamento dos índios, via o estabelecimento e dependência de alimentos estrangeiros, é relacionado por Vander Velden (2008) ao “gosto salgado”. De acordo com os sentidos produzidos naquela cosmologia, isto era o que tornava os corpos dos índios cada vez mais similares aos dos brancos. Processo também analisado por Amoroso (2003), entre os Kaingang do Paraná, onde a “conquista do paladar” através de alimentos, tais como, sal, açúcar e cachaça, foi uma das estratégias de dominação utilizada pelos conquistadores; e por Pedreira (2013), entre os Pataxó Hã hã hã, cujo sal seria um dos operadores da diferença nas relações de parentesco—favorecendo o que Ramos (1999) chamou de “ocidentalização do corpo indígena”. Assim, o sal, enquanto elemento mediador da *mimesis*, operaria a *transformação dos corpos* dos índios e o “gosto salgado” seria símbolo das relações com os brancos e estaria associado às transformações sócio-históricas a partir do contato com o Outro.

<sup>100</sup> Pizza, hambúrguer, batata frita, dentre outros, são apreciados como “sujos” e, portanto, incompatíveis com a vida saudável. Paradoxalmente, são em geral os escolhidos para o *carbo up* com sódio. O que reafirma o argumento de que, durante a preparação para os campeonatos, precisamente no *pre-contest*, a moral de um “estilo de vida saudável” encontra-se em suspeição.

fim. Eu tenho que comer aquilo desidratada, sem água. Eu sinto ânsia de vômito, eu não quero comer aquilo naquele momento.(...) mas eu preciso ser forte, é aquilo da mente.(...) na minha boca fica mais salgado do que ele deve ser e eu tenho que comer tudo ou até meu técnico achar que tá bom, que meu corpo tá bom, é muito difícil” (Márcia).

O sal é o emblema ascético e *transformador* promovido pela comestibilidade e aquilo que irá definir a condição somática e estética do *corpo-para-o-palco*. Seja nas categorias “fitness” femininas, *bikini fitness* e *wellness*, que, geralmente, não realizam o *carb up* com sódio (*zero sal*), mas, com carboidratos *limpos*, reintroduzindo o sódio após a competição, para não correrem o risco de apresentar volume e definição indesejados pela federação<sup>101</sup>; sejam em categorias masculinas (inclusive a “fitness” *men’s physique*) e categorias femininas consideradas de “fisiculturismo”, quais sejam, *body fitness* e *women physique*, que precisam reintroduzir o sódio como mecanismo de intumescimento muscular. Na presença ou na ausência, o sal irá *definir* o músculo, por conseguinte, o corpo-competidor de cada categoria, assim como o influxo *sacrificial* do *atleta verdadeiro*.

Na medida em que *a magia da beleza é equivalente a amar a mágica* (TAUSSIG, 2012), com a entrega do físico aos auspícios do esporte ao longo das evoluções, o atleta verdadeiro passaria a incorporar o *sentido do dever* e as *virtudes* advindas com a práxis, pois,

“quando você sente muita sede, quando você sente muita dor, é você com você mesmo. Não tem ninguém para lhe dizer faça ou não faça. (...) cada vez que eu consigo passar por um obstáculo como esse; cada vez que eu sento numa mesa e vejo uma pessoa comendo uma pizza e não como, eu me sinto tão poderosa. O esporte me traz a sensação que eu sou dominadora, que eu tenho controle de mim, que é tudo o que as pessoas gostariam de ser. Então essa é a minha visão do esporte. Isso que me traz esse controle e é uma coisa que a gente aprende muito, quando a gente é um atleta de verdade; e, se não for, se você não tiver isso dentro de você, você não vai ser um atleta de verdade” (Karla).

As *evoluções*, todavia, são igualmente caracterizadas por histórias de gula; histórias que contam sobre as dificuldades em resistir a alimentos impuros; histórias que comprometem os tabus impostos àqueles compromissados com as normas de *purificação*, quistas pela *nova vida*. A cada tentação alimentar, o atleta deve reafirmar

<sup>101</sup> Para elas também seria permitido o consumo de água, mesmo que em quantidades mínimas, uma hora antes da competição para o corpo “aparentar” hidratação.



seu compromisso com o esporte. Cada novo fracasso nessa empreitada leva o atleta a voltar algumas casas no jogo, ao colocar em risco o “poder” sobre si.

Karla explicou que, quando não está em preparação para os campeonatos, precisa se esquecer do “gosto do chocolate”, do “cheiro da feijoadá”, do “pão com manteiga da padaria”, e de todos os alimentos *sujos*, mas “saborosos”, a que as “pessoas normais” facilmente sucumbem— “*é preciso enganar o cérebro*”. Em preparação, precisamente na semana antecedente ao campeonato, talvez como forma de reafirmação do seu próprio engajamento com a disciplina, para ela, o alimento adquire “outro valor” porque a *vontade* de comer se voltaria para “as coisas mais básicas”. A única coisa que ela quer é beber água e voltar a comer aquilo que normalmente ingere no cotidiano, fora do campeonato, tais como, arroz integral, batata doce e frango. Desse modo, abdicar “verdadeiramente” da alimentação requer do atleta a renúncia ao sabor atraente, mas prejudicial, dos alimentos *sujos* a fim de preservar a vida saudável. Igualmente, assim como no recrudescimento da dieta, até a interrupção absoluta da alimentação, para resguardar e produzir o corpo-competitivo.

No entanto, as fronteiras entre a *pureza* e o *perigo* estarão mais frouxas durante o período em que os tabus alimentares estejam temporariamente suspensos. Esse período começa no esperado “*dia-do-lixo*” – logo após a apresentação, pois, já nos bastidores, é comum que a federação ofereça uma mesa repleta de frutas, sucos, queijos, pães, bolos, dentre outras guloseimas, como forma de gratificar os atletas que resistiram a todo processo, independente das colocações obtidas pelo julgamento dos árbitros. Mesmo quando não são oferecidos pela própria federação, uma vez que tal agrado fica a critério não só do orçamento disponível, mas da disposição do comitê dirigente responsável pela administração do evento, é permitido ao atleta se fartar das mais variadas e *sujas* iguarias, após o campeonato. É quando o “outro valor” da comida corresponde a outro tipo de vontade: o *sabor* dos alimentos que são restritos em função da práxis.

Helena costuma ir, após o campeonato, à praça de alimentação de um shopping center para comer “tudo aquilo que tem direito”, até passar mal. Márcia precisou ir a uma emergência hospitalar, depois do campeonato baiano de 2014, após consumir “rapidamente” dois copos de “danoninho”, tão logo “desceu do palco”. São muitas as histórias de competidores que se entregam a verdadeiras cerimônias de glotonaria, quando comem, com ingente avidez, tudo aquilo que permeou suas mais recônditas cobiças alimentares, durante meses e meses. É enquanto recompensa, portanto, que o

*sujo* é ingerido, como se “estivesse comendo aquilo pela primeira vez (...) quando tudo que você fez vale à pena”, disse Karla.

Ora, vejam bem, se as transformações perpetradas no corpo acabam por modificar indutivamente também as percepções gustativas dos alimentos, a sensação do contato, do (re)encontro com as impurezas, daquilo que corrompe às circunstâncias de ascese é, antes de tudo, catártica.

Talvez como sequela física e moral das contradições e violações que o prazer enseja, essas concessões venham acompanhadas de culpas e de punições. No “lixo”, o desejo coexiste com o temor, pois o corpo, como evidência da prática, cobra o preço por essa dupla transgressão, ao corpo-saudável e ao corpo-competitivo. Para muitos, o *dia-do-lixo* é só o início de semanas ou meses a fio que podem comprometer a ética fisiculturista. Assim, o *dia-do-lixo* marca o início de outro período, o *off sujo*, orientado pelo catabolismo e o *body fat*.

É preciso notar que serão três os principais infortúnios que podem acometer um fisiculturista, em decorrência do ‘lixo’. O primeiro deles, como já enunciado por Helena e Márcia, é o “descontrole” alimentar, que pode acarretar reações somáticas imediatas, isto é, o famigerado “passar mal”. Este efeito negativo, de acordo com as interpretações nativas, é produto de um corpo que se *desacostumou*. Em função disso, recomenda-se que o início do ‘lixo’ seja comedido: é preciso (re) acostumar, aos poucos, o paladar. Marcelo indicou, por exemplo, sucos, água de coco, frutas e outros alimentos que, inicialmente, hidratem o corpo. Depois, progressivamente, poder começar a ingestão de carboidratos “mais sujinhos” e gorduras.

Para ele, o competidor deve saber como “enganar o corpo” para não sofrer consequências indesejadas e, nesse sentido, a escolha dos “primeiros alimentos” consumidos, além da parcimônia em “comer devagar”, podem fazer diferença. Novamente, embora em outras circunstâncias, vemos que o *excesso deve ser regulado*. Marcelo, entretanto, ressalva que, às vezes, o competidor almeja tanto pelo momento de sentir o sabor dos alimentos, outrora restritos, que é difícil se refrear. Assim, na maioria das vezes, o *dia-do-lixo* só terminará quando o competidor se saciar completamente ou, em outras palavras, “não aguentar mais comer, até passar mal”.

Faz parte do planejamento do *atleta verdadeiro* determinar por quanto tempo durará o *off sujo*, como forma de controlar o começo do *off limpo*, na perspectiva de campeonatos futuros, e não exceder os limites corporais e morais, que caracterizam a vida de um atleta. Esta seria uma maneira de evitar e gerenciar, por conseguinte, o

segundo infortúnio— o aumento demasiado do *body fat*. Do mesmo modo que podem perder entre quatro e até doze quilos na semana anterior à competição, as semanas subsequentes a ela podem representar para uma fisiculturista mais que o dobro dos quilos perdidos na balança. Como consequência, futuramente, as restrições podem ser ainda mais penosas, para que a atleta se adeque novamente ao corpo sadio. Não à toa, no *off sujo*, é comum que se mantenham os árduos treinamentos, como que para compensar o período de relativa permissividade alimentar, além de coincidir com as TPCs. O *off sujo* acaba por ser vivido como um momento de relativo descanso e de *renovação*, uma vez que o “corpo não suportaria as condições do campeonato para sempre”, lembrou Helena.

Porém, como sabemos, o contato com o impuro é perigoso justamente pelos riscos de contaminação envolvido. Consequentemente, – o terceiro e derradeiro infortúnio – a maior desventura de quem ainda quer manter-se comprometido com o esporte seria ceder permanentemente a essas fronteiras e corromper as dinâmicas da prática. Assim, quanto mais consciente e engajados de seu *dever* com o esporte, mais curtos e contidos serão o *dia-do-lixo* e o *off sujo*, posto que a condição de fisiculturista jamais estará assegurada, mas, conquistada através da renovação constante das obrigações a seus enunciados- constituídos, sobretudo, a partir de uma trajetória de abnegação.

Quando meus interlocutores citavam seus ídolos, em geral atletas *Pro* e campeões *Olympia*, falavam com admiração das trajetórias de superação de atletas mais experientes, que se mantinham ativos em competições mesmo com lesões, dores e problemas de saúdes relacionados à prática; além da predisposição a reclusão<sup>102</sup> posto que devotados quase exclusivamente à produção desse corpo. Afinal, evoluir acarretará custos, mas são estas as circunstâncias que perfazem o patamar mais alto a que um atleta poderia chegar,

“Ronnie Coleman tem lesões sérias no quadril, nos joelhos... Você olha vídeos do cara e ele tá visivelmente sentindo dor quando treina (...) isso me deixa arrepiado, é lindo demais. É isso que é superar seus próprios limites, o corpo não é nada perto da vontade que a gente tem de ir mais, mais, mais (...). O meu limite quem vai dar é Deus, é minha fé em Deus, até quando

---

<sup>102</sup> Os fisiculturistas que inspiravam mais admiração dos meus interlocutores, sejam homens ou mulheres, curiosamente não eram aqueles que figuravam nas capas de revistas especializadas, ou que gostavam de dar entrevistas, mas os que, em geral, só eram vistos nos campeonatos para competir e cuja figura era alimentada por uma aura misantropa, cujas relações interpessoais, dizem, muitas vezes se resumiam apenas ao técnico.

Deus quiser eu serei fisiculturista. (...) ele sabe de todas as coisas, é tudo para ele e eu só vou parar quando Deus quiser”.

Marcelo exprimiu nessa fala um sentido semelhante daquele referido por Mafra (2014), que destaquei em páginas anteriores. Enquanto o Pastor Lael relacionou a *doença* a um desígnio que se encontra *para além* do corpo, pois “*é a fé que cura o corpo, não o inverso*”, uma interpretação possível para as reflexões de Marcelo seria a de que o limite deste corpo, cuidadosamente manipulado, termina e começa com a *fé*: sob os auspícios de um poder que ele pode até acessar, mas que, paradoxalmente, ele não tem o controle. Ora, tal conjectura pode nos sugerir alguns caminhos de análise e, embora não os aprofunde, quero deixá-los registrados a seguir.

Até aqui, poderíamos dizer que a “fé” se deduziria especificamente através de duas imagens. De modo mais transversal a “fé” estaria presente na perspectiva de um corpo futuro e, mais diretamente, no juízo sobre os auspícios de Deus. Na primeira, a propósito da eficácia das estratégias, o fisiculturista precisaria “acreditar” nas possibilidades de sua evolução e, com base nessa prospecção, construir todo seu planejamento a curto, médio e longo prazo. Na segunda, há uma intervenção de uma força divina, principalmente a partir da ideia de “limite”, na qual o atleta estaria no limiar da previsibilidade científica e do ‘equilíbrio’ mente/corpo, negado a “pessoas normais” em condições semelhantes.

São duas imagens que podem vir entrelaçadas ou independentes, pois variam de acordo com as distintas experiências dos fisiculturistas. Porém, a despeito do como se conectam ou não entre si, em experiências particulares, elas só são possíveis em decorrência de um princípio fundamental da práxis: a disciplina. E não me refiro, nesse momento, ao ‘poder disciplinar’, do sujeito compelido ao ‘corpo dócil’, ou mesmo à internalização de um conjunto ordenado de procedimentos e engajamentos (embora ambos os aspectos estejam relacionados e sejam fulcrais, como vimos, para compreender as dinâmicas de produção desse corpo), mas do *vinculo* resultante da obstinação em prol de um fim *por meio da* disciplina.

O vínculo se daria essencialmente através daquilo que Jacques Derrida (1995a) chamou de *dar(-se) a morte* (*donner la mort*), disposição essa sobre a qual o próprio sacrifício é fundamentado. Para o autor, o sacrifício é uma oferta de si mesmo à morte, algo que deve ser intransferível a outrem, que só se torna possível a partir do momento em que se absorve o *sentido do dever* e cria o que ele chamou de “responsabilidade”.

De acordo com esse postulado, ao se tornar responsável o homem se torna um ser histórico, e é a partir da história dos segredos que se edificaria a história da responsabilidade:

hence the history of responsibility is extremely complicated. The history of the responsible self is built upon the heritage and patrimony of secrecy, through a chain reaction of ruptures and repressions that assure the very tradition they punctuate with their interruptions (DERRIDA, 1995a, p.7).

Assim posto, é na história do sacrifício de Abraão, numa releitura de *Temor e Tremor* de Søren Kierkegaard, que Derrida define *ética da responsabilidade*. Abraão é conduzido a imolar seu único filho, Isaac, como prova de seu amor a Deus. Ao percorrer um caminho solitário de devoção, Abraão trai a ética com seus semelhantes em prol de uma responsabilidade absoluta para com Deus.

O sacrifício de Isaac exemplificaria para Derrida o paradoxo da fé, a partir do *dever absoluto*, pois, mais que a disposição em sacrificar alguém do seu próprio sangue, Abraão é fiel a Deus, na medida em que guarda segredo do seu ato. Abraão estaria envolto num duplo segredo. O primeiro é o segredo enquanto um conhecimento que se torna oculto. Sarah (a mãe e esposa) e Isaac não sabiam o que o patriarca estava prestes a realizar, como fica explícito no diálogo no livro do Gênesis (22:7-8):

— Então falou Isaac a Abraão seu pai, e disse: Meu pai! E ele disse: Eis-me aqui, meu filho! E ele disse: Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto? — E disse Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto, meu filho. Assim caminharam ambos juntos.

Abraão não compartilha, ainda que não deixe de oferecer uma resposta, com seus semelhantes o conhecimento<sup>103</sup> do ato. Por outro lado, a segunda dimensão do segredo é a sua própria ignorância perante os ditames do divino. É o segredo enquanto o mistério (*Mysterium Tremendum*) em si: Abraão estava disposto a sacrificar o sangue do seu sangue por motivos que lhe escapavam à razão. Abraão só é fiel a Deus no

---

<sup>103</sup> “He says a lot. But even if he says everything, he need only keep silent on a single thing for one to conclude that he hasn't spoken. Such a silence takes over his whole discourse. So he speaks and doesn't speak. He responds without responding. He responds and doesn't respond. He responds indirectly. He speaks in order not to say anything about the essential thing that he must keep secret. Speaking in order not to say anything is always the best technique for keeping a secret. Still, Abraham doesn't just speak in order not to say anything when he replies to Isaac. He says something that is not nothing and that is not false. He says something that is not a non-truth, something moreover that, although he doesn't know it yet, will turn out to be true” (p.59).

momento da solidão de sua traição absoluta aos semelhantes. Ao dar(-se) à morte no sacrifício de seu próprio filho, ele firma a responsabilidade absoluta numa aliança de fé com Deus.

Até certo ponto o autor sustenta a perspectiva canonizada por Marcel Mauss e Henri Hubert (2013) de que o sacrifício consiste em um relacionamento com a divindade. No entanto, Mauss e Hubert conceituam que “em todo o sacrifício um objeto passa do domínio comum ao religioso – ele é consagrado” (p.15). Embora os modos de consagração sejam variados, para que aja sacrifício é preciso que o objeto do sacrifício, a vítima, seja destruído ou consumido durante o ritual sacrificial<sup>104</sup>. Segundo os autores, o ritual de sacrifício cria *objetos de devoção*, ao mesmo tempo em que estabelece *comunicação com o transcendente*, através de um conjunto de atos e procedimentos linearmente encadeados, com começo, meio e fim.

Derrida, por outro lado, não se ateu a um processo ritualizado *stricto sensu*, tampouco se preocupou com a consumação do ato. É a partir do exemplo de um sacrifício não consumado que ele busca compreender a “força” que impeliu seu personagem principal a cometer o ato de libação.

Na história de Abraão, no sentido maussiano, teríamos os quatro principais agentes do sacrifício em suas posições bem definidas– o “sacrificador”, a “vítima”, o “deus” e o “sacrificante”<sup>105</sup>. No entanto, não é a condição de destruição da vítima que confere legitimidade ao sacrifício. A conexão com transcendente, um dos produtos do ato sacrificial, foi firmada pela disposição em dar(-se) a si mesmo, como ‘presente de morte’, do sacrificador que estava vinculado à vítima por compartilhar-lhes da mesma substância – o sangue. O dever demanda *fidelidade* e esta só seria possível na solidão absoluta. E Abraão estava só, “ninguém será por nós”.

Se admitíssemos que o empenho dos fisiculturistas estivesse no âmbito de ‘rituais de sacrifício’, estes seriam estruturalmente distintos da definição canonizada por Mauss. Qualquer aproximação seria apenas analógica ou metafórica, tendo em vista que

---

<sup>104</sup> “Vê-se qual é o traço distintivo da consagração no sacrifício: que a coisa consagrada sirva de intermediário entre o sacrificante, ou o objeto que deve receber os efeitos úteis do sacrifício, e a divindade à qual o sacrifício é endereçado. O homem e o deus não estão em contato imediato. Assim é que o sacrifício se distingue da maior parte dos fatos designados como “aliança pelo sangue”, em que se produz, pela troca e sangue, uma fusão direta da vida humana e da vida divina. (...) deve-se chamar “sacrifício” toda oblação, mesmo vegetal, em que a oferenda, ou uma parte dela, é destruída (...)” (Mauss, 2013, p. 17-18).

<sup>105</sup> O “sacrificante”, “o sujeito que recolhe os benefícios do sacrifício ou se submete a seus efeitos. Esse sujeito é ora um indivíduo, ora uma coletividade” (Mauss, 2013, p. 16), na perspectiva bíblica, seria toda a humanidade.

“os atos rituais e rotineiros do sacrifício se constituem pelo constante reconhecimento do próprio divino” (Miller, 2002, p. 113). O mesmo pode ser dito sobre Derrida, pois o sacrifício para ele é pautado, sobretudo, na renúncia da ética humana.

A aceção de responsabilidade perpetrada pela aliança com o divino exigiria o rompimento do vínculo que relaciona os semelhantes em prol de outro pacto (absoluto) com Deus. A diferença entre ética e responsabilidade analisada pelo autor não é apenas de grau, mas de natureza, a partir do relacionamento entre “iguais” e destes para com uma alteridade absoluta, Deus. De acordo com o sentido axiomático do dever haveria dois tipos de pacto, quais sejam: o da ética, que não deixa de ser englobada pela responsabilidade – a ética precisa ser em si responsável– e o da responsabilidade absoluta.

Não está entre os produtos das categorizações nativas algo que se assemelhe diretamente a uma ‘responsabilidade absoluta’: não há um rompimento com a ética, mas a depuração e constituição de *outra* ética vinculada, a estética (TAUSSIG, 2012), vivida até as últimas consequências.

Mas, ainda assim, poderíamos explorar um pouco mais esse ângulo sinalizado por Derrida, ao sugerir que o atleta *só é fiel ao dever na solidão*. Questão pontuada em sentido literal nesse relato de Márcia e denotada em outras passagens ao longo desse trabalho: “por mais que eu tenha meu marido dentro de casa, quando você sente muita fome, quando você sente muita sede, quando você sente muita dor, **é você com você mesmo**”. A tarefa, mesmo que possa ser compartilhada, pois, não prescinde ao domínio da ética, não pode ser transferível. Quanto mais *evoluir*, mais exclusivamente atrelado tão somente a estética o atleta estará.

É, precisamente, a partir dessa chave analítica que a responsabilidade se entrecruza com o sacrifício. O presente de morte não pode prescindir da responsabilidade:

the sense of responsibility is in all cases defined as a mode of “giving oneself death”. Once it is established that I cannot die for another (in his place) although I can die for him (by sacrificing myself for him or dying before his eyes), my own death becomes this irreplaceability that I must assume if I wish to have access to what is absolutely mine. My first and last responsibility, my first and last desire, is that responsibility of responsibility that relates me to what no one else can do in my place (DERRIDA, 1995a, p. 43-44).

A *dor*, a experiência da dor, emergiria como um dos elementos dessa oferta, desse tipo de entrega ao esporte. O senso de responsabilidade, oriundo nesse caso da prática

disciplinar, de certo modo, estrutura a fidelidade ao dever que se inscreve na produção da subjetividade do fisiculturista e aquilo que, por consequência, faz parte dos fundamentos de sua corporalidade. A dor aqui, como parte de uma experiência compartilhada e mais genérica em relação a outras práticas esportivas, não é apenas consentida, mas *esperada* e um dos principais índices da negociação do atleta com os limites a serem superados (LIMA, 2016; SABINO, 2004).<sup>106</sup> É imperativo aprender a glorificar, buscar e gerenciar a dor :

Every bodybuilder has heard the phrase “No pain, no gain”, but it is important to be able to differentiate the (almost) enjoyable pain of an intense workout from pain resulting from actual physical injury. Muscle soreness following a heavy workout is common among bodybuilders. This soreness is the result of micro damage to muscles, ligaments, or tendons—nothing that really constitutes an injury, but is often painful nonetheless. A certain amount of soreness is inevitable, a sign that you have really trained intensely (...). Soreness is not a bad thing and, in fact, can be taken as a good sign, an indication that you have trained intensely enough to produce results (Schwarzenegger, 1999, p.70-71).

Ora, as *imagens* de “fé” que destaquei anteriormente poderiam ser representativas das *alianças de fé* constituídas, por um lado, em relação ao próprio corpo e, por outro, em relação ao divino. A última se refere diretamente ao “*Mysterium Tremendum*” proclamado por Derrida e sobre a qual não pretendo me aprofundar, como disse, em função da pouca consistência de dados<sup>107</sup>, embora não devemos perdê-la de vista no contexto. A segunda concerniria metaforicamente ao *segredo*, pois se trata daquilo que *o corpo torna oculto* ou, em outros termos, daquilo que o competidor ignora. Isso fez sentido para mim comparando as palavras de Marcelo, sobre os auspícios de Deus, a um trecho específico de minha conversa com Helena:

“(...) a gente nunca sabe se o músculo vai reagir bem. (...) Eu não sei o quê eu tenho por debaixo, se vai ficar legal no final. Eu tô muito insegura, entende? Ainda tem esse negócio de se jogar sem saber exatamente... Porque é corpo! Tem gente que vem bem, bem, bem, como a menina que ganhou para mim, ela veio bem no campeonato todo, ela ganhou de mim no estreante e ganhou de mim no baiano. (...) chegou no brasileiro, e ela teve

<sup>106</sup> Por outro lado, a noção de *sofrimento* decorrente espelharia igualmente o sentido religioso do qual me referi anteriormente, no sentido da conversão, uma vez que se refere diretamente a uma trajetória que evoca significados referentes à “força e fraqueza, vulnerabilidade e determinação, medo e coragem”, despertando emoções “positivas e negativas tanto no sofredor, quanto nos seus interlocutores”. De modo que, aquele que “se define sofredor, ‘conquista’ posição de destaque diante de seus interlocutores, fazendo desaparecer, ainda que simbólica e parcialmente, as contradições inerentes à própria categoria” (CAROSO; RODRIGUES, 1998, p. 139-140).

<sup>107</sup> Já que essa relação demandaria um trabalho de campo mais prolongado e, provavelmente, outra questão de pesquisa.



um mês a mais para se preparar, chegou no brasileiro eu tava melhor do que ela”.

É justamente no imponderável— do que pode malograr e escapar a toda racionalidade de cálculo nas estratégias— de um corpo futuro que a aliança se consolida. No final das contas, “Porque é corpo!” e

há segredo. Mas ele não se dissimula. Heterogêneo em relação ao escondido, ao obscuro, ao noturno, ao invisível, ao dissimulável, até mesmo ao não manifesto em geral, ele não é desvendável. Permanece inviolável até quando se acredita tê-lo revelado. Não que se esconda para sempre numa cripta indecifrável, ou atrás de um véu absoluto. Simplesmente excede o jogo de vendar/ desvendar, dissimulação/revelação, noite/dia, esquecimento/anamnésia, terra/céu, etc. Há segredo. Pode-se sempre falar dele, e isso não basta para rompê-lo (DERRIDA, 1995b, p. 44-45).

Mesmo que os fisiculturistas tentem administrar as incertezas criando, inclusive, categorias que de alguma forma buscam ‘controlar’ o não (pre)visto (o “potencial de crescimento” e o “equilíbrio”, por exemplo), é na *fé* —de que o corpo reaja às intervenções a contento, e não solape diante de um conhecimento que seus portadores não seriam capazes de apreender em sua totalidade— que, nos momentos derradeiros antes do palco, os competidores se atêm.

Além do trecho da entrevista de Helena, acima destacado, existiram situações narradas em outras entrevistas e nos bastidores dos campeonatos que corroboram a aliança em face da ‘imprevisibilidade’ ou ‘segredo’ do corpo. Por exemplo, no final do campeonato aberto *Iron Man*, um técnico conversava com um competidor que havia acabado de subir no palco e ficou nas últimas colocações de sua categoria. O competidor estava bastante nervoso e cobrava explicações daquele que, aparentemente, era *seu* técnico, sobre os resultados. O técnico, igualmente exaltado, conferia uma planilha e inquiria o outro sobre as possibilidades dele não ter seguido a risca o planejamento. O seu pupilo, por outro lado, berrava que tinha feito tudo certo. Era uma situação que chamava atenção e estava sendo acompanhada pelos demais competidores, técnicos e organizadores, que estavam atrás do palco. Enquanto uns olhavam indignados, outros apenas riam. Perguntei para um rapaz ao meu lado, que, descobri mais tarde, era técnico-fisiculturista, se aquele tipo de discussão era habitual, ele me respondeu que “sim”, e sempre aconteciam depois das competições. Em sua avaliação, os dois pecaram por excesso de exposição, em um local que, para ele, era inapropriado. Ele explicou que o competidor “nervoso” era um dos favoritos da categoria, mas ele

“tinha subido murcho”, ao palco; situação essa que poderia acontecer com “todo mundo”. E isso, em muitos casos, não denotaria culpa do técnico ou do competidor, mas do “físico” que não “reagiu bem” as estratégias. Por fim, asseverou também que é sempre “bom fazer tudo certinho” e “torcer” para o corpo “responder”.

A fidelidade ao dever e a eficácia esperada por esse corpo se tangenciam através de um tipo de racionalidade que ora ultrapassa, ora se justapõe aos condicionantes da própria lógica científica; inclusive ao exceder “seu trabalho de distinguir os opostos matéria e espírito, corpo e alma” (MAFRA, 2014). Mais que isso: a assunção da(s) aliança(s) de fé possibilita o sacrifício.

A questão, portanto, é a de que, embora possa ‘funcionar’ melhor enquanto relação analógica a um ‘ponto de vista teórico’, tanto a Mauss, quanto a Derrida, a compreensão de uma ‘teoria nativa do sacrifício’ possível pode sugerir *objetos de devoção* instituídos na disposição em *dar(-se) a morte em um ato de sacrifício*. O “presente de morte” nortearia a *entrega do físico ao esporte*, onde o fisiculturista-competidor é a um só tempo o “sacrificador”, a “vítima”, o “deus” e o “sacrificante”. Afinal, “sacrificar-se é se tornar redentor de si mesmo” (RODRIGUES, 2004, p. 76).

O corpo precisa ser total. Todos os *processos de purificação e transformação, a partir do “excesso” e da “eliminação” que marcam as duas fases até o palco, seriam parte do sacrifício*, e é o *corpo belo, um ideal estético, no fim, que emergirá como objeto de devoção*. Todo ato de sacrifício é um ato de devoção (MILLER, 2002). Uma vez que o “sacrifício não é somente o rito, mas toda representação ou narração onde a destruição do herói desempenha um papel essencial” (BATAILLE apud WARIN, 1974, p. 60) <sup>108</sup>, as competições são renovações desses atos, de fato, um “comportamento restaurado”, e, a meu ver, essa recorrência, como um dos produtos da “irradiação da consagração sacrificial” (MAUSS, 2013, p. 16), cria em seu sentido amplo o *atleta fisiculturista*.

No sacrifício, as fases de “ascensão” e “descida” devem ser rigorosamente respeitadas (MAUSS, 2013, p. 51-54), uma vez que não só a violência ensejada pelo

---

<sup>108</sup> Ainda que Georges Bataille corrobore a perspectiva de Mauss de que a consagração incorra necessariamente na destruição, na morte, da vítima, para ele, o sacrifício é paradigmático da *exuberância*, ao invocar o dispêndio daquilo que, em outras circunstâncias, poderia ser “útil” de alguma forma. Assim, o sacrifício, enquanto um ato de consumo, sempre se dará por meio da violência, destruição e perda: “o sacrifício destrói aquilo que consagra. Não parece destruir como fogo: só é cortado o vínculo que encadeava a oferenda ao mundo da atividade lucrativa, mas essa separação tem o sentido de um consumo definitivo; a oferenda consagrada não pode ser restituída à ordem real. Esse princípio abre o caminho para o desencadeamento, libera a violência, reservando-lhe o domínio onde ela reina sem restrição” (BATAILLE, 2013a, p.69).

ato, mas o vínculo estabelecido com a divindade deve ser controlado e mantido na esfera do ritual. A normalidade deve ser restituída. Tal circunstância, novamente, é uma boa pista para situarmos o corpo competitivo na perspectiva sacrificial, que marca a efemeridade do ato performativo (SCHECHNER, 2006; 2011b). Fato é que o corpo não sobreviveria aquém das condições exigidas pelas competições: enquanto performers, os fisiculturistas precisam estar cientes da distância, quase dissociação, entre a performance e realidade cotidiana.

Como lembra Carlson (2010), é como se os performers operassem em planos diferentes de existência. Nesse sentido, toda a performance acaba por envolver um nível de duplicidade, por meio do qual “ a execução real de um ato é colocada em comparação mental com um modelo- potencial ideal ou relembrado- dessa ação” (Langdon, 2006, p. 168). Entre os fisiculturistas este modelo está principalmente relacionado tanto ao sacrifício, através da assunção do corpo como objetos de devoção, quanto ao gênero, por meio da encenação estereotipada da diferença entre “homens” e “mulheres”.

Após o ápice da *entrega*, vivido no palco, o atleta *precisa* retornar à normalidade, no caso, ao corpo sadio e a todas as circunstâncias decorrentes e específicas de sua ascense. Esse retorno, como vimos, é feito primeiro através de uma transgressão impetuosa à ética, principalmente através da ingestão de alimentos interditos, para, paulatinamente, restabelecer a ordem habitual e, quem sabe, futuramente, preparar novamente aquele corpo para as competições.

Na medida em que “ao menos simbolicamente, qualquer atividade estética traz consigo, refletida ou não na obra, sua porção trágica” (Leiris, [1981]2001, p. 19), a “destruição” aqui não consiste na ‘aniquilação total da vítima’, porém, teríamos de convir que a perspectiva de um corpo “debilitado”, no sentido físico e mental amplamente denotado nesse contexto, é incompatível com um corpo pleno, inteiro, completo. Enquanto o atleta/competidor performatiza a “força”, o “poder” e a “beleza” através da exibição muscular no palco, contraditoriamente, apenas um corpo lacerado, “fraco”, “abatido”, é capaz de conferir plenamente a força moral desse tipo de consagração— chegar “mais próximo da morte que de qualquer outra forma” não deixa de ser, enfim, uma experiência vertiginosa de morte.

Embora se faça a ressalva de que o sacrifício entre os fisiculturistas não se deva a um ato de devoção constitutiva, e estando relacionado a formas de objetificação que dizem respeito diretamente a uma lógica da mercadoria, poderíamos assumir a seguinte

proposição: *no fisiculturismo competitivo, um fato mágico, a beleza, só é instituído por meio de uma 'situação' de transcendência<sup>109</sup>: um sacrifício.*

No capítulo seguinte, o último dessa jornada, acompanharemos os bastidores e a realização de um campeonato, assim como o dia da pesagem que o precede. A intenção é apresentar, digamos, os 'conceitos em cena': relacionando os intrincados fios detalhados até aqui, a partir da exposição das circunstâncias que, naquele momento, as tornam possíveis.

---

<sup>109</sup> “O sacrifício implica, mais frequentemente, considerável perda material da utilidade profana e seus ganhos são obtidos por meio da transmutação de meras formas materiais em relacionamento com capacidades e poderes transcendentais superiores associados ao divino. Portanto, os benefícios podem ser tudo, menos materiais” (Miller, 2002, p. 102).

## **CAPÍTULO 5**

### **O SHOW**

#### **1. O DIA DA PESAGEM**

A pesagem estava marcada para o dia 14 de junho de 2014, numa academia em um bairro próximo do centro da cidade. Naquela ocasião, todos aqueles que desejavam competir no Campeonato Estadual, no dia seguinte, deveriam estar presentes para formalizar as inscrições nas categorias.

Era uma academia relativamente grande, de dois andares, mas apenas a sala de ginástica do térreo foi reservada para que a federação pudesse realizar suas atividades. O dono da academia, muito amigo de um dos membros do comitê de organização do campeonato, entusiasta da musculação e admirador de competições, ofereceu gratuitamente o seu estabelecimento diante das poucas verbas disponíveis pela federação.

A entrada na academia era regulada por uma guarita, assim, ao sermos recepcionados por uma atendente, recebíamos uma senha, caso fôssemos competidores, ou um pequeno crachá que informava se fazíamos parte da “equipe técnica” do competidor ou da “organização” do evento.

A sala de ginástica, no entanto, não era proporcional à quantidade de pessoas que se apertava no recinto. E fazia muito calor naquela tarde, em especial lá, na sala mal ventilada, sem janela, ventilador ou aparelhos de ar condicionado. As únicas saídas de ar ficavam por conta de duas portas, situadas na parede à esquerda, uma delas próxima a entrada principal da academia e a outra, ao fundo, contígua a sala de musculação. As pessoas se aglomeravam nos interstícios de ambas as entradas, talvez como forma de atenuar as gotas de suor que brotavam profusamente, após cinco minutos no local. Não havia cadeiras. Os assentos eram improvisados com bolas, andares de *step*, camas elásticas e tapetes de ginásticas, que haviam sido displicentemente encostados nos cantos das paredes e agora se arranjavam desordeiramente pelo meio da sala, na medida em que seus antigos ocupantes os deixavam.

Uma mesa com quatro cadeiras estava disposta em um dos extremos da sala, o outro polo era ocupado por cinco esteiras posicionadas defronte a uma parede de vidro, que transparecia a guarita e entrada principal da academia. A mesa era retangular e preenchia dois quartos da largura da sala, três de suas quatro cadeiras estavam ocupadas: uma por Flávia, que organizava as inscrições, uma por mim, que ajudava na entrega dos CDs e a ficha com a numeração dos competidores, e a outra por Carlos, um dos jurados da competição, encarregado de formalizar e organizar as categorias pretendidas pelos candidatos. No canto direito da mesa, havia uma balança mecânica antropométrica, ao lado de uma pequena mesinha onde se encontrava uma fita métrica e um bolo de papéis, já amassados e bastantes gastos pelo constante manuseio, no qual constava o regulamento da federação e a descrição das categorias. No canto esquerdo foi improvisado um pequeno vestiário, com auxílio de dois canos pendurados na parede e uma longa cortina cinza, que se arrastava pelo chão.

Todo o procedimento estava marcado para 14:00h, mas só teve início às 15:25h. A paciência começara a se desgastar entre aqueles que aguardavam. Por todo canto, pequenos grupos eram formados. Desde velhos conhecidos que se cumprimentavam; de membros de *team* reunidos e que estavam facilmente identificados pelas camisas grafadas com o nome da equipe; até os frequentadores corriqueiros da academia que, àquela hora, ao invés de se dedicarem aos seus exercícios, aproveitavam, curiosos, para espiar o movimento. Para técnicos e competidores, especificamente, a demora gerava um desgaste, mas também preocupações técnicas. Muitos competidores estavam em processo de *carbo zero* e precisavam poupar energias. Ademais, o excesso de calor poderia atrapalhar a diurese programada e interferir na definição, dentre outros contratempos que a espera prolongada no local poderia causar. Era o último dia antes da competição. A máxima vigilância e prudência seriam necessárias para levar a cabo as estratégias planejadas. Não por acaso, fiéis à disciplina, a todo o momento aqui e ali havia homens e mulheres devorando suas marmitas, cumprindo rigidamente seus horários de alimentação.

Quando começaram a ser chamados, pela ordem de chegada, uma enorme balbúrdia se instalou ao redor da mesa principal. Carlos tentava explicar calmamente para os mais afoitos sobre a forma como se daria todo o processo. Primeiro, os competidores chamados pelo número da senha seriam convidados à mesa para indicar a categoria desejada, realizar o pagamento da inscrição, caso não tivesse realizado anteriormente, receber a numeração da apresentação e, no caso de algumas categorias,

entregar o cd com a música necessária para a apresentação individual; depois, deveriam ir para trás da cortina para trocar a roupa por uma sunga ou biquíni; e, por último, seguir para a mesinha próxima a fim para as aferições.

Não demorou muito para perceberem que esse método não iria funcionar. Uns atribuíam a morosidade devido a insistência dos organizadores em chamar pela ordem de chegada, e não por categoria. Outros achavam que se o pagamento fosse realizado em um local separado, talvez num outro espaço da academia, tornaria o processo mais ágil. O fato é que os ânimos estavam exaltados e o perímetro da mesa principal era uma grande confusão. No final das contas, os que chegassem primeiro à mesa principal levavam vantagem na realização da inscrição, assim como em todas as etapas pertinentes à pesagem<sup>110</sup>.

O vestiário improvisado há muito estava esquecido, tenho minhas dúvidas se sequer fora lembrado. Os competidores trocavam de roupa sem constrangimentos. Os homens tiravam a blusas, calças, sapatos em qualquer lugar da sala e, já de sunga, circulavam pelo local enquanto aguardavam o encaminhamento das coisas; as mulheres, por sua vez, para aquelas que não se precaveram com o biquíni por debaixo das roupas, improvisavam ‘cabaninhas’ para trocar calcinha e sutiã pelo biquíni de duas peças.

Não podemos nos esquecer de que, ali, era o primeiro momento de conhecer os oponentes e ser conhecido. E eles se mediam o tempo inteiro. Por vezes, velhos conhecidos que iriam competir, sempre homens, se juntavam em duplas ou mesmo grupos pelos cantos para tocar os bíceps e tríceps um dos outros, conferindo o tamanho dos “muques”, analisando as “trincas” do abdômen, as “lascas” das pernas, comparando não só uns aos outros, mas observando sobre as mudanças na evolução em relação aos campeonatos anteriores ou em um estágio diferente daquela mesma preparação, como o início do *off*, por exemplo. Isso quando não, sozinhos, se portavam na frente do enorme

---

<sup>110</sup> Em janeiro de 2015, a IFBB Brasil padronizou as pesagens a fim de seguir com as convenções da federação internacional, assim, “a pesagem será realizada por categorias e não por ordem aleatória de chegada. Não será permitido senhas para os atletas, exceções por qualquer motivo, atletas sem vestimenta adequada e vistorias isoladas. Todo atleta deverá estar presente no início da Pesagem. A Pesagem iniciará no horário, sendo permitida uma tolerância de 15 minutos de atraso por parte da Federação. A primeira e segunda categoria deverá estar posicionada em fila, um atleta atrás do outro, trajados com a vestimenta oficial de competição, e em mãos a sua carteira de identidade (RG) e as fichas de inscrição e autorização de uso de imagem preenchidas adequadamente”, [www.ifbbbrasil.com.br/regulamento](http://www.ifbbbrasil.com.br/regulamento), acesso em outubro de 2015.

espelho, localizado de ponta a ponta na parede direita, para se (auto)avaliarem. As mulheres estavam, em geral, mais contidas. Mesmo que trocassem de roupa rapidamente e sem melindres, evitavam circular pelo local apenas com as duas peças, se resguardando com roupões de banho ou trocando de roupa apenas quando solicitadas à mesa. Se havia alguma dúvida quanto ao ambiente ser majoritariamente masculino, a quantidade de homens servia como um bom atestado. Havia muitos homens no local: muitos competidores, muitos técnicos, muitos curiosos e, fora uma única mulher, Flávia, presente na organização, todos os organizadores também eram homens.

Quando solicitados à mesa, os iniciantes eram facilmente reconhecidos. Particularmente aqueles que não tinham técnicos. Além do visível acanhamento, na maioria das vezes, tinham dúvidas sobre qual categoria deveriam concorrer. Geralmente pediam algum direcionamento para um dos organizadores. Dentre muitas situações nesse quesito, uma chamou-me atenção.

O competidor “15” se apresentou à mesa com uma série de questões. Protestou sobre o valor da inscrição e da filiação, pois, juntas, somavam R\$410,00, que deveriam ser pagos somente em dinheiro. Na verdade, se mostrou muito apreensivo pelo montante que deveria desembolsar sem ter certeza da categoria que lhe garantiria alguma classificação ou, de preferência, a vitória. Assim, começou a inquirir Flávia sobre qual seria a mais condizente com o seu perfil corporal. Enquanto falava, já vestido com a sunga, dava voltas sobre si mesmo, fazendo poses, alisando o corpo, visivelmente orgulhoso do seu *shape*. Observou que seu corpo era “clássico”, mas Flávia respondeu-lhe que aparentemente ele se daria melhor no *men's physique*, conquanto isso não significasse chances de vitória. Não satisfeito, ele começou a apontar para outros competidores que estavam próximos, bisbilhotando sobre qual categoria haviam se inscrito, sem deixar de comparar o seu próprio corpo aos demais. Impaciente, Flávia o encaminhou para André, Márcio e Joaquim, que juntos comandavam as pesagens, manuseavam a balança, a fita métrica, e confirmavam as categorias solicitadas pelos competidores para a mesa principal. André, ainda menos tolerante, explicou que era uma competição, assim, ele já deveria saber sobre sua própria categoria e, sem prestar muita atenção, empurrou displicentemente o regulamento que jazia em cima da mesinha. Sem ler, ou dar qualquer atenção às folhas, retornou para Flávia e perguntou se ele não estaria muito “grande” para ser um *physique*. Agora, sem olhá-lo, encarregada de outras inscrições, Flávia indagou se ele sabia que seu corpo poderia mudar “de hoje para amanhã” e, dessa forma, haveria chances para ele “em subir como



*physique*”. Como não obteve resposta— o “15” estava deveras absorto, acompanhando o movimento dos outros que esperavam ao redor da balança para a pesagem— e a fim de se livrar de uma vez do competidor inconveniente, ela apenas o mandou procurar informações na internet sobre métodos pré-campeonatos e se “esforçar” durante a madrugada. O competidor, por fim, se encaminhou cheio de si para a fila da pesagem, após se inscrever na categoria que desde o início pretendia, *fisiculturismo clássico*, depois de checar que, até aquele momento, só haviam três inscritos para sua altura; ao contrário dos quatorzes que já constavam na lista do *men’s physique*.

As circunstâncias de interação dos competidores acompanhados pelos técnicos, por outro lado, eram bem distintas. A primeira coisa a ser observada é o fato dos técnicos serem recepcionados com mais cordialidade, caso fossem filiados à IFBB e, ainda mais, quando faziam parte direta ou indiretamente das equipes daqueles que conduziam as etapas da pesagem. Os técnicos geralmente se aproximavam acompanhados de seus competidores e, caso estes fossem desconhecidos entre os demais, eram apresentados em relação à categoria a ser concorrida como “essa aqui é minha *bikini*” ou “meu *physique*”. Entre competidores velhos conhecidos, o afeto era igualmente explícito: muitos deles já foram, ou são, companheiros de equipe, parentes ou amigos. As ‘famílias *bodybuilding*’ estavam predominantes e facilmente reconhecidas. Não obstante, concorriam entre si.

Márcio e Joaquim, por exemplo, eram técnicos-fisiculturistas de alguns competidores que subiam em algumas horas no palco e, mesmo que não fizessem parte do corpo de arbitragem, participaram ativamente, inclusive financeiramente, através de suas marcas de academia ou lojas de suplemento, na organização do evento e davam suporte nas pesagens daquele dia. São situações arroladas, obviamente, aos efeitos de um esporte que ainda não atingiu as benesses da profissionalização, portanto, não dispõe minimamente de fundos próprios para custear suas competições, sobretudo, nos níveis estaduais. Uma padronização através de, especificamente, formação de corpos técnicos e quadros fixos de funcionários poderia garantir, de modo mais eficiente, a idoneidade de todo o processo nas competições. Caso contrário, é impossível conter e não sustentar as acusações de favorecimento que pairavam entre os membros que compunham a organização, manifestadas nas reações da plateia durante as disputas ou repercutidas em redes sociais, após o evento.

Os técnicos de outras federações, ou técnicos da IFBB que aparentemente não tinham tanta afinidade com o comitê organizador, não eram recebidos tão calorosamente

quanto os demais, mas de maneira formal, educada e com certa frieza. Ao contrário dos elogios rasgados que os outros e seus pupilos recebiam, com abraços fraternos, avaliações positivas sobre o “*shape*”, comentários sobre as chances de vitória no dia seguinte, etc. Houve situações em que a hostilidade mal se disfarçava. Caso de técnicos que evitavam se aproximar da mesa ou da balança e observavam de longe os membros de suas equipes realizarem as etapas. Ou quando a mesma animosidade se fazia entrever entre competidores distantes dos ‘círculos familiares’ dos organizadores; que rendiam, por vezes, comentários indiscretos como “sinto cheiro de drogas”, proferido por um membro da equipe de Joaquim, após a saída de uma competidora de um *team* rival, numa clara tentativa de desqualificá-la em referência ao seu formato anatômico supostamente estar fora do padrão da federação.

O ideal seria que cada *team* inscrevesse pelo menos um competidor para cada categoria, a fim de aumentar as chances de sucesso para o técnico em específico. Se bem que, ao mesmo tempo, poderia ser uma aposta arriscada, posto que a imagem do técnico pudesse ser comprometida caso nenhum de seus pupilos obtivessem boas classificações. A presença do técnico, desse modo, é muito importante no dia da pesagem dada possibilidade de examinar atentamente os trabalhos de seus concorrentes, expostos nos corpos dos competidores adversários, comparando-os, e talvez, em função disso, mudar uma coisa ou outra nas estratégias formuladas para os seus nos últimos momentos antes da competição. A ocasião também é bastante propícia para os técnicos observarem o peso que a dimensão subjetiva terá no julgamento, pois a aproximação pessoal ou não com os jurados, por exemplo, é um fator a ser elevado em consideração nas expectativas de vitória. Nesse sentido, o comparecimento dos técnicos não pode ser lido apenas como um momento de confraternização entre velhos companheiros, especulação dos adversários ou para se certificarem sobre os andamentos das inscrições e pesagens, mas para demarcar territórios, fazer-se reconhecer entre aqueles que capitanearão a conjuntura da competição. Assim, não é à toa que os iniciantes sejam apresentados por técnicos próximos à rede organizadora como parte englobada– “minha *bikini*”, “meu *physique*”.

Para muitas competidoras o momento da inscrição/pesagem significava também a oportunidade ideal para tirar dúvidas quanto o vestuário adequado. Cientes da importância do modelo do biquíni, dos sapatos, maquiagem e do uso de acessórios, requisitavam a única mulher presente na direção em busca de mais informações. A federação indica o uso de biquínis de duas peças, confeccionado com material e cor a

critério das próprias concorrentes. Entretanto, biquínis feitos de tecido sem lycra, bordados com discretas pedrarias ou adereços brilhantes são sempre os mais recomendáveis. O tamanho do biquíni e o modelo dos sapatos talvez fossem as maiores preocupações por parte da IFBB-Ba, para garantir a padronização e evitar moldes considerados “vulgares” ou de “mau gosto”. O formato da parte debaixo do biquíni deveria ser triangular e cobrir, no mínimo, metade dos glúteos, assim como toda parte frontal, com as linhas das laterais finas, de aproximadamente dois centímetros; a parte superior tinha poucas restrições, senão a de ser “atraente” e não prejudicar a visibilidade anatômica dos membros superiores.

Competidoras experientes e com mais recursos, geralmente, encomendavam seus biquínis em São Paulo ou no Rio de Janeiro, numa marca especializada em indumentárias exclusivas para campeonatos de fisiculturismo, a fim de evitar algumas decepções e contratemplos nos julgamentos. As encomendas, em média, poderiam custar entre 450 e 1500 reais. Havia caso também de atletas membros de um mesmo *team* emprestarem ou doarem seus próprios biquínis, sobretudo se não fossem competir, para colegas que não pudessem adquirir um modelo a contento. Os sapatos, por sua vez, não poderiam ser de saltos plataformas, mas “finos” e “clássicos”, entre doze e quinze centímetros e, de preferência, transparentes ou nas cores prata ou preta. Flávia costumava deixar claro que a escolha dependia muito da “personalidade” e do “bom gosto” da competidora, mas que tudo deveria estar impecável: desde as unhas, grandes, pintadas e bem feitas, aos braceletes e tornozeleiras escolhidos, até a exibição “de bom tom” de tatuagens, caso houvesse. Além do que, para algumas, a escolha dependeria igualmente das estratégias de beleza formuladas, tanto pelos técnicos, quanto pela própria competidora para apresentarem o “pacote total” aos jurados.

Assim, seguir ou não o regulamento ficava a mercê das atletas, sujeitas à avaliação dos jurados. O desconhecimento quanto às especificações de suas próprias categorias também as colocava sob o risco de desclassificação. É o caso da proporção dos adornos aceitáveis em cada uma das categorias. Por exemplo, para as *physiques* são permitidos apenas anéis de compromisso, tais como, os de casamento ou noivado. Os brincos devem ser pequenos e discretos. Sob a justificativa de um julgamento mais direcionado ao volume muscular, o uso de sapato de qualquer tipo também é vetado.

As dúvidas masculinas se concentravam, sobremaneira, na tinta corporal obrigatória, vendida no local pela bagatela de R\$130,00, pagos na hora. Um custo a mais para quem deixa para adquirir na última hora. Nesse caso, as questões sobre o

modo correto de aplicá-la ou concernentes às características das sungas (ou os shorts no caso do *men's physique*) eram concentradas em torno dos homens a frente da organização, como Carlos ou André. Eles, por conseguinte, costumavam sugerir que o importante é ter um “diferencial”, algo marcante que chamasse atenção dos juízes e enfatizasse o “tônus muscular”. De tal modo, a cor e o tamanho da sunga, em geral, com cortes bem pequenos para que pudesse favorecer a visibilidade da definição e volume muscular, além do corte de cabelo e pinturas corporais uniformes, sem manchas ou resíduos aparentes na sunga, poderiam garantir boas classificações.

Somente os homens participam das aferições na balança, com exceção dos *men's physiques*, subdivididos exclusivamente pela altura. Às mulheres bastava a inscrição nas categorias e as medidas de altura, caso houvesse necessidade de subdividir cada categoria em função da quantidade de inscritas— motivo pelo qual o comitê de organização exigia o uso de biquínis para a aferição.

No *fisiculturismo clássico*, o peso máximo permitido variava de acordo com a altura, calculado através da fórmula  $(\text{Altura } <\text{cm}> - 100) + (\text{numeral atribuído a cada altura em particular})$ . O numeral para “até e incluindo 171 cm” corresponde ao 1; “até e incluindo 175” cm ao 2; “até e incluindo 180” cm ao 3; “até e incluindo 190cm” ao 4; “até e incluindo 198cm” ao 4,5 e “acima de 198cm” o 5 seria o numeral equivalente. Por exemplo, dada à equação  $171-100+1$  obteríamos o peso máximo, 72 kg, válido para a disputa na categoria fisiculturismo clássico até e incluindo 171cm e assim sucessivamente. A sequência por altura, como em qualquer outra categoria, estaria sujeita à demanda de competidores inscritos— podendo ser unificada no caso de poucos competidores, ou ‘disputadas’ por um único competidor por subcategoria, se a disparidade fosse muito grande e tornasse impossível a integração, como aconteceu com um competidor, que estava acima de 198 cm, logo, muito distante da média de altura dos demais participantes. A única categoria em que a altura não tinha qualquer validade era o *culturismo* ou *fisiculturismo masculino*, cuja acuidade se relacionava tão-somente ao peso do competidor abrangendo “até e incluindo 65 Kg”, “até e incluindo 70 Kg”, “até e incluindo 75 Kg”, “até e incluindo 80 Kg”, “até e incluindo 85 Kg”, “até e incluindo 90 Kg”, “até e incluindo 100 kg” e “acima de 100 kg”, também sujeitas a serem unificadas.

O cálculo definidor do peso correspondente para cada categoria era fixo, utilizado pela IFBB há algum tempo e, portanto, conhecido pela maioria dos competidores e técnicos presentes. Muitos deles, cientes das regras e com muita

parcimônia, já haviam começado a adaptar o corpo horas antes da pesagem para cumprir o peso exigido, com o auxílio de laxantes, diuréticos, cárdios e outras estratégias que visassem à perda de peso. Em outros casos, porém, havia a necessidade de uma ingestão maior de proteínas ou, até mesmo, alguns tipos de carboidratos que aumentassem o peso, quando numa dessemelhança muito grande entre o peso estipulado e o peso do competidor. Naquele momento, porém, o corpo estava mais propício a ganhar peso que perder. Assim, cada grama a ser perdido significava uma dificuldade maior e mais complexa para os competidores que estavam acima do peso permitido, pois, mesmo engajados em um processo de perda anterior, tinham dificuldade com a balança.

Os competidores do “clássico” e do “culturismo” somente estariam aptos enquanto tais quando atingissem o peso, até lá, teriam que fazer o que fosse preciso a fim de atingi-lo. Foram alguns casos naquele dia, dentre eles, presenciei o afã do competidor de número “27”, que havia chegado cedo à pesagem, concorria pelo *fisiculturismo clássico sênior*<sup>111</sup> “incluindo ou até 171 cm” e subia na balança pela segunda vez. Da primeira, bateu 75,6 kg, seguiu para a esteira e lá ficou por aproximadamente uma hora correndo desesperadamente. Quando retornou, com ainda mais ansiedade, atingiu 74,3 kg, no que foi orientado pelo técnico a fazer “uma sauna”. Saiu então da academia e durante quarenta e cinco minutos ficou trancado dentro de seu carro, coberto por várias camadas de blusas e calças, com vidros fechados, regulando o sistema de aquecimento do ar condicionado. Regressou, correu mais 40 minutos na esteira com o mesmo afinco de antes e subiu na balança pela terceira vez. Infelizmente, faltavam ainda 1 kg e 600 gramas a serem perdidos para atingir o padrão. Aflitos, ele e o técnico cochichavam entre si e, após muitas conversas com os organizadores sobre a possibilidade de deixá-lo passar, saíram do local por quase duas horas. Ao retornarem, praticamente no fim da pesagem, se dirigiram pela quarta vez para a balança. Dessa vez, visivelmente abatido e bastante pálido, o “27” marcou 71,8 kg e foi considerado apto para sua categoria para o regozijo dos demais que lhe davam tapinhas nas costas, abraços e saudações que variavam de “guerreiro”, “vencedor”, “gigante”, “monstrão”, “putão”, “brocador” a “abençoado”.

---

<sup>111</sup> Sênior é uma das subdivisões do clássico, geralmente disputados por atletas mais novos (entre 18 e 23 anos), desse modo teríamos três subcategorias principais no clássico: sênior, máster ( para homens com mais de 40 anos) e o ‘clássico’ para os demais, cada uma delas sujeitas a demanda dos inscritos e a separação por altura.

Apenas no dia seguinte, na manhã do campeonato, soube através do técnico qual foi o artifício utilizado para que, nos momentos finais, seu pupilo atingisse o peso necessário. Antes de revelá-lo, ele enalteceu os muitos riscos que seu competidor se dispôs pela disputa do pódio, ao comprometer estratégias formuladas há meses com a finalidade de bater o peso. Argumentou que tais circunstâncias faziam parte do show e, apesar das medidas extremas ao longo da preparação, medidas estas que não quis detalhar, estava confiante no trabalho que ambos haviam feito. Bastante esquivo em responder qual teria sido a cartada final para a balança, no fim de nossa conversa, olhou atentamente para mim, e limitou-se ao gesto do dedo indicador em direção à boca meio entreaberta, sugerindo os vômitos induzidos que, provavelmente, o candidato “27” se submeteu no fim daquela tarde. Ao assistir a compreensão do ocorrido se desenhando em minha face, sorriu e seguiu andando para seus afazeres, não sem antes me alertar “isso não é nada, aqui vale tudo, vale tudo!”.

Às 19:45h as atividades daquele dia cessaram. As listas dos inscritos para cada categoria estavam preenchidas e digitadas, os CDs com as músicas das apresentações individuais devidamente organizados. Fazíamos apenas as últimas checagens nas numerações dos atletas. Não havia mais nenhum técnico ou competidor na sala de ginástica que, àquela hora, se preparava para receber os alunos da aula de alongamento, às 20:10h. Na medida em que formalizavam as inscrições e/ou se submetiam às aferições, os concorrentes deixavam rapidamente o local para a longa vigília que antecedia o dia do campeonato. Em algum lugar perto ou distante dali, equipes estavam reunidas para observar as mudanças corporais uns dos outros decorrentes do corte de água, uso de laxantes e/ou diuréticos, dos vômitos ou *carbo up* de seus membros. Os que retornavam sozinhos para suas casas buscavam cumprir todo o planejamento do técnico, e enviavam de hora em hora fotos do próprio corpo para a avaliação do orientador; caso contrário, não desgrudavam da frente do espelho procurando, eles mesmos, falhas e maneiras de corrigir e lapidar aquele *shape*.

Se nove pedaços de pizza foram suficientes para inchar, não haveria necessidade de ingerir os restantes das fatias; se a pele ainda colava ou se continuava a fazer xixi, significava que o corpo ainda estava hidratado e necessitava de mais diuréticos; se sobrava uma dobrinha, mesmo que muito discreta no abdômen, talvez alguns laxantes ou vômitos induzidos conseguissem resolver o estorvo. Era o olho, derradeiro e simples, o horizonte dos moldes, do *corpo-para-o-palco*.

## 2. A COMPETIÇÃO

Como combinado, às 07:30h da manhã, eu estava em frente ao Centro de Convenções da cidade. O evento seria realizado no teatro do local, um dos maiores de Salvador, com capacidade para cerca de 1200 pessoas. André já estava a nossa espera, eu e mais dois voluntários. Não sabíamos exatamente o quê, tampouco, como faríamos, bastava saber que deveríamos estar disponíveis para o que viesse. Quando entramos no teatro, cerca de uma hora depois, lá estavam os membros da produtora contratada para organização e alguns representantes de marcas de suplementos que, àquela hora, arranjavam os espaços expositivos para venda de seus produtos e se encarregavam de espalhar cartazes publicitários no anfiteatro e no alambrado do palco. As bilheteiras do teatro não foram utilizadas e, assim, dois guichês haviam sido montados pela produtora, na entrada: um para a compra de ingressos; outro para a entrega das pulseiras de acesso. Um enorme cartaz dava as boas vindas ao público presente no Campeonato Baiano de Fisiculturismo e Fitness de 2014, primeira etapa, portanto, do 45º Campeonato Brasileiro daquele mesmo ano.

As competições teriam início às 14:00h, até lá, recebemos os carregamentos com os troféus e as medalhas a serem entregues aos vencedores e participantes. Também recebemos os brindes que seriam sorteados para a plateia, durante o evento. Numa mesa, na lateral direita do palco, aparelhamos os troféus— bronze, prata, ouro— femininos, de um lado, e masculinos, do outro. No total, se apresentariam dezesseis categorias e, enquanto os outros dois ajudavam na montagem dos stands publicitários, minha função naquele momento era a de conferir o número correspondente de troféus, medalhas e competidores. Onze troféus seriam distribuídos para os primeiros, segundos e terceiros lugares nas categorias femininas. Dezenove medalhas no total seriam entregues a cada uma das concorrentes, incluindo as vencedoras, apenas pela participação. No masculino, para os vencedores, seriam entregues vinte e oito troféus. As medalhas de participação somavam sessenta e quatro.

Além disso, uma importante marca de suplementos presentearia os quatro primeiro lugares com as mais variadas suplementações, variáveis também nas quantidades. O primeiro lugar de cada categoria levaria de bônus uma sacola, com quatro pesados potes de suplementos proteicos e termogênicos, decrescendo em abundância até o quarto lugar, que seria consolado com um solitário pote de 400 gramas de creatina. Esses agrados, por sua vez, foram arrumados na lateral esquerda do palco,

numa mesa tão grande quanto a dos troféus, forrada de ponta a ponta com um plástico estampado com a logomarca em questão.

Às 13:00h estava prevista a entrada do público. A partir do meio dia seria liberado o acesso dos competidores e seus respectivos técnicos, ao local. Muitos detalhes ainda precisavam ser resolvidos. Os microfones e as luzes foram testados. A mesa dos jurados, defronte ao palco, devidamente forrada com uma longa toalha preta. As duas primeiras fileiras de cada lado da plateia foram reservadas para ‘convidados’, em geral, familiares e amigos dos organizadores e patrocinadores. As súmulas de avaliação dos jurados foram impressas e checadas. As listas de inscritos foram igualmente impressas em cinco vias: uma para banca de jurados, uma para a produção que comandaria a entrada dos competidores no palco, uma para o DJ que conduziria as músicas do evento e as músicas selecionadas pelos candidatos para suas apresentações, outra para o apresentador e a última, como reserva, caso houvesse algum contratempo. André, a essa altura, bastante irrequieto, preocupava-se com outra importante questão, quem entregaria os prêmios aos vencedores? Uma vez que a apresentação do show ficasse por sua própria conta— para desespero de Flávia que, cochichando, recriminava o presidente pela atitude “pouco humilde” porque, na opinião dela, uma posição importante como essa necessitaria ser ocupada por um “apresentador profissional”, com boa dicção e capacidade de “gerenciar imprevisto”—, alguém teria que ocupar a função de, em suas palavras, “receptionar os atletas e o público”.

Os requisitos desejados consistiam em ser “mulher”, “bonita” e, claro, nos padrões da IFBB. Flávia havia declinado, preferindo examinar e organizar os competidores nos bastidores do palco, e as únicas mulheres que haviam sobrado no local, éramos eu e uma das funcionárias da produtora, visivelmente desengajadas com a disciplina e fora dos padrões corporais da federação... Para desespero de André. Enquanto os demais organizadores pouco se preocupavam com esta questão, ele fazia várias ligações, perguntado a um e a outro se conheciam alguma *hostess* apropriada, até que decidiu convidar alguma mulher, a contento, entre o público que estaria presente no evento para assumir a função. Mas, para seu regozijo, já no final da manhã, um patrocinador apareceu com uma de suas funcionárias, também atleta da categoria *wellness*, que por sorte não concorreria naquele evento, considerada, pois, adequada para o posto.

O público começava a chegar. Passava das 13:15h e outros pormenores ainda estavam sendo organizados. André pedia para os seguranças, contratados pela



federação, organizarem o público e avisá-los de atraso no acesso ao espaço do evento, por, pelo menos, quarenta e cinco minutos. Muitos competidores se concentravam nas coxias do palco, alguns técnicos, inclusive, levaram halteres para que seus pupilos fizessem aquecimento muscular antes da apresentação. Os exercícios com halteres, naquele momento, serviam para dar o “rebote” no músculo, ajudando-o a ficar mais saliente, estratégia essa associada ao *carbo up*, ainda executado por alguns rivais, que ingeriam pequenas porções de batatas fritas e hamburgers no local. Já outros, alongavam o corpo, faziam exercícios abdominais ou preferiam adiantar as pinturas corporais cuidadosamente realizadas pelos técnicos ou outros membros de equipe.

Havia poucas competidoras nos bastidores àquela hora. Algumas delas tinham chegado ao evento, mas preferiram ocupar os banheiros, na frente do espelho, encarregadas da maquiagem, ao contrário de outras que adiantaram a produção antes de adentrarem nas dependências do teatro e, agora, aguardavam sentadas nos assentos do público ou circulavam de roupão e/ou bobs nos cabelos. Os três jurados, a postos, conferiam o número de inscrições, as súmulas e cumprimentavam velhos conhecidos por ali. A banca seria presidida por um diretor de arbitragem estadual, definido pela IFBB-Brasil, e alocado na IFBB de Minas Gerais, e composta por uma jurada, que fez bastante sucesso em competições de culturismo no final dos anos 80 e começo dos anos 90 e por outro jurado, que também compunha a diretoria responsável pela IFBB-Ba. Além deles, dois estatísticos estariam presentes na mesa do júri a fim de computar as pontuações atribuídas pelos jurados a cada competidor.

Às 14:20h as portas foram finalmente abertas para o público. Os competidores e competidoras foram convocados a aguardar suas participações na parte interna ao palco. Esperamos mais alguns minutos e, por volta das 15:00h, André, devidamente aprumado no púlpito, anunciava o início do show.

Na preleção de boas vindas, o apresentador agradeceu aos presentes pelo comparecimento a mais um campeonato de fisiculturismo, em Salvador. Elogiou a parceria dos patrocinadores que se dispuseram a apoiar o evento, bem como aos competidores que, naquele ano, ajudaram a bater o recorde de inscrições, em comparação a campeonatos precedentes, organizados sob o comando da federação baiana. Lembrou que, a cada ano, a IFBB-Ba preparava novos e mais aptos atletas para competições nacionais e internacionais e que, em seu quadro de campeões, constava uma atleta profissional, patrocinada por grandes marcas e orientada por um dos melhores técnicos do país.

Enquanto falava, os assentos do teatro eram ocupados pelos espectadores, majoritariamente, compostos pelos familiares e amigos dos competidores e técnicos que concorreriam nas categorias, além dos admiradores do esporte. Assim, a diversidade do público variava tanto na faixa etária ou no gênero, quanto nos interesses— muitas mães, pais, irmãos, irmãs, primos, filhos, avós, amigos e conhecidos, se encontravam ali primordialmente para torcer e prestigiar os seus; os amantes da prática, por outro lado, tinham preocupações mais específicas como examinar os futuros concorrentes e/ou observar a vitrine de corpos que seria exibida na ocasião. Uma aglomeração de fotógrafos já se posicionava próxima ao palco; eram fotógrafos profissionais contratados pelos próprios competidores, patrocinadores, pela federação ou, eventualmente, algum curioso ou parente/amigo/conhecido dos competidores que, devidamente amparados por suas câmeras semi-profissionais ou celulares, não perderiam a oportunidade de registrar satisfatoriamente os melhores ângulos das apresentações.

Não ficou claro para mim se a ordem das apresentações seguia algum critério em específico, senão o de uma progressão que deveria culminar nas apresentações do *overall*, após a exibição da categoria *culturismo masculino*. Os concorrentes foram avisados no dia anterior sobre a ordem das apresentações, entretanto, ao longo do show, houve algumas alterações, para desespero dos técnicos e dos competidores.

Uma linha com cerca de dois metros, feita com fita adesiva amarela, foi fixada no chão, mais ou menos no meio do tablado, próximo o suficiente do campo de visão na mesa do júri. Na extensão do palco predominavam luzes de matizes amarelados, responsáveis, principalmente, por iluminar um enorme cartaz, o mesmo da entrada do teatro, com os dizeres “Campeonato Baiano de Fisiculturismo e Fitness, IFBB-BA...”, que preenchia e adornava, em altura e largura, a dimensão do plano de fundo. Ao passo que, na região da linha amarela, holofotes brancos e vermelhos estavam estrategicamente posicionados. O presidente do júri ocupava a cadeira central da mesa, seria ele o responsável por requisitar e direcionar a *rotina de poses*. Do seu lado esquerdo se encontrava a jurada e, do lado direito, o outro jurado. Os estatísticos se situavam mais à direita, contíguos à mesa onde eu me localizava— após o veredito dos árbitros para cada categoria, minha função seria digitar, imprimir e entregar o resultado para o apresentador que, por sua vez, conduziria as premiações.

A primeira categoria apresentada foi a do *fisiculturismo clássico*, subcategoria sênior, até e incluindo 171 cm. O presidente do júri chamou os concorrentes. Entraram



No movimento seguinte, *expansão de dosais de frente*, de frente para os juízes, os competidores afastaram e alinharam as duas pernas, formando um ângulo de 60°. Os punhos serrados agora eram apertados com força nas laterais da cintura e os músculos contraídos com ainda mais pujança. Os jurados orientavam a todo o momento os competidores, pedindo para se afastarem um dos outros, mantendo um distanciamento seguro entre si a fim de não prejudicar a avaliação, ou para respeitarem o perímetro estabelecido da linha amarela e, até mesmo, aconselhando os competidores a não introduzirem um dos lados da sunga nas nádegas, correndo o risco de desclassificação. Os jurados entendiam que manipular o traje, no momento da apresentação, com a intenção de deixar mais visível qualquer grupo muscular, no caso, a região dos glúteos, consistia em trapaça.

A *peito de lado* foi sinalizada logo na sequência. “Chiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii, chiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii...”, os competidores se posicionaram de lados variados, ficando a critério se do lado esquerdo ou direito, para exibir o ângulo do braço que lhe fosse mais favorável. Se o lado escolhido foi o esquerdo, o punho esquerdo permanecia fechado, apoiado pela mão direita aberta na frente do corpo e vice-versa. Pela primeira vez até ali, as pernas mudaram de posição. A partir do lado exposto aos juízes, uma das pernas fez-se levemente inclinada; os pés, por sua vez, ao invés de localizados fixos e inteiramente no chão, seguiram os movimentos das pernas. O pé correspondente à perna inclinada foi flexionado, quase “na ponta”, enquanto o outro permaneceu fixo no chão, sempre seguindo um alinhamento e paralelos entre si. Enquanto as pernas e pés permaneciam nessa posição, a cintura girou quase 180° fazendo com que a região do peitoral ficasse mais exposta aos jurados.

Realmente não me parecia uma coisa muito simples ou fácil de fazer, tanto é que os movimentos das poses, embora realizados com o mesmo feitio, eram executados de maneira visivelmente distinta entre os competidores. Alguns tinham melhor habilidade, por exemplo, para girar a cintura e expor os membros superiores, que os outros. E isso não significava necessariamente uma vantagem. Uma vez que os jurados, portanto, especialistas no exame das execuções, observavam o que comumente é conhecido como “desenvolvimento”, relacionado a todos os grupos musculares, quando na demonstração e progressão de cada pose. E, nesse sentido, era relativamente aceitável que um competidor fosse mais hábil no *peito de lado* que na *expansão das dorsais*. Talvez este detalhe pudesse definir o vencedor, num eventual desempate, mas o imperativo seria uma boa média de execução em todas as poses.

Na *duplo bíceps de costas*, os competidores ficaram de costas, novamente com uma das pernas e o pé correspondente flexionados, com os ombros e braços alinhados e os dois punhos fechados, de forma semelhante ao *duplo bíceps frontal*. No bíceps de costas, além da análise dos bíceps e antebraços, era a primeira vez que a contração das coxas e das panturrilhas seria avaliada no ângulo de trás. Ao se prepararem para a execução dessa pose em específico, notei que alguns dos candidatos batiam as pernas com bastante força e violência no chão, uma após outra, além de socarem, com igual intensidade, partes das coxas e da panturrilha. O objetivo desses gestos, conforme descobri mais tarde, era o de “soltar a musculatura” para facilitar a contração, esses trejeitos diastólicos, digamos assim, vinham acompanhados de algo ainda mais curioso.

O movimento de virar o corpo para se posicionar de costas foi feito quase como um pequeno pulo, diferente das pequenas caminhadas feitas na sequência dos quartos. Quando pousava no chão, com algum barulho, o corpo já estava “encaixado” na pose requerida— punhos, pés, ombros, pernas— e os “*chiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii...*” vinham acompanhados e alternados de outros sons: verdadeiros urros, meio ofegantes, como o de quem carrega um peso muito pesado ou passou por um desgaste físico muito intenso.

Ainda de costas, orientados pelo júri, executaram a *expansão de dorsais de costas*, cuja mudança principal em relação à anterior, era a de posicionar os punhos nas laterais da cintura, além de manter os cotovelos meio abertos, formando um ângulo de aproximadamente 45°. Se no *bíceps frontal*, por exemplo, a perna direita foi escolhida para a semi-flexão, contará pontos se o competidor escolher a perna oposta para a execução desse movimento, a fim de exibir satisfatoriamente os ângulos de ambas as panturrilhas. Ademais, os competidores se empenhavam em manter a região da dorsal bastante esticada, evidenciando toda sua extensão, pois quanto maior e mais lascados forem seus músculos nessa região, terão mais chances de pontuação nessa pose.

Novamente emitiram os mesmo sons e gestos peculiares na execução da antepenúltima pose compulsória, a *tríceps de lado*. Sempre perfilados, os atletas deveriam apresentar o “melhor lado” dos braços. Assim, com pernas e pés alinhados, com uma das pernas e pés flexionados, posicionados de lado, na direção da mesa de arbitragem, uniram as duas mãos nas costas, com os cotovelos afastados do corpo, e investiram na contração dos grupos musculares mais visíveis no campo de visão dos jurados. O movimento de flexionar moderadamente uma perna e pés, a propósito, visa concentrar o peso do corpo, aparentemente, para o lado dos membros semi-flexionados,

principalmente nas poses executadas de lado, favorecendo uma melhor exibição e, portanto, maior capacidade de contração do lado em questão.

As duas últimas poses compulsórias foram indicadas. Primeiro, assistimos a *abdominais e coxas*. Os competidores, alguns já suados pelo esforço e/ou pelo calor que fazia no local, sobretudo no palco e em suas adjacências, apresentavam sinais de desgaste físico. A tinta corporal, inclusive, misturava-se ao suor e começava a escorrer, manchando a sunga de alguns competidores. Se a tinta escorresse profusamente, a ponto de comprometer a uniformidade da cor da pele exibida, bem como manchar o traje utilizado, como presenciei na exibição de outras categorias masculinas, os concorrentes estariam sujeitos a perder pontos. A arbitragem poderia entender como uma falta de cuidado com a pintura, item de avaliação, devido à má qualidade da tinta ou a desleixo no momento da aplicação.

Ainda assim, se posicionaram de frente para a mesa, nivelaram as duas pernas e pés no chão, com uma das pernas levemente projetada mais à frente, e levaram os dois braços para trás do pescoço, forçando, com isso, a cabeça para frente. Nesta posição, parecia que o queixo quase tocava a parte central da clavícula. Em que pese o “quase”, porquanto um contato mais prolongado desse toque poderia provocar perda de pontos e prejudicar uma regra essencial, que deve ser observada durante as poses compulsórias: o competidor deve se manter durante a exposição olhando para frente.

A *mais musculoso*, enfim, foi solicitada. Etapa derradeira para a exibição entre os rivais. Os quatro competidores, mais uma vez de frente para os jurados, tiveram a missão de contrair todos os músculos corporais, com igual intensidade ao mesmo tempo. Para tanto, mantiveram distância entre as duas pernas, devidamente alinhadas em paralelos, assim como os pés inteiramente no chão, e curvaram ligeiramente os ombros para a frente, com os punhos cerrados na frente, afastados do corpo, pairando na altura do umbigo, junto aos cotovelos angulados. O esforço era tanto que as veias do pescoço ficaram ainda mais salientes, tão marcadas quanto os músculos das regiões superiores e inferiores, especialmente nas áreas do trapézio e abdômen. Os urros, chiados e demais sonidos, quase guturais, atingiram níveis elevados de intensidade e altura, do mesmo modo, a cinesia rígida dos maxilares chegava a tal ponto de produzir verdadeiros esgares, tamanha a tensão em suas faces.

Era uma cena, antes de tudo, impressionante— somada as luzes que incidiam sobre os corpos, seja dos holofotes direcionados ao perímetro da linha amarela que

ocupavam ou dos flashes das câmeras, aos gritos da plateia e a música de fundo, que parecia ter saído aleatoriamente da seleção de alguma aula de ginástica na academia.

A cena, embora triunfal, não encerrou as avaliações. Aproximadamente trinta minutos haviam se passado desde que os concorrentes de número “11”, “27”, “32” e “54” subiram no palco, o *quarto-de-voltas* e as *poses compulsórias* faziam parte do exame geral dos competidores, que, em seguida, foram avaliados separadamente durante as *apresentações individuais*. Cada um teria sessenta segundos para realizar uma sequência de poses, escolhidas por ele, assim como a música de fundo, para impressionar os jurados. Por ordem numérica, um após outro, os competidores executaram variadas poses, desde as compulsórias a algumas posições do *quarto-de-voltas*. A escolha e progressão das poses executadas, dentro do limite de tempo estipulado, equivaliam a preciosos pontos na avaliação da arbitragem.

Os competidores se esmeravam na precisão dos movimentos e contrações, principalmente, porque faziam a diferença na seleção do teste final, conhecido como *confronto*. No *confronto*, os árbitros indicavam alguns dos concorrentes que tiveram destaque para disputarem as poses compulsórias entre si. No caso, o “27” e o “32” foram solicitados a permanecer na linha amarela, enquanto os outros dois se deslocaram para o fundo do palco. O presidente de arbitragem pediu, então, para que executassem *abdominais e coxas, duplo bíceps de costas e tríceps de lado*, nessa ordem, a fim de comparar os dois candidatos. O número e a escolha das poses variavam conforme a vontade dos jurados, que aproveitavam a oportunidade para estabelecer o desempate e definir o vencedor.

Os outros não selecionados, no entanto, não tinham sido eliminados ainda, posto que seguiam sendo avaliados e, por isso, mantiveram-se fixos numa pose semelhante à da *expansão de dorsais de frente*, conservando as contrações; já que, eventualmente, poderiam ser requisitados para o confronto. Tal circunstância não se sucedeu naquele momento: o regente da arbitragem agradeceu aos competidores que, perfilados, se retiraram do palco e passaram a aguardar nos bastidores o desenlace das avaliações. Após alguns minutos, nos quais o júri conversava de si para si, as súmulas foram entregues aos estatísticos que, após contabilizar as pontuações, me entregaram o manuscrito do resultado. A categoria sênior, até e incluindo 171 cm, teria seu resultado conhecido apenas após a apresentação da seguinte. Enquanto digitava, os concorrentes do *clássico*, subcategoria sênior, até e incluindo 198 cm, foram chamados ao palco— o

*quarto-de-voltas* já tinha sido iniciado, quando passei às mãos do apresentador as classificações.

As mesmas sequências de *quarto-de-voltas* e *poses compulsórias* foram executadas pelos competidores, “05” e “18”. Como eram apenas dois concorrentes, as prosseções se deram mais rapidamente, sem que houvesse a necessidade do confronto. As durações das avaliações das categorias masculinas e femininas estavam sempre sujeitas a quantidade de participantes, quanto menor o total de adversários, mais ágeis eram os exames, sujeitos igualmente às contingências do contexto. Às vezes, o DJ errava as músicas das apresentações individuais, fazendo com que alguns minutos fossem destinados a reparar o erro; às vezes os competidores não se perfilavam em ordem de progressão numérica, exigindo que o apresentador lhes chamasse à atenção; e/ou, às vezes, a etiqueta com a numeração do candidato não estava anexada e adequadamente visível, no lado esquerdo da parte de baixo do biquíni ou da sunga, o que exigia novamente a intervenção do apresentador ou mesmo do presidente de arbitragem.

Outro importante protagonista no espetáculo merece o justo destaque nesse relato: a plateia. Quando das apresentações, todos os presentes agiam como técnicos e os palpites irrompiam de todos os lados: “*trinca o abdômen*”, “*trava-traaaaava*”, “*sustenta... isso, segura, segura!*”, “*vai monstrooo, cresce, cresce...*”. Bem como os vereditos: “*sai fraaaaango!*”, “*é sua rinooo[ceronte], é sua!*”. Os mais afoitos, sem dúvida, eram aqueles que se localizavam, quase colados, no cercado que separava a área destinada ao público, da mesa do júri e do palco, disputando assim aquele exíguo espaço com os fotógrafos. Muitos deles eram técnicos e/ou membros dos respectivos *team*; familiares e amigos dos oponentes também ajudavam a animar as apresentações com seus gritos e palavras de incentivo. Atentos às intervenções, os competidores costumavam seguir as orientações extraoficiais e, em muitos casos, pedirem a participação da plateia, com movimentos enérgicos com os braços e sorrisos instigadores, entre uma pose e outra ou mesmo em algum momento nas apresentações, para regozijo da audiência, cada vez mais entusiasmada. No decorrer dos julgamentos, ficava nítido o quanto o público poderia fazer a diferença na escolha dos vencedores.

Sempre após a exibição de uma categoria era de praxe a cerimônia de premiação da categoria avaliada anteriormente. Assim, os quatro concorrentes da categoria clássico, subcategoria sênior, até e incluindo 171cm retornaram ao palco e o apresentador fez o anúncio por ordem crescente de classificação: o candidato “54” ficou



em quarto e recebeu os cumprimentos de Marcela, assim como a medalha de participação e um pote de creatina. Notoriamente contrariado, apontou para a cima o dedo indicador como forma de agradecimento, pelo visto, a Deus e, em seguida, lançou o pote de creatina para a plateia. O “11” ficou com o terceiro lugar e, pouco aplaudido, após receber o troféu de bronze, a medalha e o brinde, se colocou junto a seu outrora adversário, no fundo do palco, aguardando a proclamação do vitorioso.

O apresentador fazia brincadeiras com a plateia, comentou sobre a disputa, falou sobre a dificuldade dos árbitros em julgarem, dado o nível dos concorrentes, e agradeceu novamente a parceria dos patrocinadores. O público bradava suas preferências e, após algum suspense, veio o veredito: o “32” ficou em segundo, o candidato “27” sagrou-se campeão. Muito emocionado, o “27” gritava, pulava e, gesticulando profusamente, chamava a plateia que correspondia com igual euforia. O técnico quebrou o protocolo, subiu no palco, abraçando seu pupilo, em lágrimas. Depois de alguns minutos de muita comoção, recebeu o troféu e, inclinando-se, tocou o dedo indicador no chão e em seguida apontou para cima e só então levantou o merecido troféu, pousando para as fotos e agradecendo ao público.

A *rotina de poses* para o *clássico*, independente das subcategorias, eram sempre as mesmas— quarto de voltas, poses compulsórias e o confronto. O desempenho dos concorrentes, entretanto, diversificava-se em habilidades, interação com o público ou mesmo nos sons emitidos, uns mais escandalosos, outros menos. Na categoria *clássico*, subcategoria *máster*, unificada em função dos números de participantes, dois no total, o confronto se estendeu um pouco mais em razão de um pedido dos jurados, que requisitaram o *posedown*, que, nada mais é que a execução das poses compulsórias a critério dos próprios concorrentes. É o momento em que os limites da linha amarela e do espaço mínimo, que deve existir entre os competidores, são suspensos. Escolhidos ou não para o confronto, todos os concorrentes andavam por toda dimensão do palco executando as mais variadas poses, encostando, por vezes, os corpos uns nos outros a fim de impressionar os jurados. É um dos ápices do show, quando acontecia, como aconteceu em outras avaliações, a plateia ia ao delírio.

Em uma das avaliações do *clássico*— subcategoria que se dividiu pelas alturas: até e incluindo 175cm, com cinco concorrentes no total; até e incluindo 198cm, com três candidatos no total; e acima de 198 cm, com apenas um competidor— um fato curioso chamou-me novamente à atenção. Digo “novamente” porque presenciei a referência em outro campeonato, de outra federação, ainda no prelúdio dessa pesquisa. Em três das

apresentações individuais, duas das músicas escolhidas pelos concorrentes faziam parte da abertura do desenho *Dragon Ball Z*, “*Dragon Ball Z meu compromisso é sempre venceerrr*”, a terceira, não menos maravilhosa, consistiu na música tema dos *Cavaleiros do Zodíaco*, desenho japonês que fez igual sucesso no Brasil entre os anos 90 e os primeiros anos dos 2000, com conotação semelhante sobre humanos com superpoderes. Nada se comparou a assistir as apresentações sob os gritos que ecoavam aqui e ali do público clamando pelo *Kamehameha* e *Saint Seiya*. As músicas escolhidas pelos oponentes, inclusive, eram das mais variadas, do gospel a Lady Gaga.

Entre as avaliações da *máster* e do *clássico*, até e incluindo 175cm, ocorreu à primeira apresentação feminina, a *Body Fitness*. A categoria foi unificada, assim, as três únicas competidoras, “08”, “17” e “19”, foram chamadas e, perfiladas em ordem de progressão numérica, se posicionaram no fundo do palco, aguardando as indicações dos juízes. Entraram sorrindo para a plateia, uma das mãos na cintura e saltos altos, além de todos os adereços permitidos pela sua categoria. Dessa maneira, convidadas a se posicionarem na linha amarela para o início dos exames, começaram o *quarto-de-voltas*. Primeiro, o *quarto-de-voltas a esquerda*. As competidoras, com uma postura bastante ereta, pescoço alongado, pés alinhados, paralelos e bastante juntos, joelhos moderadamente flexionados, olham fixamente para o lado esquerdo. Sempre sorrindo, com os braços levemente pairando um pouco acima do umbigo, cotovelos semi-abertos, angulados, e ombros bem esticados. No momento em que o *quarto-de-voltas de costas* foi indicado, as concorrentes flexionaram as pernas de tal forma que os glúteos e quadris ficaram empinados e, ao girarem sobre si mesmas para o próximo movimento, moviam delicadamente as mãos e meneavam levemente o comprimento dos cabelos, colocando-os nos ombros. Claramente diferente do masculino “*clássico*”, apesar do mesmo nome, a cada mudança de posição do *quarto-de-voltas*, as competidoras realizavam os movimentos das pernas, glúteos, mãos e cabelos, ora colocando-os nos ombros, ora tirando-os. No *quarto-de-voltas de costas*, com a postura igualmente ereta, pés bastante juntos, joelhos semi-flexionados, as competidoras tentaram alongar ao máximo os ombros; alguém da plateia indicou “*aumenta as costas, aumenta as costas*”. E, assim, seguiram para o *quarto-de-voltas a direita* e terminaram com o *quarto-de-voltas de frente*. Não há poses compulsórias, aliás, qualquer tipo de contração observada pelos jurados estará sujeita a perda de pontos. A única categoria feminina em que há poses compulsórias, apresentação individual e, raramente, *posedown*, é a *women physique*. Havendo necessidade de confronto entre as *body fitness*, os juízes repetiriam a

série do *quarto-de-voltas*, mas não foi o caso dessa vez. Após alguns minutos, o apresentador agradeceu a participação das adversárias, convocando-as a aguardar a premiação da categoria.

Nas vésperas da apreciação da categoria *men's physique*, fui solicitada nos bastidores do palco por alguns momentos; um dos voluntários que dava suporte por lá quis acompanhar os exames dessa categoria— alvo de suas pretensões competitivas no campeonato do ano seguinte. Trocamos de lugar e, com isso, pude apreciar o espetáculo por perspectiva.

A tensão, antes de tudo, dominava a coxia naquele espaço. Algumas situações se entrelaçavam naquele momento. Dois competidores passavam mal. Um, deitado no chão, arfava de maneira descompassada, chorando. Deveria se apresentar no *culturismo*, mas sofreu de uma forte crise de hipotensão arterial, que o impossibilitaria de subir no palco. Quando cheguei, já havia sido acudido pelo médico contratado pela federação, e era consolado por alguns dos presentes. Ao que pareceu, ele chegou a insistir em ser avaliado na *rotina de poses* para os jurados, garantindo que até lá estaria restabelecido, mas acabou por ser dissuadido e, frustrado, lamentava por seus infortúnios. O outro, encostado na parede, tinha acabado de se apresentar em uma das subcategorias do *clássico* e aguardava os resultados. Seu corpo tremia ligeiramente. Suas mãos sofriam espasmos. O médico lhe ofereceu copos com água e isotônicos, aconselhando-o a ir a um hospital para um atendimento mais cuidadoso. No entanto, o competidor disse que esperaria pelo fim da cerimônia de premiação de sua categoria. Não queria perder o momento de uma possível vitória. O médico contou-me depois que o competidor em questão apresentava quadro de febre alta, provavelmente em decorrência da desidratação. Embora não tenha presenciado, soube que aqueles não foram os únicos casos dessa natureza registrados naquele dia. Cerca de outros cinco competidores, homens e mulheres, se viram em situações semelhantes.

Acompanhando atentamente esses dois casos, competidores se aqueciam, ou conversavam entre si ou com técnicos que perambulavam pelo local— aguardando, com bastante apreensão, a apuração dos resultados ou a ocasião de seus respectivos exames. Enquanto Flávia começava a organizar a enorme fila dos concorrentes da *men's physique*, até e incluindo 180 cm, a categoria “*especial*” exibia-se no palco.

A categoria *especial* era destinada para deficientes físicos que, a despeito de suas limitações corporais, permaneciam fiéis à prática fisiculturista. Dois competidores cadeirantes, “01”, “09”, entraram no palco e foram submetidos a poses compulsórias,

nas quais, apenas os membros superiores e o abdômen eram avaliados. Lado a lado, situados na linha amarela, os dois homens iniciaram as rotinas. Primeiro, *o duplo bíceps de frente*. Alinharam as cadeiras de frente para os juízes, levaram ambos os braços na altura do ombro, punhos fechados e curvados ligeiramente em direção a cabeça, e iniciaram as contrações. Para a *expansão das dorsais de frente*, se acomodaram na ponta da cadeira e, com os braços pendurados, paralelos ao abdômen, apertaram os punhos serrados com força contra a cintura, ao projetarem os ombros vagamente para frente. O público aplaudia vigorosamente. O apresentador interveio durante a avaliação, ressaltando a coragem e resiliência dos competidores. Ressaltava que eles serviam de exemplo para os amantes do fisiculturismo.

Moveram as suas respectivas cadeiras, coincidentemente para o lado esquerdo, já que ficava a critério do competidor exibir seu “melhor lado” do braço quando na execução da *peito de lado*. Acomodaram-se novamente na ponta da cadeira e, tal como os competidores das outras categorias, uniram a mão direita sobre a esquerda e se esforçaram para as contrações, ao mesmo tempo em que emitiam “chiiiiiiiiiiiiiiiiiiii... chiiiiiiiiiiiiiiiiiiii...”. Dadas as incompatibilidades técnicas, a *duplo bíceps de costas*, a *expansão de dorsais de costas* e a *tríceps de lado* não foram executadas, finalizando suas apresentações com as *abdominais*: uniram as duas mãos atrás da cabeça, de frente para os árbitros, e contraíram o abdômen. Os competidores permaneceram no palco para a cerimônia de premiação, realizada mais imediatamente que as demais. O candidato de número “01” levou a melhor e, durante o tempo em que Marcela se encarregou da entrega dos prêmios e troféus, os adversários do *men’s physique*, até e incluindo 180 cm já estavam a postos.

Vinte e seis candidatos tiveram seus nomes anunciados, como em todas as demais categorias, pelo apresentador, na medida em que entravam enfileirados no palco. Com uma das mãos na cintura, com os corpos ligeiramente posicionados meio de lado e sempre sorrindo, foram se apurando, um a um, no fundo do palco de maneira circular, formando um “U” por toda a extensão do tablado, de modo que ficassem posicionados de frente para a mesa de arbitragem. Os adversários foram orientados pelos jurados a dividirem-se em dois grupos de treze a fim de facilitar a verificação das poses. Enquanto os treze primeiros selecionados, em ordem de progressão numérica, se colocaram mais a frente, nos interstícios da linha amarela, os demais permaneceram no fundo do palco, conservando a pose de entrada ou, como também é conhecida, de

“descanso” – o apresentador lembrou-os de que a partir do momento em que pisam no palco, estarão sendo julgados mesmo quando em *pose de descanso*.

Enquanto categoria *fitness*, a *men's physique* não permite contrações, assim, as execuções obrigatórias se restringem ao *quarto-de-voltas*. Uma após outra, o *quarto-de-voltas a esquerda, de frente, de costas* e a *direita* foram executadas, pelo primeiro e segundo grupo, respectivamente. Os seis melhores de cada grupamento foram selecionados e reorganizados em dois novos subgrupos, nos quais os destaques eleitos formaram um único grupo, novamente com seis rivais, e, desses, quatro foram para o confronto. Foi a avaliação mais demorada em toda a competição. Posteriormente a ela, uma outra subcategoria por altura, até e incluindo 198 cm, da *men's physique* se apresentou com treze competidores e seguiu o mesmo protocolo de subdivisões para a apuração do vencedor. A morosidade é justificada pelas dificuldades decorrentes do montante de inscritos, em que se pese a dimensão do palco e o tempo dos juízes para a avaliação de cada um dos candidatos. Sobre essa última, é preciso que se acrescente uma dificuldade de ordem técnica, manifesta em uma situação ocorrida, meses depois, no campeonato *Iron Man*.

Naquela ocasião, um dos jurados convocou uma rápida reunião com os organizadores e demais jurados, antes do início das atividades do campeonato, para acertar alguns detalhes. Dentre outras questões, se mostrou bastante preocupado com os exames da categoria *men's physique*. Mencionou que, no campeonato brasileiro do ano anterior, os diretores de arbitragem estaduais foram advertidos pela federação sobre a falta de critério na escolha dos vencedores da categoria em seus respectivos estados, o que prejudicaria a classificação de eventuais atletas brasileiros para competições internacionais. Fez questão, por isso, de ressaltar que “os *physiques* não puxam pose”, ou seja, não podem fazer nenhuma das poses compulsórias, se limitando as posições “semi-relaxadas” e sem contração do *quarto-de-voltas*, sob o risco de desclassificação. Outra dúvida foi quanto à simetria corporal: como os membros inferiores não são exibidos, os competidores se apresentam com um short na altura dos joelhos, os juízes deveriam se ater, sobretudo, na linha da cintura em proporção aos membros superiores e a questão da beleza. Enquanto conversavam, dois dos presentes procuravam nos seus celulares imagens de vencedores de campeonatos anteriores, particularmente os vitoriosos do Olympia, a fim de ilustrar e ter um parâmetro mais fidedigno sobre as especificidades requeridas pela categoria e facilitar o julgamento dos competidores na competição.

Quatro categorias restavam para a se apresentar, três femininas e uma masculina. Assim, as categorias *wellness* e *bikini fitness* e *women's physique* foram examinadas em sequência. As nove candidatas a *wellness* foram chamadas ao palco, uma a uma. Ao invés de se posicionarem imediatamente no centro do palco, como as demais categorias até ali, caminharam da esquerda, de onde saíram, até o centro do palco, com a mão na cintura, flexionaram as pernas de modo a empinar quadris e glúteos na direção dos jurados e andaram novamente em direção à direita do palco. Quando lá chegavam, repousavam uma das mãos na cintura, a outra permanecia levemente esticada e um pouco afastada do corpo, com as mãos abertas, um dos joelhos ligeiramente flexionado, acompanhando uma das pernas posicionada defronte e alinhada a outra e, sempre sorrindo, aguardavam a entrada das adversárias que seguiam o mesmo ritual de chegada. A cada entrada, os espectadores manifestavam suas preferências com assovios, aplausos e gritos empolgados “gostosaaaaaaaa”, “lindaaaa”... O apresentador, por sua vez, de maneira um tanto licenciosa, fazia comentários sobre o corpo das atletas, enquanto explicava as particularidades da categoria que, em sua opinião, “levava frescor” para o campeonato.

Finalmente foram chamadas para a linha amarela, a fim de realizarem a execução do *quarto-de-voltas*. Semelhante ao *men's physique*, em cada nova posição, um dos braços, ao invés de pairarem ambos na altura do abdômen, se apoiavam na cintura enquanto o outro permanecia semi-flexionado no sentido do comprimento do corpo, levemente projetado para frente. Além disso, na transição de cada posição, as candidatas faziam o movimento característico com as pernas flexionadas, glúteos empinados e mãos meneando suavemente. Os cabelos, por outro lado, não foram tão manipulados quanto na *body fitness*, o pescoço, sempre ereto e rígido, pouco mexia. Quatro das candidatas foram chamadas para o confronto, “03”, “23”, “06” e “14”; efetuando, portanto, pela segunda vez o *quarto-de-voltas*. O presidente da arbitragem agradeceu às competidoras que, uma a uma, fizeram o mesmo deslocamento de entrada, dessa vez da direita para a esquerda, acrescentaram um aceno para a plateia com as mãos e se despediram do palco. Após alguns minutos, as *bikinis* foram convidadas para as avaliações.

Era por volta das 18:00h quando as candidatas ao título de *bikini fitness* subiram ao palco. Assim como as demais categorias femininas, a *bikini fitness* foi unificada, sem subdivisões por altura. As poses obrigatórias também consistiram apenas no *quarto-de-voltas*. Depois de fazerem o mesmo trajeto das *wellness* pela extensão do palco, as cinco

adversárias se posicionaram na linha amarela e iniciaram pelo *quarto-de-voltas de frente*. Sorrindo e olhando sempre para frente, postura ereta, afastaram copiosamente as duas pernas, com uma das mãos na cintura e quadril levemente inclinado para o lado. No *quarto-de-voltas à direita*, os dois braços foram postos colados ao corpo, no sentido do comprimento, ressaltando os glúteos que estavam sendo excepcionalmente, em relação às demais categorias femininas, empinados. No lugar de olharem na direção que apontava o corpo, o lado direito, viraram o pescoço na direção dos jurados, de modo que a cabeça ficou paralela ao ombro e continuaram sorrindo. Novamente, a cada mudança de posição, flexionavam as pernas, empinavam os quadris e moviam fleumaticamente as mãos. Na *quarto-de-voltas de costas*, as pernas foram outra vez afastadas, movimento acompanhado pela constante projeção dos glúteos, assim como os braços permaneceram bem rentes ao corpo. Por fim, efetuaram o *quarto-de-voltas à esquerda*, de maneira semelhante ao que fizeram no lado oposto, com a cabeça voltada para frente, e, por fim, voltaram ao centro do palco. Não houve confronto. As candidatas se despediram do palco, foram aplaudidas e aguardaram nos bastidores o veredito.

O apresentador anunciava para o público “o grande momento do show”, a apresentação das categorias de culturismo e a disputa pelo *overall*. A quantidade de público não era mais a mesma de outrora, cada vez menor. Muitas pessoas não estavam mais por ali, especialmente a maioria dos familiares/conhecidos/amigos que já tinham visto os seus entes queridos competirem ou mesmo a maior parte competidores que se retiraram rapidamente do local após as respectivas avaliações e resultados. Sem que possa afirmar, posso dizer que a audiência agora parecia repleta de admiradores que, digamos, visivelmente não deixavam dúvidas sobre seus engajamentos corporais. E assim o show foi seguindo.

Antes do culturismo, porém, as *women's physiques* subiram ao palco. André se referiu às concorrentes dessa categoria como “bonecas de ferro” epíteto interessante dada todas as circunstâncias e regulações da práxis, uma vez que os homens costumavam ser elogiados, quase substantivados, como “monstros”, a única categoria feminina que permite contração muscular foi referida analogicamente a “boneca” feitas de “ferro”. O que nos dá uma ideia das limitações próprias à lógica da transformação corporal, ensejadas pelo fisiculturismo, dadas a fronteira do gênero. A conotação mimética de uma desumanização, pela referência a animais (cavalo, rinoceronte, mamute, etc.) ou a monstros, não só é aceitável como desejada, quando se trata dos homens fisiculturistas. Os atributos qualitativos dirigidos às mulheres, na metáfora

referida pelo apresentador, são conservados como um constructo artificial (“bonecas de ferro”) que, ainda assim, reproduz características humanas marcadas pelo gênero.

As duas únicas candidatas a *physique* entraram no palco, descalças e perfiladas em ordem numérica, “11” e “16”. Ficaram ao fundo, até serem solicitadas para a linha amarela. Iniciaram o *quarto-de-voltas*. A *esquerda*, alinharam e juntaram as duas pernas, com pés fixos no chão, olhando fixamente para o lado esquerdo, com o braço direito levemente levantado, pairando na mesma linha do abdômen, enquanto o esquerdo se posicionou mais estirado e próximo ao quadril; e assim seguiram o *quarto-de-voltas de frente, a direita e de costas*. Novamente, entre uma pose e outra, e embora evitassem flexionar as pernas e projetarem o quadril como as *bikinis*, as candidatas movimentavam o cabelo, ora colocando, ora tirando dos ombros, e exibiam os peculiares trejeitos com as mãos, sempre sorrindo. Imediatamente, foram intimadas a executar as poses compulsórias. Em nossa entrevista, Karla me confessou que a maior dificuldade que encontra para a realização das compulsórias é manter a “suavidade no rosto” enquanto executa as contrações; ao contrário das feições rígidas, às vezes ferozes, demonstradas pelos homens, as mulheres dessa categoria não podem enrijecer perceptivelmente os músculos da face. Nas palavras de Karla, “tem que travar tudo embaixo e relaxar em cima”.

Nenhum urro, grito, “*chiiiiiiiiiiiiiiii...*” foi ouvido. As candidatas executaram as poses com movimentos suaves e precisos, exibindo seus sorrisos hirtos, mas, cativantes. Uma mais atrevida soltou discretos beijos para a plateia, durante algumas das execuções. No *duplo bíceps*, os punhos não estavam cerrados— as mãos foram posicionadas meio abertas, para cima, enquanto os braços se estendiam paralelos aos ombros. A perna esquerda projetava-se de forma a cruzar-se na frente da direita, fazendo com que o corpo pendesse discretamente para o lado esquerdo. As pernas conservaram-se na mesma posição durante a *peitoral*: os braços, entretanto, foram estirados na frente do corpo com uma das mãos sobrepostas a outra. E assim permaneceram durante alguns instantes contraindo os músculos até que a arbitragem solicitasse a *duplo bíceps de costas*. Giraram então sobre o próprio corpo e, de costas para os jurados, alinharam os braços paralelos aos ombros e apontaram novamente as duas mãos abertas para cima, com uma das pernas na ponta dos pés. Em seguida, rodopiaram lentamente, posicionando o corpo para o lado esquerdo, na avaliação do *tríceps*; a perna direita manteve-se na ponta dos pés, disposta a frente da esquerda, cujos pés repousavam inteiramente no chão. A mão direita, por seu turno, estava totalmente



aberta, apontando para a esquerda, com os dedos bastante juntos e estirados, enquanto a outra jazia apoiada na cintura. Finalmente, na *abdominal*, as rivais apoiaram as duas mãos atrás da cabeça, sempre com uma postura ereta, com os cotovelos suspensos e uma das pernas apoiada na ponta do pé, à frente, e alinhada à outra fixa no chão.

As candidatas retornaram para a coxia do palco e esperaram por alguns instantes até que os jurados autorizassem as apresentações individuais. A competidora de número “11” foi a primeira a ser chamada e, para minha surpresa, não realizou nenhuma das poses compulsórias. Ao som de “*Time After Time*”, clássico dos anos 80 de Cindy Lauper, durante sessenta segundos executou uma coreografia que misturava rodopios, alongamentos e pulos que lembravam muito mais os movimentos do *ballet*, que se entrecortavam vez ou outra com os gestos que rememoravam o *duplo bíceps* e o do *tríceps*; sua concorrente dançou com igual desenvoltura, acompanhada de uma canção que não consegui identificar muito bem, embora mais dançante e menos nostálgica que a da cantora americana, com passos mais rápidos e também sem se ater *stricto sensu* às poses compulsórias.

Não havia dúvidas: as apresentações individuais entre as *physiques* eram danças. Até ali, havia presenciado apenas as poses compulsórias entre as subcategorias do “clássico” masculino e, embora coreografadas, as apresentações consistiram em uma mistura espaçada de *poses compulsórias* e *quarto-de-voltas*. Muito diferente, portanto, daquilo que vi nas *physiques*. A minha surpresa na ocasião era um caso explícito de desconhecimento, como Karla fez questão de me lembrar— pois não resisti e, durante a nossa conversa, falei-lhe sobre meu sobressalto, ao que ela respondeu, com a clareza de sempre: “mas a nossa coreografia é de mulher, não é de homem. É diferente mesmo!”. O que, de alguma forma, parece corroborar a divisão ocidental sobre os “papéis” de gênero, uma vez que a dança coreografada é, no ocidente, algo feminino, enquanto que, quando apresentada por homens, é considerada pouco masculina.

O culturismo subdividiu-se em três categorias por peso: máster (unificada), até e incluindo 80 kg e acima de 90 kg; com respectivamente, dois, três e um competidor. A audiência que sobrou se deslocou para as primeiras fileiras, que, àquela hora, já passava das 19h30min, não estavam mais reservadas a convidados, ou encostaram-se junto ao alambrado, que dividia o palco, a fim de acompanhar os exames mais de perto. Não há *quarto-de-voltas*, assim sendo, cada subcategoria fez as rotinas das poses compulsórias, as apresentações individuais e os confrontos, seguidos de *posedowns*, sob as vibrações do público.

Agora, enquanto escrevo essas linhas, revivendo as cenas daquele dia intenso, exaustivo e não menos fascinante, lembro-me da cena inicial –e absolutamente genial– de *Pumping Iron* (lançado no Brasil como “*O homem dos músculos de aço*”), documentário de 1977, tendo como temática os bastidores do Campeonato Olympia, de 1975. Nela, Arnold Schwarzenegger e Franco Columbo, estrelas do fisiculturismo da época, são orientados por uma professora de *ballet* acerca das poses. Os dois grandalhões se apoiavam desengonçadamente na barra de ferro e escutavam sobre os movimentos dos braços, das pernas e toda a leveza necessária para a boa execução das poses, “[n]uma combinação que permita mostrar o corpo”, lembrou a professora. Enquanto ‘esculturas humanas’, não deveriam ser rígidos, e, por isso, precisavam dedicar-se a fluidez dos movimentos, manejando o peso do próprio corpo com força e, acima de tudo, destreza e naturalidade.

O culturismo que vi no campeonato, nesse sentido, é totalmente fiel à sua formação ‘clássica’: os competidores, com habilidades variáveis, encaixavam vagarosamente as poses, como se tivessem escutado os conselhos da professora, regozijando-se a cada músculo contraído, a cada som emitido. É “como uma dança” poder-se-ia dizer, mas não devemos prescindir do significativo “como uma”: embora possa parecer, não *deve ser* ‘verdadeiramente’ uma dança, como vimos entre as *physiques*, mas o deslocamento corporal, mimético e metafórico de ‘estátuas de mármore’ – em carne, osso e músculos.

O campeão dos campeões das categorias masculinas foi disputado quase às dez da noite, apenas com o *posedown*. Embora segundo as regras da federação esteja previsto em ambas as categorias, masculinas e femininas, o *overall* foi exclusivo para os homens. O público que ficou até ali, continuava firme e forte na torcida. O vencedor *overall*, que também disputou uma das subcategorias do “clássico”, ganhou o troféu máximo do campeonato, os brindes dos patrocinadores e 700 reais de bônus.

Um ano depois daquele dia, não trabalhava mais como voluntária e, distante, acompanhei apenas da plateia o andamento do espetáculo. Escolhi encerrar ali, oficialmente, o meu trabalho de campo – no primeiro campeonato capitaneado pela presidência de Flávia, primeira mulher a ocupar o cargo na Bahia, e uma das poucas mulheres no Brasil a dirigir uma agremiação vinculada à IFBB. Naquele campeonato, realizado em uma casa de espetáculos em um bairro da orla de Salvador, Flávia inverteu as ordens das apresentações, em relação a 2014. As categorias femininas foram às últimas a se apresentarem, contrariando, inclusive, a lógica de que o *culturismo*

*masculino* deveria ser o destaque esperado. Com a inversão, o destaque ficaria por conta da categoria das *women's physique*. Por volta das 19:00h, porém, quando a segunda das categorias feminina se apresentava, grande parte do público já havia se retirado do local; coincidentemente, ou nem tanto, a debandada ocorreu logo após as avaliações do culturismo e do *overall* entre os homens.

Foi com tristeza que assisti parte das apresentações femininas com todo o ambiente em clima de final de festa: as cadeiras estavam sendo empilhadas e recolhidas, as pouquíssimas pessoas que ainda estavam por ali circulavam ou conversavam displicentemente, sem se preocuparem com as atletas que se exibiam no centro do palco.

## CONCLUSÃO

Como se sabe, o presente etnográfico é confinado diante do fluxo das experiências das pessoas e dos caminhos sinuosos que consolidam suas próprias histórias.

Após a disputa de 2014, Márcia abandonou os campeonatos. Sem emprego fixo e sem patrocinador, ficou impossível sustentar o estilo de vida necessário para a manutenção do corpo competitivo. Camila trocou de técnico e, desde 2015, se prepara para ser uma *wellness*, para, segundo suas previsões, ter mais chances de vitórias. Karla não participou de campeonatos durante os anos de 2015 e 2016, resolveu mudar a estratégia, prolongando o período do *off*, para “crescer mais” e ter um melhor aproveitamento no *pre-contest*. Helena foi uma das primeiras colocadas em sua categoria no campeonato brasileiro, de 2016, e, imagino, deve estar se preparando para competições sul-americanas do ano seguinte— um de muitos passos antes de conseguir o tão sonhado *pro-card*. Flávia prossegue como presidente da Federação Baiana e na busca de um *Olympia*, para sua coleção de troféus. Otávio ainda tenta se profissionalizar. César segue sendo técnico fisiculturista, além de competir no *clássico*. Marcelo mudou para a categoria que sempre almejou: hoje ele é competidor no *culturismo* acima de 90 kg. A trajetória da modalidade, por sua vez, continua em plena ascensão: em 2016 a categoria *wellness* foi profissionalizada, passando a figurar também em campeonatos da liga profissional e o fisiculturismo competitivo estreará em jogos pan-americanos, no ano de 2019.

Ao longo desse trabalho, tentei demonstrar que o fisiculturismo competitivo é repleto de contradições, principalmente, no que diz respeito à participação de mulheres. Embora as agremiações estimulem mulheres a construir e exibir corpos musculosos, as regras vigentes nos campeonatos impõem restrições sobre os limites desta ‘musculosidade’. São contradições que, no entanto, não se restringem apenas a este universo em particular, senão à própria prática esportiva— enquanto paradigma excludente, cuja participação feminina é assinalada por obstáculos, interdições e pela invisibilidade da experiência (SCOTT, 1998).

No cerne do *físico ideal* para as categorias da federação estão as limítrofes e distinções entre corpos considerados “masculinos” e “femininos”. De acordo com as expectativas sobre os corpos competitivos, as categorias preconizam a beleza, moderação muscular e critérios biotipológicos como característicos do feminino, explícitos tanto na regulação da federação quanto nas regras não oficiais, notadamente, no *pacote total*. Dos homens são exigidos outros princípios normalizadores que sejam indicativos da masculinidade, no que se refere à proporção global do corpo e demais predicados musculares. Em função do gênero, homens e mulheres são submetidos a julgamentos distintos, quanto à *evolução* de seus físicos nas competições.

Não obstante a participação de mulheres nas mais variadas modalidades esportivas se encontrar em plena ascensão, nas últimas décadas (HARGREAVES, 2000), mesmo em esportes mais consolidados como o futebol (DAMO, 2005; KESSLER, 2015), as diferenças e as expectativas sobre legitimidade da presença de homens e mulheres impõe uma série de restrições a uns e não a outros. Principalmente, nesse caso, por ser considerado um esporte “mais masculino” que “feminino”. As formas de exclusão vividas pelas jogadoras de futebol se refletem tanto na profissionalização da modalidade, quanto na participação no bilionário ‘mercado da bola’, formado e fomentado, sobretudo, por empresários, patrocinadores e comitês esportivos oficiais.

Fiz uma dissertação que se direcionou mais a uma antropologia das práticas corporais do que a uma antropologia do esporte, entretanto, não prescindí desse viés analítico ao colocá-lo como um dos enquadramentos possíveis no fisiculturismo competitivo. Afinal, não é uma modalidade esportiva oficial, mas galga a largos passos o seu reconhecimento, através das padronizações das competições e vinculações a instâncias reguladoras oficiais, tais como a WADA. O reconhecimento é apenas o primeiro passo para a profissionalização, inserido, portanto, nos processos de esportivização que, como lembra Elias e Dunning (1992), referem-se a uma série de regramentos e disciplinas em constante transformação. De maneira semelhante a modalidades olímpicas, tais como, a ginástica artística, rítmica ou mesmo os saltos ornamentais, os movimentos no fisiculturismo são julgados objetivamente através da execução das poses, em que se pesem todas as variáveis subjetivas implícitas ou explícitas, durante as avaliações. Mais do que isso, o fisiculturismo competitivo é vivido como uma categoria esportiva por aqueles que o praticam, tendo em vista, inclusive os engajamentos e estratégias necessárias para formação do *corpo-atleta*.

A prática esportiva foi um dos fios condutores fundamentais para que se examinasse com profundidade a constituição da *corporalidade*, especificamente, a *corporalidade* feminina- configurada a partir de um regime biopolítico que orienta os modos e os processos de subjetivação nesse contexto. Falar sobre ela, no entanto, não seria possível, sem que se levassem em conta as formas como são operadas as diferenças no fisiculturismo, estruturalmente elencadas a partir daquilo que Corrêa (2004) definiu como uma “cuidadosa construção de uma coerência identitária” e corporal ao manipulá-los para que “se adeque a um padrão cultural” que se refere ao modelo nativo ocidental, de base biológica, que dispõe sobre a diferença sexual binária.

A estética do ‘belo ideal’, julgada e qualificada nos campeonatos, precisa obedecer aos signos implícitos de uma “noção de sexo”, enquanto princípio de normalidade humana (FOUCAULT, 1985; 1988), dada em consonância a distinções características da “feminilidade” e “masculinidade” no interior “das hierarquias presentes no social” (PISCITELLI, 2001). No bojo da discussão de “sexo” e “gênero”, amplamente debatida na antropologia e teoria feministas, o termo “natural” é especialmente problemático, quando a diferença entre homens e mulheres é compreendida enquanto originária e determinada pela biologia.

Tendo em vista a importante ressalva de Haraway (1995), na qual, “perder as descrições biológicas autorizadas a respeito de ‘sexo’, que criaram tensões produtivas com seu par binário, gênero (...) parece implicar perder não apenas o poder analítico no interior de uma tradição ocidental específica, mas o próprio corpo como algo que não seja uma página em branco para inscrições sociais, inclusive aquelas do discurso biológico” (p. 35), estudar os processos de produção do corpo fisiculturista demandou a compreensão dos discursos que ditam, nesse contexto, não só a aparência corporal, mas também a manipulação correspondente aos processos fisiológicos, metabólicos e bioquímicos. Discursos estes que permanecem em uma relação mutuamente constitutiva com o discurso biomédico, “de modo que os primeiros se tornem cientificados, enquanto o último é construído de acordo com um conjunto de entendimentos sobre o sentido das diferenças sexuais e sobre as relações que serão estabelecidas entre o que é cultural e o que é natural” (MOORE, 1997).

Ao contrário de outros regimes cosmológicos, onde é produzido processualmente ao longo da socialização, através da constituição física e a habilidade produtiva da pessoa (MCCALLUM, 1999; STRATHERN, 1988), o sistema de gênero aqui operado emerge do *habitus* que orienta a classificação e práxis de corpos altamente

modificados pela tecnologia. A prática fisiculturista, e o *corpo-atleta* como seu produto, demonstra que não há uma correlação obrigatória entre causa e efeito, sobretudo, quando esses termos são alocados em torno de propriedades biológicas intrínsecas a homens e mulheres. Ao contrário, vimos que os processos biológicos são dinâmicos e sujeitos às interações e aspirações dos agentes que, orientados pelo *novo estilo de vida*, modificam e manipulam suas fisiologias e anatomias individuais. Porém, tanto a participação de mulheres em campeonatos de fisiculturismo, passando pelas articulações necessárias para o corpo competitivo e os julgamentos durante as avaliações, assim como, as hostilidades sofridas pelas competidoras, estão vinculadas e submetidas a interpretações sobre os limites da “feminilidade”, graduados de acordo com as relações de diferenciação e oposição ao “masculino”.

A presença de volume muscular em corpos femininos não dissolve, em sua arena competitiva, as representações hegemônicas associadas à feminilidade, mas cria outros mecanismos para gerenciar as ambiguidades suscitadas por corpos femininos em processo de virilização, a fim de conservá-los e referenciá-los a perímetros normativos. Se o fisiculturismo não promove a suspeição das representações binárias de cunho biologizante, isso não quer dizer, por outro lado, que não as coloque em tensão. Afinal, é um esporte não oficial, praticado por homens vistos como “hipermasculinos” e por mulheres vistas como “não-mulheres” ou “masculinizadas” e há, nisso, algo de muito subversivo, tanto no que diz respeito aos limites anatômicos e biológicos “normais” relacionados ao gênero, quanto em face das incoerências dos marcos reguladores das instâncias esportivas instituídas.

Além do quê, a prescrição de corpos competitivos, sob a égide da federação, não se reduz a classificações orientadas apenas a partir do gênero, posto que igualmente articuladas a outros tipos de diferenciações sociais que dizem respeito à “classe”, “raça”, “nacionalidade” e caras à própria experiência esportiva, por exemplo, as questões etárias e o tempo de dedicação ao esporte. Caberá às mulheres competidoras ajustarem seus corpos para pertencer a uma das divisões estabelecidas pela federação, sejam “fitness” e “fisiculturismo”, para terem alguma chance de vitória e reconhecimento dentro da modalidade.

A entrada no esporte, por sua vez, está condicionada a um conjunto pregresso de engajamentos disciplinares, que foram analisados à luz das *transformações cósmicas*, por não se resumirem a uma alteração corporal, senão igualmente à mudança íntima dessas pessoas, quando passam a perseguir e praticar um novo modo de vida. Através

desse conceito, pude explorar ainda as conotações indicadas na ‘transformação em beleza’ e na ‘transformação em fisiculturista’ como parte das alterações ensejadas pela fidelidade à disciplina e ao esporte.

Aludi a beleza, ao seguir os caminhos propostos por Taussig (1993; 2012), especulando sobre seu poder mágico, em seus princípios lógicos e analógicos, a partir da emergência da *mimesis*. Sem perder de vista o fato da beleza se referir também a outro tipo de magia, qual seja, a da mercadoria, referenciei ao que podemos chamar de “alegoria de origem” do fisiculturismo, para entender as articulações entre a “representação” e os “representantes”. Sugeri que a duplicação de uma semelhança visual diz respeito tanto à magia da imagem como à magia entre as substâncias, que se concretizam em torno de duas imagens distintas: o corpo feminino como descontinuidade e, portanto, arena capital da alteridade e o corpo masculino como continuidade tributário, portanto, das leis da similitude.

A entrega ao esporte é marcada pelo sacrifício– conceito trazido à tona, por um lado, a partir de referenciais teóricos e, por outro, através das categorias êmicas para que, imbricados, conseguissem dar conta de sua importância para as práticas nativas. A preparação, dividida em dois processos distintos e inter-relacionados, para os campeonatos exige que seus participantes se submetam a condições metabólicas e psicológicas extenuantes e obstinadas. O sacrifício seria então semelhante a uma “segunda lança” (PRITCHARD, 1978), necessária para a consagração do fisiculturista a um só tempo em “beleza” e “atleta”.



## BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, R. O. *Deus é mais: a supremacia da fé evangélica na ótica dos Atletas de Cristo*. Revista Brasileira de História das Religiões, Ano III, N° 9, 229-252, 2011.

ALMEIDA, H. B. “A construção do corpo na sociedade de consumo”. XXVII Encontro Anual- ANPOCS, 2004.

AMOROSO, M. *Conquista do Paladar: os Kaingang e os Guarani para além das cidadelas cristãs*. Anuário Antropológico, 2000-2001.

ANTONIO, A. T. *Corpo e estética: um estudo antropológico da cirurgia plástica*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em antropologia Social, IFCH/Unicamp, 2008.

BARROSO, R.; TRICOLI, V.; UGRINOWITSCH, C. *Adaptações neurais e morfológicas ao treinamento de força com ações excêntricas*. Revista brasileira de Ciências e Movimento, 3(2), 111-122, 2005.

BARTHES, R. [1957] *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BATAILLE. G. *A parte maldita - Precedida de “A noção de dispêndio”*. Rio de Janeiro: Autêntica Editora, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Hegel, a morte e o sacrifício*. Revista Alea. vol.15, n.2,389-413, 2013b.

BENJAMIN, W. *A Doutrina das semelhanças*. In: Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BOURDIEU, P. *A Dominação Masculina*. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *Como é possível ser esportivo?* In: BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 136-163, 1983a.

\_\_\_\_\_. *Economia das trocas linguísticas*. In: Bourdieu – Sociologia. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39,156-183, 1983b.

\_\_\_\_\_. *A ilusão biográfica*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 183-191, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Distinção: Crítica Social do Julgamento*. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

BORDO, S. *Unbearable Weight – Feminism, Western Culture, and the Body*, University of California Press, Berkeley- Los Angeles – London, 1993.

\_\_\_\_\_. *O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault*. In.: Gênero, corpo, conhecimento, Alison M. Jaggard, Susan R. Bordo (orgs.), Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

BONET, O.A.R. *Saber e sentir. Uma etnografia da aprendizagem da biomedicina*. PHYSIS – Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v.9, n.1, 123-150, 1999.

BOYLE, E. *Flexing the Tensions of Female Muscularity: How Female Bodybuilders Negotiate Normative Femininity in Competitive Bodybuilding*. In: *Women's Studies Quarterly* 33.1/2, 134-49, 2005

\_\_\_\_\_. *Female Bodybuilding and the Politics of Muscle: How Female Bodybuilders Negotiate Race, Gender, and (Hetero)Sexuality in Bodybuilding Competition* [dissertation]. University of British Columbia, 2003.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC nº 13, de 26 de março de 2010. Dispõe sobre a atualização do Anexo I, Listas de substâncias entorpecentes, psicotrópicas, precursoras e outras sob controle especial, Portaria SVS/MS nº344, 12 de maio de 1998 e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 30 mar 2010. Seção 1.

BRAH, A. *Diferença, diversidade, diferenciação*. In: *Cadernos Pagu* (26), 329-376, 2006.

BRAZ, C. A. 2009. *Vestido de Antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo para homens*. *Revista Bagoas*, n. 3, p. 75-95.

BUCK, J. *Louis Cyr and Charles Sampson: archetypes of vaudevillian strongmen*. In: *Iron Game History*. vol. 5, n. 3, 1998, <<http://library.la84.org/SportsLibrary/IGH/IGH0503/IGH0503h.pdf>>. Acesso em 16 de janeiro de 2015.

BUNSELL, T.; SHILLING, C. *The female bodybuilder as a gender outlaw*. In: *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 1: 2, 141 — 159, 2009. Disponível em < <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19398440902909009> >, Acesso em 14 de dezembro de 2016.

BUTLER, J. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: Guacira Louro (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

- CARLSON, M. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: UFMG, 2010
- CARVALHO, J.J. *O Jogo das Bolinhas. Uma Simbólica da Masculinidade*. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Brasília: Editora UnB, 191-222, 1987.
- CASTRO, A. L. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, cultura de consumo e estilos de vida*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas, 2001.
- CECCHETTO, F.; MORAES, D. R.; FARIAS, P. S. *Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade*. Interface – Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu, v. 16, n. 41, 369-382, 2012.
- CECCHETTO, F. R. *Violência e estilos de masculinidades*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- CHAPMAN, D. *Sandow the Magnificent: Eugen Sandow and the Beginnings of Bodybuilding*. University of Illinois Press, 2006 .
- CHAVES, J. C. O. *Corpo “sarado”, corpo “saudável”? Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador*. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- CLASTRES, P. *A Sociedade Contra o Estado. Pesquisa de antropologia política*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- COHN, C. *Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá*. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 43, n. 2, 195-222, 2000.
- COMERFORD, J.C. *Como uma família*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. *Masculinidade hegemônica: repensando o conceito*. Estudos Feministas, Florianópolis, v.21, n.1, 241-282, 2013.
- COLPRON, A.M. *Monopólio Masculino do Xamanismo Amazônico: o contra-exemplo das mulheres xamã Shipibo-Conibo*. Mana11(1):95-128, 2005.
- CORRÊA, M. *Não se nasce homem*. Trabalho apresentado no encontro “Masculinidades/Feminilidades”, nos Encontros Arrábida 2004, Lisboa, setembro de 2004.
- COURTINE, J. *Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana*. In: Denise Bernuzzi de Sant’anna (Org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das praticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade.
- DAMO, A S. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado. Programa de Pós

Graduação em Antropologia Social. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DAWSEY, J. *Turner, Benjamin e antropologia da performance: o lugar olhado (e ouvido) das coisas*. In: M.Medeiros; M.Monteiro; R.Matsumoto (eds.). *Tempo e Performance*. Brasília: UnB, 2007.

DERRIDA, J. *The Gift of Death*. Chicago: University of Chicago Press, 1995a.

\_\_\_\_\_. *Paixões*. Campinas, SP : Papyrus, 1995b.

DEBERT G.G. *A dissolução da vida adulta e a juventude como valor*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 49-70, jul./dez. 2010.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1991.

DUNNING, E.; MAGUIRE, J. *As relações entre o sexo e o esporte*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 5, n. 2, 321- 348, 1997.

DUTTON K.R., LAURA R.S. *Towards a history of bodybuilding*. Sport Tradit. 6(1), 25-41, 1989. Disponível em <<http://library.la84.org/SportsLibrary/SportingTraditions/1989/st0601/st0601e.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2014.

EDMONDS, A. *Pretty Modern: beauty, sex, and plastic surgery in Brazil*. Durham and London: Duke University Press, 2010.

EATON, N. Between Mimesis and Alterity: Art, Gift, and Diplomacy in Colonial India, 1770-1800. *Comparative Studies in Society and History*. Vol. 46, No. 4 (Oct., 2004), pp. 816-844.

EVANS-PRITCHARD, E. [1937]. *Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978

\_\_\_\_\_. *Os Nuer* [1940] São Paulo: Perspectiva, 2013.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do Estado e Civilização* (vol. 2), Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1993.

\_\_\_\_\_. *Escritos e Ensaio I: Estado, Processo, Opinião Pública*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. *Sobre os Seres Humanos e suas Emoções: um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos*. In: GEBARA, A.; WOUTERS, C., (Orgs.): *O Controle das Emoções*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

ELIAS, N.; DUNNING, E. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

FAUSTO-STERLING, A. *Dualismos em duelo*. In: *Cadernos Pagu* (17/18), 9-79, 2002.

FRAZER, J. [1922]. *O Ramo de Ouro*. São Paulo: Círculo de Ouro, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade, 2: O Uso dos Prazeres*. 5.ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984a.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Sujeito e o Poder*. In: Dreyfus e Rabinow. Michel Foucault: uma Trajetória Filosófica. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Os Anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do Sujeito*. Curso dado no Collège de France, 1981-1982. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Edições Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GASTALDO, É. *Kickboxers: esportes de combate e identidade masculina*. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

GEERTZ, C. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M.S. *A civilização das formas: O corpo como valor*. In: Nu e Vestido, RJ: Record, 2002.

GOLDENBERG, M. *O Corpo como Capital: para Compreender a Cultura Brasileira*. In: Arquivos em Movimento. Rio de Janeiro, v.2, n.2, 2006.

GOELLNER, S. V. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX*. *Record: Revista de História do Esporte*1(1):1-28, 2008.

GOLDMAN, M. *Os Tambores dos Mortos e os Tambores dos vivos: etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia USP*, vol.46, n.42, 2003.

GROSSI, M. P. *Masculinidades: uma revisão teórica*. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, 4-37, 1995.

HARGREAVES, J. *Heroines of sport: the politics of difference and identity*. London: Routledge, 2000.

HABERMAS, J. *O futuro da Natureza Humana*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. ( ver se Habermas fica)

HARAWAY, D. *Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX*. In: Tomaz T. Silva(Org.). *Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

\_\_\_\_\_. *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*. Cadernos Pagu, Campinas, n.5, p. 7-41, 1995.

HELMREICH, S. *Um antropólogo debaixo d'água: Paisagens Sonoras Imersivas, Ciborgues Submarinos e Etnografia Transdutora*. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, v. 3, n. 1, 174-214, 2015.

HÉRITIER, F. *Masculino/Feminino*. Enciclopédia Einaudi, Lisboa. 1989.

\_\_\_\_\_. *Masculino, Feminino/II. Dissolver a Hierarquia*. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Epistemologia e Sociedade, 2004.

HOBBSAW, E. *A era dos impérios: 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HUNTER, S. A. *Not Simply Women's Bodybuilding: Gender and the Female Competition Categories* [Thesis], Georgia State University, 2013. Disponível em < [http://scholarworks.gsu.edu/wsi\\_theses/27](http://scholarworks.gsu.edu/wsi_theses/27) >. Acesso em 14 de março de 2016.

JAEGER, A. *Mulheres Atletas da Potencialização Muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo*. Tese de doutorado, 2009. Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física. UFRGS.

JI WON CHUNG. *Beautiful Monsters: Cosmeticised Women in the Late Victorian Period*. In: *Creating Humanity, Discovering Monstrosity*. Oxford, 2010.

JOHNSON, L. *Flexing Femininity: Female Body-Builders Refiguring 'the Body'*. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 1996

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. *Entrevista narrativa*. In: BAUER, M. W. GASKELL, G. (Org.) *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KESSLER, C. S. *Mais que Barbies e Ogras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos*. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

KULICK, D. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LAGROU, E. & BELAUNDE, L. E. *Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss com Eduardo Viveiros de Castro*. *Sociologia e Antropologia*, 1(2):09-33, 2011.

LAND, K. M., *Female Bodybuilders: Caught in the Crossfire of Patriarchy and Capitalism* (2015). Honors Theses. Paper 68. Disponível em <[http://ecommons.udayton.edu/uhp\\_theses/68](http://ecommons.udayton.edu/uhp_theses/68)>. Acesso em 12 de agosto de 2016.

LANDON, E. J. *Performance e sua Diversidade como Paradigma Analítico: A Contribuição da Abordagem de Bauman e Briggs*. Apresentado na Mesa Redonda: Performance, Drama e Ritual – A Formação de um Campo e a Experiência Contemporânea. 31º Encontro Anual de ANPOCS, 2007.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEPPIHALME, I. *Do Muscles Have a Gender? A Female Subject Building Her Body in the Film Pumping Iron II: The Women'*. Conference for Affective Encounters: Rethinking Embodiment in Feminist Media Studies. Turku: University of Turku, 2001.

LEAL, O. F. *Identidade cultural e identidade de gênero em uma narrativa mítica: quando ser gaúcho é ser homem*. *Revista de Ciências Sociais (Fortaleza)*, v. 43, 43-49, 2012.

LEIRIS, M. *O espelho da Tauromaquia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

LIMA, C. *Aventura, Performance, Sofrimento: construção de corporalidades em Esportes de Aventura*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal Fluminense, 2016.

LOWE, R. *Women of steel*. New York: New York University Press, 1998.

MAFRA, C. C. M. *Santidade e sinceridade na formação da pessoa cristã*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 34(1), 173-192, 2014.

MAGNANI, J. G. C. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 49, 11-29, 2002.

MAIA, S. *Identificando a branquidade inominada: corpo, raça e nação nas representações sobre Gisele Bündchen na mídia transnacional*. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 38, 309-341, 2012.

MALUF, S. W. *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem*. *Revista Estudos Feministas*. vol.10, n.1, Florianópolis-SC, 143-153, 2002.

MALYSSE, S. *Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolaria carioca*, In: GOLDENBERG, Mirian. *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARQUETTI, F. R. *A protofiguratividade da Deusa Mãe*. Revista Classica, São Paulo, v. 15/16, n. 15/16, 17-40, 2002/2003.

MAYBURY-LEWIS, D. *A sociedade Xavante*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

MAUSS, M. *As técnicas corporais*. In: Sociologia e antropologia. São Paulo: EPU/EDUSP, 2003.

MAUSS, M. HUBERT, H. *Ensaio sobre o Sacrifício*. São Paulo: Cosac e Naify, 2013.

MATOS, M. *Delineando corpos: as representações do feminino e masculino no discurso médico*. In. O corpo Feminino em debate. Maria Izilda S. de matos e Rachel Soihet (Org.), Editora Unesp, 107-119, 2003.

McCALLUM, C. *Aquisição de gênero e habilidades produtivas: o caso Kaxinawá*. Revista Estudos Feministas, v. 7, n.1 e 2, 157-175, 1999.

MILLER, D. *Teoria das Compras*. São Paulo: Nobel, 2002.

MOORE, H. *Compreendendo sexo e gênero*. In: INGOLD, T. (Org). Companion Encyclopedia of Anthropology. London: Routledge, 1997.

NDALIANIS, A. *Muscle, excess and rupture: female bodybuilding and gender construction*. Media International Australia, 13-23, 1995.

OLIVEIRA G.; CHEREM E.H.L.; TUBINO M.J.G. *A inserção histórica da mulher no esporte*. Revista brasileira de Ciência e Movimento, 16(2), 117-125, 2008.

ORO, A. P. *A laicidade no Brasil e no Ocidente: algumas considerações*. Civitas, v. 11, n. 2: 221-37, 2011.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

ORTNER, S. *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?* In: Michelle Rosaldo ; Louise LAMPHERE. (Orgs.). A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. *So, is female to male as nature is to culture?* In: Making gender: the politics and erotics of culture. Boston: Beacon Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *Poder e projetos: reflexões sobre a agência*. In: Reunião Brasileira de Antropologia . Conferências e práticas antropológicas. Miriam Pillar Grossi, Cornelia Eckert, Peter Henry Fry (Org.). Blumenau: Nova Letra, 2007.

PEIRANO, M. *Etnografia e Rituais: relato de um percurso*. Anuário Antropológico, Brasília, UnB, v. 41, n. 1: 237-248, 2016.

PETROGNANI, C. *Estou aqui como um profeta de Deus: Zé Roberto, o futebol e a religiosidade como beliscão do destino*. Debates do Ner, 15(26), 229-252, 2014.



PISCITELLI, A. *Recriando a (categoria) mulher?* In: ALGRANTI, L. (Org.). A prática feminista e o conceito de gênero. Textos Didáticos, n. 48. Campinas: IFCH/Unicamp, 7-42, 2002.

PEDREIRA, H. Saber Andar: refazendo o território pataxó em Aldeia Velha. Monografia de conclusão de curso, UFBA, 2013.

RABINOW, P. Antropologia da Razão. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

RABELO, M. *Religião e a Transformação da Experiência: notas sobre o estudo das práticas terapêuticas nos espaços religiosos.* Revista Ilha, v. 7, n. 1,2, 2005.

RAMOS, A.R. *Projetos indigenistas no Brasil independente.* Série Antropologia, v.267. Brasília: DAN-UnB, 1999.

RIAL, C. S. *Rúgbi e judô: esporte e masculinidade.* In: Joana Maria Pedro; Miriam Pillar Grossi (orgs.) Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis: Mulheres, 229-258, 1998.

\_\_\_\_\_. *O “ovo do Diabo” e os jogadores de futebol como pastores neopentecostais.* Antropologia em Primeira Mão, v.136, 1-8, 2013.

RODRIGUES, N. B. *Re-tratos do sofrimento em narrativas sociais ou explorações pela alma corsária da antropologia.* Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

\_\_\_\_\_. *Médicos, Monstros e Heróis: Ensaio Antropológico sobre Ficção Científica e Biotecnologia.* In, MINAHIM, Ma. A. ET all. Meio Ambiente, Direito e Biotecnologia. Curitiba: Juruá Editora, 387-402, 2010.

\_\_\_\_\_. TAUSSIG, Michael. 2012. *Beauty and the beast.* Mana, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, 397-399, 2013.

RODRIGUES, Núbia; CAROSO, Carlos Alberto. *Idéia de 'sofrimento' e representação cultural da doença na construção da pessoa.* In: DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel (Orgs.). Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998.

SABINO, C. *O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas.* Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SANT'ANNA, D. *“Cuidado de Si e Embelezamento Feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil”.* In: Denise Bernuzzi de Sant'Anna (Org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das praticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SAUTCHUK, C. *A Medida Da Gordura: o interno e o íntimo na academia de ginástica.* In: Mana 13(1): 181-205, 2007.

SCHWARCZ, L. M. *Espetáculo da miscigenação*. In: Estudos Avançados, vol. 8, n. 20, São Paulo, 1994.

SCHULZE, L. *On the Muscle*. Building bodies. Ed. Pamlea Moore. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 9-30, 1990.

SCHECHNER, R. *Performance studies: an introduccion*. New York: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_. *Performers e espectadores: transportados e transformados*. Moringa, João Pessoa, v. 2, n. 1, 155-185, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral*. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 20, 213-236, 2011b.

SCOTT, A. *Pumping up the Pomp: An Exploration of Femininity and Female Bodybuilding*. Explorations in Anthropology, v.11, n. 1, 70–88, 2011.

SCOTT, J. W. *A Invisibilidade da Experiência*. In: Projeto História. n.16. São Paulo: PUC, 297-325, 1998.

SCHWARZENEGGER, A. *The New Encyclopedia of Modern Bodybuilding : The Bible of Bodybuilding*, New York: Simon & Schuster 2.edition, 1999.

SEEGER, A.; Da MATTA, R. ; VIVEIROS DE CASTRO, E. *A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras*. In J.P. Oliveira Filho (org.) Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1979.

SEGATO, R. *Os percursos do gênero na antropologia e para além dela*. Sociedade e Estado, vol. XII, n. 2, 1997.

SENNET, R. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SILBERMANN, M. *No limiar do humano: doping e performance esportiva em perspectiva antropológica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Universidade do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

SILVA, A. C. *“Limites” corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas*. Tese de Doutorado. UFRJ / Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. F. *Doping e Controle de Feminilidade no Esporte*. Cadernos Pagu, v. 42, 447-75, 2014.

STRATHERN, M. *O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

\_\_\_\_\_. *Binary License*. Common Knowledge 17: 1(Special issue: “Comparative relativism: symposium on an impossibility”), 87–103, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Efeito Etnográfico e Outros Ensaio*s. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

STEPAN, N.L. *Raça e Gênero: o papel da analogia na ciência* In: Tendências e Impasses– O feminismo como crítica da Cultura. Heloísa Buarque de Hollanda(Org.), Rio de Janeiro, Rocco, 72-93, 1994.

SQUIRE, Michael. *The art of the body*. Oxford University Press, 2011.

SZTUTMAN, R.; NASCIMENTO, S. *Antropologia de corpos e sexos: entrevista com Françoise Héritier*. Revista de Antropologia, v. 47, n. 1, 235-266, 2004.

TAUSSIG, M. *Mimesis and Alterity: A Particular History of the Senses*. Nova-Iorque/Londres, Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_. *O diabo e o fetichismo da mercadoria na America do Sul* . São Paulo: Ed.UNESP, 2010.

\_\_\_\_\_. *Beauty and Beast*. Chicago and London: University of Chicago Press, 2012.

TODD, J. *The mystery of Minerva*. Iron Games History.Vol 1, n. 2, p.14-17, 1990. Disponível em: <<http://library.la84.org/SportsLibrary/IGH/IGH0102/IGH0102i.pdf>> , acesso em 14 de abril de 2014

\_\_\_\_\_. *Katie Sandwina and the Construction of Celebrity*. Iron Games. v.10, n.1, 4-13,2007. Disponível em < <http://www.starkcenter.org/static/igh/articles/igh10.1.4.pdf>>, acesso em 14 de abril de 2014.

VALE DE ALMEIDA, M.*Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do Sul de Portugal*. Anuário Antropológico/95,161-189, 1996.

VELDEN, F. *O Gosto dos Outros: O Sal e a Transformação dos Corpos entre os Karitiana no Sudoeste da Amazônia*. Revista Temáticas, Campinas, 16(31/32),13-49, 2008.

VIGARELLO, G. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente, da Idade Média ao século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes , 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. *O nativo relativo*. Mana, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 113-148, 2002.

WACQUANT, L. *Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WARIN, F. *Georges Bataille e a maldição da literatura*. Discurso. Revista de Filosofia do Depto. Filosofia da USP. Ano V, N. 5, 55-63, 1974.

WEBER, M. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WESLEY, J. *Negotiating gender: bodybuilding and the natural/unnatural continuum*. In: *Sociology of Sport Journal*, 18. 162-180, 2001.

WILLIAMS, R. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WOLF, N. *O mito da beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WYKE, M. *Herculean Muscle!: The Classicizing Rhetoric of Bodybuilding*, *Arion*, Third Series, v. 4, n. 3, 51-79, 1997.